

## INTRODUÇÃO

Cabinda é uma parte do território angolano, ladeado de duas fronteiras, de onde entram as bebidas para além da produção local e de importações europeias pelos comerciantes locais. Estima-se ao olho nu que o consumo do álcool tem maior rendimento em relação a outros negócios pela forma como é comercializado e a velocidade com que se esgota. Portanto, a aquisição está longe de ser proibida nem de considerar os males que de seu uso advêm. Os males de uso são dirigidos à sociedade em quaisquer formas de seu consumo, sejam as consideradas leves, moderadas ou graves. Dependentemente da dose, a ingestão abusiva transforma - no futuro - a pessoa em comportamentos dissociais e em alguns casos, comparáveis aos de macaco, de porco ou mesmo de leão. Isto ou porque o consumidor se torna desordeiro, desrespeitoso, sujo, agressivo ou violento. Nessa altura em que o seu uso é evidente em todas as faixas etárias e classes sociais, atinge de forma direta ou indireta a todos nós.

O adolescente é uma das pessoas mais afetada pelo uso de álcool em Cabinda. É tratado mal e a prova disto é a sua exposição ao ambiente de álcool por falta de regulamentação<sup>1</sup> de comércio de bebidas alcoólicas, acompanhada de consequências imensuráveis. Nessa fase fundamental de maior complexidade nos indivíduos, coroados de intenções e atitudes que marcam a transição da infância para a vida adulta, susceptível de imitações de modelos, sem o senso crítico das coisas e das consequências é o adolescente objeto de estudo desta pesquisa.

A preocupação gerada pelo consumo de álcool é enorme e preocupante pelos danos nas várias dimensões da constituição psíquica do adolescente. O início é cada vez mais cedo. Surgem doenças, físicas e biológicas e carrega consigo, para toda vida, traumas vindos de uso de álcool, em destaque, por exemplo, a dificuldade de libertar-se do alcoolismo e o pouco empenho escolar. Não há tratamento para a situação. A dimensão subjetiva desses adolescentes

---

<sup>1</sup> A regulamentação significa que não deve haver propaganda de consumo de bebidas alcoólicas e, o pior de tudo, quando associadas a figuras que atraem os jovens, como é o caso de jogadores de futebol, uso de álcool nas praias. Isto estimula o adolescente a rever-se nessa natureza. Essa associação é muito perigosa em jovens que ainda não têm a capacidade crítica. Pois a tendência é de imitar o que veem.

em escolarização é a maior preocupação. Para melhor compreender a dimensão subjetiva no consumo, a pesquisa é regida na vertente psicanalítica com o diálogo social, cujos resultados, têm validade no ambiente onde o adolescente vive. A subjetividade do adolescente quando alcoolizado é o que se pretende esclarecer a partir do contexto da sua vivência diária.

Estudos internacionais mostram que aos menores de idade o consumo de álcool acarreta consequências comportamentais de várias índoles, desde o desempenho escolar, familiar, social e profissional. Assim sendo, a escola como espaço aglutinador, recinto de formação de grupos, deve promover ações de prevenção de males, a exemplo de uso de álcool em adolescentes. Prevê para isso, participar na construção subjetiva do adolescente no que diz respeito à informação sobre o uso de álcool, tabaco e drogas ilícitas bem como a relação do uso desses produtos com a saúde dos consumidores adolescentes, conseqüentemente, a sua participação positiva no campo da aprendizagem do aluno (FERREIRA e TORRALBA, 2010; PECHANESKY, SZOBOT e SCIVOLETTO, 2004; DOLTO, 2004; TAGLIATI e FERREIRA, 2009; ZIMMERNAMM, 2001).

O fenômeno de uso de álcool pelos adolescentes em Cabinda no geral é comumente observado e pouco explorado cientificamente. Mas, entende-se que, o uso de álcool para menores de idade é perigoso e não é permitido pela lei.

Tem sido muito comum ouvir relatos de pessoas adultas com a preocupação inerente ao consumo de álcool em adolescentes e a abundância de oferta deste produto. Armazéns cheios de contentores de bebidas, particularmente, a cerveja. A sociedade reclama contra problemas de condutas aversivas, roubos, consumo ao longo das vias públicas mesmo durante as caminhadas para e até mesmo nas escolas.

Às sextas feiras, consideradas dias do homem<sup>2</sup>, aos sábados e dias de festas constatam-se acidentes na via pública, brigas e ferimentos frutos de uso abusivo de álcool. Nas festas como, por exemplo, da independência nacional e

---

<sup>2</sup> O dia de sexta feira é considerado dia do homem por motivos vários. Segundo os entrevistados (na maior parte) este dia é muito especial por se tratar de prelúdio de fim de semana no qual a satisfação é enorme e porque é ultimo dia da semana laboral. É nesse dia que termina a semana laboral e serve de preparação para sábado e domingo. Por assim ser considerado, o ambiente festivo começa já. Um ambiente destacado pelo consumo de cerveja que se prolonga até domingo. Portanto, a ideia é que, têm pelo menos três dias para a diversão onde, o consumo de álcool se faz mais presente.

outras, a política governamental promove maratonas onde a cerveja é diminuída do valor do custo.

Neste contexto, o meio social onde estes adolescentes vivem não os ajuda, em termos de combate a este mal, ao contrário, há incentivo para o uso desde muito cedo. Os pais são os primeiros a servirem de ponte entre o álcool e os adolescentes para além da forte propaganda comercial. Os programas escolares e os professores dão pouco incentivo ao tratamento da questão com acuidade. Não há cobertura do assunto em todos os alunos da escola, de acordo com a pesquisa exploratória.

A questão que se levanta no contexto de Cabinda no qual se constata o consumo de álcool nos adolescentes em escolarização é saber que efeitos subjetivos têm o consumo de álcool e o que os programas escolares referem sobre o assunto.

Na ótica do pesquisador, constitui grande problema e preocupação tendo em conta as consequências nesse grupo etário que ainda se encontra em desenvolvimento.

Ora, entende-se que o desenvolvimento é o período de evolução no qual, todos os órgãos estão em formação. Nessa faixa etária, em que o consumo de álcool, afeta o desenvolvimento harmonioso, o uso de álcool compromete o futuro do jovem devido às consequências diversas que provoca, quer seja de ordem sócio-afetiva, psíquica e pedagógica. Nessa base, questiona-se o seguinte: o que já se produziu cientificamente sobre o problema do consumo de álcool em adolescentes? Dos trabalhos acadêmicos sobre o assunto na especificidade de Cabinda encontramos as monografias de Chicuata (2006), Bumba e Mamboma (2009), Casimiro e Gonçalves (2008), Glória e Quimino (2009); Dombe e Luciano (2010) que na verdade são exíguas, superficiais e não traduzem conhecimentos dos problemas desses adolescentes no âmbito subjetivo, particularmente no que concerne ao consumo de álcool. Por isso, para corresponder a este propósito nos atemos à psicanálise para melhor aprofundar e perceber essa subjetividade por meio de seus discursos.

Testemunhos dos adolescentes participantes da pesquisa exploratória decorrida em 2013 apontam ser comum nas suas casas em particular e nos bairros em geral, o uso e venda de bebidas alcoólicas sem restrição. A não restrição, no nosso entender, contribui largamente para o uso do álcool fazendo com que os adolescentes aproveitem o quanto a oportunidade oferece.

A reflexão sobre este quadro está ligada à necessidade de desenvolver estudos em adolescentes; interessa-me trilhar naqueles que são consumidores de álcool no contexto de Cabinda ao pensarmos que, os efeitos culturais contribuam no desenvolvimento de tal conduta e consigo algumas situações que possam afetá-los. Perceber tais adolescentes, porque consomem e como convivem com essa realidade constitui em mim na posição da pessoa pesquisadora um desafio muito particular e ímpar no incremento desta pesquisa. Para isto, parto de uma realidade objetiva e quero entender a subjetividade dos adolescentes nessa nova visão por meio de leitura psicanalítica. Com os resultados deste novo olhar contribuirei no acervo cultural (banco de dados) do ISCED da UON e do Laboratório de Pesquisa que servirão de pontos de partida para as futuras pesquisas em Cabinda, Angola num contexto em que as investigações científicas ainda são exíguas. Para tal, fornecerei para Angola, para África e para o mundo além fronteiras um novo olhar nas pesquisas acadêmicas locais que subsidiará o banco de dados da UON/Cabinda nas pesquisas concernentes aos adolescentes consumidores de álcool.

O desafio revisto para um olhar psicanalítico é um novo campo de interesse pessoal de modo a explorar outros saberes pelo fato de tal área de conhecimento ainda não ser desenvolvida no contexto de Cabinda, por um lado, e, por outro, em função do Laboratório da Psicologia, Psicanálise e Educação que pode gerar a criação da Linha de Pesquisa “Psicologia, Psicanálise e Educação” fruto do convênio entre o ISCED da UON/Cabinda com a FaE/UFGM. Isto está em tramitação a criação da Linha de Psicologia escolar que dialogará com a Psicologia, Psicanálise e Educação. Deste modo é um imperativo tendo em conta a necessidade de investigadores desse ramo educacional de saber científico. Ou seja, pelo conhecimento que carrego, o ISCED da UON/Cabinda tem falta de correspondente que dialogue com teorias psicanalíticas que possam, eventualmente, dirigir futuros trabalhos ligados a subjetividade ou processos de

subjetivação nessa vertente. Deste modo, entendo que o tripé “Psicologia, Psicanálise e Educação” que sustenta a já referida linha de pesquisa teria falta de um importante complemento que é a Psicanálise.

Sabe-se que a psicanálise é uma das matrizes psicológicas importantes no campo do conhecimento que aborda não apenas a constituição psíquica do adolescente, mas também suas possíveis experiências com a toxicomania, o alcoolismo e as várias formas de transgressão, para além da sua relação com o campo da educação. Estes pressupostos instituem em mim, na pessoa de pesquisador, a oportunidade de trilhar essa visão para preencher a lacuna encontrada. Pois, parto de uma visão positivista, isto é, que o conhecimento verdadeiro só é possível por meio de observações e, agora, para um olhar psicanalítico, para melhor compreender a subjetividade, ou seja, a lógica de funcionamento psíquico da pessoa.

Diante dessa trilha, do histórico ligado ao uso de bebidas alcoólicas pelos adolescentes de Cabinda, do interesse de pesquisador e da relevância social do tema em abordagem levantamos os seguintes objetivos: examinar possíveis fontes acadêmicas, jornalísticas, estatísticas, governamentais e não governamentais que explicitem o fenômeno, sobretudo no que concerne a Cabinda; fazer um levantamento preliminar e estatístico junto a jovens da escola primária Comandante Gika sobre suas condições pessoais, sociais e escolares, bem como sobre o álcool e seu consumo; analisar possíveis programas escolares sobre o assunto que tenham sido aplicados aos jovens da escola Comandante Gika, explicitando seus efeitos; conhecer alunos adolescentes dessa escola, de 12 a 18 anos, consumidores de álcool; investigar as possíveis causas e efeitos desse uso no que concerne à constituição subjetiva desses jovens à luz da psicanálise; e construir um banco de dados e um quadro panorâmico sobre o uso de álcool do jovem cabindense que possam subsidiar possíveis intervenções escolares acerca do fenômeno.

Do ponto de vista estrutural, o trabalho foi desenvolvido em cinco capítulos dado o grau de complexidade da pesquisa.

O primeiro capítulo discorre sobre a pertinência do estudo, onde a preocupação política do combate ao álcool é aflorada.

O segundo trata especificamente de Angola quanto à organização de ensino e como a escola, meu campo de pesquisa, se enquadra dentro dessa organização, os resultados da sondagem do campo ligado ao uso de álcool, a par de outros itens. Ligado a isto também, o contexto geopolítico e sócio cultural de Cabinda.

O terceiro desenvolve os resultados da, pesquisa bibliográfica sobre adolescente e o álcool nas pesquisas internacionais e nacionais no qual, os resultados são apresentados e discutidos.

O quarto é sobre a teoria da adolescência na concepção psicanalítica, no qual as questões ligadas ao adolescente e o período da adolescência são apresentadas.

O quinto capítulo narra o segundo momento da pesquisa de campo, precedida da pesquisa quantitativa do segundo capítulo em que explicitarei as conversas no grupo focal e as entrevistas individuais com adolescentes consumidores de álcool. Revelam a sua subjetividade, portanto, trazidos ao conhecimento do leitor como o processo de subjetividade acontece e como convivem essa realidade no contexto das suas dificuldades que emergem, como se traduzem na sua conduta social. Assim sendo, foram apresentados todos os sujeitos de pesquisa e, concomitantemente, os casos singulares, em que se confinam, finalmente, a sua universalidade.

Por fim, as considerações finais a respeito da pesquisa, os referenciais bibliográficos e anexos. São anexos que ilustram o questionário da pesquisa exploratória, dos possíveis programas escolares que elucidam alguns aspectos metodológicos da disciplina de biologia da 8ª classe, os únicos de entre os programas escolares identificados que dialogam com a questão do álcool ao tratarem de seus conteúdos. Assim como, do retrato da Instituição, local de realização da pesquisa, do quadro demonstrativo do período e da duração das entrevistas, entre outros.

## 1. PERTINÊNCIA DO ESTUDO

O Governo de Angola, preocupado com a situação do álcool no país, por meio do Programa da Governação do quinquênio 2012-2017, traçou algumas políticas inerentes à situação que é por si considerada problemática. Assim sendo, no âmbito jurisdicional, da alínea a, no item IV, aponta o combate à droga onde o álcool faz parte na escala classificativa. Para o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) que é o Partido no Poder, na voz do seu mais alto mandatário e presidente da República, camarada presidente José Eduardo dos Santos, as políticas a serem definidas deverão dar respostas às questões de combate à droga e a aplicação de medidas da condução sob efeito de álcool. Tais medidas de combate à droga na qual o álcool faz parte ainda tarda chegar de forma massiva. Constata-se que ao invés de fazer propagandas sobre os males do álcool, os órgãos de comunicação sociais invertem a pirâmide. Promovem o consumo e os debates radiofônicos a respeito das sequelas do consumo não têm cobertura total porque não são regulares. A falta de conhecimento dos males na vida social, escolar e não só dos grupos vulneráveis (mulheres grávidas, jovens e crianças) contribui na proliferação do fenômeno de álcool em Cabinda e, consigo, muitos acidentes são provocados sob efeito de álcool que causam vários danos, materiais, humanos e morais. Mas reforça no programa a implementação de política integrada e ambiciosa de luta contra esse fenômeno, particularmente ações preventivas onde devem ser incluídos os novos consumidores. Para tal deve, de entre as políticas (DOS SANTOS, 2012, p.25):

- a) relançar a políticas de prevenção do consumo de droga;
- b) associar a prevenção, tratamento em centro específico, redução de risco e minimização de danos e reinserção social, num sistema que se baseie na articulação do sistema de prevenção primária no meio familiar, escolar, recreativo de lazer, em articulação com a sociedade civil;
- c) desenvolver o sistema de prevenção no meio escolar que garanta o acesso diferenciado e específico à informação sobre tipos substâncias e promova as resistências ao consumo de drogas;

d) Criar uma rede pública de tratamento às novas necessidades e tendências de consumo e implementar uma política de redução de riscos que garanta o decréscimo das doenças infecto-contagiosas associadas ao consumo.

O pronunciamento desses objetivos demonstra que o órgão do poder executivo reconhece que o álcool é um mal relevante em Angola, onde grande parte da população é jovem e susceptível de consequências à sua saúde. Ao tocar no problema levanta a necessidade de centros específicos para a pesquisa e diagnóstico de novos consumidores. Aqui o presidente referia da necessidade de mais pesquisas sobre o consumo, de criação de centros de pesquisa e de reeducação para aqueles que já se encontram em estado avançado de consumo de álcool, ou seja, dos tóxico-dependentes. Isto reforça o reconhecimento desse mal, como afirmado acima. A família como primeiro núcleo da sociedade deve participar, mas, ela e o meio escolar estão longe de dar informações sobre os perigos de álcool em adolescentes, particularmente.

Para o alcance dessa intenção o Programa do Governo chama atenção no sentido de valorizar a família como primeiro núcleo da sociedade, onde tais informações devem partir. Nesse domínio, enfatizou a formulação e implementação de políticas e programas integrados que visam proteger e assistir as famílias em riscos; reforçar a capacidade das instituições que lidam diretamente com as famílias e melhorar a implementação de políticas e programas que beneficiem as famílias; proteger por meio de ações políticas os grupos vulneráveis da sociedade angolana, entre eles, crianças, adolescentes e jovens; criar sistema de recolha, análise, difusão e armazenamento de dados inerentes aos constituintes da família de modo a melhorar o monitoramento dos aspetos essenciais ligados às famílias.

Particularmente às camadas mais novas (adolescentes e jovens), o Programa do Governo (alínea c, p. 100) exalta a realização dos estudos de forma regular sobre o perfil, atitudes, procedimentos e as necessidades dessa faixa etária.

Concordamos com a declaração do mais alto representante do país em realizar estudos de gênero de modo a subsidiar o processo de tomada de decisões ao favor das camadas mais vulneráveis. Por isso a pesquisa foi



direcionada aos jovens (adolescentes) em escolarização para vislumbrar os seus perfis, as atitudes, as diversas atitudes que os caracterizam. Pois, são eles a garantia do amanhã, onde as esperanças do país repousam.

Aliado a tudo isto que foi escrito acima, o jovem precisa trilhar em melhores caminhos que devem ser preparados pela sociedade, de entre eles, a prevenção e combate ao uso de álcool, um mal ligado às condições socioculturais que enfermam a camada em desenvolvimento, no contexto de Cabinda em particular. É este mal, assim entendido, de entre outros, que deve ser investigado em trabalhos científicos para ajudar Angola a crescer saudavelmente, diminuindo os riscos ligados ao consumo de álcool em crianças, jovens e mulheres grávidas por meio de diagnóstico da situação.

A situação é pertinente, atual e relevante pois, requer esforço de investigação não só de conhecer quem são esses consumidores, suas condições sociais, mas, de contribuir para políticas que possam ajudar Angola a trilhar bons caminhos por meio de investigações científicas. Tais investigações devem fazer parte do desenvolvimento de Angola à luz das políticas emanadas pelo mais alto representante do país. À luz disso, desenvolvemos pesquisa à adolescentes de Cabinda (Angola) que fazem uso de álcool com a intenção de percebermos os efeitos subjetivos quando consomem

## **1.1 Metodologia**

O caminho traçado para esta pesquisa constitui um conjunto de passos que serviram de resposta a questões metodológicas da pesquisa. Este conjunto procurou identificar e definir o que se pesquisou, quando se pesquisou, a maneira que se pesquisou, quem são os sujeitos envolvidos na pesquisa, ou seja, ao conjunto de parâmetros orientadores que tornaram possível a pesquisa (MARCONI e LAKATOS, 2007). Contudo, inicialmente, se fez uma pesquisa em sites acadêmicos como Scielo e Pepsic a fim de identificar alguns artigos inerentes ao álcool em adolescentes. Introduziram-se palavras-chave, tais como, adolescência, adolescente, consumo/uso de álcool, alcoolismo, toxicomania,

drogas e dependência. Com isto, foram identificados inúmeros artigos ligados ao assunto e, um total de 37 com temas centrais ligados ao álcool foram lidos na íntegra. A leitura permitiu a seleção de 13 artigos com temas centrais ligados aos termos, uso, consumo, consequências, álcool, toxicomania e adolescente ou adolescência e, a exclusão de 24 artigos.

Os 13 artigos selecionados apresentam informações a respeito de temas centrais ligados aos termos-chave a que nos propomos pesquisar para um conhecimento aprofundado sobre o adolescente e o álcool, numa primeira percepção. Isto por um lado, e por outro, dada a riqueza do conteúdo, ou pelo fato de estarem ligados a questões acadêmicas, contribuiu na construção de uma parte do nosso trabalho, ao esclarecer ao leitor o que foi produzido antes do mesmo.

Os demais artigos tiveram como base da exclusão, sua ausência nos sites acadêmicos e a falta de termos de temas centrais, à luz do parágrafo anterior (uso, consumo, consequências, álcool, toxicomania e adolescente ou adolescência). Por isso, foram excluídos de modo a não adicionar informações oriundas de sites não acadêmicos com consequências de serem incluídas informações não criteriosamente credíveis na sustentação da pesquisa.

Com base nos objetivos traçados, à primeira instância foram organizados alguns instrumentos metodológicos, consulta e estudo bibliográfico e a sondagem quantitativa no campo de pesquisa, e na segunda, o trabalho de campo propriamente dito, que foi desenvolvido no decorrer do terceiro e quarto trimestres de 2014. Tal trabalho foi precedido de contato inicial com a direção escolar onde decorreu a pesquisa do campo (Escola do Ensino Primário Comandante Gika) ao longo de tais trimestres do mesmo ano, como dito anteriormente. O contato inicial teve como objetivo principal apresentar a finalidade da pesquisa e foram definidas as modalidades requeridas da seleção de membros que compuseram o Grupo Focal (GF) e o seu tamanho.

Já a consulta e estudo bibliográfico baseou-se na revisão dos referenciais teóricos que dizem respeito ao objeto de estudo. Nessa dimensão, por meio de leituras mapeou-se e aprofundaram-se conceitos teóricos da pesquisa, sustentados em diversos autores, para sua melhor compreensão; explicou-se o

problema de ponto de vista teórico, buscou-se e analisou-se as contribuições científicas o assunto determinado e constituiu-se um procedimento básico para estudos sobre o tema (SANTOS et al., 2008; CERVO et.al.,2007).

A sondagem quantitativa de campo foi um momento da fase exploratória desta pesquisa como uma das etapas do processo do trabalho científico em pesquisa qualitativa, além das fases subsequentes que foram as de trabalho de campo e da análise e do tratamento do material empírico e documental (MINAYO, 2012). Tal momento da fase exploratória, caracterizado por sondagem quantitativa no campo de pesquisa, fundamentou-se em duas razões:

- a) não havia fontes acadêmicas produzidas localmente em que a equipe desta pesquisa pudesse basear-se sobre o uso de álcool em adolescentes, particularmente da escola do Ensino Primário Comandante Gika;
- b) é muito visível a proliferação de venda de bebidas alcoólicas em barracas, quiosques e outros pontos ao redor da escola, nos quais a sua comercialização é irrestrita.

Com isto esta fase exploratória, caracterizada por sondagem de campo, foi realizada em fevereiro de 2013, com 81 adolescentes da Escola do Ensino Primário Comandante Gika, Cabinda/Angola. Isto permitiu um contato inicial sobre o tema de interesse e a possível redefinição do objeto de estudo. Foram interpretados os dados referentes à escola em pauta. Sua escolha deveu-se pelo fato de se tratar de uma instituição pública de ensino primário onde o número de adolescentes é bastante notório e também devido à presença de alguns locais (bares, barracas, quiosques) da venda de bebidas alcoólicas, muito próximos da escola<sup>3</sup>

A análise de parte dos resultados da fase exploratória foi quantificada, o que permitiu a agrupação em tabelas das variáveis pesquisadas em relação ao álcool. Quer dizer, houve necessidade de uma visão geral do problema e para tal, usou-se o método matemático/estatístico. Os resultados foram apresentados em tabelas e permitiram a concentração de maior número de informações no mesmo

---

<sup>3</sup> Para mais detalhes ver o segundo parágrafo do item 2.4.

espaço e visualizados por representação matemática, na qual as informações foram reunidas, comparadas entre si, analisadas e interpretadas percentualmente (CERVO, et.al., 2007). O questionário aplicado partiu de dois eixos de perguntas, todas elas fechadas pela necessidade de tipo de informação que se precisava: I- características sociobiográficas e II - dados relativos à bebida alcoólica (Anexo 1).

Do ponto de vista documental, ainda no que tange à fase exploratória, buscou-se possíveis fontes acadêmicas, jornalísticas, estatísticas, governamentais e não governamentais que explicitassem o fenômeno do adolescente e o uso de álcool, sobretudo no que concerne a Cabinda, Angola, como se constata no âmbito do desenvolvimento desta tese. Coube nessa fase também o estudo documental em profundidade sobre possíveis programas escolares que abordam o assunto e que tenham sido oferecidos aos adolescentes da escola do Ensino Primário Comandante Gika. Foi necessário analisar o conteúdo, os motivos, os procedimentos, a aplicação e os efeitos gerados tanto para a escola como para os alunos. Consistiu ainda em levar para a prática empírica a construção teórica elaborada na primeira etapa.

Na segunda fase, houve combinação de instrumentos, entrevistas e interlocução com os pesquisados, levantamento do material documental. Fez-se pesquisa psicanalítica de orientação clínica, precedida de uma abordagem qualitativa de tipo estudo de caso com o uso da técnica do grupo focal<sup>4</sup>, pela complexidade do contexto local de Cabinda em promover entrevistas individuais, procedimento raro para trabalhos de gênero. No entanto, o GF serviu de ponte de aproximação entre os envolvidos na pesquisa. Isto assegurou a transferência e a contratransferência que esteve ligado ao êxito na escuta do entrevistador (PEREIRA, 2010; FREUD, 1914/1980; FIGUEIREDO, NOBRE e VIEIRA, s/d;

---

<sup>4</sup>Consulte de entre outras fontes: **MINAYO**, M.C dos S: O desafio de conhecimento-pesquisa qualitativa em saúde, 6ª Ed. Hucitec Abrasco, RJ, 1999; **BORGES** et. al.:Aplicação da técnica do grupo focal: fundamentos metodológicos, potencialidades e limites, In Revista da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo Jan.-Jun. 2005, Vol. 6, No. 1, pp. 74-80. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v6n1/v6n1a10.pdf>; **IERVOLINO**, Solange Abrocesi e **PELICIONI**, Maria Cecília Foces: A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v35n2/v35n2a03.pdf>

COELHO e SANTOS, 2012; COSTA e POLI, 2006; AICHCHORN, 2006). Desta maneira a coleta de dados, que dificilmente seria conseguido fora do grupo focal, foi possível com essa dinâmica.

Tais sujeitos que constituíram o GF apresentam características comuns (adolescentes da escola e consumidores de álcool) por isso foram escolhidos pela direção escolar, depois do contato inicial onde a orientação fora dada. O contato foi necessário para identificar os sujeitos de pesquisa pelo fato de desconhecer tais adolescentes consumidores de álcool. Foram necessários dois dias de aproximação, de contato com os sujeitos que fizeram parte do GF. Nesses dias, o primeiro, de contato inicial, o grupo estava formado por onze (11) adolescentes que se foi reduzindo até nove (9) ao terceiro dia que ocorreu a reunião com o grupo e a gravação. Os motivos da desistência dos outros dois foram de chamadas familiares. Apesar disso, as informações foram obtidas com os demais presentes ao diálogo. Nele, compreenderam-se percepções, ideias, crenças, opiniões, sentimentos, maneiras de atuar, condutas, projeções para o futuro, razões conscientes ou inconscientes de determinadas atitudes e comportamentos. São atitudes que diferem da entrevista individual por basear-se na interação entre as pessoas para obter dados necessários à pesquisa (KIND, 2004; TRAD, 2009; MANAYO et al., 2012; Cruz Neto, Sucena, 2002, apud MELO et. al. 2010). Os participantes foram convidados a se expressarem de forma livre sobre tópicos levantados durante a conversa, sem interferência, para trazerem a sua subjetividade e interpretar suas ações a partir das realidades vividas e partilhadas com seus semelhantes, por isso, não foram traduzidos em números e indicadores quantitativos.

Para não cansar o GF no dia da atividade, selecionaram-se alguns tópicos em forma de roteiro de perguntas<sup>5</sup> de interesse que animaram o tempo até que os participantes esgotaram as suas opiniões, aproveitando ao máximo a vantagem de menor número de participantes que gerou grande quantidade de interação a respeito do tema e bom emprego do tempo em 1h00 e 46 minutos (106 minutos).

---

<sup>5</sup> O roteiro de perguntas, que foi discutido não foi exposto ao grupo sob forma de pergunta, mas sim, de dicas e foram planejadas com antecedência sem que fossem expostas ao grupo. Regra de jogo como se exige, partiu de particularidade didática pedagógico, de questões gerais e mais fáceis para se responder de modo a incentivar a participação imediata e ativa a todos até as mais específicas. Mas, os moderadores tivemos o cuidado de aplicar a técnica de funil que consiste em dirigir a entrevista segundo os saberes (GUI *et al.*, 2003; TRAD, 2009, BROGES *et al.*, 2005).

Requisitos como a preparação psicológica, indicação e localização do espaço para a conversa, instrumentos como gravador, lápis, esferográfica, caderno e a condição de silêncio e respeito pelas diversas opiniões dos componentes do grupo, foram tidos em consideração (BORGES et.al. 2005; IERVOLINO et. ali. 200; KIND et.al. 2005; TRAD, 2009; MELO et.al. 2010).

Os membros do GF foram distribuídos em torno de uma mesa retangular, dispostos em cadeiras arrumadas para sua comodidade. Isto à boa disposição de gerar o diálogo que foi gravado, transcrito e analisado. Depois de gravado, as informações foram trabalhadas numa tríplice dinâmica: a ordenação dos dados, classificação e análise dos mesmos.

As informações neste caso são da natureza qualitativa, sua análise também requereu a mesma natureza, por isso, não houve envolvimento estatístico, mas um conjunto de procedimentos que visaram organizar os dados revelados com objetividade e isenção possível, como o grupo percebeu e se relacionou com o tema em estudo. Para isso, duas formas básicas foram apresentadas para análise dos respectivos dados: sumário etnográfico e codificação dos dados por via da análise de conteúdo (IEVOLINO, *et al.*, 2001). Consistiu em fazer citações textuais dos membros que constituíram o grupo, a discriminação de como determinadas categorias explicativas apareceram na discussão e em quais contextos isso aconteceu.

Terminado o processo com os sujeitos que compuseram o GF e tendo em conta que a pesquisa se realizou no campo da psicanálise, dialogou-se com o método psicanalítico de orientação clínica (já que tais sujeitos que formaram o GF serviram de ponte para se chegar às entrevistas individuais e sem desprezar seus expressivos conhecimentos e a interpretação feita) nos adolescentes consumidores de álcool, de forma separada. Aí, optou-se pela escuta da fala e de fazer falar o sujeito, de tal modo que, cada um dos sujeitos de escuta considerado como produtor de discurso. Um discurso que produz palavras concretizadas em falas que requerem interpretação quanto as suas significações e permitiram um conhecimento adquirido por meio de vivências que se transformam em experiência (PEREIRA, 2012a; BERLINK, 2009).

“A natureza de nosso trabalho como psicanalistas ou psicólogos orientados pela psicanálise incita-nos a buscar a perlaboração do sujeito por meio dos buracos dos discursos” (PEREIRA, 2012a, p.32). Este método funcionou em quatro momentos distintos: preparação do ambiente, escuta e gravação, transcrição e finalmente, interpretação dos resultados da entrevista.

Durante a preparação do ambiente, foi explicada a cada sujeito entrevistado a finalidade do trabalho, buscando deles maior profundidade ao diálogo e a preparação psicológica sobre o uso de instrumentos, gravadores, lápis, lapiseiras, bloco de notas, como aconteceu com o grupo focal. As discussões a partir de relatos produzidos pelo analista foram gravadas. A transcrição foi feita com a apresentação de novo texto já atravessado pelos efeitos da discussão que compuseram o corpo de dados que serviu de operadores conceituais da psicanálise, ou seja, fixados os efeitos da discussão realizada (FIGUEIREDO, NOBRE, VIEIRA, s/d). Nessa altura, os nomes verdadeiros foram reservados garantido o anonimato dos participantes, seguido de tratamento ético da pesquisa psicanalítica (SILVA, 2013). Por último, fez-se a interpretação da discussão de forma literal e a transcrição das falas em *itálico* dos depoimentos dos analisados.

O processo de escuta e da interpretação pautou-se no princípio de que o saber está no sujeito de escuta. Seus depoimentos e entrevistas foram colhidos em função da pretensão da investigação cuja modalidade de coleta de dados, foi justificada à luz de Coelho e Santos (2012) que se baseou na leitura guiada pela escuta ou atenção flutuante (suspensa). Isto é, o entrevistador escutou o entrevistado: “[...] não se deve privilegiar a priori qualquer elemento do discurso dele, o que implica que deixe funcionar o mais livremente possível a sua própria atividade inconsciente e suspenda as motivações que dirigem habitualmente a atenção” (LAPLANCHE, PONTALIS, 2001 *apud* COELHO, SANTOS, 2012, p.94). Quer dizer, essa modalidade de atenção flutuante não se concentra na atenção a determinados conteúdos em detrimento de outros de modo a não guiar-se por inclinações pessoais com o risco de não descortinar o que não se sabia, como reforçado em Figueiredo e Minerbo (2006).

O processo de interpretação teve sentido no campo sociocultural, do meio onde estes adolescentes, sujeitos de pesquisa crescem e vivem, no qual se desenvolveu a pesquisa. Por isso, a interpretação foi voltada a este contexto porque na pesquisa psicanalítica o pesquisador não deve ir além do que a pesquisa permite pelo fato de as suas conclusões terem validade no campo onde a pesquisa se desenrola (FIGUEIREDO e MINERBO, 2006).

Ainda no processo de interpretação, a desconstrução e reconstrução foram tidos em conta segundo linhas de forças, seus gestos e falas. Estes aspetos (falas e gestos), implicaram recortes após a transcrição das falas dos entrevistados. Tais recortes que começaram com o trabalho de leituras, aconteceram em dois momentos distintos: antes e depois da entrevista.

O antes, foi por meio de constatação e conseqüente registro das reações emocionais que o entrevistador observava antes da entrevista. São impressões subjetivas, aspectos informais, gestos, condutas, expressões emocionais percebidas momentos antes. Estes aspetos também foram objeto da interpretação apesar de não serem narradas verbalmente (FIGUEIREDO e MINERBO, 2006; SILVA, 2013).



## **2. ANGOLA NO CONTEXTO DA ORGANIZAÇÃO DO SISTEMA DO ENSINO E O SISTEMA EDUCATIVO DA ESCOLA DO ENSINO PRIMÁRIO COMANDANTE GIKA, CABINDA**

O presente capítulo vislumbra aos leitores a especificidade angolana no que se refere à organização do sistema de ensino por meio de seus instrumentos oficiais e como a escola em abordagem se enquadra nessa descrição. Uma visão explicativa de alguns problemas do adolescente e do jovem e suas implicações à luz de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC<sup>6</sup>) produzidos em Cabinda. Por fim, a problemática do alcoolismo em Angola e suas consequências

O Sistema de Ensino em Angola é regido atualmente pela conhecida Lei 13/2001 de 31 de dezembro. A mesma lei norteia as políticas educativas e determina a especificidade no que tange aos diferentes subsistemas de ensino e os respectivos níveis. Contém 77 artigos. Os Artigos 7º e 8º tratam da gratuidade e a obrigatoriedade do ensino, respectivamente para todos os indivíduos que estejam em ensino geral.

O artigo 10º traz os diferentes subsistemas de ensino, a saber, pré-escolar, ensino geral, técnico-profissional, formação de professores, educação de adultos e ensino superior. São assegurados três níveis de ensino: primário, secundário e superior.

O primeiro subsistema referido (pré-escolar) trata da primeira infância, a fase da vida na qual, as ações de condicionamento e do desenvolvimento psicomotor se devem realizar (artigo 11) e com objetivos delineados (artigo 12): promover o desenvolvimento intelectual, físico, moral, estético e afetivo da criança, garantindo-lhe um estado sadio por forma a facilitar a sua entrada no subsistema de ensino geral; permitir uma melhor integração e participação de crianças por meio de observação e compreensão do meio natural, social e cultural

---

<sup>6</sup> Segundo o Regulamento dos Trabalhos de Fim de Curso e do Estágios Curriculares da Região Acadêmica III da Universidade 11 de Novembro, Angola, considera-se TCC ou TFC (Trabalhos de Fim de Curso) a todos aqueles que são efetuados com vista a obtenção de título de Bacharel e de Licenciado em qualquer Unidade Orgânica ao nível da Universidade.

que a rodeia; e, desenvolver as capacidades de expressão, de comunicação, de imaginação criadora e estimular a atividade lúdica da criança.

A educação pré-escolar em si é estruturada em duas categorias, a creche e o jardim da infância (artigo 13). Após este processo, da passagem nessas duas categorias, em seguida, entra-se para o subsistema de ensino geral para uma formação integral e harmoniosa com uma base solidificada para enfrentar ou continuar os estudos das classes posteriores ou ainda, de subsistemas subsequentes (artigo 14) com objetivos (artigo 15) a serem atingidos, no subsistema de ensino geral: conceber a formação integral e homogênea que permite o desenvolvimento harmonioso das capacidades intelectuais, físicas, morais e cívicas; desenvolver os conhecimentos e as capacidades que favoreçam a auto-formação para um saber-fazer eficaz que se adaptem às novas exigências; educar a juventude e outras camadas sociais de forma a adquirirem hábitos e atitudes necessários ao desenvolvimento da consciência nacional; promover na jovem geração e outras camadas sociais o amor ao trabalho e potenciá-las para uma atividade laboral socialmente útil e capaz de melhorar as suas condições de vida.

O subsistema de ensino geral estrutura-se em ensino primário e o secundário, de acordo a mesma Lei (13/2001) no artigo 16. O ensino secundário parte da 7ª classe até ao término do ensino médio; isto é, 7ª, 8ª e 9ª classes fazem parte do ensino secundário do primeiro ciclo; e 10ª, 11ª e 12ª correspondem ao ensino secundário do segundo ciclo, conforme o artigo 19.

Quanto ao ensino primário, corresponde aos primeiros seis anos de escolaridade ainda que seja na educação regular ou adulta<sup>7</sup> e constitui marco para os estudos de nível secundário, à luz do artigo 17. Seus objetivos primam no desenvolvimento e aperfeiçoamento do domínio da comunicação e expressão; no propiciamento de conhecimentos e capacidade de desenvolvimento das faculdades mentais; no estímulo do espírito estético com vista ao

---

<sup>7</sup> Abrimos aqui parêntesis para explicar que, a educação regular corresponde a todos os alunos dentro do subsistema de ensino geral com a idade não superior a 15 anos e que estejam a estudar de dia; a educação adulta, como o próprio nome diz, é todos aqueles por motivos vários não puderam concluir a escolarização primária antes de atingirem 15 anos e são encaminhados ao subsistema de adultos, no qual, enfrentam as aulas no período noturno. Ou em outros casos, mesmo estudando de dia, têm uma especificidade própria e ficam em turmas separadas com os de menores de idade.

desenvolvimento da criação artística e, finalmente, na garantia a prática sistemática de educação física e de atividades desportivas para o aperfeiçoamento das habilidades psicomotoras.

A educação de adultos visa a recuperação do atraso escolar mediante métodos e processos educativos intensivos e não intensivos. Estrutura-se em classes e funciona em escolas oficiais públicas ou privadas, em unidades militares, em centros de emprego e em cooperativas ou associações agrícolas e pastorais e destinam-se à integração socioeducativa e econômica do indivíduo, a partir dos 15 anos de idade (artigo 31).

Tal como os demais subsistemas, a educação de adultos apresenta igualmente os objetivos da sua implementação: aumentar o nível de conhecimentos gerais mediante a eliminação do analfabetismo juvenil e adulto, literal e funcional; permitir que o indivíduo, ou cada indivíduo, aumente o seu nível de conhecimentos e desenvolva as suas potencialidades na dupla perspectiva de desenvolvimento integral do homem e da sua participação ativa no desenvolvimento social, econômico e cultural, desenvolvendo a capacidade para o trabalho por meio da preparação adequada às exigências da vida ativa; assegurar o acesso da população adulta à educação, possibilitando-lhes a aquisição de competências técnico-profissionais para o crescimento econômico e progresso social do meio que o rodeia, reduzindo as disparidades existentes em matéria de educação entre a população rural e urbana numa perspectiva do gênero; transformar a educação de adultos num pólo de atração e do desenvolvimento comunitário e rural (artigo (32)).

A Escola do Ensino Primário Comandante Gika<sup>8</sup> funciona com dois subsistemas de ensino e dois níveis, respectivamente, subsistema de ensino

---

<sup>8</sup> É uma instituição do ensino público construída de raiz com uma estrutura de dois andares. Comporta vinte e quatro salas de aulas e áreas para funções afins sendo afeta à Secretaria Provincial da Educação de Cabinda, Angola, situada em uma das zonas suburbana da cidade de Cabinda, da qual, herdou o nome oficial de que hoje é conhecida (Gika). Segundo algumas informações de pessoas de idoneidade reconhecidas, o nome Comandante Gika deriva de um ato patriótico. Gilberto Teixeira da Silva, de Benguela, foi um combatente e líder independentista angolano, membro do Comitê Central do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), comissário Político de Estado Maior e membro do Conselho Supremo da Defesa. Na luta pela libertação de Angola, Comandante Gika, como vulgarmente conhecido, acabou por morrer em combate na província de Cabinda num encontro militar entre duas forças angolanas, as do MPLA e da Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), em 1975. O incidente aconteceu num morro chamado Tchizo, que dista há aproximadamente 1 quilômetro da escola. Desde aquela

geral e adulto e o nível primário e secundário do primeiro ciclo, para a educação de adultos, isto é, à luz dos artigos 10º, 16, 17, 19 (alínea a) e 31, reforçados ao artigo 33 da Lei de Base do Sistema Educativo Angolano, tendo em consideração os seus objetivos. Este último define as classes do subsistema de adulto do ensino secundário do primeiro ciclo que na qual estudam 7ª, 8ª e 9ª Classes. Essas classes funcionam no período noturno, na educação de adultos.

Segundo a subdireção escolar da área pedagógica, a escola não foi consignada para atender classes que não sejam do ensino primário. Isto acontece devido à política interna entre a escola e a Secretaria Provincial da Educação que se consubstancia na solução da demanda que se tem registrado na procura da escolarização das pessoas que a ela acorrem. Por isto, têm sido matriculados alunos nessas classes, estudando na educação adulta (tarde e noite) atendendo as classes anteriormente apontadas. Aliás, pela orientação nacional, ninguém deve ficar fora do subsistema de ensino, declarou aquela subdireção pedagógica. É deste modo que no ano letivo de 2014 foram matriculados nos diversos subsistemas e níveis um total de 3.768 alunos, dentre eles, um considerável número de adolescentes (1.062).

De acordo com essa informação, são vários os alunos de diferentes grupos etários que nela estudam. Por isso mesmo, pela relevância de dados avançados pelo representante da subdireção pedagógica, achou-se oportuno apresentá-los em indicativos quantitativos os adolescentes dessa escola, conforme o quadro abaixo.

---

altura, a área passou a chamar-se Comandante Gika, em homenagem ao antigo guerreiro. Deste modo, a escola passou a ter o mesmo nome com o prefixo do nível de ensino “Escola Primária Comandante Gika”.

Quadro 1: População adolescente da EEPCG matriculada no ano letivo de 2014

Faixa etária	Sexo				Total	
	M	%	F	%	M/F	%
12-15 A	632	40%	581	36%	1213	76%
16-18 A	195	12%	194	12%	389	24%
Total	<b>827</b>	<b>52%</b>	<b>775</b>	<b>48%</b>	<b>1602</b>	<b>100%</b>

**Fonte:** Subdireção Pedagógica da Escola Primária Comandante Gika-Cabinda, Angola/2014(20/08/2014)

Dos 3.768 alunos matriculados, 1.602 são adolescentes. Este número representa cerca de 42,5 % da população em escolarização da escola em abordagem. E cerca de 57,5 % corresponde ao somatório de crianças menores de 12 anos e adultos com a idade superior a 18 anos. Do universo de 1.602 alunos adolescentes matriculados no ano letivo de 2014, 1.213 (76%) é de faixa etária entre os 12 a 15 anos e 389 (24%) entre 16 a 18 anos. Equivale dizer que, no seio de adolescentes da escola primária Comandante Gika, a maior representatividade de adolescentes é de 12 a 15 anos de idade. Mas, observa-se também que o sexo masculino predomina.

## 2.1. Quanto aos programas educativos sobre o uso de álcool (anexo 5)

De entre os vários programas das diferentes disciplinas lecionadas, o de biologia para a 8ª classe foi aquele onde verificou-se sugestões metodológicas ao tratar de alguns conteúdos a exemplo de aqueles ligados aos sistemas digestivo, circulatório, respiratório, urinário e nervoso. Eles não trazem consigo conteúdos específicos sobre o álcool nos seus mais variados aspetos, mas sim, um diálogo ligado ao álcool na abordagem da higiene dos aparelhos ou sistemas já referidos. Por exemplo, no sistema digestivo as sugestões metodológicas aconselham que se leve ao conhecimento dos alunos que o uso de bebidas alcoólicas, tabacos, etc. podem provocar distúrbios de sistema digestivo. Quanto ao sistema circulatório, que os alunos não façam uso de tabaco e do álcool.

O olhar sobre os sistemas respiratório e nervoso sugere que o professor organize com seus alunos debates acerca das consequências do tabaco e do álcool no sistema respiratório. De igual modo que se informe os seus alunos os efeitos de drogas e álcool bem como o stress sobre os nervos ou sistema nervoso.

Na visão objetiva de cada conteúdo à luz do programa mencionado, em função das sugestões metodológicas, percebe-se que apenas consubstanciam em evitar o tabaco e o álcool para o bom funcionamento de cada sistema; indicar os perigos do álcool e do tabaco, seus efeitos no sistema nervoso e promover debates públicos por meio da comunicação social para o banimento da droga.

Para além dessa particularidade, a subdireção pedagógica da mesma instituição de ensino diz ter promovido algumas assembleias de turmas onde foram discutidos alguns assuntos do interesse nas classes do primeiro ciclo do ensino secundário, promovido pelos professores responsáveis de turmas (diretores de turmas). Realizou-se uma assembleia em 2013 e uma ao longo do ano letivo de 2014 nas quais não foi discutido nenhum aspecto ligado ao álcool, quer sejam sobre suas consequências nos mais variados aspetos, fundamentalmente, em alunos adolescentes, quer em outros fóruns.

Os programas acessados por meio da subdireção pedagógica não referem conteúdos que possam subsidiar os jovens quanto ao uso de álcool especificamente às suas consequências biológicas, sociais e psicológicas que se prendem ao sujeito da aprendizagem. Mas é sabido que, qualquer um dos aparelhos (digestivo, respiratório, circulatório, urinário e nervoso) que o programa refere, tem dentro da sua constituição biológica órgãos que o instituem e se interligam (por exemplo, o digestivo é formado por tubo digestivo e órgãos anexos; respiratório por órgãos superiores e inferiores; sistema nervoso por periférico e central, entre outros), que deviam ser muito bem esmiuçados na sua relação com o álcool. Ou seja, não discutem de forma aprofundada questões que devem ser do domínio dos jovens, no que tange aos efeitos do álcool na constituição desses sistemas e conseqüentemente, suas consequências socioculturais, morais, psicológicas e pedagógicas, como se pode constatar no anexo 5.

Dolto (2004) na sua obra *A causa dos adolescentes* relembra a prevenção do uso de álcool devido a suas consequências negativas e de delinear programas escolares para sua prevenção.

Ora, no programa disponível das classes em abordagem nas quais há afluência de adolescente de diferentes grupos etários (Quadro 1), ao qual a equipe desta pesquisa teve acesso, quase nada corresponde aos anseios propostos pela autora. Ao invés de trazer conteúdos sobre o álcool e seus efeitos, apenas diz que se deve evitar o consumo de álcool e não justifica de forma convincente os motivos desse posicionamento de forma mais precisa e profunda, capaz de mudar os hábitos ou inverter o quadro nos consumidores.

É verdade que o período de adolescência é marcado por experimentações, curiosidades e susceptível à conduta de risco (LACADÉE, 2011; LACADÉE, 2007; CALLIGARIS, 2009; PEREIRA & GURKI, 2014) até mesmo pela vivência do uso de bebidas alcoólicas. Este ponto de vista mostra a relevância e a imperiosidade de programas escolares tratarem da situação com maior acuidade para trazer aos alunos conhecimentos ligados à matéria sobre o álcool em perspectiva diversa da adotada.

Pergunta-se até que ponto essa informação tem efeitos em adolescentes cuja fase etária requer muita atenção? Até que ponto a simples informação de que evitar o álcool permite boa funcionalidade de um determinado aparelho pode produzir efeitos positivos em adolescente? Acha-se que, a simples medida higiênica não combate o uso de bebidas alcoólicas aos jovens já que se encontra em plena constituição psíquica e ainda não tem maturidade necessária. Agravante ainda, conforme aos depoimentos da subdireção pedagógica, o pouco número de assembleias realizadas em 2013 e em 2014 e o fato de nenhum problema ligado ao consumo de álcool foi tocado. E ainda outro agravante, é o assunto não ter sido tocado em turmas e mesmo tocado, sem cobertura total por parte dos alunos. Esta afirmação é diagnóstico também revelado na sondagem do campo (Ver item 2.4) quando alguns alunos afirmaram não haver participações nem cobertura total do assunto na escola. Para tal há extrema necessidade de cuidar do assunto em assembleias de turmas e/ou escolar já que os programas

são considerados, na nossa visão, exíguos pela natureza do problema que assola Cabinda em particular, ao se observar adolescentes consumindo álcool.

A reflexão em Tagliati e Ferreira (2009), Lacadée (2007a) e Freud (1930/1980), aponta que é na escola, fundamentalmente onde a prevenção deve ser abordada por meio de programas específicos, as chamadas antidrogas com conteúdos para alunos, contando neste caso com as famílias. Corroborando com isto, a exiguidade destes programas nas escolas de Cabinda (e de Angola no todo) é ponto fraco que requer um olhar crítico e desconfia-se que esta debilidade, aqui tratada de ponto fraco, contribui também para a falta da consciência ou o pouco domínio das consequências do consumo de álcool e de outras drogas em qualquer idade. É do nosso domínio que em Angola e especificamente na província de Cabinda, o aprendizado escolar tem maior impacto na convivência dos alunos e filhos. Partindo deste olhar, seria uma grande oportunidade tendo em conta que, na atualidade o uso de álcool é problema atuante no contexto angolano, rever os programas escolares. Isto poderia contribuir nas políticas locais com o apoio da comunidades escolares, oferecendo a possibilidade de gerar novo olhar, nova qualidade de vida nas vertentes social, ética, política e também econômica.

Todos esses aspetos deviam ser trabalhados na escola ao se ter em consideração que ela, como instituição social, deve apoiar os adolescentes e oferece a eles apoio necessário na altura em que suas vidas estão forçadas pelas condições de desenvolvimento e, durante o qual, o professor deve ser partícipe nesse processo de modo a ajudá-lo no que possa comprometer a sua vida. Infelizmente, isto está longe de acontecer porque os programas escolares são de âmbito nacional e não locais. Não há verticalidade direta com as especificidades locais. Com o conhecimento adquirido, vivido em outras partes durante a vida acadêmica, esta atitude reflete de maneira negativa aquilo que devia ser tratado com maior veemência tendo em consideração as necessidades locais. Perde-se neste caso a ocasião de falar de forma profunda, sistemática e coerente, didática e/ou pedagógica sobre uso de álcool, de entre outros problemas locais, porque os programas não permitem, são fechados. O tempo didático é limitado para cada aula na razão de 45-50 minutos. É dentro deste tempo que os objetivos traçados devam ser cumpridos. Incluir assunto fora do programa é mesmo que



incumprimento do programa nacional. E o pior é que nem em atividades extra-escolares o assunto tem sido tratado.

Porém, a escola, nesse caso, deve participar na vida do adolescente e passa pela prevenção de modo a oferecer ao sujeito um novo modo de vida. Isto é ainda longe dos patamares daquela escola, mas é possível desde que haja boa vontade para reverter a situação que é considerada problema atual da sociedade cabindense, angolana: uso de álcool por parte dos adolescentes.

## **2.2. Consumo de álcool em adolescentes de Angola**

O consumo de álcool em adolescentes de Cabinda, Angola é altamente observável e há reações nas mais variadas vertentes, particularmente, os órgãos de informação massiva, a destacar o jornal de Angola (JA) e a Rádio Nacional de Angola. Como tal, algumas das reportagens promovidas pelo JA (2010), anunciam o consumo do produto por parte dos adolescentes angolanos: “Adolescentes Continuam Ter Acesso ao Álcool”. Não se tratava de trabalho científico ou acadêmico, mas sim de comentários de algumas observações dos jornalistas da sociedade de Luanda, a capital do país.

O artigo apontou a frequente permanência de adolescentes juntos das famosas janelas abertas que compravam bebidas alcoólicas destinadas ao seu consumo. A equipe de jornalistas demonstrou preocupação pelo fato dos vendedores não se importarem com a venda de bebidas aos menores de idade. Para eles, o lucro é o que mais lhes interessa. O mesmo foi constatado por alguns pais que continuam mandar filhos menores a comprarem bebidas alcoólicas e constatou-se tanto por parte dos pais como de vendedores e da sociedade em geral a inexistência da fiscalização de vendas de bebidas alcoólicas.

A fonte cita ainda da existência de uma tolerância do padrão de conduta, uma vez que o adulto já se acostumou com a bebida, então há tendência de, nessas famílias, o adolescente iniciar-se na conduta. Um adolescente de 17 anos fora encorajado pelo pai que o mandava comprar bebidas alcoólicas. Afirmava

que a família encarava esse fato com naturalidade, apesar de ser menor de idade e consumir bebida alcoólica. O menino justificou essa convivência com os pais pelo fato do álcool ser visto como um perigo menor do que as demais drogas.

Mais para diante a equipe de reportagem do jornal de Angola, deparou-se com uma dupla de adolescentes (entre 13 e 17 anos) que ia conversando sobre uma moça que conhecera no dia anterior numa festa. Ao aceitar ceder diálogo com os jornalistas, um dos adolescentes confirmou terem começado com o uso de bebidas alcoólicas desde muito cedo, incentivados por companheiros de rua que já faziam uso. Diz o adolescente: “Meu kota, tás a ver né. Quando andas com amigos que bebem e você não, eles não aceitam te pagar gasosa. Dizem que trás formiga na boca.” Acrescentou que “a única solução, para sair sempre com amigos é, também beber”. Primeiro cerveja, depois vinho, whisky e, por fim, todo tipo de bebida alcoólica”, explicou.

Na rua do bairro Mártires de Kifangondo um vendedor vendia bebidas a adolescentes na rua e afirmou não ser obrigado a perguntar a idade dos seus clientes ou a pedir documentos para verificar as suas idades; “[...] se o governo quer acabar com a venda de bebidas alcoólicas, que feche as cervejeiras!” Deparou-se assim dois pólos diferentes: o adolescente que comprava livremente o álcool e consumia e o vendedor que não se importava da idade dos clientes e, concomitantemente, os efeitos desse consumo em adolescentes, particularmente. A par disso, a fonte revelou outra cena caricata: os menores de idade que assumiam o papel de vendedores de álcool na ausência de outros membros mais velhos da família. Esse mosaico de informações levou com que a equipe de jornal de Angola dialogasse com a psicóloga Margarida Pires que teceu algumas considerações sobre o que tem sido a interpretação desse fenômeno na sociedade angolana. Para ela, o consumo de bebidas alcoólicas como a cerveja, se deve pelo fato de ser considerada de droga lícita. Pois, as famílias ficam mais preocupadas quando se trata de drogas ilícitas como, por exemplo, a liamba (maconha para o português do Brasil), a cocaína, o crack, entre outras. Apontou ainda um lado, haver falta de fiscalização do governo e dos pais que continuam vender bebidas a menores de idade. Por outro, é difícil impedir que os adolescentes consumam o álcool, na medida em que, muitos adultos compram para juntos consumirem.

Associado a esse drama, Margarida Pires revelou as consequências do consumo do álcool, sendo responsável por mortes no trânsito, de desentendimentos familiares e afetivos, separação de casais, homicídios, espancamento de crianças e mulheres, desistência de trabalho e da escola.

Todavia, acrescentou vários fatores estimulantes do consumo de bebidas alcoólicas, entre eles, fatores psicossociais, o lugar e a cultura a que o indivíduo pertence e até mesmo o ambiente vivido na infância, podem contribuir para o desenvolvimento do alcoolismo.

Como se percebe, o consumo de álcool em Angola atingiu proporções alarmantes, percebidas através de pronunciamentos dos populares, do Presidente da República, do JA e de alguns debates radiofônicos. Isto deixa preocupadas as forças vivas do país, pelo fato do fenômeno ter abrangido até menores de idade. Cabinda não foge da regra.

O Programa Viva Tarde da RNA (2013), em Cabinda, por meio do seu promotor, jornalista António Chocolate, à luz da alta preocupação deste mal que assola a província no particular e o país no geral, convidou as senhoras Fátima Copo, professora e Etelvina Massanga, secretária do Conselho Provincial da Juventude (CPJ) a debater o assunto no que tange as suas causas e efeitos, particularmente às camadas mais vulneráveis, adolescentes, jovens e mulheres grávidas. Constituiu uma abordagem franca e aberta.

O uso exagerado de álcool que é notável em Cabinda trás consigo consequências do ponto de vista sociais, políticas, educativas e familiares que abrangem também nos serviços e instituições públicas, frisaram as debatedoras. Por sua vez, Fátima Copo, considerou ainda que os usuários apresentam certos transtornos mentais ou psicológicos pela sua circulação no organismo que chega a afetar o Sistema Nervoso Central (SNC) e consigo a diminuição de coeficiência de inteligência (QI), problemas de incoerência, de memória e neurites, além dos problemas ligados ao fígado, como é o caso de cirrose hepática, pulmões e estômago e trauma fetal, em mulheres grávidas na medida em que o uso se prolonga.

Seu uso não põe em causa apenas a saúde da mulher grávida como também o bebê que se desenvolve no útero, pela sua capacidade de atravessar a barreira placentária afetando assim o feto. Por isso, afirma aquela entidade que, se deve parar e pensar no problema porque a sociedade “está mal”. Se por um lado, os jovens adolescentes têm essa prática, considerada problema muito sério daquela sociedade, por outro, Fátima Copo apoiou-se da estatística da OMS para revelar as perdas de vidas pelo uso de álcool: “2,5 milhões de indivíduos representa a taxa de mortalidade anual por álcool”. É preocupante, disse. Com isto, os programas educativos devem despertar atenção e, substituir o uso de álcool por outras atividades formativas para o jovem, deve ser aposta.

Fátima Copo acrescentou naquele debate que alguns adultos não conseguem conversar com os jovens e dar uma mensagem positiva. A consequência disto é alguns fazerem o uso álcool por revolta.

Etelvina, secretária executiva da CPJ alertou que não se tratava apenas da falta de diálogo, apesar de reconhecer em algumas famílias essa variável, como elemento fundamental do uso de álcool por parte dos jovens, mas também o processo de socialização, com destaque aos outros pares e ao ambiente.

A falta de emprego, o esquecimento de problemas, as consequências do rompimento de uma relação e a tentativa de evitar situações desagradáveis nos lares onde vivem é referido por Etelvina como bases de predisposição dos jovens pelo álcool.

Reforçou ainda que, a resposta que os jovens encontram ao usar álcool, isto é, ao esquecimento de problemas, é outra situação problemática uma vez que, pelas suas consequências, envolve custos à sociedade. Por isso, a CPJ e a sociedade estão preocupadas com o uso de álcool, uma preocupação extensiva até à governadora da província, Matilde da Lomba.

Fátima Copo, ao retomar a discussão nos remete a uma reflexão sobre o papel dos órgãos de difusão massiva na publicidade do álcool, em especial, na TV. Os armazéns estão cheios de bebidas alcoólicas por todo o lado: “maior parte de mortes é por consequências do álcool”; “maior parte de acidentes aos fins de semanas é resultado de uso do álcool”. A par disto, o comitê de abuso contra as

bebidas alcoólicas revelou que o maior número de violência, quer seja doméstica ou não, a desintegração familiar, alguns casos de insucesso escolar, disfunção sexual, discursos incoerentes e menos produtividade laboral são fruto de uso do álcool.

Um dos problemas que muito preocupam os participantes do debate radiofônico foi a constatação de senhoras grávidas que fazem uso de bebidas alcoólicas e de pais que orientam filhos menores na compra das mesmas. Por isso, na ótica dessas debatedoras, as grávidas deviam assumir suas responsabilidades enquanto mãe, que respeitem o seu estado gestacional para não colocar em risco a sua própria saúde e do futuro bebê, que respeitem seu emprego, evitando enveredar-se no álcool e tendo em conta os seus efeitos.

Em relação aos menores que por obediência aos pais são mandados a comprar de bebidas alcoólicas, as participantes do debate mostram-se inquietas que a lei proíbe a todos aqueles com uma idade não superior a 18 anos. Sua maior preocupação é ao longo do percurso, no qual, começam com o processo de primeiras porções, certamente, e até aos 18 anos terão certa consistência no uso. Igualmente, algumas mães que dão bebidas às crianças o que lhes torna um hábito desde tenra idade.

Nas suas possíveis soluções a sociedade como um todo apontou, entre outras saídas: a educação para paz caracterizada por palestras, sensibilização, educação comunitária, importação e substituição de gêneros alimentícios ao invés de álcool; o envolvimento de todas as forças vivas e de mãos dadas para uma caminhada sadia da sociedade.

O comércio irrestrito de álcool em vendas da cidade, a não exigência da maioridade para a compra do produto por parte de quem o vende, o número crescente de casas residenciais, bares e quiosques que o comercializam, como também o acesso fácil ao consumo do álcool permite considerar este um problema capital no que se refere à constituição psíquica e social do jovem cabindense. Tal fato, tão evidente por si mesmo, afeta adolescentes escolarizados, bem como seus desempenhos e sua vida pessoal e escolar. Isso merece esforços de investigação.

### **2.3. Modelos explicativos angolanos de alguns problemas do adolescente e suas implicações**

O item em exposição mostra ao leitor as produções locais a respeito do adolescente e jovem no sentido geral e ao uso de produtos psicoativos no particular. Entende-se que produtos psicoativos são drogas que têm capacidade de alterar o comportamento. Sabe-se que essa faixa etária depara-se com muitos problemas de várias ordens. Por isso, nos propusemos mostrar tais situações particularmente em modalidade científica do que foi produzido em Cabinda/Angola, de modo que o leitor tenha uma noção geral não só dos problemas dos adolescentes e jovens daquela região do continente africano, mas também, que visão trazem os trabalhos de monografias na província em destaque. Por isso trazemos apenas trabalhos de conclusão de curso de licenciatura ou graduação desenvolvida localmente, numa primeira instância e de seguida, uma visão geral sobre o alcoolismo em Angola e suas consequências.

Tati e Chimbuca (2012) apontam o uso de drogas no âmbito escolar que é cada vez mais preocupante, levantam um problema em saber as causas do consumo de drogas como fator de influência negativa em alunos da Escola secundária Saily-Mingas em Cabinda. Traçaram como objetivos, conhecer as principais causas deste consumo e dialogar com alguns autores sobre o assunto em análise e, propor alternativas corretivas tendentes a amortizar o índice de consumo de drogas como fator de influência negativa no processo de ensino-aprendizagem. Para alcance de seus objetivos usaram o método bibliográfico, dedutivo, matemático/estatístico. Os principais resultados apontam que dos usuários de drogas, 58,33% são causados por carentes condições socioeconômicas; 50% por déficit de acompanhamento familiar, e 66,66% por violência familiar. Sugerem que haja continuidade de estudos ligados ao processo de uso de drogas, que se proíba a venda de bebidas alcoólicas aos redores dos recintos escolares assim como seu consumo nesses locais. Sugerem, de igual modo, às direções das escolas em particular que crie iniciativas, oriente, controle e acompanhe as ações inerentes à proteção e segurança do ambiente escolar; E,

por fim, sugerem que a comunidade escolar, incluindo a direção, discuta situações ligadas ao consumo de drogas, um fator preocupante em Cabinda.

Domingos e Muel (2011) na mesma senda de drogas, preocupados com o problema como fenômeno social em Cabinda, e consigo a prostituição, delinquência juvenil e suicídio, levantam um problema científico: “que fatores estão na base de consumo de drogas por parte de alguns alunos na escola Barão Puna?” (p.2). Para tal seus objetivos circunscreveram-se em identificar as causas que estão na base deste consumo pelos alunos e a delinquência no recinto escolar da instituição em estudo e propor algumas atividades que visam minimizar o seu consumo e a delinquência escolar. Fazem uso da abordagem sociológica sobre o fenômeno em estudo com esteio metodológico baseado em observação, bibliográfico, descritivo e estatístico, assim como questionário e entrevista. Os principais resultados revelam que os métodos usados durante o trabalho de pesquisa facilitaram constatar que os usos de substâncias psicoativas afetam a aprendizagem. Para os que fazem uso, fazem-no por imitação a seus pais ou outros membros familiares mais diretos (39%) e por facilidade de acesso na sua obtenção (41%). Especificamente ao álcool, 83% fazem o consumo e 8% preferencialmente a liamba (maconha). O trabalho sugere que se faça um trabalho árduo de combate e erradicação do espírito do alcoolismo no seio de alunos por meio de campanhas de luta contra as drogas com o apoio do Ministério da Saúde e os envolventes diretos das famílias cujos filhos fazem uso.

Outro problema ainda ligado aos adolescentes de Cabinda é a facilidade de aquisição de drogas e distúrbios sociais negativos praticados após seu consumo. Com isso, Quimino e Glória (2009) objetivaram determinar alguns fatores de consumo de drogas e estudar as consequências ou sua influência no comportamento assim como propuseram algumas estratégias para entidades competentes em minimizar o fenômeno. Recorreram a Griffa (2004) e a Suddarth e Chavlovski (2005) como opção preferencial para esteio teórico sobre adolescentes e drogas. A observação, a pesquisa descritiva e a estatística fizeram parte dessa investigação cujos resultados principais revelados na amostra de 38 alunos (a população total foi de 165) indicam que, 89, 4% faz uso de drogas, o que tem repercutido no aumento de violência nas escolas, nos bairros e em outros lugares. Grande parte desses envolvidos vive fora do convívio familiar,

sendo que 55,2% com os tios e 13,2% com os amigos. Os resultados trazem ainda à superfície que 41% entrou ao mundo de drogas por influência de amigos. A maconha (liamba) é a droga da primeira opção que, quando consumido trás consigo reações de violência, agressividade e roubo. Por isso, os autores sugerem às associações cívicas e partidárias a realização de campanhas preventivas contra as drogas, nas várias esferas sociais, quer sejam a Igreja e a polícia, esta para o desmantelamento de traficantes e consumidores.

Casimiro e Gonçalves (2008) que primaram por identificar as causas de perturbações mentais dos adolescentes, apontam o problema de procedimentos considerados negativos em adolescentes da 7ª classe da escola Luvassa, Cabinda. No conjunto das atividades desenvolvidas ao longo da pesquisa, o método de observação, estudo descritivo e estatístico também foram usados. A fundamentação teórica é apontada para Pinto (2001) que cita behavioristas como Watson e Skinner assim como o psicanalista Erik Erikson.

Seus expressivos resultados indicam que a maior parte dos adolescentes vive com outros membros familiares (tios, avós), outros em condição de mono parenteral e outros em comunhão de teto com os pais (mãe e pai) que representam respectivamente, 60%, 22% e 18%, numa amostra de 28 adolescentes num total de 80 adolescentes. No entanto, dos que são criados fora do convívio de pais e mães, assumido de forma mono parenteral e por tios ou avós, apresentam fragilidade educativa em termos de exigência social, isto é, debilidade na tomada de decisão por parte de mães, tios e o excesso de amor aos netos por parte dos avós, um aspecto que debilita o cunho educativo. Outrossim, muitos que vivem com os pais, sofrem outra face da moeda: agressões psicológicas e físicas que agudizam ainda mais os comportamentos negativos dos adolescentes na escola e fora dela. Disto concluíram os autores que para além do escrito acima, há ainda outros fatores perturbadores dos adolescentes da escola referida (Luvassa) como é o caso de grupo de amigos, da falta de acompanhamento das amizades de filhos por parte dos pais, do convívio fora da comunhão dos pais e da falta de núcleos de acompanhamento psicológico de orientação de adolescentes. Com isso, propuseram o acompanhamento das amizades dos filhos por parte dos pais e a criação de núcleo de acompanhamento psicológico para adolescentes.



Nisto, Mamboma e Bumba (2009), preocupados com o processo de educação familiar que resulta de frustração e abandono do meio familiar por parte de alguns adolescentes numa das zonas do bairro 4 de Fevereiro/Cabinda, levantaram como objetivos de estudo identificar os fatores que influenciam o abandono do meio familiar por parte de adolescentes, das modificações do seu caráter e das relações que estabelecem com os pais e pares.

Do método bibliográfico, da observação e da estatística, a dupla de pesquisadores assentou na teoria de Schenker e Minayo (2005), de Papaya *et. al.* (2005), de Griffa e Moreno (2008) e finalmente de Giddens (2000) para teorizarem sobre o papel da família na prevenção do abuso sexual, o cuidado para com o adolescente, o afeto, o amor e a comunicação, educação e proteção do adolescente e das consequências do conflito familiar em adolescentes, entre outros aspectos.

Na base dos objetivos traçados e da metodologia utilizada, os principais resultados revelam que o abandono é influenciado pelo meio ambiente, pelas atitudes dos pais, pois castigam fisicamente os filhos ao invés de os aconselharem; há falta de bom relacionamento entre os pais e filhos, há falta de melhores condições de vida e más companhias; namoro e desobediência aos pais, bem como a separação dos cônjuges, conflito familiar, falta de liberdade e ausência prolongada dos pais nos lares. Igualmente, a falta de diálogo entre pais e filhos, o fenômeno da delinquência, o uso de álcool e de drogas é novamente apontado como fatores predisponentes do abandono do meio familiar. Como tal, em termos estatísticos, dos 18 jovens ouvidos (com a população de 210), 83,3% vive fora do convívio familiar.

A solução desse problema, segundo os autores, passa pela maior responsabilidade dos pais no que toca ao seu papel educativo e a proteção, sustentação do diálogo entre estes e seus filhos e a intervenção em bons costumes morais e éticos para boa convivência no seio familiar.

O trabalho de conclusão do curso de licenciatura apresentado por Chicuata (2006) trata de determinantes de comportamentos dos adolescentes no complexo escolar de Cabassango que, no nosso entender, continuam sendo problemas sociais de adolescentes de Cabinda. O pesquisador aponta constantes

reclamações sobre os tais comportamentos inquietantes de adolescentes da região. Entende identificar entre tantos fatores, alguns que são influenciadores de condutas de adolescentes e a explicação das modificações psicossomáticas durante aquela fase do desenvolvimento humano. Com isto, o conceito do desenvolvimento e suas fases assim como as modificações biológicas que nela ocorrem, as manifestações resultantes da frustração como é o caso de suicídio, depressão e agressão, predominaram na monografia em causa. Os métodos de entrevista, questionário e bibliográfico estão aflorados na pesquisa. Da sua população de 1080, extraiu uma mostra de 180 que são revelados dos resultados percentuais: 55% desta amostra apresentam um comportamento influenciado no meio onde está inserido, 25% de fatores sociais e 20% biológicos. O comportamento predominante é da agressividade (27%), desobediência (25%), irresponsabilidade (33%) e depressão (15%). Diante de seus resultados, a pesquisa concluiu que a maturação biológica, dado à modificação do organismo que levam a experiência de funcionamento de seus órgãos sexuais, o meio social e o fator socioeconômico dos progenitores são determinantes no comportamento dos sujeitos pesquisados naquela instituição do ensino. Como tal, a solução passa pela prevenção contra influências negativas que comprometam a vida futura dos envolvidos na pesquisa e seja dado o apoio necessário por parte dos pais.

Ainda nessa senda de problemas da juventude e/ou adolescentes de Cabinda, Luciano e Dombe (2010) tocaram em aspeto anteriormente não aflorado que é o das gravidezes em adolescentes e sua implicação no processo de ensino aprendizagem. Para esses autores, estudar os fatores de influência para a gravidez precoce em adolescentes envolvidos no processo de ensino-aprendizagem e propor estratégias para a sua redução são objetivos fulcrais. A fundamentação teórica em Villavicêncio (2006) e Sprinthall (1993) e a revisão da monografia de Chituata (2006) sustentaram a sua teoria com depoimentos ligados a problemas específicos da adolescência, a exemplo de suas fases e o processo de socialização. Da população identificada de 170 jovens e da sua amostra de 52 no Centro de Saúde 4 de Fevereiro, Cabinda, os resultados principais demonstram que 28,9% vivem com outros membros da família, 27% apenas com as suas mães, 23% com os pais e apenas 13,4% em comunhão de teto com

ambos. O preconceito do diálogo com os filhos sobre a sexualidade é apontado como tabu e como consequência, engravidam-se prematuramente e como principal consequência disto é o abandono escolar por razões fundamentalmente econômicas (54%).

Como se constata e se percebe até aqui, os trabalhos de fins de curso (TFC) desenvolvidos sob temas que dizem respeito aos adolescentes foram confinados numa visão quase unilateral. Vislumbram predominância de abordagem sociológica e levantam problemas ligados não somente ao conjunto de transformações que ocorrem em adolescentes, mas fundamentalmente, das consequências socioculturais ligadas à relação adolescente e família, a questão de monoparentalismo e o seu crescimento fora do convívio com os pais. São questões que de uma ou de outra maneira têm uma repercussão quanto à tomada de uma posição por parte destes adolescentes nas mais variadas formas reveladas.

A dinâmica “causa-efeito” e, por conseguinte, o conjunto de propostas de medidas para atenuar o problema, ou seja, as políticas de contenção ou de estratégias de diminuição das situações ou ocorrências estão sempre presentes e fazem parte das recomendações. O método de estudo é predominantemente quantitativo, revela panorâmico estatístico, indica quantos envolvidos e conseqüentemente, a generalização de resultados e quase nada de compreensão no sentido individual. Grosso modo, é essa a natureza de trabalhos de conclusão de cursos (TCC) tratados nas monografias em adolescentes, à luz dos percebidos sobre a matéria em pauta.

Quanto ao alcoolismo em Angola e suas consequências, Pimenta (2012) parte da reflexão de que este é determinado por vários fatores que datam desde 1992, altura em que um histórico de mudança radical é marcado na vida do povo angolano pela guerra que motivou o deslocamento do pessoal para as cidades do litoral forçando-o a adaptar a novos *modus vivendi* nunca antes experimentados. Este processo de adaptação a novas formas de vivência acompanhadas de implicações psicossociais a exemplo de pobreza extrema e comércio ambulante que inclui a venda de bebidas alcoólicas, produtos ilícitos e tantos outros. Com destaque para a venda de bebidas alcoólicas no mercado informal que se tornou

uma alternativa de sobrevivência pela sua rentabilidade em particular às famílias mais desfavorecidas. É uma nova forma comercial imitada de países oeste africanos, e de outros que limitam com Angola. Habitantes de países como República Democrática do Congo (RDC) e República do Congo Brazzaville (RCB) que limitam com Angola pelo Norte, refugiaram-se no território angolano e trouxeram consigo certos hábitos que foram introduzidos para sua sobrevivência por meio de comércio legal e ilegal de produtos e outras formas de manifestação. Entre elas, o sincretismo religioso, uma manifestação sociocultural antes desconhecida pela cultura angolana. O exemplo de vendas e conseqüentemente o uso de bebidas alcoólicas em cemitérios e durante os atos fúnebres no seio de tantas outras expressões, são hábitos reproduzidos de tais países. É assim que entre tantos outros hábitos que os angolanos adquiriram, o consumo de álcool e de drogas é considerado o mais nefasto e de difícil controle já que a maioria dos agentes vendedores e consumidores é formada por mulheres, crianças e jovens (PIMENTA, 2012).

As mulheres particularmente comercializam-no pela necessidade de subsistência da família. Muitas delas são separadas, desempregadas, e não têm fontes financeiras dignas que lhes possa ajudar na criação dos filhos. Por isso, os jovens e crianças, justamente são forçados pelos pais e pelas circunstâncias socioeconômicas que vivem a pautar pelo comércio de bebidas para encontrar formas de viver. Nesta conformidade, tornam-se vítimas de potenciais consumidores junto às portas de casas, roulotes, barracas, em festas de famílias, nos óbitos, nas avenidas, para além de outros locais de opção tal como discotecas, lanchonetes, bares, casamentos.

Alguns dos motivos que estão na base de, por exemplo, da barraca é a facilidade de estar fora do controle dos pais e encarregados de educação: “ao que parece mais da metade dos vendedores de bebidas alcoólicas nas barracas são as próprias crianças e jovens” (PIMENTA, 2012 p.49).

Paradoxalmente, nota-se certo crescimento do número de estabelecimentos comerciais de álcool tanto em meios urbanos como em suburbanos assim como ao longo de rodoviárias, nas lojas de bombas de

combustíveis, nas esquinas de escolas primárias, secundárias, universidades, clubes, portas e muros de residências, reforçam os mecanismos de venda.

Também é observável durante o abastecimento de combustível em viaturas, os companheiros de motoristas e eles próprios municiam-se de alguma bebida alcoólica. Como consequência, acidentes por embriaguez, danos materiais e humanos, vítimas mortais, brigas, discussões entre pares de amigos e ferimentos entre outras.

Na senda do consumo, a cerveja tem sido a bebida mais consumida. Entre as consequências do uso de bebidas estão a incapacidade de raciocinar sobre os males do ato sexual sem preservativos e como tal, a contração de DTS. A contração das enfermidades de transmissão sexual, trazem outros problemas nas famílias: perdem-se irmãos, filhos, netos, primos e outros membros que serviriam à nação e participariam do desenvolvimento socioeconômico do país.

Em Angola, algumas províncias são mais propensas ao uso de álcool que outras. Não só em jovens e mulheres grávidas, mas em todas as faixas etárias. Algumas dessas províncias está a de Cabinda em primeiro lugar seguido de Benguela, Luanda, Huíla, Kwanza Norte e Lundas Norte e Sul (PIMENTA, 2012).

A localização geográfica de Cabinda influi muito na situação do álcool, pois, as duas Repúblicas (RDC e RCB) têm Cabinda como ponto de desagendamento de vários produtos e, de entre eles, a cerveja em grandes quantidades. Os dados nessas províncias de maior consumo de bebidas alcoólicas, registram-se muitos crimes como as de violência doméstica e urbana, crimes passionais, acidentes automobilísticos com maior frequência nos fins-de-semana assim como da delinquência juvenil. Há enormes situações provocadas pelo alcoolismo, para além das destacadas: hepatites agudas, manifestações neurológicas periféricas e centrais precoces, e ainda em alguns casos, a cirrose hepática e o cancro associada de tantas outras situações ou consequências na pessoa consumidora (PIMENTA, 2012).

De ponto de vista psicossocial os adolescentes são susceptíveis à baixa autoestima, por vezes ao envolvimento sexual por dependência emocional e económica. Particularmente, ao sexo masculino, muitos fingem portando-se como

marido, amante, amigo e nas horas difíceis, pai de filhos; uma posição apenas fictícia que funciona como aparência cuja essência é de encobrir o alcoolismo. No seio de tanta consequência sobre a problemática de álcool em Angola, assinala-se sobre o caso: problemas socioafetivos sem solução, a interpretação do consumo “como necessidade psicofísica, em que há uma relação estreita de dependência com o álcool e sem o qual, o indivíduo não se encontra consigo mesmo e com o real” (PIMENTA, 2012 p.64). Outro aspecto aflorado no seio de tantos é da própria sociedade que cria mecanismos sofisticados para todos se embriagarem: “os meios de propaganda são fortes” (PIMENTA, 2012 p.64).

Dado seu poder de influência, o álcool afeta os jovens. Em especial os estudantes, pois é mais fácil sua concentração nos locais onde o consumo de álcool se faz sentir, em comparação, por exemplo, de bibliotecas, local ideal para estudar ou investigar. Passam maior parte do tempo fora de casas em relação a outros locais de estudo (casas, bibliotecas) e aproveitam-se das constantes cortes de luz elétrica para se dirigirem à roulotes, lanchonetes, barracas que se encontram nas periferias das escolas. Uma situação muito comum observável em Cabinda. Em Angola, no geral, estudos demonstram que, em uma população que de 13 aos 17 anos de idade<sup>9</sup> o histórico revela maior consumo de bebidas alcoólicas pelos adolescentes todos os dias e a minoria apenas aos fins-de-semana. E as maiores vítimas do alcoolismo em alunos são aqueles que estudam no período noturno pela proximidade de fontes de bebidas.

Ora, a visão política do poder executivo do estado, ligado ao consumo de álcool recai especificamente nas crianças, jovens e mulheres grávidas. Isto revela quão é importante e urgente tratar do assunto com maior perspicácia quer seja do ponto de vista da sua prevenção, quer ao combate do consumo exagerado nas camadas de maior risco na sociedade angolana. Acha-se que é na família onde tudo começa e é lá onde devia começar na política da sua contenção. Mas, a questão de realce é a sua complexidade no que tange a estrutura da família angolana, na qual, há maior predominância de família alargada (formada para além do pai, mãe e filhos) e da sua desestruturação. Isto é, há muitos casos de

---

<sup>9</sup> Pimenta (2012). Para mais informações consulte a sua obra: “eventuais causas e consequências de delinquência em Angola: modelos de delinquência”, Vol I, 3ª ed. tabela 1, p. 176.

famílias mono parentais, ou seja, de filhos que vivem com único progenitor ou com o pai ou com a mãe. Isto pode afetar de ponto de vista da estabilidade familiar já que o filho não foi gerado para viver neste contexto. O carinho de ambos é indispensável e primordial para todo o processo da construção da identidade do futuro adulto. Na carência, os filhos encontram enormes dificuldades sociais e relacionais que podem contribuir com o uso de álcool e de outras condutas dissociais, tratados em Aichhorn (2006) e Calligaris (2009) no seio de tantos.

Do ponto de vista biossociogenético, criou-se a ideia de que ninguém substitui a mãe ou o pai. Cada um é uma parte de um todo na educação familiar e na implantação de toda a espécie de valores morais que ajudam para o bom desenvolvimento da pessoa. Infelizmente, alguns pais educam os filhos sozinhos, sem ajuda do outro cônjuge. Muitos desses em condições precárias que agudizam mais ainda a problemática do uso de álcool e de outras decorrências que faz com que encontrem a saída pelo uso de álcool. Tal é o caso, por exemplo, de muitas mães terem de encontrar meios de sobrevivência por meio da venda de bebidas alcoólicas em especial, cerveja, vinho e uísque. Essa é uma das atitudes que implicitamente está no uso do álcool pelas camadas mais novas, cujos efeitos, incidem, entre tantos, em agressões, práticas sexuais, gravidezes indesejáveis, desistência escolar.

Além disso, a situação é agravada ainda pelo incentivo de pais ou outros membros familiares com quem os adolescentes estão ligados ao uso de álcool ao invés de sensibilizá-los, aliada à publicidades pela televisão e a falta de fiscalização.

Triste e lamentável a questão dos programas escolares. Também como frisado antes têm sua cota parte porque deviam tratar do assunto com muita delicadeza enquanto continuamos assistir crianças, jovens e mulheres grávidas neste quadro do álcool.

Porque não inserir no currículo escolar uma disciplina específica que aborde de forma precisa as consequências do uso de álcool nas camadas mais novas? Afinal, o professor tem papel fundamental na formação do homem de amanhã, isto é, de crianças e jovens. Nessa visão, acredita-se ainda que, além de

ser facilitador no processo de ensino e aprendizagem, o professor contribui no amadurecimento emocional e social do aluno.

O conhecimento sobre as consequências do álcool na vida familiar e social, tais como acidentes, violências, vida escolar, comportamento sexual, ingresso em grupos com procedimentos inadequados, devia ser tratado seriamente pelo professor ou pela escola nesses programas de modo a contribuir na implementação de políticas públicas de prevenção e combate ao fenômeno de consumo de bebidas alcoólicas pelas camadas mais novas ou de grupos vulneráveis: crianças menores, adolescentes, jovens e mulheres grávidas.

Ao contrário disto e porque as políticas tardam acontecer, as barracas, as lanchonetes, os roulotes são locais muito frequentados por esses consumidores, tal é que, na nossa posição deviam ter uma norma rígida no comércio de bebidas alcoólicas. Infelizmente, isso não se faz sentir. A sociedade lamenta, reclama, mas a situação é gritante. Que fazer? É necessário esforço de toda a sociedade, de todas as instituições sociais, quer sejam religiosas, educativas e fundamentalmente a família com o apoio das instituições de ensino para o combate deste mal que assola Cabinda em particular e Angola como um todo. Com isto, deve-se programar toda a espécie de políticas para o combate à droga e ao álcool em particular de modo a salvaguardar as futuras gerações das consequências do álcool. Por isso merece esforço de investigação para contribuir com ações políticas aos grupos vulneráveis e, concomitantemente, a tomada de decisões preventivas tendentes a evitar o consumo, a redução de riscos e a prevenção no seio escolar. É isto que deve merecer atenção especial de investigação ao se tratar do problema atual, atuante e relevante na realidade angolana, na qual, Cabinda é uma parte integrante com maior expressão.



#### **2.4. Sondagem de campo na Escola do Ensino Primário Comandante Gika: uma visão exploratória do uso de álcool em adolescentes de Cabinda**

A sondagem de campo foi um processo diagnóstico para se assegurar a pesquisa pelo fato de não se ter encontrado em Cabinda dados de pesquisa, de estatística que pudessem subsidiar nossas percepções acerca do problema. Nesse sentido, como uma atividade preliminar de pesquisa, recorreu-se a uma sondagem de campo (Anexo 1), de base quantitativa, que visou obter informações estatísticas sobre o uso de álcool por parte de adolescentes da escola onde se levou a cabo esta pesquisa – a Escola do Ensino Primário Comandante Gika, Cabinda/Angola.

A escolha deste campo deveu-se à afinidade com a mesma. Pois, enquanto professor trabalhei nela por mais de dez anos e ajudou-me a crescer profissionalmente. Em consideração à minha afeição por ela, pelas memórias inesquecíveis que conservo, pela necessidade oportuna da pesquisa estar voltada aos adolescentes de Cabinda, achei interessante aproveitar a oportunidade para desenvolvê-la na referida instituição escolar, na qual, é bastante observado grande número de adolescentes. Não pretendo com isto dizer que não haja outras escolas na província com considerável número de adolescentes. Aliás, não fiz nenhum levantamento estatístico junto à Secretaria Provincial da Educação sobre as escolas com elevado número de adolescentes para a partir de aí tomar decisão. Mas ela me traduz de algum modo um reconhecimento social pelo tempo que nela labutei, pela confiança com a direção escolar e antigos colegas que de eles recebi apoios e a fé de me corresponderem ao desafio da pesquisa. Isto me permitiu maior aproximação ao campo de pesquisa. Para além de que ela é uma instituição pública de ensino primário onde o número de adolescente é bastante notório e com eles alguma desconfiança de abertura para informações sobre a intenção de pesquisa tendo em conta os pressupostos avançados.

Desta maneira, na falta de dados estatísticos oficiais sobre o número da população de adolescentes em Cabinda que pudessem subsidiar nossa pesquisa, recorri àquela escola para conhecimentos iniciais. Nela, optei por uma amostra de

5% do total dos adolescentes de 12-18 anos matriculados no ano letivo em que a pesquisa exploratória foi feita.

A percentagem não é representativa tendo em conta o universo populacional de adolescentes de Cabinda que por nós é desconhecida. Por isso, não validamos estatisticamente estes dados, mas foi importante ter um desenho da população pesquisada. Mesmo que não seja representativa e não tenhamos tratado estatisticamente estes dados para que eles tenham validade num universo tão grande, eles, em geral, dão certa leitura sobre o fenômeno diante da ausência de dados oficiais.

Em fevereiro de 2013, desenvolveu-se tal sondagem de campo que permitiu um contato inicial sobre o tema de interesse e a possível redefinição do objeto de estudo. Essa sondagem de campo auxiliou a definição e delimitação do objeto, a desenvolvê-lo teórica e metodologicamente, a colocar as hipóteses, a escolher e escrever os instrumentos de operacionalização do trabalho, a pensar no cronograma de atividades, bem como a fazer os procedimentos exploratórios para a escolha do espaço e da amostra qualitativa.

A análise dos resultados da sondagem, como fase exploratória para elaboração desta tese, foi quantificada de modo a permitir a agrupação em tabelas das variáveis pesquisadas em relação ao uso de álcool por parte de adolescentes da escola em referência. Quer dizer, houve necessidade de uma visão preliminar e geral sobre o problema. E, para isto, usou-se de método matemático/estatístico para obtenção dos resultados.

Dos 81 jovens participantes da sondagem, 65% representam o sexo masculino e 35% o sexo feminino. Algumas variáveis como o sexo, a idade, a área de residência e a religião, foram cruzadas às informações quanto ao uso do álcool: consumo, com quem vive, venda na casa onde vive, o tipo de bebida que mais se vende e se consome, local, conhecimento do álcool na escola, participação em programas educativos, entre outros informes (Anexo 1).

### **2.4.1 Relativo ao sexo**

Diante disto constatou-se que em relação ao sexo, em ambos, há uma percentagem considerável que confirma o consumo de álcool com quem vivem (46% de meninos e 24% de meninas) e as respectivas vendas dentro das casas onde vivem (15% de meninos e 16% de meninas). Apesar de que a maior parte não confirmar a venda, o consumo é evidente de forma pouco frequente e bastante (23% em média). A cerveja é apontada como a bebida alcoólica mais vendida e consumida, tanto ao nível dos bairros no geral como ao nível de comunhão de teto, no particular. Assim sendo, a primeira vez em que cada um desses jovens provou bebida, foi em casa, com aprovação da família (12% de meninos e 11% de meninas) e fora dela com amigos, principalmente (32% de meninos e 9% de meninas). E quanto a sua aquisição, os jovens de qualquer idade que seja não encontram impedimento, o que tem favorecido principalmente o seu consumo dentro da casa com ou sem aprovação da família e fora de casa em companhia de amigos. Para tal, o gosto pelo consumo se relaciona a alguns efeitos evidentes, entre eles, para a prática sexual em maior escala (5% em média) e esquecimento de seus problemas de dia-a-dia, para os meninos (5%) e, efeitos de ressaca, para as meninas (7%). Todavia, alguns têm ouvido falar sobre questões ligadas ao álcool por parte de alguns professores da escola onde estudam, mas não na sua totalidade. Grande parte desses jovens, na razão de 93% (63% de meninos e 30% de meninas) nunca participou de algum programa educativo direcionado à prevenção do consumo de álcool por parte dos adolescentes.

### **2.4.2 Relativo à idade**

Foram distribuídas por grupos etários: menos de 15 anos, de 16-18 anos, de 19-21 anos, de 22-25 anos e com mais de 25 anos. Quanto ao consumo de álcool por parte das pessoas com quem vivem, todos eles afirmam que há o consumo de álcool na razão de 100%, 87%, 75%, 67%, e 45% respectivamente.

Quanto a venda nas casas, 67% de menores de 15 anos afirmam a venda de álcool nas casas onde residem, e, igual percentagem que já se ouviu falar de álcool na escola onde estudam, por meio de seus professores. Porém 33% ainda não teve oportunidade de ouvir falar do álcool na instituição de ensino.

A venda é também confirmada a 33% em jovens de 16-18 anos de idade, 30% em 19-21anos de idade e 36% em jovens com mais de 25 anos de idade.

Se na escola os professores já falaram alguma vez sobre o álcool, ao contrário das respostas de até 15 anos afirmarem não, os outros grupos tiveram o privilégio de ouvir falar do álcool, sendo 93% para os jovens de 16-18 anos, 70% para os jovens de 19-21 anos, 50% os da idade compreendida entre 22-24 anos, finalmente, 45% nos adultos com mais de 25 anos de idade. Ou seja, 13%, 32%, 50% e 54% ainda não tiveram a oportunidade de ouvir sobre o álcool na instituição de ensino onde estudam. Apesar disto, em termos de programas educativos para prevenir o consumo de álcool por parte dos jovens, desde o primeiro ao último grupo etário, apresenta resultados cuja percentagem maior é voltada para a resposta “não”: 100%, 53%, 70%, 100% e 81%.

Observou-se aqui, grosso modo, uma percentagem significativa de pessoas consumidores de álcool que são responsáveis pelos jovens e em cujas casas onde vivem se vende bebidas alcoólicas. Os professores falam de assuntos relacionado ao álcool, mas não de forma abrangente para todos os alunos ou em sala de aulas e nota-se uma significativa ausência de programas educativos para prevenir o seu consumo.

Relativamente ao local onde provou o álcool pela primeira vez, os menores de 15 anos afirmaram ter sido em casa com aprovação da família (33%) e fora de casa com amigos (67%). Os de idade compreendida entre 16-18 anos apontaram ter sido igualmente em casa com aprovação da família (40%), fora de casa com amigos (40%). Os jovens de 19 aos 21 anos também revelaram as mesmas respostas na razão de 11% e 48% respectivamente e acrescentaram “em casa escondido da família” (7%), e “fora de casa sozinho” (5%). Os outros jovens de 22 a 24 anos de idades indicaram em casa com a aprovação da família em 50% e fora de casa com amigos 33%.

Em relação aos jovens maiores de 24 anos, apontaram a casa com aprovação da família na razão de 27%, fora de casa com amigos em igual percentagem e próximo da escola com colegas da escola para 9%.

Entende-se que há aprovação da família para o consumo de álcool por parte dos adolescentes e jovens e a influência de amigos para este comportamento. Quer dizer, o uso de álcool está diretamente associado à família nuclear<sup>10</sup> dos menores e de grupo de amigos, fora de casa. Hoje, a maior frequência de consumo acontece em:

- a) para menores de 15 anos: fora de casa com amigos (67%);
- b) entre 16-18 anos: em casa com aprovação da família (13%), fora da casa com amigos (41%);
- c) entre 19-21 anos: em casa com aprovação da família (11%), em casa escondido da família (5%), fora de casa com amigos (32%) e fora de casa sozinho (9%);
- d) entre 22-24 anos: em casa com aprovação da família (50%) e fora de casa com amigos (33%); e)
- e) mais de 24 anos: em casa com aprovação da família (9%), fora de casa com amigos (27%) e próximo da escola com amigos (36%).

Os dados trazem à tona que a maior percentagem de uso de álcool acontece fora de casa, com amigos que é representado por jovens de até 18 anos de idade.

Para aqueles que deixaram e nunca beberam nas mesmas faixas etárias representam as seguintes percentagens: 33% (menos de 15 anos), 47% (16-18 anos), 43% (19-21 anos), 33% (22-24 anos) e 37% (mais de 24 anos). Em contra partida, o grupo etário que vai dos 16-18 anos de idade representa uma percentagem considerável entre os que nunca tinham tomado o álcool ou com a tendência de abandonarem depois de o terem provado com a aprovação da família ou por influência de grupo de amigos.

Em relação ao tipo de bebidas que mais se vende nos seus bairros, os mesmos grupos etários apontaram serem as bebidas alcoólicas nas seguintes percentagens: 100%, 93%, 93%, 50 e 100%. Os refrigerantes são apontados em

---

<sup>10</sup> Consideramos família nuclear aquela constituída por pai, mãe e filhos que vive em comunhão de teto.

0%, 7%, 6%, 16 e 0% e sucos em apenas 2%. Confirmada aqui a predominância de vendas de bebidas alcoólicas nos bairros da cidade de Cabinda.

Assim sendo, os jovens de até 18 anos (menos de 15 anos e de 16-18 anos) não encontram nenhum impedimento na compra de bebidas alcoólicas (100% e 67% respectivamente). Fato esse confirmado em 78% nos jovens de 19-21 anos, 50% nos de 22-24 anos e 55% nos jovens com mais de 24 anos. Isto demonstra a falta de fiscalização no comércio de bebidas alcoólicas aos menores de 18 anos de idade. Isto quer dizer, o consumo é evidente, de tal maneira que se observa a continuidade de consumo em alguns adolescentes jovens. Por exemplo, de acordo com os resultados, 41% de adolescentes de 16-18 anos fazem essa continuidade fora de casa em companhia de amigos e 13% na casa com ou sem aprovação da família.

#### **2.4.3 Relativo à área de residência**

A intenção de verificar os depoimentos anteriores em relação às áreas residenciais é premente. Dada a sua aproximação com o local de sondagem, foram incluídos três bairros: Gika, 1º de Maio e Madómbolo e aqueles não identificados em nenhum destes, foram classificados como outro.

No bairro Gika, 80% dos jovens apontaram que as pessoas com quem vivem consomem bebidas alcoólicas e 24% não fazem uso; porém, 40% dos mesmos jovens afirmaram a prática de venda de bebidas nas suas casas e 60% negam essa prática. Alguns ouviram falar sobre o álcool na instituição escolar (68%) e outros nunca (32%). Já 76% nunca tinham participado em nenhum programa educativo de prevenção ao consumo de álcool.

Para o bairro 1º de Maio, 70% das pessoas com quem os jovens vivem consomem o álcool e 30% não. Já 20% das casas daquela zona residencial vende álcool e 80% não vende; 60% já ouviram de seus professores sobre o álcool e 40% em nenhum momento ouviram falar. Contudo, sobre o programa educativo, 70% nunca tinham participado de evento desta natureza.

Em relação ao bairro Madómbolo, 71% de encarregados de educação são usuários de álcool e 29% não o são. Quanto à distribuição da venda, 24% sim e 76% não tem essa prática. Ouviram falar do álcool na escola com seus professores na razão de 76% e nunca ouviram disto na escola, 24%. No que diz respeito aos programas educativos, 86% nunca tinha participado do evento de natureza.

Relativamente aos outros bairros observa-se que, os pais dos jovens são consumidores de álcool (76%). No que toca a venda, 29% sim e 71% não. Por outro lado, 67% já tiveram alguma oportunidade de ouvir falar do álcool na escola por meio de seus professores e 33% nunca ter ouvido falar disto. Isto implica que, a maior percentagem nunca participou em nenhum programa educativo destinado a prevenção do uso de álcool.

*Grosso modo*, a análise desses depoimentos indica que, os três bairros apontados têm uma relevância do consumo de álcool por parte dos encarregados de educação. O bairro Gika representa a maior percentagem de venda domiciliar, seguido de outros (com destaque ao Povo Grande que representa 38% deles), Madómbolo e o 1º de Maio. Os jovens do bairro 1º de Maio são os que menos ouviram falar do álcool nas sessões com os seus professores. Implica com isto disser que há toda necessidade de se implementar programas educativos sobre o uso de álcool para os jovens dos referidos bairros.

O uso de álcool pela primeira vez para os jovens do Bairro Gika se deu em casa com aprovação da família (44%) e fora de casa, com amigos (56%); para o 1º de Maio, em casa com aprovação da família (30%) e fora de casa, com amigos (70%). No Madómbolo, em casa com aprovação da família (24%), em casa escondido da família (14%), fora de casa com amigos (24%) e fora de casa sozinho (5%). Um total de 33% não respondeu a questão. Com relação a outros bairros, em casa com aprovação da família (33%), fora de casa com amigos (38%), fora de casa sozinha (5%) e próxima da escola com colegas da escola (5%). Um total de 19% não respondeu à pergunta. Alguns que deixaram ou nunca beberam representam uma percentagem respectivamente de 28% para o Gika, 10% para o 1º de Maio, 43% Madómbolo e 24% para outros bairros.

Os resultados aqui apresentados revelam que o grupo de amigos e a família continuam a ter impacto no consumo de bebidas alcoólicas por parte dos jovens de Cabinda visto que, em todos os bairros apontados, a companhia com amigos seguida de aprovação familiar estiveram na base de uso do álcool pela primeira vez nesses indivíduos.

Atualmente a maior frequência do uso de bebidas alcoólicas acontece em: para o bairro Gika, em casa com aprovação da família (12%), escondido da família (4%), fora de casa, com amigos (44%). Para 1º de Maio, em casa com aprovação da família (10%), fora de casa, com amigos (40%), e sozinho (10%). No Madómbolo acontece em casa com aprovação familiar (10%), fora de casa com amigos (38%) e fora de casa sozinho (14%). Para outros bairros, em casas com aprovação da família (19%), escondido da família (14%), fora de casa com amigos (29%), próximo da escola com colegas da escola (10%).

Hoje em dia em relação aos bairros, a maior frequência do consumo de álcool nos jovens acontece fora de casa, com amigos com maior destaque para os bairros Gika, 1º de Maio, Madómbolo e por último os outros.

Um total de 76% dos jovens do bairro Gika não encontra nenhum impedimento na compra de bebidas alcoólicas, 60% do 1º de Maio, 81% de Madómbolo e 81% também de outros bairros. Apenas 10% e 4% nos bairros 1º de Maio e Madómbolo encontraram restrição na compra aos menores de idade. Assim sendo, os jovens dos bairros em abordagem não encontram nenhum impedimento na compra de bebidas alcoólicas, o que revela o seu consumo de forma livre onde e quando bem entendem. É a prova da falta da fiscalização.

Os programas educativos para aqueles jovens são desconhecidos, pois, 76% dos de bairro Gika nunca tiveram a oportunidade em atividades de gênero, assim como também os jovens dos demais bairros, 1º de Maio, Madómbolo e outros com as percentagens respectivas: 70%, 86% e 67%. Com isso percebe-se que a falta de programas educativos nos bairros afetos a sondagem é também muito elevada.

Os resultados desta sondagem indagam a certas situações muito sérias no que concerne ao uso/consumo do álcool, com quem vivem e repercutam na



vida da juventude. Nos bairros onde os alunos participantes deste processo de sondagem vivem, todos revelam problemas idênticos desde o consumo, a forma de aquisição, o primeiro contato com o álcool, a pouca informação sobre os efeitos de bebidas alcoólicas e a falta de programas educativos destinados a prevenção do álcool, entre outros. De acordo com a sondagem, o consumo parte de casa e se estende para outros meios com destaque ao ambiente extra-familiar em companhia com amigos. Há facilidade de aquisição do produto por qualquer faixa etária, o que revela a falta de políticas para controlo de vendas e consumo de álcool. As informações ao nível da escola não têm efeitos nem cobertura para todos os alunos. São os jovens, para esse caso, a camada mais vulnerável desse processo de disseminação do álcool por meio da socialização com o mesmo interferindo de forma negativa nas suas vidas. As consequências parecem ser tratadas de forma abrangente pela escola.

Com isso tendem a consumir o álcool para efeitos de práticas sexuais (5%) de forma muito elevada, ajuda no esquecimento de problemas do seu quotidiano (5%), ajuda na tomada de certas decisões (18%). São decisões de diversas atitudes conforme o contexto o exija, podem ser, de entre elas, roubos, atos de delinquência, de vandalismo, de agressões físicas e morais, da desistência escolar, provocações, enfim.

#### **2.4.4 Relativo à Religião**

Sem recurso a juiz, são duas religiões de maior predominância nesta parcela de território angolano: a católica e a evangélica/protestante. Nos parece que programas possam ter impacto no comportamento de uso álcool pelas camadas juvenis de Cabinda tendo em conta o papel das Igrejas como instituições sociais. Quanto à religião católica, os dados relativos a bebidas alcoólicas apontam que as pessoas com quem vivem consomem álcool (83%) e alguns não consomem (17%); nas casas onde os jovens vivem 37% afirma ser locais de venda e 63% não vive dessa prática. Quanto aos comentários dos professores sobre a bebida alcoólica, 63% já ouviu falar de seus professores e 37% nunca ter ouvido e, em relação à participação em palestras sobre o consumo

de bebidas alcoólicas, 32% já participou e 68% nunca afirma nunca ter participado.

Para a religião evangélica/protestante, o cenário de uso de bebidas está na razão de 72% e 28% para os que não usam. Já 24% vendem bebidas alcoólicas e 76% não vendem. Um total de 72% já ouviram comentários de seus professores e 28% em nenhum momento ouviu falar disto. Quanto aos programas educativos, 24% sim e 76% nunca tinha participado.

Os jovens que não são católicos nem protestantes, mas afetos a outras religiões afirmaram que 44% de seus encarregados de educação consomem bebidas alcoólicas e 56% não consomem. Há práticas de venda de bebidas nas casas que corresponde a 22% e outros não vendem na razão de 78%. Ouviram falar do álcool com seus professores nas escolas (61%) e nunca ouviram, 39%. Relativamente aos programas educativos, 33% já participaram em algum momento e 67% nunca participou.

Aqueles que não se identificaram com nenhuma religião, 100% apontam o consumo de álcool entre os responsáveis com quem eles vivem; 33% vende e 67% não vende. Outros já ouviram comentários sobre o álcool com seus professores (67%) e uns, em nenhum momento tiveram oportunidade de refletir sobre o assunto (33%). No que tange aos programas educativos, 100% nunca participou.

Os indivíduos que não se identificaram com alguma religião predominaram no mercado de consumo de bebidas alcoólicas e em seguida os católicos, evangélico-protestantes, e outras religiões com destaque a congregação “Jeová” que mais se destacou entre as outras religiões.

Há maior relevância de vendas de bebidas alcoólicas nas casas dos católicos, seguida daquelas que não se identificam com nenhuma religião. Seguem-se as dos evangélicos e por último as de outras religiões (a Jeová com maior representatividade, 35% delas).

Em contrapartida, os evangélicos tiveram maior chance de ouvir falar do álcool com seus professores e por último os jovens que fazem parte de outras religiões. Nenhuma pessoa dos que fazem parte de alguma religião teve

oportunidade de participar em algum evento preventivo sobre o consumo de álcool. Quer dizer, não há participação de seus membros em programas destinados a prevenção do consumo de álcool.

Quanto ao tipo de bebidas, os católicos apontam a cerveja como sendo a bebida mais consumida (65%), seguido de vinho (28%), uísque e aguardente (7%). Para os evangélicos/protestantes, a cerveja é apontada para 64% seguida de vinho (28%), uísque e aguardente a 8%. Os dados revelados por outras religiões apontam para cerveja como a primeira preferência (54%), seguida de vinho (36%) e por último o uísque (10%). Dentre aqueles que não professam nenhuma religião, constata-se na mesma ordem cerveja, vinho, uísque e aguardente.

Ora, a reflexão a respeito mostra que, a cerveja é apontada como a primeira preferência seguida de vinho e por último as bebidas destiladas. Desta constatação, independentemente de fazer parte ou não de alguma afiliação religiosa, estes jovens já são consumidores de álcool.

Quanto ao nível de vendas pelos católicos, 34% é predominantemente cerveja, seguida de vinho, 12%; uísque 3% e aguardente 3%. Por parte dos evangélico-protestantes, a cerveja está nas cifras de 24%, vinho em 4%, uísque e aguardente na razão de respectivamente 8% e 4%. Os de outras religiões, 22% a cerveja, o vinho 6% e uísque 6%. Quanto aos não pertencentes a alguma religião, apontam os destilados como é o caso de uísque a 33% como bebidas que são bastante vendida nas suas casas.

Entre as bebidas mais vendidas destacam-se as alcoólicas sendo a cerveja a primeira opção seguida de vinho, uísque e aguardente. A cerveja representa 80% das bebidas mais vendidas. Os religiosos católicos são os que mais bebidas vendem nas suas casas, seguidos de evangélico-protestantes e de outras religiões. O vinho a 22%, uísque a 17% e aguardente a 13%.

Em relação ao uso pela primeira vez, os católicos apontam tê-lo feito em casa com aprovação da família a 29%, fora de casa com amigos a 49%, fora de casa sozinha a 3% e próxima da escola com colegas a 3% e, 14% nunca bebeu álcool. Um total de 2% não respondeu. Os evangélicos/protestantes 16% com

aprovação da família, 8% em casa escondido da família, 32% fora de casa com amigos e 44% nunca ter feito o uso de álcool. As outras religiões aparecem com aprovação da família em 22%, em casa escondido da família em 6%, fora de casa com amigos em 39%, fora de casa sozinho em 6% e 22% nunca bebe. Já 5% não respondeu.

Ora, os dados refletem que a igreja católica é a que mais se destaca na aprovação do uso de bebidas alcoólicas aos seus seguidores, seguida de outras religiões e por fim, a evangélica/protestante. O consumo em casa escondido da família é identificado pelos evangélico-protestantes na primeira escala, seguida de outras religiões. Os católicos não se escondem do meio familiar.

Em relação ao uso de álcool fora de casa, com amigos, o cenário é relevante em católicos com maior percentagem, seguida de outras religiões e por último os evangélicos/protestantes. Alguns desses jovens, como é o caso de católicos, foram privilegiados ao brinde pela primeira vez com colegas da escola, próximo da escola e no caso de outras religiões, fora de casa e sozinhos. Os evangélicos destacaram-se no uso álcool em casa escondendo-se das respectivas famílias seguidos de outras religiões.

Com isto a continuidade de consumo de bebidas alcoólicas hoje em dia é feita, para os católicos em casa com aprovação da família na razão de 17%, em casa escondido da família 10%, fora de casa com amigos a 35%, fora de casa, sozinho a 13% e 25% nunca ou deixou de beber.

Para os evangélico-protestantes, em casa com aprovação da família a 12%, em casa escondido da família a 8%, fora de casa com amigos 32% e fora de casa sozinho a 4% e nunca bebeu 44%.

Quanto a outras religiões, o consumo em casa com aprovação da família ocorre em 6%, fora de casa com amigos em 33% e nunca bebem 61% e para aqueles que não se identificam por alguma religião, assumem o consumo fora de casa com amigos a 67% e 33% que nunca bebeu.

A reflexão a respeito deste item mostra que há considerável percentagem de consumo de bebidas alcoólicas fora de casa, com amigos, representado fundamentalmente por aqueles jovens não afiliados em alguma religião. Seguem-

se-lhes os católicos, os evangélico-protestantes e finalmente, as outras religiões. Os evangélico-protestantes são os que mais bebem nas casas escondendo-se dos demais membros da família, seguidos por alguns católicos. Quanto ao consumo com aprovação familiar, a maior percentagem é representada por católicos e em seguida pelos evangélico-protestantes e por último os da outra religião.

Grosso modo, a maior frequência de consumo de álcool pelos jovens quer seja afiliado a uma religião ou não, acontece fora de casa em companhia com os amigos e uma prevalência de consumo, com aprovação ou sem aprovação da família e afinal fora de casa de forma singular. No final desta constatação percebe-se que religiosos ou não, consomem álcool pela facilidade de permanente contato com o produto, pois, em qualquer espaço onde a prática de vendas acontece, os jovens afetos a diferentes religiões, indicam que não encontram nenhum impedimento em comprá-las. Descobriu-se com esta afirmação que os católicos anunciam 74%, os evangélico-protestantes 68%, outras religiões 56% e nenhuma religião 67%. Contrariamente a isso, descobre-se entre católicos apenas 14% que nunca compram, entre os evangélico-protestantes, 32% e entre as outras religiões 39%.

Nos bairros, tanto católicos, evangélico-protestantes, outras religiões ou nenhuma, a maior percentagem aponta que nunca encontrou impedimento na compra de alguma bebida alcoólica. Deste modo, percebe-se a proliferação de compras e venda de bebidas alcoólicas sem que seja exigida alguma documentação que comprove a sua idade.

No que toca a participação em programas de prevenção do consumo de álcool entre os jovens, os 34% de católicos já participou em algum lugar, 24% de evangélicos confirmam a sua participação em qualquer espaço e 29% de membros de outras religiões também já teve alguma participação em algum momento da sua vida. Compreende-se que a participação em programas que visam prevenir o consumo de álcool, para aqueles que não pertencem a alguma religião e os evangélico-protestantes constituem a maior percentagem de entre os que nunca participaram em nenhum programa destinado a prevenção do consumo de álcool. Em outras palavras, a participação dos católicos em algum

programa de prevenção do uso de álcool é superior, seguida de membros de outras religiões e por fim os evangélico-protestantes.

Ao cume conclusivo o uso/consumo de álcool em Cabinda é uma prática cultural, pois, tanto as áreas de residências, religião, o primeiro gole ou ingestão e subsequentes vezes acontecem com a influência ou aprovação familiar. Nas casas, a prática de vendas é comum em todos os bairros como formas de auto-sustento, pois, do dinheiro que da venda de bebida se obtém participa da criação dos filhos, sejam eles católicos, evangélico-protestantes ou não.

De realçar que, muitas dessas famílias deparam-se com enormes dificuldades sociais e econômicas e a sua experiência cotidiana revela que é dessas dificuldades, na tentativa de sobrevivência é que encontram saídas por meio de venda de bebidas, preferencialmente, cerveja, vinho e destiladas pelo escoamento fácil no mercado de consumo. Por isto é que se denota que mesmo cruzando os dados, os resultados são comuns: modo de aquisição, local de aquisição, o consumo pela primeira vez e outras subsequentes, identificação ou não de alguma religião. Porém, acima de tudo para o povo de Cabinda, o consumo começa desde muito cedo, pois, é uma prática cultural muito popular. Daí a necessidade de lembrar algumas particularidades sócio-culturais de Cabinda para uma melhor compreensão epistemológica.

Diante deste possível quadro sobre o consumo de álcool por parte do jovem da sociedade cabindense, em especial, dos matriculados na Escola do Ensino Primário Comandante Gika, interessa saber que efeitos subjetivos têm o álcool na constituição psíquica de adolescentes e qual é o papel da escola na sensibilização e na formação dos jovens para esse consumo.

## **2.5. Cabinda: origem do termo e a visão geopolítica e administrativa**

O termo Cabinda surge da associação de duas palavras: MafuCa e Binda, agentes comerciais. MafuCa agente de estimada confiança dos reis a quem competia o controlo de todo o comércio na região. É ele quem servia do papel de

intermediário particularmente com os europeus. Binda era o nome de um dos agentes envolvidos no processo juntamente com o MafuCa. A associação destes dois nomes, com a supressão das duas primeiras sílabas do primeiro nome (MafuCa) anexado ao segundo nome (Binda), deu origem o termo “Cabinda” (CABRAL e BORGES, 1998).

Com uma superfície de 7300 km<sup>2</sup> é uma das regiões mais ricas de Angola. Encontra-se separado do resto do país pela foz do rio Congo, também conhecido de rio Zaire. O espaço territorial é delimitado por pelos paralelos 4° 25' e 5° 45' de latitude sul e pelos meridianos 12° e 13° de longitude Este. Separado do resto do país, faz fronteira com o Congo ao Norte e Nordeste; a Oeste com o oceano Atlântico e a Sul e Sudoeste com a RDC (CABRAL e BORGES, 1998), tal como se observa na Fig. 1.

De acordo a estes autores, sua configuração geograficamente original é fruto de acordos com as potências coloniais europeias do séc. XIX providas da conferência de Berlim de 15 de novembro de 1884 a 26 de Fevereiro de 1885. Os contatos iniciais com o território de Cabinda por parte dos europeus e portugueses deram-se entre 1482 e 1484 na altura em que o navegador Diogo Cão faz seu percurso marítimo até a foz do rio Zaire (Congo) fruto da preocupação de chegar à Índia, local de interesse.

Ainda com estes autores, com as viagens ultramarinas, vários povos, portugueses, brasileiros, cubanos e espanhóis visitaram a costa africana tendo descoberto Cabinda, um importante centro de tráfico de escravos da região. Disto com a instalação de feitorias na costa marítima aprofundam-se as relações comerciais por ambas as partes entre os 1820 e 1830 sendo o óleo de palmo produto de maior destaque com valor de mercado.

Portugal sofria pressões por parte de outros países colonizadores. É destas pressões que no séc. XIX foi diminuindo o tráfico de escravos. Com essa diminuição, abrem novas perspectivas que se consubstanciaram em rotas marítimas para Luanda e S. Tomé. Essas rotas trás uma nova era para o povo de Cabinda, pelas suas capacidades, na altura, de navegação marítima. Por isso são aproveitados para atividades de exportação. O período marca então uma nova era histórica de Cabinda com a ocupação colonial e a delimitação territorial.

A delimitação do enclave de Cabinda, surge, desta forma, na seqüência da corrida para a África nos finais do séc. XIX resultante de vários tratados que Portugal celebrou com outros países colonizadores e com as elites da região. De facto, os direitos de Portugal sobre aquele território vêm a ser reconhecidos inicialmente pela Inglaterra, em 1884, por meio do tratado do Zaire, o qual, não tendo, porém, sido aceite pelas outras potências coloniais, veio a servir, contudo, como instrumento diplomático de pressão para a realização da Conferência de Berlim (1884/85) [...] certo é que durante a conferência Portugal viu praticamente intactas as suas pretensões coloniais. Ficaram deste modo, definidos os contornos do enclave de Cabinda, sendo determinadamente estabelecidas mais tarde as suas fronteiras a norte pela Convenção Franco-Portuguesa (1886) e a sul por meio do Protocolo Luso-Bela (1913)” (CABRAL e BORGES, 1998, p. 58).

A província tornou-se alvo das grandes potências coloniais. Portugal, temendo perder Cabinda, fez assinar tratados dos Cabinda: Chimfuma em 29 de setembro de 1883, Chicamba em 20 de dezembro de 1884 e Simulambuco em 1 de fevereiro de 1885.

Em tais tratados invocam-se relações mantidas com Portugal no que concerne ao comércio, hábitos e a linguagem. É neste contexto em que Cabinda é colocada na soberania portuguesa partilhando as várias autoridades locais e a partir de então, associado aos outros povos de Angola.

Diversas situações são impostas pela administração colonial. Como resposta houve a necessidades de defesa da colônia que começa a fazer-se sentir com a emergência dos movimentos de Libertação de Angola. Com isto, Angola, em 1961 começa a luta de Libertação Nacional com assalto às prisões de Luanda que, de forma gradual se foi estendendo para o resto do território, tendo sido sediada uma região militar do MPLA, Movimento Popular para a Libertação de Angola em Cabinda no ano de 1963.

Angola atinge a sua independência em 11 de novembro de 1975 e consagra na constituição a unidade territorial do país. É no quadro dessa nova realidade política que Cabinda se torna uma das dezoito províncias de Angola (CABRAL e BORGES, 1998).

Cabinda é uma província composta por quatro municípios, Cabinda, Cacongo, Buco-Zau e Belize (de Sul ao Norte). A sede da província é Cabinda,



capital com o mesmo nome. A província é rica em madeira e minérios, tais como, petróleo e participa no desenvolvimento do país.



Fig1 Cabinda no contexto geográfico em África

Fonte:

[https://encrypted-tbn1.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcTTWsN4iEskpj03uDpen1\\_3K4KTfKWMsngpwVOZZxWvCICqXRE9](https://encrypted-tbn1.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcTTWsN4iEskpj03uDpen1_3K4KTfKWMsngpwVOZZxWvCICqXRE9) Acessado aos 10.06.2015 =20h29'

## 2.6. Cabinda: visão sociocultural<sup>11</sup>

Cabinda tem seus usos e costumes que os caracteriza e determina suas atitudes. De entre tais, as suas manifestações culturais nas quais, as normas sociais são assentes nos seus valores e sua riqueza espiritual. Entram na definição de tal cultura os provérbios, as adivinhas, as fábulas, as lendas. A destacar também as instituições sociais, as manifestações artísticas e religiosas, as crenças e os valores que concorrem para a identidade e as manifestações sociológicas do povo Binda.

<sup>11</sup> Para mais detalhes, cf. entre outras fontes: VAZ, José Martins: Filosofia Tradicional dos Cabindas. Agência ultramar (2 volumes), 1969; MARTINS, Joaquim: Cabinda. Histórias. Crenças. Usos e Costumes. Câmara de turismo de câmara municipal de Cabinda, Cabinda, 1979.

“Podemos nomeadamente referir os provérbios, as danças (“mayeye”, “matáfala”, “baina”, “matshatsha”, e “dibongo”), os ritos de “bakama” (de purificação da terra manchada pela má conduta dos homens e de reconciliação destes com o espírito protector do lugar ou do valor desprestigiado e de exaltação da sacralidade da terra e da vida), de “nuikini bakulu” (“dar de beber” aos antepassados com vista a apaziguá-los e a reconciliá-los com os seus protegidos), de “vunga” (rito fúnebre com o qual, imitando os seus ditos e atitudes peculiares, com galhofas e festas, os netos se despedem dos seus avós no seu leito de morte), os ritos de iniciação (tshikumbi) [...]” (CABRAL e BORGES, 1998, p. 24)

Algumas famílias têm uma forma cultural de confirmação de paternidade já desde muito cedo por meio de certas práticas, o chamado *itungu*. O termo é de difícil tradução literal. Mas o conceito sociocultural surge de dúvidas ou incertezas sobre o verdadeiro pai biológico de um determinado filho. Nessa incerteza o bebê é levado à pessoa de idoneidade reconhecida, da linhagem familiar para testar a criança por intermédio de composição de algumas folhas moídas à palma de mão e postas a um pires ou prato raso. Aí se coloca algum volume de álcool invocando alguns dizeres que simbolizam o ato. De acordo a estas práticas, se o filho for do verdadeiro pai que se identifica com aquelas práticas culturais da família então ele viverá. Ao contrário, o filho morrerá.

Segundo alguns ancestrais o método visava disciplinar as senhoras da prostituição, já que, naquela altura, apesar de não ser tão visível como hoje em dia, a infidelidade, em certos casos era uma prática comum, mas muito discreto. Mas como se desconfiava de desvio amoroso então foi uma forma de controlo social.<sup>12</sup>

Associado a essas manifestações culturais o uso de bebidas alcoólicas esteve sempre presente. Diante desta realidade, à luz da pesquisa exploratória observa-se que o uso de bebidas alcoólicas está presente mesmo até entre os religiosos, vendidas em casas residenciais e cuja aquisição é feita sem restrições. Isto é verificado da pesquisa exploratória em relação as áreas de residência, religião, sexo e idade que revelam a relevância do uso de álcool no contexto cultural de Cabinda.

---

<sup>12</sup> Por infeliz acaso não tivemos nenhuma fonte escrita para sustentar a nossa afirmação, mas sabe-se que tais práticas ainda reinam em algumas famílias de Cabinda

Os programas escolares não dão cobertura e ainda que isso se desse, achamos que teria pouco valor na vida destes jovens devido ao impacto que o fenômeno ocupa na vida do povo, por isso, entende-se que é uma realidade cultural.

### 3. PESQUISAS SOBRE OS ADOLESCENTES E O ÁLCOOL

O processo a que este capítulo se propõe consubstancia alguns artigos publicados que subsidiam a nossa tese com informações a respeito de adolescentes consumidores de álcool. Ou seja, trata-se de uma revisão bibliográfica de trabalhos já realizados nesse campo e de seus resultados principais, de modo a apresentar ao leitor o estado de conhecimento sobre o tema em vários artigos publicados.

Rozin (2012) inicia em busca de saber quais as evidências encontradas na literatura sobre os fatores de risco para dependência do álcool em adolescentes, com conhecimentos produzidos entre os anos 2000 e 2009. A metodologia usada, que consistiu na consulta bibliográfica em base eletrônica para artigos publicados em três línguas (português, inglês espanhol), permitiu utilizar palavras-chave como adolescência, risco para dependência e álcool. As referências consultadas apontam que o álcool era a droga mais consumida entre os adolescentes, com fatores de risco diversos: genéticos, sociais e ambientais, intrínsecos e extrínsecos com a seguinte descrição: influência da mídia, relacionamento com os pais, uso de álcool na família, curiosidade e pressão dos amigos, abuso sexual e baixa autoestima.

Ferreira *et al.* (2010) partiram, assim como os outros autores, de um problema no seio da adolescência: para estes, o consumo de tipo *bing drinking*, ou seja, o consumo de várias bebidas alcoólicas numa só ocasião, aumenta o risco para a saúde e implica em acidentes de trânsito e relações sexuais desprotegidas. Diante disso, a pesquisa foi desenvolvida em cinco escolas públicas do distrito do Porto, em Portugal, com adolescentes dos 15 aos 19 anos de idade (608 alunos no total) e frequência do Ensino Secundário. Foi usado o método de estudo descritivo, exploratório de tipo transversal e, no que tange ao questionário, determinou-se quarenta e cinco perguntas de tipo fechadas, abertas e mistas, com aplicação de pré-teste e aplicação do questionário após autorização. Para análise, utilizou-se a estatística inferencial e análise de conteúdos, observando-se que houve uma percentagem significativa de consumidores de álcool (42,6%) e que 73,5% destes começaram a utilização

entre os 14 e 16 anos de idade. A média de idade para início de consumo foi de 14 anos. As bebidas mais consumidas pelos estudantes, independentemente do gênero, foram as destiladas. Os espaços preferenciais de maior frequência foram os locais públicos (discotecas, cafés, restaurantes, bares representando 68,8% das escolhas), seguidos pela casa e locais públicos (24,1%) e, por fim, apenas pela própria casa (7,1%). Quanto ao grau de parentesco, ressaltaram amigos como companheiros mais frequentes para o consumo de bebidas alcoólicas (16,4%); com familiares ou amigos (6%) vindo em segundo lugar e apenas familiares em terceiro (1,8%). 41,1% já se embebedou associando o álcool com o tabaco. Igual percentagem apontou o início da vida sexual, depois de alcoolizado.

Houve maior percentagem de ingestão de álcool entre aqueles que fumam e existência de relação estatística muito significativa entre o início da vida sexual e o consumo de álcool pelos adolescentes. No grupo de inquiridos que consomem bebidas alcoólicas, a maior percentagem já iniciou a vida sexual.

Sampaio Filho *et al.* (2010) criam um estudo exploratório e descritivo com destaque para a abordagem qualitativa em dez estudantes de 14 a 19 anos de idade de uma escola pública em Fortaleza, no estado brasileiro do Ceará. Partindo do problema do consumo do álcool, que deve ser entendido não só pela sua prevalência mas também pelos fatores que influenciam este tipo de comportamento nos adolescentes. Para a coleta de informações, os tópicos foram fornecidos pelo pesquisador aos aplicadores, previamente treinados. Implementou-se oficinas e grupos focais divididos em temas centrais: características do adolecer; DST e Vírus da Imunodeficiência Adquirida (HIV); efeitos do álcool sobre o comportamento sexual; mídia e sua influência na sexualidade do adolescente. Os resultados apontaram o reconhecimento do risco entre o consumo de álcool e o comportamento sexual; destacaram o ato de beber como elemento que facilita as relações entre os pares e apontam a influência da mídia neste processo. *Grosso modo*, houve presença de riscos quando alcoolizados, com destaque para os acidentes, e maior coragem para certos atos, como a paquera. A influência do ambiente familiar e social foi revelada nesta pesquisa, assim como, no campo cognitivo, a dificuldade de usar o raciocínio formal, a dificuldade de fazer escolhas racionais em longo prazo e a dificuldade de refletir todas as implicações dos seus atos.

Na sequência da abordagem sobre o álcool em adolescentes, Amaral *et al.* (2009) levantaram a questão de a sociedade atribuir menos peso ao uso de bebidas alcoólicas por adolescentes. Para isso, focalizaram estudos em adolescentes dos 14 a 18 anos de idade (600 indivíduos no total da amostra) de escolas do Ensino Médio públicas e privadas situadas nos estados do Rio Grande do Sul e da Paraíba. Desenvolveram a pesquisa e elaboraram questionário sociodemográfico com variáveis como idade, sexo, etnia, religião, escolaridade, situação socioeconômica e trabalho; seguido do questionário para medir os aspectos relacionados ao consumo do álcool e do inventário de expectativas e crenças pessoais acerca do álcool. Autorizados pela direção escolar, aplicaram pré-teste antes da pesquisa para corrigir certas lacunas. Os resultados da pesquisa revelaram bom relacionamento com os pais; que a maioria dos adolescentes é religiosa (85%), 60% sendo católicos e 13%, evangélicos. 82% afirmaram ter experimentado bebida alcoólica, dos quais 53% referiram o uso contínuo. A iniciação deu-se entre 11 e 13 anos para 49% da amostra e entre os 14 e 16 anos, para 38%. O uso ocorreu na presença de amigos para 54%, na presença de familiares para 23% e na presença dos pais, para 21%. O consumo de álcool em família foi relatado em 76% dos casos. As festas (72%) e reuniões de amigos (11%) foram as ocasiões em que mais fizeram o uso de bebidas alcoólicas, entre as quais a cerveja (61%), o vinho (18%) e os destilados (21%), com frequência de uma a cinco vezes mensais (36%). Como principais consequências do uso de álcool foram citadas a “ressaca” (22%), comportamentos inadequados (23%), acidentes de trânsito (2%) e práticas sexuais de risco (3%).

O artigo de García *et al.* (2008) também apontou o consumo de álcool e tabaco entre adolescentes e utiliza o desenho descritivo de correlação, com a finalidade de descrever as relações dos conceitos da conduta antissocial e do consumo de álcool em adolescentes (1.221 indivíduos na amostra) no processo de escolarização em algumas escolas do segundo grau da primeira à terceira série de Monterrey, Nuevo León (México). Foram utilizados três instrumentos para coleta de dados: *Teenage Inventory of Social Skills* (TISS); Questionário de Identificação de Transtornos por uso de álcool (AUDTI) e antecedentes sobre uso e dependência ao consumo de álcool nos adolescentes. Os principais resultados

apontaram que os estudantes do sexo masculino apresentavam valores mais altos da conduta antissocial quando comparados com estudantes do sexo feminino. Com relação ao nível de escolaridade, não se encontrou diferenças significativas nas condutas antissociais. Quanto à proporção de consumo de álcool em adolescentes, evidenciou-se que mais de 40% dos estudantes consumiram álcool alguma vez na vida, enquanto 20% relataram ter consumido álcool no último ano e mais de 13,3% relataram consumo de álcool no mês anterior à aplicação do instrumento de avaliação. Para a variável idade, os participantes mostraram diferenças estatisticamente significativas com relação ao consumo de álcool alguma vez na vida, tendo sido observada uma maior proporção no consumo de álcool em adolescentes de 15 anos de idade. Foi verificado que 34,7% apresentavam um consumo de risco e, desses, 14,8% refletiam sintomas de dependência. Cerca de 30% dos participantes manifestaram danos relacionados ao consumo de álcool. Foi evidenciada a relação positiva e significativa da conduta antissocial com o consumo de álcool, indicando que, quanto maior a pontuação na conduta antissocial, maior o consumo de álcool nos adolescentes escolares.

Reis (2008) realizou um estudo quantitativo, explorador e descritivo que consistiu em elaborar um questionário com perguntas fechadas que possibilitou caracterizar o hábito do consumo de bebidas alcoólicas nos adolescentes em escolarização de 10 a 18 anos (60 indivíduos na amostra) do colégio estadual do ensino fundamental e médio do município de Nova Aliança do Ivaí - PR. As respostas dos dados coletados nas salas de aula (na ausência do professor) foram tabeladas e sua interpretação relacionada com estudos anteriores sobre a questão de consumo de bebidas. Categorizou-se os resultados de acordo com as características sociodemográficas, do perfil do consumo, da frequência e da distribuição do consumo. Um total de 75% dos adolescentes afirmou que seus familiares fazem uso do álcool, enquanto 25% não possuem história de uso de álcool na família. Entre os adolescentes, 50% fazem uso do álcool. A maioria (76,7%) iniciou o consumo entre os 10 e 14 anos de idade, enquanto para 23,3% este início se deu entre os 15 e 18 anos. Entre as causas indicadas: incentivo da família (13,3%), por iniciativa própria (6,4%), incentivo dos amigos (20%) e por outros motivos (3,3%). Em relação ao uso que ocorreu por incentivo familiar,

42,6% disseram ter consumido a bebida na própria residência, 26,5% na casa de amigos, 18% em bares ou casas noturnas e 12,9% em outros locais (festas, casas de parentes). As bebidas de maior preferência foram a cerveja (96%) e o vinho (83%).

Vieira *et al.* (2008) não se distanciaram dos mesmos problemas levantados nos artigos anteriormente expostos, declarando a presença não só do consumo do álcool mas também do tabaco e de outras drogas pelos adolescentes. Partiram de pesquisas anteriores em Gravataí – RS, e fizeram um estudo transversal a partir dos estudos realizados em 2005 no mesmo município à população estudantil (adolescentes de 13 e 15 anos de idade) das escolas públicas do ensino fundamental. Os resultados apontaram que 60,7% dos adolescentes já fizeram uso de bebida alcoólica pelo menos uma vez na vida e que a idade média para o primeiro contato foi de 11,7 para o álcool e 13 para outras drogas. Já 51% apontaram o uso em casa pelo menos uma vez na vida, enquanto 70,8% afirmaram que pelo menos um dos pais consome a bebida. 30,7% relataram já ter bebido em casa com a família; 34,5%, com amigos; 34,5% experimentaram e deixaram de beber. Entre as consequências do consumo da bebida, as brigas e o absentismo escolar foram reveladas para 10,5% da amostra nos trinta dias que precederam a pesquisa. Um total 48% dos jovens que experimentaram a substância relataram ter pais que fazem uso de bebidas alcoólicas em comparação com aqueles cujos pais não as consomem.

Alavarse *et al.* (2006) partiram do problema da existência do consumo de álcool por parte dos adolescentes com uma metodologia que consistiu em selecionar alunos das escolas públicas e privadas do município de Apucarana – PA entre 13 e 19 anos de idade. Optaram pela amostra aleatória (total 976 alunos), com um nível da confiança de 95% e margem de erro de 5%. A entrevista com os alunos selecionados aconteceu em uma das salas de aula, escolhida para o efeito. Para a avaliação dos resultados, foi utilizada a análise estatística simples. Quanto a estes, apontaram que a grande maioria dos jovens analisados consome álcool desde muito cedo, entre os 8 e os 14 anos. O primeiro contato aconteceu no seio familiar, no lar e em companhia dos pais. Entre os fatores associados a este consumo estavam a origem biológica, psicológica, sociocultural ou a interação destas. Por outro lado, o fácil acesso ao álcool, causado pelo baixo



preço, pela falta de fiscalização, aceitação da sociedade e pela publicidade pode ser responsabilizado por esse alto consumo de álcool em idade cada vez mais precoce. O resultado revelou ainda que 54,7% dos estudantes consome a bebida de forma considerada leve (de um a dois copos por vezes ou aos fins de semanas), 14%, moderada (três a cinco copos por vezes ou aos fins de semanas) e 14,5%, pesado (um a dois copos todos os dias).

Souza *et al.* (2005), ao partirem do problema da ingestão excessiva do álcool nos adolescentes, fizeram estudos transversais em adolescentes da rede estadual do ensino fundamental no município de Cuiabá – MT. Para tal, basearam dos estudos anteriores, de 1998 do mesmo município. Estabeleceram uma população com indivíduos dos 10 aos 20 anos de idade, trabalhadores e não trabalhadores. Usaram o método estatístico sistemático, por meio do sorteio, em dois estágios: baseados no ensino fundamental, médio e EJA e sorteio de probabilidade proporcional ao tamanho de cada conglomerado (turma). A definição da amostra baseou-se em parâmetros como a existência de prevalência do consumo de qualquer droga na vida entre os trabalhadores e considerou o nível de confiança de 5%. As variáveis de investigação foram o alcoolismo, o trabalho e a família, com as respostas sim/não para o uso de álcool e, para o alcoolismo, positivo/negativo. Diante disso, os resultados revelaram que 71,3% da amostra faz uso de bebidas alcoólicas (cerveja ou chope sendo a mais consumida), tanto para os trabalhadores (81%) como para os não trabalhadores (65,8%). São preocupantes os resultados alcançados em relação à idade média de início de consumo entre os trabalhadores (13 anos) e não trabalhadores (12 anos). O uso do álcool mostrou-se associado à idade, nível socioeconômico alto, não morar com os pais e possuir história de álcool na família. Em relação ao alcoolismo, 13,4% da amostra total responderam positivamente – 14,9% entre os trabalhadores e 12,6% entre os não-trabalhadores. Houve maior predominância de alcoolismo entre os trabalhadores do sexo masculino (16,5%), não adeptos da religião católica (16,4%) e, entre os não-trabalhadores, aqueles de nível socioeconômico inferior.

Os estudos realizados por Pechansky *et al.* (2004) foram fundamentados em constatações problemáticas consideradas dicotômicas entre a proibição de venda de bebidas alcoólicas para menores de 18 anos e a aceitação do consumo

da bebida entre estes jovens. Ou seja, a existência de uma atitude paradoxal: a condenação do ato, de um lado, e o estímulo do consumo por meio de propaganda, do outro. Os autores deram atenção às características epidemiológicas e aos fatores etiopatogênicos do uso do álcool em adolescentes. Os resultados mostraram que o uso de álcool em adolescentes trazia claras consequências orgânicas e comportamentais. Na estrutura do desenvolvimento da personalidade do jovem, o uso de álcool nesta faixa etária ainda é, paradoxalmente, combatido e valorizado, dependendo do ângulo em que o fenômeno seja observado: pela mídia e para os pares, o consumo de álcool é favorecido. Pela lei e pelos programas de saúde pública, ele é combatido. Observa-se, assim, o embate entre forças frequentemente desiguais: encontra-se um indivíduo com a personalidade em formação navegando metaforicamente entre marés com correntezas opostas. Entretanto, independentemente das forças em questão, um ponto é inquestionável no que diz respeito ao consumo de álcool por adolescentes: quanto mais precoce o início de uso, maior o risco de surgirem consequências graves para o indivíduo. Os pesquisadores chamaram os profissionais que lidam com este tema a estarem atentos a esta questão e conhecerem as particularidades da adolescência e da dependência química nesta faixa etária.

Soldera *et al.* (2004), a respeito do consumo de álcool pelos adolescentes e dos fatores ligados a este consumo, optaram por uma metodologia de estudo transversal e uma técnica de amostragem de tipo intencional. Com isso visaram representar o contraste entre alunos das escolas centrais e periféricas, privadas e públicas da cidade de Campinas – SP, no mesmo nível de escolaridade. Para identificar os fatores que influenciaram o uso de álcool, utilizaram a Análise de Regressão Logística Poliatômica – Modelo de Logitos Generalizados. As variáveis independentes foram: gênero, escola, grau escolar, período em que estudava, anos de defasagem escolar, nível socioeconômico, religião, trabalho, tipo de lazer, situação dos pais, com quem mora, apoio e compreensão familiar, por quem foi criado nos últimos dois anos, apoio e compreensão de amigos(as) e/ou namorado(a), educação religiosa na infância e escore do GHQ12 – *General Health Questionnaire* (que avalia sintomas psiquiátricos menores, como ansiedade, depressão e insônia – validado no Brasil por Mari e Willians em 1985).

O questionário foi aplicado sob anonimato, de autopreenchimento, baseado no questionário de CEBRID. Foi aplicado em coletivo, na sala de aulas e na ausência do professor. Os resultados demonstraram a prevalência do uso de álcool de tipo pesado (vinte ou mais vezes no mês) e a média da idade da primeira experimentação foi de 12,4 anos. Cada ano de defasagem escolar aumentou em 1,16 vezes a chance de o estudante fazer uso pesado de álcool.

Alves *et al.* (2002), trouxeram à tona estudos realizados em 682 adolescentes de dez a vinte anos de idade internados por uso de drogas nas instituições hospitalares públicas e privadas na cidade de Curitiba, em 1999. Para isso, trabalharam com os processos de pacientes de cinco das dezesseis instituições procuradas. A coleta de dados ocorreu dentro das instituições, por meio das fontes (processos individuais dos pacientes), onde constavam os registros e dados da história de cada paciente, assim como os procedimentos clínicos e terapêuticos utilizados. Recorreram ainda à análise descritiva dos dados, por meio de tabelas, quadros e gráficos. Foram utilizados os testes não-paramétricos “Comparações entre duas Proporções”, “Qui-Quadrado com correção de Yates” e “Exato de Fisher” (por meio do *software* “Epi-Info”) para amostras independentes, no sentido de verificar a significância estatística de alguns dos resultados descritivos. O nível de significância (ou probabilidade de significância) mínimo adotado foi de 5%. Os resultados principais desta pesquisa apontaram que a problemática da droga nos adolescentes pesquisados, sejam eles dependentes ou não, levanta questões diversas de ordem biológicas médicas, psicológicas, sociais, jurídicas e éticas, pois os internados por dependência de álcool e outras drogas em Curitiba foram predominantemente do gênero masculino (85,8%, contra 14,2% do sexo feminino). A maior parte iniciou a experiência com drogas entre os 12 e 15 anos (66,0%), incidindo para um maior número deles o uso inicial aos 14 anos, embora conste experimentação, em 11,7% dos casos, dos seis aos dez anos de idade. Para essa pesquisa, a maconha foi a primeira droga utilizada por 53,3% dos adolescentes, encontrando-se em segundo lugar o álcool (17,5%) e em terceiro, a cola (14,5%). Os estudos revelaram ainda que grande parte dos adolescentes internados (63,3%) já usava drogas há pelo menos um ano e 20% deles haviam sido internados anteriormente. Além disso, 69,5% dos adolescentes consumiam simultaneamente mais de uma

droga. A pesquisa foi aprovada pela comissão ética das instituições hospitalares e assistenciais.

Marques *et al.* (2000) referiram ao uso de álcool ou drogas e a definição do melhor tratamento ainda serem assuntos complexos e alvo de muitas discussões no contexto brasileiro. Seus resultados apontaram que as características do adolescente de risco podem auxiliar os trabalhos preventivos e de triagem para minimizar o problema do uso de álcool. Desta forma, dialogam com Newcomb (1995) com relação aos riscos para o uso de drogas: culturais, interpessoais, psicológicos e biológicos, disponibilidade das substâncias, as leis, as normas sociais, as privações econômicas extremas; uso de drogas na família, conflitos familiares e comportamentos problemáticos como agressividade e alienação. A presença de início precoce do uso de álcool marcou sua pertinência nos principais resultados dessa pesquisa.

Com relação aos treze artigos aqui apontados, constata-se alguns pontos comuns dentro das respectivas abordagens: todos colocam o adolescente como elemento central das pesquisas ligadas ao álcool, com investigações sendo desenvolvidas em estudantes. A maioria dos artigos aqui levados a cabo aponta grande preocupação com a idade do início e a proporção do uso de álcool pelos adolescentes, pois, em média, esta idade varia entre os 8 e 15 anos. Mesmo os demais artigos (SAMPAIO FILHO *et al.*, 2010; PECHANSKY *et al.*, 2004) manifestam a preocupação e acentuam a presença de riscos que os adolescentes enfrentam, como acidentes, problemas de cognição, dificuldade do uso do raciocínio formal, e de refletir todas as consequências dos seus atos. De igual modo, recomendam atenção especial a todos os profissionais que lidam com o tema no sentido de prestar maior cuidado e conhecerem as particularidades da adolescência e da dependência química nessa faixa etária. Rozin (2012) discorda deles no que tange à indicação dos fatores genéticos e a influência da mídia como subsídios importantes no consumo de álcool por parte dos adolescentes.

O esteio metodológico dessas produções aponta diversos tipos: estudos transversais (VIEIRA *et al.*, 2008; SOUZA *et al.*, 2005; FERREIRA *et al.*, 2010; SOLDERA *et al.*, 2004), consulta bibliográfica (ROZIN, 2012), descritivo de correlação (GARCÍA *et al.*, 2008), descritivo e quantitativo (REIS, 2008),

exploratória e descritivo de abordagem qualitativa (SAMPAIO FILHO *et al.*, 2010) e análise descritiva (ALVES *et al.*, 2002). Quanto aos questionários, houve perguntas dicotômicas de tipo sim/não ligadas ao consumo de álcool, tocando os aspetos socioeconômicos, culturais e ambientais da família e do próprio adolescente assim como a relação com os pais e outros membros ou grupo de amigos. Os de Alavarse *et al.* (2006), Amaral *et al.* (2009), Pechansky *et al.* (2004) e Marques *et al.* (2000) não fizeram menção ao tipo de pesquisa realizado.

*Grosso modo*, as considerações finais de alguns artigos, como os de Rozin *et al.* (2012); Sampaio *et al.* (2010); García *et al.* (2008); Vieira *et al.* (2008) e Alavarse *et al.* (2006) chamaram atenção especial para o discernimento dos problemas que o uso de álcool pode causar, daí a necessidade de abordar a prevenção em adolescentes, fundamentalmente nos aspetos psicológicos e sociais, pelo fato de os conceitos adquiridos nessa fase servirem de base para a vida futura, já na condição de adultos. Para isso, os meios intrafamiliar e escolar são chamados a participar desse processo, assim como a realização de novos estudos e pesquisas no sentido de contemplar a efetividade das ações preventivas e de controlo do uso de álcool entre adolescentes.

O ponto de vista destes pesquisadores corrobora a visão do Presidente José Eduardo dos Santos, referido anteriormente, ao reconhecer o quanto é imperioso e urgente, no contexto angolano, desenvolver pesquisas voltadas aos adolescentes consumidores de álcool pelo perigo a que este fenômeno submete esta camada, considerada vulnerável. Expõe, ainda, ao se levar a cabo tais pesquisas em jovens consumidores de álcool, se inclua os demais membros que configuram a família.

Os autores aqui expostos ainda destacam que a família, neste sentido, deve ser reconhecida, valorizada e fortalecida com vistas a influenciar positivamente a vida de seus membros adolescentes, pois é no seio familiar que o jovem recebe os primeiros ensinamentos para o viver saudável, segundo essas pesquisas. Conhecer a realidade que apresentam para o consumo de álcool e como os adolescentes entram em contato com a droga é de fundamental importância para a criação de políticas públicas e programas de prevenção e tratamento, de forma descentralizada e articulada com outros serviços, como

educação, desportos, cultura e profissionalização, entre outros. Tendo em conta o valor social da família, esta deve ser envolvida de maneira mais afetiva, visto que é ela a responsável pela formação da personalidade do indivíduo, abrangendo valores éticos, condutas, crenças, modos de ver o mundo, habilidades para o enfrentamento de situações de vida. Ainda é trazida à tona a extrema importância de informar aos pais e professores sobre a necessidade de medidas preventivas no uso de drogas pelos adolescentes. Para tal, os esforços entre profissionais da educação e da sociedade civil, por exemplo, além da escola e da comunidade, devem se concentrar na prevenção do abuso de álcool e de suas consequências na vida do adolescente. Outrossim, reforçam a visão multidimensional em relação aos condicionantes que contribuem para os problemas de drogas em adolescentes, envolvendo novos modelos operacionais que orientem as políticas públicas, programas, projetos de pesquisa e intervenções sobre o fenômeno, em especial nos grupos mais vulneráveis, como é o caso da adolescência.

As considerações ainda reforçam a importância de detectar de forma precoce os jovens vulneráveis ao contato com essas substâncias prejudiciais para o desenvolvimento de ações preventivas – a serem direcionadas também à família, pela importante influência no comportamento do indivíduo na fase de adolescência e pela sua figura como modelo que é seguido.

Em consonância com estas considerações, sem desconsiderar os expressivos resultados alcançados por essas pesquisas, aponta-se a seguir algumas lacunas que convém assinalar.

Os conceitos da adolescência/adolescente, explorados pelos autores dos diversos artigos aqui assinalados, levaram em conta quase somente o fator idade, reduzindo o indivíduo a quantos anos ele tem e não levando em conta o conceito do sujeito ou da constituição subjetiva, que diria mais de uma posição ou de como a sociedade impõe suas marcas sobre esse sujeito, induzindo-os por exemplo ao alcoolismo.

Quanto à tipologia de estudo, versaram mais pela transversalidade, alguns exploratórios, outros descritivos do ponto de vista quantitativos, o que revela a análise do problema no geral e não de forma singular do adolescente. Não há estudos individuais em relação ao problema.

Há ausência de estudos sobre o uso de álcool direcionado à escola ou à implicação da instituição escolar em relação a esse fenômeno social, ainda que esses mesmos estudos abordem quase tão somente jovens escolarizados.

Os artigos em análise constituíram pesquisas no contexto latinoamericano (Brasil e México) e no contexto europeu (Portugal). Nenhum estudo abordou o contexto africano, mais particularmente o angolano.

Sobre essa última lacuna, consultou-se o banco de dados do Centro de Estudos Africanos (CEA) de diversas universidades, com objetivo de identificar produções acadêmicas sobre o álcool em adolescentes na província de Cabinda, Angola: o CEA da Universidade de São Paulo (USP), com seus Estudos Afro-Asiáticos; os estudos Afro-Brasileiros da Pontífice Universidade Católica de Estado de São Paulo (PUCSP) e da Pontífice Universidade Católica de Minas Gerais (PUCMinas); o Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia (UFBA); o Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto; o Instituto Superior de Ciência e Tecnologia do Instituto Universitário de Lisboa; o Centro de Estudos Africanos e Brasileiros da Universidade Técnica de Lisboa e o Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP) da Universidade de Lisboa. Em todas essas fontes, nada sobre a pesquisa do presente trabalho foi revelada. Ou seja, em nenhum dos Centros de Estudos Africanos, tanto no Brasil como em Portugal, foi encontrada alguma informação a respeito de adolescentes e álcool para a sociedade cabindense, no particular, e angolana, no geral.

Buscou-se também os trabalhos acadêmicos de conclusão de curso de licenciatura identificados na região de Cabinda que tratam de adolescentes e jovens (LUCIANO *et al.*, 2010; DOMINGOS *et al.*, 2011; TATI *et al.*, 2012; MAMBOMA *et al.*, 2009; QUIMINO *et al.*, 2009; CASIMIRO *et al.*, 2008, CHICUATA, 2006). Como ocorreu com os Centros de Estudos Africanos, esses trabalhos não trouxeram à tona esta problemática do uso do álcool por parte de adolescentes escolarizados, mas abordaram problemas comportamentais de outras naturezas.

Tendo em consideração a aproximação da localização geográfica, buscou-se mais intervenções e pesquisas de outros Centros de Estudos Africanos na própria África, direcionados para a República Democrática do Congo – RDC,

República do Congo Brazzaville – RCB, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo-Verde, São Tomé e Príncipe. Infelizmente, a situação da falta de informações relacionadas aos adolescentes e o álcool, em particular para Cabinda, Angola, se manteve: não foi constatada nenhuma informação publicada a respeito da questão.

Constatou-se, portanto, a falta de identificação de trabalhos acadêmicos que investiguem a problemática do uso do álcool por adolescentes das escolas de Cabinda. Porém, é visível a proliferação de vendas de bebidas alcoólicas nos vários cantos da cidade e em quiosques e barracas dos diversos bairros. Isto constituiu uma motivação intrínseca e, ao mesmo, tempo uma variável considerada incômoda, pela forma de comercialização das bebidas alcoólicas em Cabinda: vendidas em vários espaços públicos não oficiais, sem qualquer restrição à compra (e consumo) por parte do jovem. Além disso, não foi possível encontrar informações sobre programas escolares voltados para o jovem e que abordem esse tema. E, pelo interesse em trabalhar nessa faixa social (adolescentes), que pode ser considerada muito vulnerável, em conhecer melhor os seus problemas e melhor subsidiar trabalhos e programas de educação que afetem a construção da subjetividade juvenil, desenvolveu-se, pois, esta pesquisa.



## **4. CONCEPÇÃO SOBRE O ADOLESCENTE**

Em qualquer trabalho científico (pesquisa) e em qualquer área de conhecimento, a fundamentação teórica, seja para justificar seus limites, seja para as contribuições da própria pesquisa, recorre a referências teóricas publicadas para a sua argumentação (MARCONI e LAKATOS, 2006 e 2007; RAMPAZZO, 2002; CARMO e FERREIRA, 1998; CERVO, BRIAN e SILVA, 2007). Tal fundamento refere ao conjunto de obras consultadas e que constituíram o nosso acervo cultural e trazem relatos a respeito do objeto da pesquisa, qual seja, o adolescente consumidor de álcool. Antes de definirmos os vários conceitos desenvolvidos ao longo deste capítulo, trazemos, de início, uma visão sobre os ritos de iniciação e a entrada do termo “adolescente” na literatura. Entendemos que isto ajuda, dentre outras coisas, no acervo cultural dentro do contexto geográfico em que a pesquisa foi feita.

### **4.1. Ritos de iniciação**

Os ritos de iniciação mais antigos, com exemplos da Austrália à África do Sul, da Terra do Fogo à Oceania e até ao Taiti, têm algo de denominador comum: o drama da morte iniciática. Um aspecto que os noviços, os neófitos, para passarem devem morrer para a infância, a exemplo da circuncisão em meninos. São ritos de iniciação que favoreciam a elevação, pois libertavam de sentimentos de culpa transgressiva que pudessem tomasse conta. Apesar disto, a passagem não deve ser feita por iniciativa própria para não ser entendida como transgressão. Por isso, o rito de passagem ocorre sob peso de certa ameaça, pelo confronto real com o perigo, enquanto a transgressão se entroniza, o medo de violar e de ser violado se desfaz (DOLTO, 2004; WINNICOTT, 1975; ERIKSON, 1976).

O rito de passagem tem um significado fundamental na proteção dos membros de uma determinada comunidade. Os jovens são incorporados aos clãs através do enfrentamento de certos riscos dentro da própria tribo, os chamados

riscos da iniciação, que são provas terríveis das quais o jovem terá de sair vivo. Esta passagem, que é considerada “passagem obrigatória”, constituía um evento que deixava seus marcos, incorporados na sociedade, provados pela iniciação que permitia à criança tornar-se adolescente a partir daquela passagem. Quer se sentissem interiormente preparados ou não, a passagem era vista pelos adultos como prova de que o indivíduo tinha o direito de alcançar aquele novo estágio.

Hoje isso é muito diferente: os jovens estão entregues a si mesmos e não são levados em conjunto e de forma solidária para a outra margem, pois eles mesmos se dão o direito de passagem, o que requer deles uma conduta de risco. Os modelos familiares ou sociais já não se fazem sentir: o rito de passagem já não se justifica mais, algo que ajudava a criança a morrer para a infância e chegar ao outro nível de vida coletiva (DOLTO, 2004).

Já no momento da preparação das primeiras experiências amorosas, isto é, na entrada da puberdade, o próprio jovem tem consciência do risco, mas mesmo assim deseja tal experiência – desejo que vem ao lado do medo (DOLTO, 2004). É aqui que começam as primeiras manifestações de ruptura com a infância, que a autora considera como “morte da infância” ou “a morte de uma época” (DOLTO, 2004, p. 20), chamando a atenção, no entanto, para a diferença entre esta e a morte da infância da passagem obrigatória.

A passagem obrigatória é um ato irreversível, evento com marcos específicos que permite à criança tornar-se adolescente a partir daquela passagem. Uma conduta de risco que se assenta no período de adolescência que é tratado neste capítulo teórico mais adiante.

No contexto sociocultural de Cabinda, pelos conhecimentos que carregamos, os ritos de iniciação, por exemplo em jovens de sexo feminino, são caracterizados por festejos tradicionais, chamados “casa de tinta”. O termo, que provém da língua local “nzó ikumbi”, é também comumente traduzido por casa de chikumbi<sup>13</sup>. Atualmente a prática está desaparecendo em algumas culturas locais

---

<sup>13</sup> Festa característica de algumas tribos de Cabinda e outras partes das RDC e RCB. É sinônimo de Rito de Iniciação para adolescentes de sexo feminino. Em Cabinda a festa é de carácter tradicional com usos e costumes próprios em cada tribo que cumpre o ritual. Os preparativos começam muito antes da data proposta. Tanto a família materna quanto paterna, em acordo redefinem a data proposta pelos pais da menina em que tal evento deverá acontecer. A partir do momento em que isto é definido, começam a

e, em outras, o evento acontece ou mais cedo ou mais tarde, em função das circunstâncias. Tais circunstâncias têm a ver com gravidez precoce ou, ainda, no seio da família, havendo alguém a passar por este processo, junta-se também as outras de menor idade. É nesses casos que o processo de iniciação é visto mais cedo. Para aquelas que entram mais tarde, o fato se dá ou porque os pais receiam que a menina comece a namorar mais cedo ou ainda por outros motivos, atrasando-se então o rito de passagem que torna a menina adolescente ou adulta.

Para os jovens do sexo masculino, cortava-se o prepúcio (circuncisão) por volta dos dez, onze ou doze anos ou mais, isolando-o do restante da família até a completa cura. Hoje, para uns este procedimento é feito desde muito cedo, durante a primeira infância. Deste modo, a criança crescerá com o ritual já formalizado desde a tenra idade. É deste modo que tal processo de ritos de passagem se processa ou processava no contexto cultural de Cabinda, antes ou durante a adolescência.

Suspeita-se que o fim de ritos de iniciação está gerando um novo "*modus vivendi*", caracterizado por práticas sexuais mais precoces na sociedade cabindense. Suspeita-se ainda que já não se encontra na sociedade claros princípios culturais que marcam a passagem da fase infantil para a adulta. Revendo o pretérito, a prática de ritos de iniciação servia de passagem para a vida adulta da seguinte forma: primeiro, nenhuma mulher estava ou se via autorizada a práticas sexuais sem antes obedecido o rito; segundo, se por acaso a prática de relações sexuais induzisse à gravidez, os mentores eram submetidos à punição social porque desobedeceram aos critérios culturais. Por isso, havia manifestações socioculturais que consistiam em lavar a considerada "impureza" através de danças específicas exibidas com cânticos próprios. Em tais

---

fazer-se compras necessárias para que no evento não tenha nada em falta. A menina sem saber é convidada (através de amigas que simulam o desconhecimento da situação) para uma zona onde o acesso à informação sobre a sua festa (entrada à casa de tinta) é difícil para evitar que escape dela. Sexta, sábado e domingo são dias muito marcantes nos quais, há comes e bebes. Há variedade de comíveis e bebíveis. Os membros diretos das distintas famílias (materna e paterna: pais, irmãos, tios, primos, conhadados) formulam convites aos amigos mais próximos em participarem ao ato festivo. Para mais informações confere, entre outras fontes: XI Congresso africano Luso Afro brasileiro de Ciências Sociais, Diversidades e (Des)igualdades. Salvador, 07 a 10 de Agosto de 2011, Universidade Federal de Bahia (UFBA) - PAF I e II Campos de Ondina através de endereço electrónico: [http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307057200\\_ARQUIVO\\_XIConlabArtigo-Tchikumbi.pdf](http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307057200_ARQUIVO_XIConlabArtigo-Tchikumbi.pdf)

manifestações culturais, o povo e particularmente os de menor idade eram convidados a presenciar o ato como forma de chamar atenção a todos aqueles que ainda não tivessem passado ou cumprido o rito de iniciação. Tratava-se de uma forma punitiva e de aviso. Punitiva porque punia os considerados infratores e de aviso porque alertava os futuros prevaricadores como se dissesse: "se fizerem como estes, vocês também passarão por esta amarga experiência". Isto era entendido como lei. Atualmente essa tendência está muito diminuta ou, ainda, em via de desaparecimento ou ruptura. Uma ruptura que, no nosso entender, marca uma nova era, caracterizada por indefinição do período a partir do qual o jovem se vê autorizado, por exemplo, às práticas sexuais.

O que nos dizem os trabalhos acadêmicos a respeito? Ora, a compreensão da prática de *tchicumbi* (Nzó ikumbi – casa de tinta) enquadra-se no caso da maturação da mulher para a fase adulta (a partir da adolescência, 12 aos 18 anos), na qual o significado sociocultural revela prontidão da jovem para a vida adulta. Por esta razão a passagem era obrigatória e não se podia chegar ao ato sexual sem que fosse cumprida (BUZA, *et al.*, 2011; NETO, 2013). Por esta razão, a virgindade era condição indispensável para a participação no rito. E quanto ao processo de circuncisão, os rapazes eram postos em filas e, depois de circuncidados, lançava-se para longe o prepúcio de cada um, deixava-se ir o rapaz e seguiam-se os outros, com o mesmo tratamento (NETO, 2013). Este processo sofreu alterações com o procedimento de colonização e a interação com outros povos, devido ao processo de modernização, que chegou e invadiu culturas, afetou o *modus vivendi* de um povo, desprezando as práticas tradicionais e fazendo surgir situações conflituosas entre o antigo e o novo ao invés de harmonizarem-nos.

Diante disto, a pergunta é: será que isto poderia trazer para Cabinda novo comportamento entre adolescentes, pelo fato de eles não se reverem com as práticas de ritos de passagem? Este esvaziamento pôde dar lugar a ausência da autorização à vida adulta. Suspeita-se que este fato pode contribuir para várias condutas aversivas durante a adolescência, na qual, o uso de álcool está presente. Por isso pensamos que se identifiquem com seus pais e encarregados

de educação<sup>14</sup> no consumo de álcool, duma vez não existir marcos específicos entre o adolescente e o adulto, para além das práticas culturais.

#### 4.2. A entrada do termo adolescente na literatura

De acordo Dolto (2004), é bem provável que o termo tenha sido empregado pela primeira vez na literatura com o uso da definição de Victor Hugo: “A adolescência, os dois crepúsculos misturados, o começo de uma mulher ao final de uma criança” (DOLTO, 2004, p. 43). Jean-Jacques também falava do termo, mas não o empregava. Ao invés do uso do termo “adolescente”, ouvia-se anunciar: “crise”, “segundo nascimento”, que em seguida colocamos de acordo com esta ordem:

Essa tempestuosa revolução se anuncia pelo murmúrio das paixões que nascem [...] Ela (a criança) se torna surda à voz que a tornava dócil; é um leão em sua febre; desconhece o seu guia, não quer ser mais governada... não é nem criança nem homem e não pode assumir a tonalidade vocal de nenhum dos dois (DOLTO, 2004, p.43).

No que diz respeito ao segundo nascimento, destaca-se duas etapas, uma para nascer e a outra para viver; uma para a espécie e a outra para o sexo. E, pelo fato de o homem não ter sido feito para se manter de forma permanente na infância, registra-se o processo de crescimento, que é um tempo determinado pela natureza e o induz ao momento de crise; um período aparentemente curto, mas com longas influências caracterizadas por exaltações frequentes, contínua agitação do espírito. Torna-se como que um leão que desconhece seu guia e não quer voltar a ser governado.

---

<sup>14</sup> Considera-se encarregado de educação a pessoa responsável pela educação de alguém que por sinal é seu menor. Não é sinónimo de pai/mãe; pois, na realidade angolana tendo em conta o contexto da família alargada, muitos filhos são criados por outras pessoas. São essas pessoas, as consideradas de encarregados de educação. Quer dizer, há pais que não são encarregados de educação de determinados filhos. Mas para aqueles que assumem esta tarefa são os que têm o estatuto de encarregados de educação desses filhos.

Há ainda outros sinais morais que caracterizam o segundo nascimento, um humor que altera o adolescente desde fisionomia e penugem, a mudança de voz, o olhar expressivo; um fogo que nasce e os anima, torna-os sensíveis antes de saberem o que sentem e gera inquietude. Tudo isto acontece de maneira lenta e caso a sua vivacidade se torne demasiadamente impaciente, seu arrebatamento se transforme em furor; derrama lágrimas sem motivo e se aproxima dos objetos que lhe parecem perigosos; a pulsação aumenta e seus olhos inflamam; a colocação da mão do gênero oposto sobre a sua faz-lhe estremecer. É isto que caracteriza o começo do novo nascimento, que o marca: o nascimento verdadeiro para a vida que assume importância real.

Todavia, é dado ao americano Stanley Hall o privilégio de ser considerado um dos pioneiros no estudo da adolescência, com a publicação da obra intitulada *The Psychology of adolescence*, em 1904 (DOLTO, 2004), que trata da adolescência.

O conceito tem a sua gênese no séc. XVIII, no momento da conhecida Revolução Francesa e da Declaração dos Direitos Humanos. São apontados Buffon e Rousseau como sendo os primeiros pensadores do termo. Buffon, na sua obra intitulada *Do Homem*, e Rousseau na sua obra *Livro IV de Emílio, ou Educação*, de 1762, ambas citadas por Lacadée (2011). Este autor afirma que, tratam com insistência do aparecimento do termo puberdade, este que acompanha a adolescência e precede a juventude; apreende o que envolve a vida do adolescente, este segundo nascimento (LACADÉE, 2011). Todavia, no princípio do séc. XIX o adolescente é retratado como vagabundo nato, tido como rapaz apaixonado por viagens, deslocamentos, fugitivo ou errante; um ser perigoso que a burguesia se dedicava a enquadrar e disciplinar em numerosos internatos concebidos como solução.

O olhar crítico de Sartre em *Idiota da Família*, escrito entre 1954 e 1972, revela como os próprios adolescentes rejeitavam seriamente essa maneira de serem enquadrados, criticando a obrigação à confissão. Em 1830, no liceu de Rouen, um aluno recusa-se a confessar e produz uma revolta coletiva por vários dias, comprometendo deste modo a ordem estabelecida, que foi sinônimo de uma posição válida para todos os adolescentes, desde que cada um consentisse com

a posição tomada. Deste modo, muda de perspectiva, assume nova posição, o de registro pulsional da identificação que se efetuou de maneira singular e “uma nova relação de gozo com o seu próprio corpo, vivida por ele como a vida verdadeira” (LACADÉE, 2011, p. 29). Concebe-se isto como perigo para o indivíduo, daí a necessidade da psicanálise para enquadrar tais adolescentes no lugar e na fórmula de tal “perigo”, ou seja, a sexualidade (LACADÉE, 2011).

De fato, em plena busca de si mesmo, o adolescente deve assumir, quase sempre sozinho, sua identidade sexual. “Provocador, revolucionário, se cremos nos qualificativos com que o discurso estabelecido o ridiculariza, esse adolescente -narcísico, no melhor dos casos, e gozador e perverso, no pior – enfrenta o turbilhão que nele se agita: Nascemos, por assim dizer, duas vezes: uma para espécie, e outra para o sexo (LACADÉE, 2011, p. 30).

É impressionante a visita feita por Lacadée (2011) a Michelle Perrot, que indica uma tentativa de apagar, uma forma de negar o que faz furo no real que é a gestão impossível do sexo, ao contrário de Rousseau, que propunha estratégias – a amizade, o altruísmo, o estudo de história, a bondade com os animais, entre outras –, a fim de que se diluísse a crise de puberdade e se chegasse à idade da razão. Com isto, Freud (1910) insiste no valor que a singularidade tem no indivíduo em oposição ao ideal generalizado. Uma singularidade que apenas pode ser ouvida se deixarmos que cada um diga em suas palavras o que acontece, o que sente na sua vida. Invenção do lugar onde o sujeito possa entrar em contato com o que constitui seu impasse.

É este objeto, o adolescente, do latim *adolescere*, sinônimo de crescimento, que tem sido alvo de estudo sob vários olhares, de entre eles o psicanalítico, o sociológico, o biológico (MARCELLI, BRANCONNIER, 2007, p. 19; NASIO, 2011). Sendo assim, o primeiro cerne da nossa pesquisa recai sobre a sexualidade e as modificações pulsionais, o corpo, o luto e a depressão, os meios da defesa, o narcisismo, o ideal do eu ou ainda o problema da identidade e suas identificações. É este olhar que trazemos neste trabalho em duas matrizes epistemológicas diferentes: a matriz desenvolvimentista da psicanálise, que imperou em boa parte do séc. XX, sendo muito empregada em Angola, e a matriz

contemporânea da psicanálise, à qual tivemos acesso no doutorado e que nos ajuda a pensar a adolescência de hoje. Achamos que este tratamento auxiliará qualquer pesquisador a delinear suas investigações em relação ao adolescente dentro destas matrizes. A primeira é pautada em uma psicanálise que dá centralidade à perspectiva de desenvolvimento do sujeito, inaugurada na proposta de Freud para seu *Três Ensaio* (1905), enquanto a segunda, de uma psicanálise mais contemporânea, centra-se menos nos aspectos desenvolvimentistas e mais nas inscrições pulsionais e na segunda tópica do aparelho psíquico, descrito por Freud, como “isso, eu e supereu” (FREUD, 1923/1980). Não há dúvida de que as duas matrizes de pensamento psicanalítico tiveram muito impacto na construção da noção de adolescência que temos hoje, e devemos dedicar as próximas linhas para esclarecer a diferença entre elas.

#### **4.3. O adolescente na matriz desenvolvimentista da psicanálise**

Nesta matriz, que é reconhecida e utilizada pela psicologia educacional de Angola, encontramos autores como Françoise Dolto, Donald Winnicott, Erik Erikson e August Aichhorn, que dedicaram boa parte de seus estudos à noção de adolescência.

Dolto (2004) é uma psicanalista francesa de renome. Sua obra sobre a adolescência tem valor extremo pelas várias particularidades atribuídas ao adolescente, revelando que o período de adolescência, que para muitos não passa de simples informação da idade, é conturbado, marcado por mutações, fugas, suicídios, uso de drogas, entre outros assuntos a que a autora se refere. Nesse âmbito, Dolto esclarece esses problemas e desata os dramas através do uso de linguagem, convida a entrar no universo do adolescente no sentido de compreender o seu fundamento e o respeito para com o outro e para com eles próprios de modo a propiciar novas relações com a juventude e melhor compreendê-lo.

O conceito de adolescência ou do próprio termo adolescente é menos compreendido na atual sociedade por ser marcado por um período fechado



através da classe de idade que marca passagem à fase seguinte. Isto porque uns apontam-no como crescimento, pelo fato de ser identificado como um período de desenvolvimento muscular e nervoso, suscetível de ser alargado até aos vinte anos, e outros ainda o enxergam como simples transição para a idade adulta – transição que parte de catorze e termina nos dezessete anos de idade. Porém, sob todas as particularidades nos diferentes pontos de vista, Dolto (2004) trabalha com um conceito de mutação que não apenas se caracteriza por simples transição ou fixação de idade.

O adolescente atravessa essa mutação sobre a qual ele, por si só, nada pode dizer e na qual, para os adultos, ele torna-se um objeto de questionamento, ainda na condição de dependente de pais, carregando consigo as suas angústias ou total indulgência. Para isso não deve ser encarado como Deus, mesa ou ainda bacia onde é depositado um determinado produto, um determinado pensamento, estando obrigado a obedecer a tudo. Ele já não é criança e encontra-se numa fase própria na qual o adulto deve ajudá-lo a enfrentar as suas responsabilidades e não tê-lo como adolescente em atraso.

Dolto (2004) acredita que nessa idade os julgamentos produzem efeitos porque já o indivíduo já compreende o que lhe é falado, mal ou bem, entende-o e pode comprometer toda a sua relação com a sociedade, vindo daí o valor crucial das pessoas adultas serem de relevância no seio escolar e social.

A fraqueza do adolescente por ter ouvido falarem mal dele lhe remete a uma indignação, comparado ao invólucro de um camarão ou de lagosta, que perdem essa cobertura por meio natural. A necessidade de sobrevivência os leva a esconderem-se por detrás ou debaixo de pedras enquanto o processo de metamorfose ocorre, para adquirirem defesas. Ou seja, ainda segundo a autora, o adolescente é vulnerável às críticas sociais, que o impelem a pancadas ou afeções psíquicas cujas cicatrizes jamais se apagarão. Uma reflexão sobre o contexto social das pessoas e sobre como as falas afetam ou magoam o adolescente, ainda que as carapaças o voltem a cobrir, suas cicatrizes manter-se-ão nas suas mentes. Nesta altura os adolescentes se defendem ou pela depressão ou por estado de negativismo, que aumenta ainda mais a sua debilidade (DOLTO, 2004). É a partir desse momento em que o adolescente entra

numa falsa divagação da sexualidade que nasce do imaginário: masturbação. No entanto, a vida imaginária sustenta o adolescente desde o momento em que ele começa a sentir-se mal face à realidade que o adulto lhe impõe, por falta de confiança em si mesmo (DOLTO, 2004). O processo de masturbação se concretiza através da excitação própria à zona erógena, que lhe dá força e coragem, isto é, a zona genital que se aflora. A autora reforça que este processo de masturbação, ao invés de servir para o adolescente como um remédio para a sua depressão, se torna então uma cilada: o adolescente se desfaz de maneira nervosa e não encontra mais outro apoio face ao confronto da dura realidade que enfrenta e, ao vencer essa realidade, isto é feito por via imaginária, não real. A escuta é essencial para esta situação. A palavra que o adulto coloca para fora no lugar de usar a oportunidade para ouvir a opinião do filho; o pai não se interessa e quer tudo fazer de modo que sua opinião prevaleça sobre o filho. Como resultado, o filho alimenta-se da ideia de que em casa seu ponto de vista é desvalorizado. Fica marcado por depressão e julga não ter o direito de pensar como quer e de ser ouvido.

Por isto, chama-se a atenção dos professores nas escolas, de artes e de desportos, para que peçam opiniões aos seus alunos e lhes dêem o direito de fala durante o processo de formação, pois só assim o jovem sentir-se-á valorizado.

Numa primeira fase, o risco está associado àquilo que o adolescente vem a ser e que marca a ruptura com o estado da infância. Há aí a possibilidade de dissociar duas principais particularidades de extrema importância que devem ser levadas em consideração: a primeira é a vida imaginária e a realidade; a segunda, o sonho e as relações reais (DOLTO, 2004).

#### **4.3.1. Vida imaginária e a realidade**

Para este item, o problema do complexo de Édipo é posto em conta. Isto é, quando a criança do sexo masculino se opõe ao seu pai, passa a entendê-lo como seu sujeito de admiração, então atinge a idade que se chama de latência.

Por volta dos oito anos de idade, isto é, já no final da fase edipiana, a criança conserva uma grande ternura idealizada por sua mãe, assim como por seu pai, acompanhada de sentimento partilhado de duas variáveis: a confiança e o medo de se afastar da lei que o pai quer que ele respeite. Então vê nele (no pai) um vencedor da lei e, conseqüentemente, interpreta isto como fonte de suas pulsações. Assim, aos 11 anos de idade há um redespertar muito forte das primícias de uma sexualidade, caracterizado por um considerável componente imaginário antes de o corpo entrar em ação. Note-se, sobre isso, as primeiras ejaculações nos meninos e as primeiras regras nas meninas.

Ora, a primeira vida imaginária, que terá começado desde muito cedo, aparentemente aos 3 ou 4 anos de idade, é fruto da convivência com a família mais próxima (pais e irmãos), na qual a criança é da mesma opinião que os pais. Na entrada em divergência com os membros da sua família nuclear (pais), a própria criança apresenta dificuldades de pensar por si mesma, algo silenciado dentro de si até por volta dos onze anos. Neste momento surge o problema que estava, até então, adormecido. Surge então a segunda vida imaginária, em que o assunto de seu interesse, fora do campo familiar, continua a tomar os pais como referência, a exemplo de separação entre os pais, o desentendimento entre ambos, maldizeres entre os membros familiares etc. Isto favorece a escolha ou opção e a criança sente-se livre para optar por modelos de escolha. Esses modelos, para este caso, serão externos. Com esses pressupostos ela conta com a família apenas como valor refúgio, mas o seu instinto diz que esse valor não desempenha nele certo papel e coloca toda sua honra em vencer a sociedade. É daí que, por um lado, toda a sua energia se apresenta dirigida ao grupo de colegas da escola, amigos, entre outros, e, por outro, consumir aquilo que também é oferecido pela TV, pelas leituras, por invenções nos jogos (DOLTO, 2004) e, agora, pelos computadores e celulares. Assim sendo, o próprio mundo exterior que ele ostenta há de provocar no jovem o desejo de querer sair para ir medir a diferença entre o mundo imaginário e a realidade.

Dessa forma o indivíduo entrará na adolescência saindo da família e se misturando a grupos constituídos que são tidos como sustentáculos extrafamiliar. Não é possível que a criança abandone por completo os modelos de ambiente familiar sem que tenha um modelo de troca (DOLTO, 2004). O pior das

consequências é ele encontrar motivos para abandonar os pais, por isso torna-se marginal, delinquente ou fica sob responsabilidade de alguém que o aceita que e o assuma tal como é, com o seu risco de perversão (DOLTO, 2004).

#### **4.3.2. O sonho e as relações reais**

Assim, “a passagem para a idade adulta se traduz, pois, hoje, da maneira mais concreta em termos de independência econômica” (DOLTO, 2004, p. 26). Esta dependência econômica, de potencialidades e da aprendizagem permite que o jovem se adapte, se insira num determinado grupo social. O fato de receber ou não receber, por exemplo, o dinheiro dos pais, não resolve o problema se ainda sair do bolso de terceiros (outro adulto), pois isso revela sentimentos de dependência. Ao invés disto, demonstra a sua fortaleza, que o ajuda na determinação das suas potencialidades. Por isso o jovem aspira sua formação como forma de alcançar independência econômica, realizar sonhos e conquistar relações reais.

Apresenta-se hoje como a fixação de um projeto longínquo no tempo e no espaço, diferente daquele que já viveu. Foge do domicílio familiar, fechando-se em si mesmo – fuga esta que revela o fenômeno como válvula de escape e, conseqüentemente, sinal da criança ter chegado à fase da adolescência, não vendo saída para as suas pulsões de abertura para o mundo. Veste uniforme de certo clã, de certo estilo: punk, rocker, baba cool, new wave... Dentro de si os jovens escondem suas verdades diferentes. Essas verdades consubstanciam certos projetos: ainda que sejam de longo prazo, o jovem faz coisas para alimentá-los (DOLTO, 2004). São coisas que, no entender do adolescente, devem se concretizar, pois ele já se considera adulto. Dada a revolução fisiológica da sua maturação genital e da própria incerteza dos papéis adultos à sua frente, os adolescentes parecem muito preocupados com seu excentrismo, que parece ser uma fase mais final do que transitória (ERIKSON, 1975).

Os jovens mostram-se normalmente preocupados com o que podem parecer aos olhos dos outros em comparação com aquilo que eles próprios

julgam que são e com intenção de unir as suas aptidões cultivadas com os protótipos do dia. Com a maturidade sexual, alguns adolescentes tendem a voltar a enfrentar crises de tempos anteriores antes de instalarem seus ídolos e ideais da identidade final. Esses pressupostos precisam de uma “moratória” onde os dados da sua identidade possam se integrar às fases da infância. Trata-se do seu meio infantil substituído agora pela sociedade, que, de uma ou de outra forma, traz consigo problemas para a adolescência.

São dois momentos cruciais sobre o cenário: se a fase anterior lhe conduziu à crise de identidade, uma necessidade de confiança em si e nos outros, então o adolescente procurará homens e ideias que o assegurem e tragam confiança; se a crise for manifestada ou tiver sido manifestada numa necessidade de ser definido, o adolescente procurará uma oportunidade de decidir sobre os acessíveis ou inevitáveis quanto ao tipo de serviço (ERIKSON, 1975). Tem medo ou receio de ser forçado a uma atividade em que se sente exposto, ou seja, prefere uma livre escolha a ser obrigado às atividades que, aos seus olhos ou aos dos seus pares, são vergonhosas; mas há outras questões: a de imaginação e do desejo.

A disposição do adolescente para oferecer sua confiança aos pares e pessoas mais velhas que lhe facultam vasto âmbito imaginativo é óbvia. Ele objeta nesse caso todas as limitações às imagens que ele mesmo formou sobre si e se prontifica a apaziguar toda a culpabilidade pelo excesso da própria ambição.

No que diz respeito ao desejo de fazer algo funcionar e fazer com que funcione bem, o autor evoca o papel da escola como requisito para que isso aconteça durante a idade escolar, em que a escolha da profissão será pautada pela remuneração e pelo *status*. Por esse motivo uma parcela considerável dos adolescentes prefere não trabalhar por algum tempo para não ser forçada a uma carreira, ainda que lhe seja oferecida uma perspectiva de êxito.

É dentro dessa perspectiva de encarar tanto a remuneração como seu *status* que a adolescência é vista como um período tempestuoso que se identifica com novos papéis de competências e invenção e de aceitação ideológica mais implícita. Quando essa ideologia não lhe for aceite, a sua mente torna-se mais explicitamente ideológica ou cheia de ideias antevistas. Se o meio tenta privá-lo

radicalmente de todas as suas formas de expressão, as quais lhe conduzem à integração para o passo seguinte, então o adolescente terá um comportamento de resistência terrível, acompanhado de inveja não só dos membros da sua família, mas dos demais que o cercam. Isto se deve ao fato de ele não se sentir livre para fazer o que lhe agrada. Trata-se da alienação própria desta fase que é a questão da confusão de identidade, entendida como a incapacidade para decidir uma identidade ocupacional e que muito tem estado a perturbar a juventude (ERIKSON, 1976).

Trata-se de uma espécie de amor que o adolescente tudo faz para adquirir, ou seja, uma tentativa de chegar à identidade própria mediante a projeção de uma imagem difusa do próprio indivíduo, que se vê refletido e aclarado. Essa imagem difusa é que faz com que grande parte do amor por si mesmo se reveja na conversação; e a manifestação desse amor pode dar-se por processo destrutivo de si mesmo (ERIKSON, 1976). A reflexão sobre isto se concentra nos sonhos e reações reais, como exposto a seguir.

Quando o jovem não consuma essas relações íntimas com outras pessoas, no final da adolescência ou no início da fase adulta, ele poderá procurar relações interpessoais estereotipadas e reter o profundo sentimento de isolamento que pode ir muito longe da vida e albergar graves problemas de caráter porque ele não se sente ele próprio, ainda que os outros digam que é alguém.

O sentimento de isolamento poderá, também, produzir distanciamento, facilidade de repudiar, e, se necessário, destruir forças pessoais que parecem perigosa para o indivíduo, que vê todos os estranhos a partir de uma supervalorização das pequenas diferenças entre o familiar e o desconhecido. Ou seja, apreende detalhes mínimos em relação à maneira como é tratado no seio familiar e extrafamiliar – aquilo que é de si e o que é de fora. Nisso entende-se que há duas forças antagônicas, comparadas a uma luta que, segundo Erikson (1976), é uma guerra em que a prontidão para matar é dada por quem é mais forte.

Mais do que mero conhecimento relativo ao isolamento e lutas antagônicas, é necessária aqui uma reflexão sobre a contemporaneidade do adolescente que também está presente no seu desenvolvimento: o

desenvolvimento emocional do indivíduo, o papel da mãe e do pai, a família, o papel da escola em sua relação com as necessidades dos adolescentes (WINNICOT, 1975).

No abandono das generalidades para tornar-se específico, há uma opção de escolha entre aceitação e rejeição de algo. Para assegurar esta particularidade, o autor parte do exemplo de uma sociedade em termos de doenças para refletir até que ponto seus membros doentes necessitam de atenção diferente.

A sociedade existe como estrutura ocasionada, mantida e reconstruída por indivíduos. Isto é, não há realização individual sem a sociedade, mas é também impossível existir sociedade independente de processos coletivos de crescimento dos indivíduos afetos a ela (WINNICOT, 1975). Refere-se isto à figura do pai biológico.

O pai é um indivíduo de fator significativo, seguido de família (pai e mãe), cuja base é a unidade entre pais e mães com uma partilha de responsabilidades por aquilo que fizeram juntos, o bebê (WINNICOT, 1975). É importante que se saiba quem está cuidando dele, se é a própria mãe ou outra pessoa. A continuidade do cuidado tornou-se característica central do conceito do meio ambiental facilitante e somente através da provisão ambiental o bebê em dependência pode ter continuidade na linha da sua vida, evitando, deste modo, um padrão de reação imprevisível e sempre a recomeçar.

A reação de uma criança pela perda da mãe, caso exceda o período de tempo em que o bebê é capaz de manter viva a imagem daquela em que encontrou aceitação geral, a ideia subjacente se estende ao tema da continuidade de cuidado. Quer dizer, antes do momento em que o bebê percebe de forma objetiva a mãe tal como a pessoa que ela é (WINNICOTT, 1975).

Tem-se comentado que, quando os pais criam bem seus filhos, há menos problemas. Durante o período de adolescência, em que os sucessos e fracassos do bebê em si e da criança retornam para acomodar-se, “alguns dos problemas mais atuais são próprios dos ambientes positivos da educação moderna e das atitudes modernas em relação aos direitos do indivíduo” (WINNICOTT, 1975 p.

193). Ainda que se faça tudo para promover o crescimento pessoal dos descendentes, há que se estar pronto para lidar com resultados espantosos, que incluirão agressividade e círculos destrutivos neles existentes, bem como os ambientes amorosos. Significa dizer que haverá uma longa luta à qual será preciso sobreviver.

Ainda que alguns filhos tenham a sorte da ajuda dos pais, permitindo-lhes sonhar alto e brincar, o caminho que até aí os conduz pode ser pedregoso. De uma ou de outra maneira, comete-se equívocos, vistos e sentidos como desastrosos. São equívocos pelos quais os filhos responsabilizarão os pais, assumindo a expressão: “não pedimos para nascer” (WINNICOTT, 1975 p.194).

Percebe-se a questão fundamental de Winnicott (1975) quando aborda a morte e o assassinato no processo de adolescência como ato no qual o crescimento requer matar os pais ou qualquer objeto de amor para que se supere a condição infantil. Trata-se da tarefa dos pais durante a puberdade dos filhos ou em meio às dores da adolescência. Na temporada de crescimento, os adolescentes se afastam da dependência em busca do *status* de adulto. Ou seja, não se trata apenas de “tendência herdada”, mas também de entrelaçamento do meio ambiente. Ainda que a família esteja à sua mercê, ela não mais se encontra para esse fim (WINNICOTT, 1975).

Isto traduz a importância de considerar e de apreender que, ainda que se tenha cumprido bem a tarefa durante os estágios primitivos, com resultados positivos, não se deve esperar resultados obrigatoriamente positivos, pois certas dificuldades são inerentes às fases posteriores.

Se na fantasia do crescer primitivo estiver contida a morte, na adolescência ver-se-á contido o assassinato. Mesmo que o crescimento durante o período da puberdade se faça sentir sem maiores crises, certo é que o adolescente terá que lidar com problemas sérios, pois crescer implica ocupar o lugar de progenitor.

Na fantasia inconsciente o crescimento é um ato agressivo e a criança já não é pequena como antes: “se a criança tem de tornar-se adulta, então essa transformação se faz sobre o cadáver de um adulto” (*ibid*, p. 196). Nessa



fantasia, que é própria do crescimento na puberdade e na adolescência, há sempre a morte de alguém. Um processo de maturação e de aquisição do *status* social.

Esta é questão considerada difícil para os pais e também para os próprios adolescentes que chegam ao assassinato e ao triunfo próprio da maturação neste estágio decisivo, em que os pais quase não conseguem ajudá-los. Apesar disto, o melhor que eles podem fazer é sobreviver sem alterar-se e sem abandonar qualquer princípio considerado importante, como sustenta Winnicott (1975). Na adolescência há uma certa transformação para um tipo de maturidade em função do sexo e do casamento. No entanto, isso não basta. Existirá, no fundo, um combate de vida e morte.

É possível que uma criança de qualquer idade se torne, pela necessidade, subitamente responsável, talvez devido à morte de progenitor ou por motivo da desagregação familiar. Com isto, o conselho é convidar o menino ou a menina (neste caso, o adolescente) a tornar-se um agente responsável antes que amadureça a ocasião. Pode-se fazer o mesmo com algumas crianças mais novas que tenham necessidades ligadas à educação, por um lado e, por outro, de melhorias da condição financeira (WINNICOTT, 1975).

É preciso considerar que o adolescente é um indivíduo imaturo. Sua imaturidade é preciosa, estando nela contidos os aspectos excitantes do pensamento criativo, sentimentos novos e diferentes, ideias de um novo viver. Com isso, um conselho é direcionado à sociedade por amor a essa trancha social e à sua imaturidade: “não lhes permitam crescer e atingir uma falsa maturidade, transmitindo-lhes uma responsabilidade que ainda não é deles, mesmo que possam lutar por ela” (WINNICOTT, 1975 p.198).

É importante que o adolescente tenha uma sociedade ideal, mas o mais importante é a sua imaturidade e o fato de ele não ser responsável. Uma questão que dura apenas alguns anos e constitui perda de todo o indivíduo quando este alcança a maturidade. Na imaturidade, não se espera que o adolescente dê conta da sua própria imaturidade. O importante é que o desafio seja aceito.

Em relação a este aspecto, notam-se modificações que ocorrem em idades variáveis. Tanto meninas como meninos nada podem fazer a não ser esperar por este momento das modificações. Estas são modificações que ocorrem para uns mais cedo e, para outros, mais tarde. Para aqueles cujas modificações acontecem tardiamente, podem ser vistos imitando os que desenvolveram-se mais cedo. De qualquer modo, a modificação sexual não é a única transformação existente. Há também a modificação no aspeto físico e a aquisição da força real, assim como o aparecimento de um perigo real que dá à violência um novo significado – portanto, com a força chegam a angústia e a perícia (WINNICOTT, 1975).

Com a passagem do tempo e a experiência de vida permitam-nos elucidar que uma moça aceita a responsabilidade por tudo que está acontecendo na sua fantasia. No entanto, há fortes riscos da agressividade que se manifestam sob tendências suicidas e, de maneira alternada, em forma de busca de perseguição. E, “quando a perseguição é delirantemente esperada há risco de que ela seja provocada, numa tentativa de fugir à loucura e ao delírio” (WINNICOTT, 1975, p. 200).

O mais difícil de tudo é a tensão que o indivíduo sente diante da fantasia inconsciente de sexo e da rivalidade que está associada à escolha sexual do objeto. Nisto, moço ou moça, ainda no processo de crescimento, não podem assumir responsabilidades pela crueldade e pelo sofrimento, pelo matar e pelo ser morto. Ao que parece, são necessários muitos anos para que se desenvolva no indivíduo a capacidade de descobrimento do seu eu, que consubstancia o equilíbrio do bom e do mau, o ódio e a destruição que acompanham o amor dentro do eu. Para o caso, a maturidade é própria vida tardia que começa nas décadas dos vinte anos de idade (WINNICOTT, 1975).

A maturidade sexual deve incluir toda a fantasia do inconsciente do sexo, e o indivíduo, em última análise, deve ser capaz de chegar a uma aceitação de tudo o que surge na mente, juntamente com a escolha de objeto, a constância objetal, a satisfação sexual e o entrelaçamento sexual. Há também o sentimento de culpa que é apropriado, em termos da fantasia inconsciente total (WINNICOTT, 1975 p. 200-1).

Uma das características mais emocionantes do adolescente é o seu idealismo - experimenta a liberdade de formular seus planos ideais. Este período de adolescência implica um crescimento que leva tempo. Enquanto permanecer nesse processo de crescimento, a responsabilidade tem de ser assumida pelas figuras parentais. Caso essas figuras parentais se ausentem, os adolescentes passam para uma falsa maturidade e perdem sua maior vantagem, que tem a ver com a liberdade de ter ideias e de agir segundo o impulso.

#### **4.3.3. Análise de um sintoma**

Para uma melhor abordagem do sintoma (no sentido psicanalítico) é imperioso tratá-lo sob dois aspectos, de modo a facilitar sua compreensão e a relação que esse sintoma apresenta no que diz respeito à causa e ao tratamento que: os princípios gerais, que servem de base para a compreensão do sintoma, e a aplicação desses princípios em casos específicos, na visão de Aichhorn (2006).

Em 1925, o austríaco August Aichhorn, contemporâneo de Freud, dirigiu uma instituição na cidade de Hollabrunn, próxima a Viena, na Áustria, que acolhia jovens “delinquentes”. Contrário às formas de castigo e de caridade excessivas como tratamentos dados a esses jovens, Aichhorn buscou na psicanálise algo de novo que pudesse reorientar um trabalho possível para esses sujeitos, que sintomaticamente mantinham-se apartados do discurso normativo da época

O autor parte de um caso sensível de uma mãe que se queixa da desordem da conduta de seu filho adolescente de treze anos, que, apesar de tudo, acha que seu filho não encontra motivos para condutas consideradas negativas. Tudo começa desde o momento em que o rapaz teve a iniciativa de roubo de dinheiro e de fuga de casa dos pais, uma conduta revelada pelo constrangimento vivenciado no seio familiar. Infelizmente, a postura da mãe piora a situação a partir do momento em que perde o interesse pelo filho, por aborrecimento gerado pelo comportamento deste. Uma história de extrema importância social do ponto de vista psicanalítico no que tange a certas atitudes

no lar e à figura paterna, que serviu de modelo de imitação para certos modos de agir que surgiram posteriormente.

A intervenção psicanalítica com a senhora conduziu à abertura para outros extremos familiares, com destaque para o seu relacionamento com o marido. Em caso de desavenças entre o casal, o marido desaparecia de casa durante horas. Além disso, suas ocupações laborais não permitiam que dedicasse grande parte do tempo à família (filhos), além de haver pouca harmonia com a mãe. Uma série de situações decorrentes do fenômeno sintomático do adolescente que narram histórias de roubo, fuga e demais condutas reveladas na situação: abandonado e sentir-se só.

A mãe, ocupada em outros afazeres fora de casa; o pai, ocupado na fábrica; e a irmã, na escola. O adolescente mostrava-se revoltoso com a irmã pelo fato de ela ter recebido da mãe valor monetário para compra de novas sandálias antes dele, mesmo sabendo que ele necessitava mais delas. Além disso, haviam desaparecido alguns pertences de um amigo e ele fora acusado: “Foram roubados alguns selos de meu amigo e eles pensaram que teria sido eu” (AICHHORN, 2006 p. 43. Tradução livre)

A reflexão sobre o assunto leva a uma análise na visão psicanalítica de que tanto a fuga como o furto não foram acidentais, mas têm causas que precisam ser encontradas, a exemplo de história familiar, um importante aspecto a considerar. Quer dizer, problemas de fugas, comportamentos inadequados socialmente, indícios de delinquência e tantos outros de várias faces são sinais que têm causa. É esta causa que deve ser encontrada em quaisquer das manifestações comportamentais. O caso em destaque, por exemplo, a fuga, abre pistas na intenção da fuga, mas, mais do que isto, é importante ter em conta o verdadeiro propósito. É nessa base que Aichhorn (2006) reflete que, se seu propósito não estiver na consciência, então se devem buscar as causas no nível da inconsciência. Porém, tanto a inconsciência quanto a consciência são forças psíquicas responsáveis pela determinação e estão na base de certas condutas. Daí vem a importância de processos psíquicos existentes e de se ter atenção para não considerar o inconsciente como um recurso apenas para explicar

fenômenos, mas sim como algo que realmente existe, tal como se admite a existência da consciência.

O consciente e o inconsciente, como compartimentos da mente, não estão totalmente separados. Certo é que o inconsciente é um espaço de armazenamento de todas as classes de coisas com várias funções de atuação. Nossos desejos provêm desta fonte, bem como das atividades emocionais e das coisas que nos rodeiam. O que chamamos de atração por outra pessoa está presente no inconsciente já há muito, antes de nos inteirarmos dela. Se observarmos as reações de uma ereção vindo da sua necessidade orgânica e de estímulos que chegam do exterior, é possível compreender Freud quando trata os processos inconscientes como processos primários. Pouco é o consciente que se pode observar numa criança, porque, por mais que ela cresça, vai recebendo suas sensações corporais chegadas a ela através de seus órgãos de sentido. É desta forma que a consciência se desenvolve paralelamente ao inconsciente (AICHHORN, 2006).

A criança imita. Este processo de imitação é também uma função do inconsciente. Os sentimentos de carinho de seus progenitores se desenvolveram sem, no entanto, seu próprio conhecimento. Como tal, admira-se deles e assume algumas de suas características, e por isso se identifica com eles. Isto se pode concretizar quando uma menina imita sua mãe, um menino, seu pai. Isto é comparável ao vocábulo popular de que “nada surge de nada”. Para isso, chama-se atenção para os cuidados que se deve prestar aos filhos nas suas necessidades desde a sua tenra idade, as formas como os pais se dirigem a eles, pois, como se percebe, eles tornam-se autênticos imitadores. Prova disto é o que se constatou ao reproduzir os mesmos hábitos observados do seu pai: lá se foi, simplesmente repetindo o que tinha sido feito pelo seu pai no domingo anterior, que é o de abandonar a casa. Não teve a preocupação de que sua mãe estaria preocupada com ele ao passar a noite longe de casa (AICHHORN, 2006).

Percebem-se aqui, com essa conduta, as primeiras manifestações da delinquência juvenil proporcionada por mecanismos de pressão na qual participam duas forças: inconsciente-reprimida e consciente-repressora, sendo a inconsciente aquela que busca a satisfação.

Não há como predefinir o resultado desse conflito: se a força reprimida for mais forte que a repressora, anulará a força repressora e vice-versa. E se nenhuma das forças é suficientemente forte para vencer a outra, a situação se manifestará de alguma forma. É isto que em psicanálise se chama de sintoma, a expressão que une duas tendências que Freud aponta (AICHORN, 2006).

#### **4.3.4. E o que diz Freud?**

Todos esses autores, de uma ou de outra forma, parecem dar substância ao que Freud (1905; 1917/1980) introduz em seus estudos sobre a teoria da sexualidade, sob a forma de puberdade – como a adolescência era nomeada na época. Freud diz que existe algo sexual que não é genital, que não tem nenhuma relação com o genital. Apesar disto, a atividade dos pervertidos não se confunde com o sexual pelo fato de a satisfação terminar em orgasmo completo e genital, que só acontece em adultos (FREUD, 1917/1980). Em crianças o orgasmo e a excreção genital dificilmente têm lugar, apesar da existência de elementos sexuais não reconhecidos.

Um ou outro traço de perversão está sempre em pessoas normais: o beijo, que acontece em duas zonas erógenas em vez de genitais, ninguém o rejeita como pervertido. É uma condição indispensável do prazer sexual que a pessoa sinta e veja o objeto. Quer dizer, há existência de processos, beliscar, morder, entre outros que causam excitação sexual em alguma região do corpo do objeto (FREUD, 1917/1980).

Antes de aprofundar discussões sobre a sexualidade infantil, trata-se da sexualidade pervertida como sendo aquela em que as suas ações se dirigem para um fim geralmente único de impulsos ou pulsões. São pulsões que assumiram a predominância ou a única pulsão observável, ou submeteu outras aos seus propósitos. Essa singularidade revela a falta de diferença entre a sexualidade pervertida e a normal, senão pelo fato de seus impulsos dominantes e conseqüentemente seus fins sexuais serem diferentes. Ou seja, há falta de centralização no que tange à sexualidade infantil. Os impulsos têm iguais direitos,

cada um segue seu rumo na busca de prazer. De forma natural, a ausência bem como a presença de centralização harmoniza-se. Tanto a sexualidade pervertida como a normal surgiram da sexualidade infantil. Há casos da sexualidade pervertida que se assemelham com o tipo infantil (FREUD, 1917/1980). Deste modo, a vida sexual das crianças acontece da seguinte maneira:

Primeiro, a partir do terceiro ano de vida os genitais começam a excitar-se. É o período de masturbação infantil, da satisfação genital. Os acontecimentos mentais e sociais da vida sexual estão presentes. A escolha de um objeto, a preferência carinhosa por determinadas pessoas ou mesmo a decisão por um dos dois sexos e os ciúmes são estabelecidos por imparcialidade. Aqui, a vida sexual da criança é semelhante à do adulto. O que a difere desta é a falta de organização estável sob a primazia dos genitais, os traços de perversão e pela menor intensidade de toda a tendência sexual. Todavia, as fases mais interessantes do desenvolvimento ou do desenvolvimento libidinal situam-se na fase anterior a esta, que se realiza de maneira rápida.

Segundo, do sexto e oitavo ano para diante há uma estagnação e retrocesso do desenvolvimento sexual, período chamado de latência. Um período caracterizado por amnésia infantil – esquecimento.

Ainda sobre a vida sexual da criança, existem os preparativos, no primeiro período da infância, anterior ao período de latência, e se organiza de forma permanente da puberdade em diante. Uma espécie de organização que se pode chamar de pré-genital existe nesse período inicial. Uma fase em que no primeiro plano não são as genitais, mas sim as sádicas e anais. A comparação entre masculino e feminino não desempenha nenhum papel. Ao invés disso, se estabelece entre o ativo e o passivo, que pode ser descrito como precursor da polaridade sexual que daí em diante se fará sentir.

Nas atividades dessa fase, aquilo que se apresenta como masculino, quando considerado do ponto de vista genital, é a manifestação de uma expulsão que de maneira fácil se pode tornar crueldade. Nesse caso, aquilo que visa para um fim passivo vincula-se à zona erógena do orifício anal, muito importante nessa fase. Os impulsos como de olhar e de aquisição de conhecimentos funcionam de maneira poderosa; os genitais desempenham seu papel de pura e simplesmente

órgãos de excreção da urina. A organização sádico-anal é precursora imediata da fase de primazia genital.

Estudos mostram o quanto a organização sádico-anal se mantém na forma definitiva e posterior das coisas e também a forma como suas pulsões parciais são compelidas e tomam seu lugar na nova organização genital. Para o caso, a fase anterior à sádico-anal, no que diz respeito ao desenvolvimento libidinal, pode ser estruturada em um estágio de organização ainda mais precoce e primitivo, nesse caso a zona erógena da boca desempenhando principal função, na qual a sucção tem papel importante.

Isto demonstra que a vida sexual passa por fases sucessivas que se parecem entre si e possuem uma evolução repetitiva. Sua posição crítica se une à subordinação de todas as pulsões parciais à primazia dos genitais e, com isto, a sujeição da sexualidade à função reprodutiva.

Alguns fatores que compõem a pulsão sexual têm desde o começo um objeto a que se aderem, enquanto outros estão vinculados a determinadas zonas erógenas do seu próprio corpo, as quais têm, de início, apenas um objeto, enquanto estiverem ligados às funções não sexuais. Ao contrário, quando estiverem ligados às funções sexuais, há abandono. O primeiro objeto da componente oral é o seio materno, que tem a finalidade de satisfazer a necessidade de alimento do bebê. A componente erótica é satisfeita de forma simultânea enquanto durar a sucção e se torna independente do ato da sucção sensual. Há abandono do objeto externo que o substitua por outra área do próprio bebê. Nessa afronta, a pulsão oral torna-se autoerótica, como é o caso das pulsões anais e outras pulsões erógenas, no início (FREUD, 1917/1980).

De uma ou de outra maneira, o progresso subsequente vai consistir em abandonar o autoerotismo por um objeto externo e, em seguida, na unificação de diversos objetos das pulsões separadas e sua substituição por um único objeto. Algo que só se torna possível se o objeto, de novo, for um corpo total semelhante ao próprio sujeito. Mas também não é possível que isso se efetue sem que haja impulsos autoeróticos que tenham sido abandonados (FREUD, 1917/1980).



A mãe é o primeiro objeto de amor da criança e, na altura em que ela se torna um objeto de amor, surge o trabalho psíquico da repressão, no qual uma parte da finalidade sexual se subtrai para o conhecimento consciente. É aí que tudo começa, com a ideia de que a mãe é sua posse, objeto de seu amor, surge o complexo de Édipo. Nele a criança quer ter a sua mãe para si mesmo. A presença de seu pai é sinônimo de incômodo, a criança fica ressentida diante do mínimo gesto de afeto que o pai eventualmente dirigir à sua mãe.

Um ponto é que se sente feliz diante das ausências do pai. Expressa seus sentimentos e promete casar-se com a sua própria mãe. Só que a observação é obscurecida em outras ocasiões, quando ela (criança) dá sinais de afeto ao pai. Essas atitudes ambivalentes em adultos conduziram ao conflito, mas tornam-se compatíveis uma com a outra no longo prazo nas crianças bem como em adultos, vindo mais tarde a encontrar lugar permanente no inconsciente (FREUD, 1917/1980).

O papel da mãe consiste em satisfazer as necessidades de criança no sentido de evitar que receba tais cuidados de terceiros. Mas é questão apenas de apoio que se vincula com a tendência erótica. Nisto se verifica que o menino quer dormir ao lado da sua mãe; à noite, quer impor sua presença junto à mãe e, enquanto estiver vestindo, faz tentativas de seduzi-la. É a natureza erótica da ligação da criança (menino) com a sua mãe. Não quer que haja duas pessoas em sua volta, mas apenas uma – a mãe.

Aqui acontece exatamente a mesma coisa em relação às meninas, com as devidas modificações: afeto pelo pai, necessidade de eliminar a mãe porque é desnecessária, é demais, é excedente, vai tomar-lhe o lugar; o que demonstra os métodos da sua futura feminilidade.

Ora, os próprios pais exercem influência decisiva no despertar da atitude edipiana da criança quando cedem ao impulso da atração sexual, na qual, onde houver diversas crianças, o pai dará provas da sua maior afeição à filha e a mãe, ao filho. E quando outras crianças se envolvem na cena, o complexo de Édipo avoluma-se em um complexo da família. Ou seja, a criança entende que o novo apoio, obtido a partir de sentimentos (egoístas) de ter sido prejudicada, lhe dá um fundamento para receber os novos irmãos com repulsa e faz com que, sem

hesitações, estes sejam, em desejo, eliminados. São sentimentos de ódio bem mais visíveis do que aqueles que decorrem no complexo parental.

Contudo, uma criança que tenha sido isolada da sua mãe por motivo de nascimento do outro filho não perdoa com facilidade o novo irmão pelo fato de ele tomar seu lugar: apreendeu seu lugar, retirou seu lugar, o substituiu. Isso constitui na criança a base de sua desavença. São sentimentos que no adulto seriam de intensos ressentimentos e, já na criança, instituem desavenças. À medida que os meninos forem crescendo, a atitude do outro para com eles sofre transformações significativas.

No caso do menino, pode tomar a sua irmã como objeto de amor pelo fato de a mãe, no seu entender, ter sido infiel. A menina escolhe o irmão geralmente mais velho como substituto do pai, já que o pai biológico a subestimou ao invés de continuar com a afeição anterior, ou ainda encontrar, entre as irmãs, uma mais nova que em vão desejou ter de seu pai.

Freud chama atenção para a posição que uma criança ocupa na família ser fator determinante na formação da sua vida posterior e que deve merecer considerações em toda a anamnese e busca daí a questão da proibição do incesto. A visão psicanalítica sobre o assunto é de que a tendência sexual dos membros da mesma família que pertencem a sexos opostos tem sido desviada pelo fato de terem vivido junto durante algum tempo, ou seja, desde a infância, e proibido pelas leis e costumes, mas explicita que é preciso perceber que a primeira escolha objetual do ser humano é mesmo incestuosa, dirigida, no caso do homem, à sua mãe e à sua irmã; e são necessárias severas proibições para impedir que essa tendência infantil se realize.

Na puberdade, quando as pulsões trazem à tona suas exigências sexuais pela primeira vez, os antigos objetos incestuosos familiares são retomados mais uma vez, carregados da libido. A escolha do objeto durante a infância era apenas débil, mas já era um começo para a escolha do objeto na puberdade. Nesse ponto há o desenrolar de alguns processos emocionais bastante intensos que tomam o rumo do complexo de Édipo ou reagem contra ele. Por vezes esses processos se tornam intoleráveis em larga escala, e permanecem afastados da consciência.

A atenção a ter nessa época é que o sujeito tem de se dedicar à grande e árdua tarefa de desligar-se de seus pais. E, enquanto não se realize essa tarefa de desligamento, ele não deixará de ser criança para fazer parte da comunidade social. De maneira específica para o filho, é preciso afastar-se de desejos libidinais com a mãe e optar por outro objeto amoroso real e externo, libertar-se da pressão do pai. A preocupação é que raramente as pessoas enfrentam tais tarefas de maneira ideal e correta, tanto do ponto de vista psicológico como do ponto de vista sociológico. É desta forma que em algumas famílias não se chega a nenhuma solução, pois deseja-se manter os filhos subjugados à autoridade do pai, o que os impede de transferirem-se para seus objetos sexuais externos – o que, por vezes, pode acontecer com as filhas. Se assim for, o complexo de Édipo é considerado como a essência da organização e da estruturação psíquica.

*Grosso modo*, este item abordado trata do adolescente na matriz desenvolvimentista da psicanálise na qual o conceito e seus problemas estão ligados à noção de desenvolvimento humano atravessado pelo social, pelo meio facilitante, pelas relações afetivas, mas tendo como ponto forte o próprio estágio em que o indivíduo se encontra. A fase da adolescência é considerada complexa, mas rica, pelas suas peculiaridades quando orientada sobre si. Depara-se com muitos problemas socioafetivos que têm repercussão na vida social através do isolamento, que, na maior parte das vezes, conduz a várias consequências, entre elas o namoro, desespero, isolamento, desobediência, justamente porque o adolescente se acha adulto mas, numa sociedade como a nossa, em que as normas morais são assentes, não lhe é permitido fazer o que gostaria. Mas o que nos diz a matriz psicanalítica mais contemporânea?

#### **4.4. O adolescente na matriz contemporânea da psicanálise**

Com grande influência dos últimos estudos de Sigmund Freud sobre a pulsão e o id, bem como os estudos psicanalíticos de Jacques Lacan, a matriz contemporânea da psicanálise para a análise da adolescência é bastante desconhecida pela psicologia educacional de Angola, que não a adota em sua

prática e não trabalha com autores como Philippe Lacadée, Rodolpho Ruffino, Contardo Calligaris, Sônia Alberti, Andreia Guerra, Marcelo Pereira, Rose Gurski, entre outros. Calcada na noção de pulsão e do isso (id), essa matriz dá relevância a conceitos operacionais fundamentais que não se pautariam tanto no desenvolvimento humano e nas fases da vida, mas nas formas com que a pulsão se organiza através da “Identificação” e do “Gozo”, todos ligados ao adolescente.

A identificação é o processo que se baseia fundamentalmente na

ação de assemelhar um ego [Eu] a outro, em consequência do que o primeiro ego se comporta como o segundo em determinados aspectos, imita-o e, em certo sentido, assimila-o dentro de si. A identificação tem sido comparada, não inadequadamente, com a incorporação oral, canibalística, da outra pessoa. É uma forma muito importante de vinculação a uma outra pessoa, provavelmente a primeira forma (Freud, 1933/1980 p. 82)

O termo tem como base a obra *A interpretação dos sonhos*, de 1900, na qual Freud afirma que os sonhos possuem duas facetas, a da aproximação e a da fusão (deslocamento e condensação), da seguinte forma: primeiro, a aproximação traduz-se na identificação da pessoa em relação ao grupo de que faz parte, ou seja, a pessoa se revê no grupo através de laços psíquicos, isto é, o processo para designar ou revelar aspectos que rodeiam a pessoa. Freud, ao tratar da identificação na sua obra *Psicologia das massas e análise do eu* (1921/1980), apresenta três modos de identificação: a “primária”, a “secundária” e a “terciária” (ou “pelo sintoma”). A primária é ligada ou concebida na pré-história do complexo do Édipo, ou seja, no mito do pai primevo que faria o sujeito identificar-se com a própria humanidade e com as relações intrafamiliares em que está inserido. Já a secundária se refere à identificação do traço unário: um traço do outro que é internalizado no sujeito, fazendo-o seu. Destaque aqui para o sintoma histérico, no qual a imitação do sintoma de uma pessoa querida é evidente. Trata-se do exemplo da menina Dora que imitava a tosse do pai que muito amava. Quanto ao terceiro modo de identificação, que se dá pelo sintoma, há uma diferença dos modos anteriores, pois há aparente ausência de investimentos sexuais. A identificação aqui se produz, segundo o autor, no contexto das comunidades afetivas que acontecem entre os indivíduos de um determinado grupo ou pares. Os membros do grupo passam a “comungar” o mesmo sintoma em relação aos

ideais, aos grupos ou a objetos comuns de investimento. E, nesse caso, o fio condutor do grupo é considerado o “ideal do eu” por cada um dos membros. As pessoas assim identificam-se com o grupo (FREUD, 1921/1980; ROUDINESCO, PLON, 1998).

Seguindo essa ideia freudiana, interessa-nos de perto os modos de identificação secundário e terciário por mostrarem de maneira bem evidente como se faz o jogo identificatório dos jovens: a internalização em si de traços provenientes de outras pessoas e a ligação “sintomática” desses jovens ao ideal de eu comum a um mesmo grupo. É desse modo que os jovens se identificam no contexto da sua vivência diária, pondo em evidência o que gostariam de ser, ter e como gostariam de agir. Tudo isso ligado à satisfação pulsional, ou seja, ao gozo extraído da transgressão da lei, das regras.

Além disso, o conceito de gozo é ligado à transgressão da lei para que a pessoa escaquele o seu desejo, seu prazer, sua vontade. Fazer uso de seu bem com intuito de tirar de tal bem aquilo que lhe é agradável, aquilo que proporciona prazer, ou ainda, em outros dizeres, que usufrua seu direito de gozo provindo de um terceiro.

No contexto dos nossos adolescentes, suspeita-se que se eles se identificam com suas figuras parenterais, seus ídolos, seu grupo de amigos e sua cultura local através de processos comportamentais de reprodução. Algumas formas de satisfação pulsional podem estar ligadas ao uso de bebidas alcoólicas, transgressões das normas sociais, namoro, saídas para os *dancings*, recusa de alguns trabalhos domésticos, reações de delinquência e outros modos de agir de risco, como agressões físicas e psicológicas às pessoas, roubos, desordem social, degradação de relações afetivas com os membros familiares, juízo de valores, entre outras.

Por esse motivo, o conceito de adolescência em Calligaris (2009) como período em que a pessoa se contempla e se torna objeto de admiração, desconfiança e repressão são marcadas por amor, estudo, brigas e trabalho, pois batalha com seu corpo, que se encontra em desenvolvimento e em transformação. Uma transformação cultural tida como poderosa na nossa época, além de ser objeto de inveja e de medo.

A todo custo os adolescentes concretizam (ou querem concretizar) seus sonhos de liberdade, seus pesadelos e desordem.

Todavia, esquece-se que o sujeito nesse estágio traz consigo grande energia e passa por sentimentos de raiva, ojeriza, desprezo, rebeldia. Por isso, sua intuição conduz-lhe a outros companheiros em igualdade de circunstâncias, juntos constituindo uma espécie de tribo dentro de outra. Afastam-se das famílias e vivem no e pelo grupo no qual sentem-se tratados como homens e mulheres de verdade. Circulam em grupo, impõem suas rebeldias nas ruas, às vezes em momentos menos adequados. É por isso que se tornam preocupação, assim como objeto de repressão e quiçá de inveja (CALLIGARIS, 2009).

Apesar disso, com o andar do tempo os adolescentes aprendem que há dois campos para se chegar à felicidade e ao reconhecimento. São os campos de relação amorosa/sexual e o poder no aspecto produtivo, financeiro e social. Ao lado disto, as duas áreas subjetivas para se fazer valer, ser desejável e invejável. É através de seus corpos que isto se torna possível, através de amar, copular e gozar, assim como se reproduzir, o que, infelizmente, na etapa em que se encontra, não é ainda desejável (CALLIGARIS, 2009).

Acha-se que é deste ponto de vista que se percebe o adolescente como “alguém que teve o tempo de assimilar os valores mais banais e bem compartilhados na comunidade”, a exemplo do sucesso financeiro/social e amoroso/sexual; aquele “cujo corpo chegou à maturação necessária para que ele possa efetiva e eficazmente se consagrar às tarefas que lhes são apontadas por valores, competindo de igual para igual com todo o mundo”; é “para quem, nesse exato momento, a comunidade impõe uma moratória” (CALLIGARIS, 2009, p.15).

Por isso e pelas suas características, esta não é uma fase fácil para o indivíduo, mas sim um período que provém do real da puberdade que ocorre em cada um. Na contemporaneidade, se destaca o declínio social da função paterna, o isolamento e o desenraizamento (RUFFINO, s/d).

De qualquer forma, a puberdade constitui uma experiência de atravessamento invasora e enigmática que se compreende durante a decorrência na comunidade em função de uma discordância instaurada por dois lados: os

recursos sociais indisponíveis ao sujeito e as necessidades das organizações neurofisiológicas e hormonais em mudança no processo de amadurecimento. Isto brota do processo de adolescência que é exigido nessa fase em que a limitação do tempo é indefinida, até que cumpra a tarefa para a qual se destina.

Para isso, convém recordar que a identificação do lugar do sujeito em tensão relacional com o mundo inter-humano, o enigma da filiação e o da sexualidade marcam o final da infância, a puberdade (RUFFINO, s/d), pois há na puberdade um processo de nomeação, ou seja, de dar nome com duas significações: a que inscreve a experiência como significativa e como ele se articula com essa significância e efeitos desse sentido e, finalmente como sendo aquela que se experiencia sem mesmo se deixar representar.

Neste sentido, compreende-se que a puberdade é um processo de amadurecimento fisiológico humano que marca em cada indivíduo o final da sua infância. Tal fase existe porque atua num determinado sujeito e no modo como esse mesmo sujeito experiencia a própria representação pubertária na sua estrutura subjetiva é que o define nos seus efeitos subjetivos, assim como no sentido fisiológico do próprio processo.

Com isto se entende que, se a puberdade existe, é porque há indivíduo no qual o processo age e fora do qual ela não seria possível. É por este motivo que se traduz em dois modos humanos de experiência da sua puberdade que se apresenta ao sujeito, e cada um desses modos distingue-se pela forma de organização social onde o sujeito vive. Tal organização social destaca-se na forma tradicional e na forma moderna. Sendo que a forma tradicional é através de seus dispositivos sociais e a forma moderna por uma ruptura de laços sociais tradicionais, na qual, o jovem é desamparado diante da experiência da puberdade (RUFFINO, s/d).

É a contemporaneidade que impõe à puberdade a qualidade traumática que nela hoje se vê. Isto dialoga com a instauração do declínio da função social da imagem paterna, em que a puberdade se torna traumática e a adolescência se transforma numa operação psíquica necessária para o sujeito. Deste modo, o adolescer é simultaneamente um efeito passivo ao trauma da puberdade e uma resposta que visa eliminar o prolongamento do trauma sofrido pelo sujeito. Ainda,

o adolecer é fruto da puberdade sob as condições histórico-sociais da contemporaneidade de nossa civilização (RUFFINO, S/d).

O indivíduo por si só não pode responder às exigências do seu mundo interno. Ele se depara, então, com três momentos que marcam esse processo de desenvolvimento ao longo desse período. No primeiro, sem compreender o que lhe é pedido tanto pelo seu mundo físico (corpo) como pelo meio circundante; no segundo se depara a falta de palavra para nomear o que vivencia; o terceiro se lança nas aventuras para reconstruir, inventando alguma resposta às exigências solicitadas pelo período da adolescência em que se encontra e, depois à condição adulta (RUFFINO,s/d).

Hoje em dia, na civilização ocidental, tendo em consideração a complexidade do percurso da adolescência contemporânea, a duração desse período, no caso na classe média e ao sexo masculino, está em torno de 25 anos, sendo um pouco menos para o sexo feminino (RUFFINO, s/d, p 3-4). Isto não significa a existência de um rigor na idade cronológica, pois depende da efetivação do necessário para que se realize o trabalho psíquico em causa. Por isso, garantir a qualidade da passagem e habilitar cada um na prevenção de acidentes de percurso é uma tarefa prioritária sobre qualquer tentativa de abreviar o tempo preciso. Ou seja, a adolescência não pode ser abreviada – e quando se quer abreviá-la, chega-se ao abortamento deste precioso processo, traduzindo em fracasso aquilo do trabalho psíquico que devia fazer-se necessário.

É fundamental saber da questão subjetiva do adolescente, sendo esta a única forma de levar em conta aquilo que é visado pela operação da adolescência. No que tange ao trabalho clínico e/ou social com ele que não está direcionado pelas nossas resistências, mas por aquilo que permite distinguir o que ele guarda como risco em seus possíveis acidentes de percurso. O que havia no laço social, a adolescência buscará reposição na subjetividade como tentativa de restabelecer aquilo que foi quebrado.

Para Oliveira (s/d), o desenvolvimento psíquico na adolescência e as suas transformações definem o modo de organização pessoal quando adulto. Essas transformações envolvem crises, conflitos que ocorrem em meio a um movimento psíquico. De forma imaginária, fundem com outro ou em grupo, revendo-se com



ele de maneira passional e adotando valores, crenças e perspectivas a favor do grupo; ou seja, buscam identidade própria através de uma separação simbólica que marca a diferenciação ativa em relação aos outros e, finalmente, a conquista de autonomia subjetiva e social (OLIVEIRA, s/d).

Depara-se aqui com um afastamento das figuras parenterais e dos seus educadores justamente porque encontram na sociedade outros modelos em que se apoiar até a consolidação da sua identidade - uma identidade que a todo custo adquire pela apropriação do espaço público, pela transição de espaços privados, protegidos pela casa e pela escola, para o cenário polifônico, contraditório, plural das ruas. Nessa altura as suas relações socioafetivas já não são orientadas pelos gostos dos pais. São constituídas por meio de novas práticas sociais e sistemas de atividades com outros parceiros do grupo da sua amizade (OLIVEIRA, s/d).

São esses pares os principais intermediários nesse novo processo de socialização. São eles que intervêm no decorrer da nova experimentação e, por isso, são imprescindíveis à construção da identidade psicossocial

Surge então o distanciamento entre o adolescente e a família e os pares passam a ter papel de renome enquanto mediadores de socialização. Os jovens tendem a sentirem-se menos exigido e negociam a diferença nos seus pontos de vistas. Sua estrutura normativa torna-se mais flexível que a da escola e da família, o que favorece acolhimento de sentimentos e visões de mundo que de outra forma seriam rejeitados. E, uma vez invioladas as regras do grupo, suas características subjetivas são mais respeitadas entre eles do que pelo universo adulto (OLIVEIRA, s/d). Pressupõe-se com isto haver mudanças de grandes reorganizações psíquicas que os impelem às novas exigências. Dessas exigências o sujeito se coloca em um jogo no qual os sentimentos de vida se manifestam de forma mais ativa, e que exige uma nova maneira de ser ligada ao novo espaço, fora do círculo familiar e com outras companhias. É a transição que opera uma desconexão no sujeito entre seu ser de criança e o ser de homem ou de mulher, com uma implicação na escolha decisiva com a dimensão inédita de um ato. É essa dimensão que se revela de extrema importância nas patologias que aparecem na adolescência, devido à tentativa de inscrever-se nas crises de identidade que se tornam crises de desejo, a parte real ligada ao objeto, que o

autor considera como letra “a” ou objeto “a”, de “pequeno outro”, como Lacan o conceitua (LACADÉE, 2011). Trata-se, pois, de uma dimensão de ato que pode levar, para alguns, a uma clínica de pressa, isto é, querer pôr-se à prova numa certa urgência e até mesmo com violência, o que revela a dimensão verdadeira do seu ser. O ato é revelado aqui como saída possível para o impasse de relação com o outro de modo a experimentar o impossível de se dizer.

Assim sendo, busca o lugar e a fórmula para autenticar o seu nome de gozo. Na sua falta, isto é, ao não encontrar o lugar de gozo, de satisfação pulsional, constitui um “não gozo”, elemento arruinador que surge no momento da sua puberdade, que institui o elemento da busca central do adolescente. Aliado a isto, a maneira de acolher as falas do adolescente durante a crise, interpretá-las, separá-lo da fuga dos objetos de consumo que o consomem, assim como a abordagem das condutas de risco nessa etapa da vida, são fatores essenciais para compreendê-lo nessas mais variadas particularidades. A linguagem, para esse caso, serve de veículo – um veículo de duas identificações: a constituinte e a constituída.

O adolescente se sente exilado, experimenta na sua própria carne a dor de todos quantos se veem privados de sua língua, a considerada de sua infância, que foi tida como constituinte do seu ser e do sentimento da vida. Essa identificação constituinte é que ocupa o lugar essencial como o “ponto de onde”, que é tarefa de cada um construir para inventar sua própria solução (LACADÉE, 2011, p. 22).

Já a identificação constituída é considerada como “ideal do eu” que lhe permite ter a ideia de si mesmo e orientar a sua própria existência. É considerado vetor sobre o qual a identificação constituinte se apoia.

O autor retorna à ideia de “ponto de onde” e traduz que este é o momento de solidão em que o ser está pronto a se ligar a qualquer objeto para satisfazer seu gozo, ainda com o preço de se viciar. Assim, lembra a função do “ideal do eu” que coloca o sujeito no eixo do que ele tem de fazer como homem ou como mulher, bem como o distanciamento da pulsão da morte (LACADÉE, 2011). Deste modo, tenta apostar na conversação e afastar impasses (mancha negra) em sua existência, como a vergonha ou o ódio, que o podem levar à destruição do seu

ser. É esta mancha negra, “o real insuportável, o indizível, a parte obscura do ser de que não nos curamos, mas com que se acomodamos mais ou menos bem” (LACADÉE, 2011, p. 23). E acrescenta:

O novo surgido no dito pode, então, orientar uma fala inédita, uma nova tomada de posição na língua, permitindo ao adolescente traduzir a via nova que a ele oferecida. Eis o abrigo que pode oferecer o encontro com um psicanalista, guiando o adolescente na tarefa de bem dizer seu ser (LACADÉE, 2011 p. 23)

Essas situações, predominantes nesta faixa turbulenta ao longo do desenvolvimento do ser humano, a adolescência, devem-se ao desprendimento da autoridade parenteral, pois trata-se de um período de extrema delicadeza e importância, mas também de dor (LACADÉE, 2007a).

Em nome da verdadeira vida, do que virá a ser no futuro, os adolescentes são impulsionados a correr riscos, sem consciência do perigo eminente (LACADÉE, 2007a). Esses sentimentos que os adolescentes enfrentam, colocando sua vida em risco sem ter consciência do mesmo, são chamados de novos sintomas.

Jacques Munier transporta o trabalho de David Le Breton, que é apontado por Lacadée (2007a) e no qual abordagem de risco é tratada na visão sociológica, com pouca atenção à construção da personalidade. Isso se deve à visibilidade sociológica para com a sua autoafirmação em meios sociais, nos quais se depara com violências e suicídio de jovens, sem se preocupar com questões mais visíveis e mais íntimas, mas também decisivas na formação da personalidade do indivíduo. É aí que se situa o campo de ação psicanalítica.

#### **4.4.1. Características de transição da infância para adolescência, condutas de risco e o lugar da sua identidade**

Calligaris (2009) assinala que não se trata da infância como primeiros anos de vida, que sempre existiram, e sim da ideia de um tempo da vida diferente

da idade adulta, no qual a felicidade, protegida pelo amor dos pais, é marcada pelas esperanças de um dia essa pessoa tornar-se adulta.

Nessa altura da modernidade, a infância se tornou objeto recheado de preocupações, meditações e planificações. A maneira com que se olha e se ama uma criança é em si um valor cultural que teve êxitos a partir da altura em que a sociedade tradicional abriu portas para o individualismo.

O autor ressalta ainda a sociedade tradicional como espaço em que há esperanças da continuidade da vida, uma vez que a morte, ainda que seja um acontecimento trágico e triste na vida do indivíduo, não é o fim de tudo, porque a comunidade sobrevive e segue em frente. Da sua adenda ao assunto, com o fim da sociedade tradicional, a morte torna-se uma experiência individual e não substituída pela significação mais ampla da comunidade.

No contexto cultural onde a morte é o fim trágico e solitário de uma existência, as crianças assumem uma importância especial e nova. Quando a morte é fim de tudo, as crianças são a única solução, a única promessa da continuidade ou mesmo da imortalidade. “Mas essa é apenas uma razão para que o individualismo moderno invente a infância” (CALLIGARIS, 2009, p. 63).

A observação que se faz da comunidade tradicional é de que cada criança viria ao mundo ocupar um espaço bem definido pela rede social estabelecida. Onde quer que a criança nasça, encontra naquela comunidade uma exigência social pacificada, tranquila. Isto difere de uma comunidade individualista como a nossa, na qual qualquer sujeito constrói um lugar e inventa algo contra a tradição e aquilo que lhe fora reservado. É neste sentido que hoje em dia o processo de transmissão, de ensino ou de formação na atual cultura obedece a uma questão problemática, uma vez que o que é transmitido contradiz a tradição (CALLIGARIS, 2009). Ou seja, as instituições tradicionais desapareceram com a modernidade. O que resta dela é a família. Uma familiar nuclear que resiste pelo fato de ser fundada no amor - um amor que gira em torno de pai, mãe e filhos. Um tipo de família que exige dos filhos submissão e obediência em nome do amor e, pelo nome do mesmo amor, pede que aqueles se libertem da família e atinjam patamares superiores às condições em que foram criado, para corresponder aos desejos dos pais. São pressupostos que levam à compreensão da maneira com

que a modernidade cria condições sociais e psicológicas da sacralização da infância, a qual se prende na insatisfação do sujeito. O sujeito moderno quer mais porque deve querer mais que os outros. Não existe algo que possa acabar com tal insatisfação (CALLIGARIS, 2009).

Ora, as crianças modernas são objeto de observação e de prazer para os adultos. Por isso são criadas, vestidas, arrumadas para a boa e segura imagem. No início do período moderno, eram vestidas a partir da diferença sexual, seu desejo era negado porque era uma fonte de inquietação (CALLIGARIS, 2009).

Uma imagem de felicidade, inocência e de paz nas casas é a perfeição jamais alcançada por um homem insatisfeito. “Por isso, a infância mais do que uma utopia, é nossa idade de ouro” (CALLIGARIS, 2009 p. 66), na qual se goza de direitos só pelo fato de se ter nascido criança. Não oferece apenas um prazer estético: sua imagem tem também outra função, a de dar sentido à corrida social dos adultos, sendo as crianças herdeiras de anseios, de insatisfações.

Já na época da adolescência, elas se parecem cada vez mais com os adultos, tanto pelo tamanho, pela maturação corporal como pela exigência da sua felicidade e de prazeres que pretendam almejar, a exemplo de sexo e dinheiro. Histórias e brinquedos são postos de lado e dão lugar a uma pressão da corrida para a vida adulta. Suas visões são como um erotismo e elas são expostas à pornografia, um gênero de filme onde as situações extremas são reais. Tornam-se turistas sexuais num mundo sem polícia.

Ao interpretar os desejos dos adultos e tentar perceber seus sonhos, os adolescentes se deparam com a sua própria imagem: menos vestidas como crianças para antecipar o futuro que para eles se espera. Nas ruas, caminham de calças abaixo da cintura de modo a mostrar alguma parte da cueca; chapéu virado para trás. Um comportamento observável no mundo inteiro: apresentam os mesmos estilos, as mesmas modas, optam pelas mesmas músicas e uma mesmice americana. Foi nos Estados Unidos que foi inventada a adolescência, por apresentar o primeiro traço da modernidade. Por isso, é originalmente americana, desde a sua metade do séc. XX (CALLIGARIS, 2009).

No entanto, com esse modo de se apresentar, o adolescente se marginaliza para continuar a ocupar-se do centro da cultura ou o lugar do sonho do adulto. Quer ser aceito no meio dos adultos como um par. Uma maneira de ser adulto no que diz respeito aos prazeres, mas sem obrigações (CALLIGARIS, 2009), e isto requer dele uma conduta ou comportamento de risco, ou seja, apresenta-se com uma nova forma de proceder que é estranha, motivo pelo qual é também denominada de “novos sintomas”, sinais de nova clínica que é fruto da ruptura da relação que se havia estabelecido com o Outro (LACADÉE, 2007a). É isto que se chama de conduta de risco durante a adolescência.

Como se constata e sem juízo de valores, a adolescência tem sido caracterizada pelo que é ouvido e observado por condutas considerados de risco. Trata-se de condutas que são sinônimos de seu reconhecimento social, manifestadas a todo custo por ações que conduzem o adolescente ou para o melhor ou para o pior e que o afastam do medo da inconsistência e da insignificância pelo fato de constituir uma tentativa de sua existência mais do que da morte. Trata-se de um conjunto de reações que se concretizam comumente com feridas ou com a morte, comprometendo o futuro ou colocando a saúde em risco. São procedimentos que colocam o adolescente em perigo e que alteram as melhores possibilidades de integração social, como a toxicomania, do alcoolismo, o excesso de velocidade no trânsito, tentativas de suicídio, transtorno alimentar, fuga, delinquência. Eles tomam rumos perigosos, abandonam a vida escolar, entre outras condutas características (LACADÉE, 2007 e 2011; PEREIRA, 2010). A falta de referência simbólica a que o jovem se submete e o conduz ao mergulho narcísico de tipo imaginário é o que transforma sua identidade em uma esfera de imagens desordenadas e mal alinhadas, pois atualmente os adolescentes e jovens buscam o sentido de si mesmos à luz de alguma imagem já idealizada do outro. É nesses casos que buscam experiências de uma fusão imaginária entre os membros do grupo: as relações entre os grupos se fecham e as divergências entre eles se acentuam. Tudo isto em prol da identidade ilusória sustentada pela aposta subjetiva de cada um dentro da imagem coletiva de uma comunidade de iguais onde não haja nenhuma tensão (OLIVEIRA, s/d).

Os modos de agir em questão não acontecem por acaso. São várias as razões que levam o adolescente à conduta de risco. O que se observa é que

esses hábitos têm origem variável desde a história pessoal de cada adolescente: o abandono, a indiferença familiar, o sentimento de não contar, a superproteção, pais que negam suas responsabilidades para com os filhos, a violência ou abusos sexuais, a falta de entendimento do casal parental, a hostilidade de um padrasto ou madrasta levam o jovem a exilar-se, assim como a falta de orientação e os limites não estabelecidos de forma suficiente (LACADÉE, 2007; 2011). É fruto da independência que faz com que o jovem experimente seu estatuto de sujeito. Nisto se defronta com o fora e o dentro, põe em jogo as interdições sociais, quer saber o seu lugar no meio onde não se reconhece de melhor forma. Isso se dá pela sua inscrição em uma experiência que não consegue definir através da ambivalência ou, ainda, através de processos provocativos (LACADÉE, 2007).

Ora, a limitação simbólica com os outros e o mundo no qual experimenta carência é onde faz as afirmações de seus desejos no que diz respeito ao seu reconhecimento, à posse do espaço na sociedade, a experimentação do sentimento da necessidade pessoal, bem como o valor e o sentido da vida. Esses sentimentos é que submetem o jovem ao paradoxo e os separam de seus progenitores. Levado por esses sentimentos e desejos de viver, depara-se então com momentos de dúvidas e arrisca-se para experimentar a vida a todo o custo. Por isso o faz ou para o bem ou para o mal, como vimos anteriormente.

Mesmo experimentando esse momento de dúvida, alguns atingem a idade adulta sem muitos problemas; mas a grande maioria se envolve em condutas sintomáticas consideradas condutas de risco, que “testemunham a falta a ser, o sofrimento e a necessidade de interior de se confrontarem o mundo, com intuito de se livrarem o que não está bem em suas vidas e de reconhecer os limites necessários ao desenvolvimento da sua existência” (LACADÉE, 2011, p. 56).

Essas condutas de risco são solicitações simbólicas da morte na busca de limites, tentativas desajeitadas e dolorosas de se situar no mundo, além de uma maneira de ritualizar a passagem à idade adulta e de marcar o momento em que o agir vai além da dimensão do sentido. Maneiras de se assegurar o valor da existência, de afastar o medo na tentativa de afirmação da sua existência (LACADÉE, 2011).

É no corpo do próprio adolescente que se faz sentir o problema da identidade e o gozo indizível (LACADÉE, 2011, 2007a; PEREIRA, 2010). É lá que se dá a experimentação do seu gozo nessa altura da identidade. Um gozo impossível de se traduzir em palavras, razão pela qual lhe vem à mente a solução que não passa de blasfemas e insultos e fica recalcada. Como se comporta em relação ao corpo? São várias as formas com que ele o trata: o adolescente cuida-o, maltrata-o; ama-o e odeia-o com intensidade variável, ligado à história pessoal e à capacidade de seu entorno em oferecer-lhe os limites necessários para refrear o seu gozo. Quando esses limites não aparecem, ele usa a superfície do seu corpo para manifestá-los, colocar em jogo seu próprio corpo para senti-los, para conter os sentimentos de identidade com marcos no corpo: tatuagens e *piercings* que podem levar a ferimentos corporais, incisões, escarificações, entre outros. Para salvaguardar sua membrana tegumentar, faz-se uma nova (LACADÉE, 2007; PEREIRA, 2010).

Disto surge a grande importância de diálogo para ouvir o que o perturba ou o pressiona (LACADÉE, 2007a), pois tais condutas de risco despertam atenção pelo fato de traduzirem alguma referência. Trata-se de deixar algo para ascender a outra coisa. É aqui que o sujeito pode assumir o risco de uma invenção, que é uma solução pessoal para poder efetuar a mais delicada das transições. Por isto é que de deve ter noção das coisas, por mais simples que pareçam, porque revelam algo preparado para receber outra coisa.

Ora, o risco, por outro lado revela o sentido de vida que falta em muitos adolescentes. É este sentido da vida que constitui fator importante das condutas de risco; uma tentativa inconsciente de se livrar de si mesmo, do sentimento de ódio diante da parte de indizível que se pode experimentar como vergonha de si mesmo. Os adolescentes correm riscos para viver, para encontrar solução de habitar seu próprio corpo, o tal mundo em que o Outro não existiria.

O momento em que o corpo é valorizado favorece o aumento da solidão e do gozo, levando ao autismo (ensimesmamento) e até mesmo à fobia do desejo do Outro, imediatamente qualificada como fobia social, também considerada alteração do comportamento, como diz o autor:



Por meio do pôr-se em risco, algo do gozo do corpo pede para ser limitado, marcado, regulado, autenticado por uma marca simbólica, haja vista a ordem da castração ter deixado de operar. Por não receber essa marca do Outro simbólico, o adolescente a providência sozinho e, assim, pede para ser ouvido sua dimensão de sofrimento, de apelo, de invenção e de vida (LACADÉE, 2011 p. 60).

Ainda sobre os riscos, no diálogo mantido com David Le Breton, Lacadée (2011) revela que os riscos corridos pelos jovens, que podem eventualmente inquietar, atrapalhar, gerar incompreensão e suscitar rejeição, circunscrevem-se numa concepção mais geral de risco marcada pelo paradoxo, o medo e a angústia, num contexto em que o ideal securitário substitui progressivamente a teologia da catástrofe, cuja significação era imputada à vontade divina. Então são postas em prática algumas técnicas de restrição de riscos, a exemplo de programas de prevenção, operações de controlo, entre outras, cujo resultado paradoxal é a negação de toda a dimensão subjetiva e a abolição pura e simples da causalidade psíquica. Ou seja, pouco importa o que diz o sujeito. Para tanto, este paradoxo confirma a fórmula lacaniana: “quanto mais se quer erradicar o vazio e o risco, querendo proteger os indivíduos, mais cada sujeito os produz, pois é justamente desse vazio que se origina o desejo que sustenta e dá forma à dimensão subjetiva do ser” (LACADÉE, 2011, p. 62).

Como tal, constituem referências e os adolescentes querem a todo custo dar sentido à sua vida através de várias formas de invenções que os colocam em autorreferência. Entre tais invenções, para além da conduta de risco já relatada, a de aventura, que também constitui uma forma de risco, se faz presente.

Todavia, o risco procurado pelos adolescentes tem sua origem num sofrimento pessoal agudo ou difuso, numa falta de integração, na ausência de um gostar de viver que se mostre suficiente, enquanto a aventura mostra um exemplo de excelência, um modelo de autorreferência, como testemunha Lacadée (2011) ao revisar Le Breton.

Pressionado pela pulsão, o adolescente é empurrado ao encontro com um lugar e uma fórmula onde possa dizer alguma coisa que garanta que isso se assegure. Não encontrando essa fórmula, esse “sim, senhor” que lhe permitiria separar-se do pensamento que retém a sua mente, encontra uma possível saída

que é andar, por vezes sem objetivo, em busca da vida, a verdadeira vida; e o sujeito pode ser obrigado a passar ao ato (LACADÉE, 2011).

Dada essa particularidade, é imperioso que a todos abra-se a possibilidade de diálogo, permitindo que se agarrem a uma nova palavra que lhes permita traduzir as suas sensações e falar sobre a delicada transição, como sustenta Lacadée (2007a).

Esta conduta é envolvida por duas particularidades com perigo de serem confundidas: a reposição e a restauração. Trata-se de um perigo presente tanto para o psicanalista como para o próprio adolescente, assim como no campo social. Pode apresentar-se para qualquer um, tanto da ordem da confusão intelectual das nossas representações quanto da ordem de uma fascinação mortífera que se manifesta em nossas intensidades afetivas (RUFFINO, s/d). Para isso, convém que se dê atenção à função do pai na percepção psicanalítica da imagem que os filhos têm dele.

O pai enquanto “função” não pode ser confundido com nenhuma “figura paterna”, e o conceito de *imago* não deve ser entendido como imagem. O pai enquanto função não tem e não deve ter rosto. Sua presença enquanto função paterna deve-se à presença de algo que desautoriza qualquer encarnação absoluta do pai. E a imposição significaria, para o caso, uma idolatria. Diante disso, o que ocorre é a restauração da figura do Um.

Mas o Um da função paterna só pode expressar o Nenhum da figura que o pudesse figurar. Mas, nunca semelhante passível de figuração, só o significante pode funcionar como isso que se apresenta como um Um que é capaz de dizer um Nenhum (RUFFINO, s/d, p. 10).

Quanto ao significante, é assente como função pura. Uma função pura que não seja necessariamente uma frase, uma palavra, uma sílaba ou um fonema, mas é o elemento discreto que, vindo do Outro, se engancha no pulsional de um sujeito. Ele antecede ao sujeito que a usa e “só se presentifica pelo uso que dele um sujeito faça, funciona opositivamente em relação a outros, pois não é nada de sozinho, e tem a capacidade de, em seu funcionamento, presentificar, não sem equívocos, a presença representativa do que está ausente” (*ibid*, p. 10).

Nessa luta o adolescente busca o seu nome, e a adolescência é, portanto, o processo dessa busca. Uma busca que consiste em dar nome às operações de duas significações, tal como referido anteriormente. Algo que não é nomeado não entrará no circuito das significações do sujeito.

É isso que Guerra (2010) descreve nas características específicas da transição do adolescente no que diz respeito à lógica do seu funcionamento, desde a sua dimensão social, econômica e cultural, para narrar aspectos subjetivos nesse período de transição. Trata-se, portanto, da puberdade, que é o segundo período da sexualidade, sendo o primeiro aquele que ocorre ao longo da infância, antes da latência. É ele quem determina a configuração da vida definitiva do sexo.

Com a chegada à puberdade, há a introdução de mudanças na vida sexual infantil, que cede lugar à vida definitiva sexual do adulto. Nessa altura, a pulsão sexual, que era tida como autoerótica, encontra um objeto sexual: ou seja, um novo alvo sexual surge para as suas pulsões parciais, que é a zona genital (GUERRA, 2010). Revela-se a existência, na puberdade, de duas mudanças decisórias: a subordinação das suas fontes de excitação sexual ao rimado das zonas genitais e o processo de encontro com o objeto. Há, então, o despertar do Édipo, que renova os conflitos edipianos e as fantasias incestuosas (GUERRA, 2010).

Freud (1914/1980), em algumas das suas reflexões sobre a adolescência, fala de um elemento fundamental, qual seja o desligamento do adolescente com o pai, substituindo-o por outro a quem considera figura de mestre. É este o mestre que o agita ao seu encontro, e isto distingue a nova geração tanto pelas esperanças quanto pelo que choca e está na base desse desligamento com o pai. Em outras palavras, “a crise do pai faz nascer a nova geração” (GUERRA, 2010, p. 445). Há uma abertura para o desejo que se amplia para a concretização do pacto social. Quando este não funciona como se esperava, surgem consequências no plano subjetivo e no plano sociopolítico.

É preciso perceber que o indivíduo, enquanto adolescente, realiza um trabalho com o corpo em modificação. O seu Eu construído durante a infância é perturbado na adolescência, ou seja, tudo que o inquietava sobre o seu ser, sexo,

desejo, o desejo do outro simbólico etc. durante a infância, que foi silenciado ao logo do período da latência, é redespertado na adolescência; sua consciência imaginária é abalada nessa fase. O corpo muda, assim como a percepção de si mesmo e do meio circundante. O adolescente reinveste a sua imagem e, por vezes, tem medo do seu corpo e não sabe dele se servir – um objeto que lhe causa angústia. Sua imagem vacila, assim como os seus ideais, e por isso vai a procura de outros, novos ideais. É nesse período que o encontro com outro sexo ganha corpo. O rapaz satisfaz os seus ideais de virilidade e a moça se instala na identificação. Surge o mal-estar, o impasse na relação sexual. E, de acordo ao Lacan (2003), citado por Guerra (2010), “quando chega a hora do rapaz fazer amor com as moças, é preciso que sonhe com isso, antes disso se ocupar” (LACAN, 2003, *apud* GUERRA, 2010, p. 446).

Neste âmbito, Guerra (2010) conclui, à luz de Alberti (2004), que a adolescência pagava o preço de desligamento dos pais através do Outro no nível simbólico: o pai que barra, relativiza ou mediatiza o desejo pela mãe, de um lado, e o pai que diz “sim” ao desejo, por outro. Por isso, a passagem pela adolescência marca um momento decisivo de passagem da vida infantil para a vida adulta, com características próprias e de uma duração variada, a partir das observações fisiológicas produzidas pela puberdade, através da transformação do corpo e da aquisição de funções e atributos de um adulto.

Quem decide a sua duração é o processo pubertário ou o amadurecimento dos órgãos sexuais (CALLIGARIS, 2009), que começa por volta de um ou dois anos antes ou depois da puberdade; na verdade, ela é um marco que começa com a adolescência. Por isso a adolescência é uma manifestação de mudanças hormonais, um processo natural que acarreta transformação tanto do ponto de vista fisiológico quanto da imagem de si, que se adapta a essa mudança. É esta mudança que constitui o problema: a adolescência. Quando os adultos não conseguem identificar nela os sinais de passagem para essa idade adulta, que requer aquilo que se chama de rito de iniciação, entendido como uma manifestação que pode ser acompanhada de provas duras ou não, mas que deve ser enfrentada para se definir um homem ou uma mulher adulta. Diante disto, a questão que se levanta é de saber quais as provas são necessárias para que um adolescente se torne adulto. O critério da maturidade física é descartado, há falta

de lista estabelecida de provas rituais. É essa indefinição que abre a questão central da adolescência.

#### **4.4.2 Invenções e bricolagem como caminhos de transição durante a adolescência**

Um sofrimento vindo do pensamento agora cortado, que pode enquadrar o adolescente no desespero, tornando-o totalmente sozinho no seu exílio (LACADÉE, 2007a).

Nesse período de transição acontecem modificações no seu corpo, como se fosse outro arrebatado, de forma real, a despreocupação da sua infância e a subversão dos significados ideais do Outro parental: toma consigo sentimento de estranheza face às transformações e se depara com algo intraduzível, um impasse e um sentimento de vazio e de vergonha (LACADÉE, 2011); uma vergonha que pode levar o adolescente ao desgosto, ao ódio de si mesmo, ao ódio de algo que é novo e que constitui vazio. E, na tentativa de contorná-lo, a dimensão do agir, que a essa altura comanda ou ordena o adolescente, permite que realize grande desvio que culmina na invenção de outros parceiros, outras cenas, outras comunidades de vida, outros lugares de traduções, e, diante de riscos, põe a sua vida em jogo.

Essas traduções são experimentadas no corpo ou no pensamento para todos os sentidos. É o chamado “gozo” na vertente lacaniana. Um conceito traduzido por não se ter encontrado um termo chave que pudesse condizer com a ideia. Esse “gozo” induz o sujeito ao sentimento de estar à parte, isto é, de exilar-se. A própria energia interna o leva a uma abertura significativa em direção à sociedade; ele já não se vê mais como criança aprisionada pelo desejo do Outro, mas começa a perceber uma visão de si mesmo e do mundo. Através de uma janela que se abre para a vida verdadeira em outro espaço, longe da família, e lhe permite criar suas fantasias do futuro, luxo noturno que o coloca em fugas. Algo o impele a ultrapassar os muros da casa e da família: “é fora de seus domínios que

encontra a vida verdadeira, o que ele crê ser o mundo real que o conduz a rejeitar os semblantes do Outro que até então o velam” (LACADÉE, 2011 p. 32).

Na adolescência, as palavras certas para dizer o que se transforma parecem mais ou menos caducas, pois o tempo é arrancado de seu desenrolar linear. Os laços de causalidade que mantêm juntos certos acontecimentos cedem ou se distendem, criando espaços vazios, de onde emergem ficções. Tais ficções que o adolescente constrói para sair do sair do túnel são também tentativas de traduzir em palavras o novo que o arreventa (LACADÉE, 2011, p. 35).

Este novo que emerge em si traz-lhe estranheza diversas vezes, uma realidade insuportável para a qual o desprezo ou o ódio de si mesmo têm constituído formas de resposta.

O adolescente fica ligado ao presente, ao imediatismo, ao instante. Está num momento de verdade de seu ser como nunca antes esteve ou voltará a estar. Aproxima-se do outro, da turma de amigos porque isso lhe é necessário para entrar no clima e lidar com as trocas sobre o que lhe acontece de inédito e de inaudito no momento presente. É um momento de redescoberta do objeto renunciado ao final do Édipo, antes de entrar no período de latência, o chamado “murmúrio das paixões nascentes”. É a este murmúrio que se deve saber dizer sim, pois, se a fermentação surda que ele contém não for ouvida, se não encontrar sua fórmula, o perigo se aproximará. Esta fase tem uma face de silêncio. “Lá onde isso não fala, a paixão nascente murmura alguma coisa que agita o ser” (LACADÉE, 2011, p.68). Trata-se de uma pulsão que não é apenas simples réplica daquelas da infância, mas sim o despertar da pulsão pelo real biológico que acompanha o recalçamento do objeto paternal, que se vê condenado de forma definitiva como objeto sexual.

É neste tempo que se nota uma presença delicada do corpo através da sua transformação, ou seja, a metamorfose da puberdade que Freud chama de reatualização das escolhas de infância, escolhas de objetos homossexuais ou heterossexuais (LACADÉE, 2011). Deste modo, o sujeito decide no presente a escolha de um objeto para a sua existência.

Há em alguns adolescentes uma ausência de interesse pela vida, o que revela algum risco e constitui fator de extrema importância, uma tentativa inconsciente do desgosto consigo mesmo que se traduz por sentimento de ódio frente a essa parte indizível suscetível de experimento como vergonha de si.

Importante ressaltar que, para certos adolescentes, o risco de viver é uma solução encontrada para viver com seus próprios corpos em um mundo simbólico. Um risco que revela um tipo de sofrimento que pede para ser limitado, regulado e autenticado por uma marca simbólica.

Pelo fato de essa marca simbólica ter sido recebida, o próprio adolescente a produz e por aí reivindica ser ouvido na dimensão de seu sofrimento, apelo, invenção e vida. É por isso que as novas gerações (jovens) e seus riscos inquietam, atrapalham, geram incompreensões e até suscitam rejeições e se inscrevem numa abordagem geral.

Com isto os adolescentes são submetidos a diferentes técnicas, como programas de prevenção, de tutela, operações de controle, medidas avaliativas e de precaução. Tudo isto busca a negação do ponto de vista subjetivo e a abolição pura e simples da causalidade psíquica. Quanto mais se pretende erradicar o vazio e o risco, abrigando os indivíduos, mais estes os produzem, pois é justamente desse vazio e desse risco que se origina aquela vontade, o desejo que sustenta e modela a dimensão subjetiva do ser (LACADÉE, 2007).

Na necessidade de dar sentido à sua vida e de tentar enfrentar as dificuldades do momento em que o adolescente se encontra, cada um inventa um modo próprio de autorreferenciar-se. Entre essas invenções encontra-se o ímpeto sob duas facetas: a aventura com novos aventureiros e as condutas de risco. O denominador comum entre as duas facetas é a interrogação de forma simbólica sobre a morte, para saber se viver vale a pena (LACADÉE, 2007).

A busca de novos aventureiros visa, por meio do risco, o excesso de integração reconhecido. Mas o risco procurado encontra sua origem no sofrimento pessoal, considerado agudo ou ainda difuso, na ausência de integração e na falta do gosto pela vida.

Diante da falta de referências, o jovem vagabundeia, coloca-se numa situação de dependência que o empurra a arriscar a vida, justamente devido à falta de uma figura ideal que possa servir de interlocutor válido e que saiba fazer-se responsável pelo estilo de vida que o jovem adotou, induzindo-o à vida em risco.

Essas identificações remetem a um momento lógico no qual opera certa desconexão entre o seu ser como criança e o seu ser como homem ou mulher adulta, que se estende a uma dimensão do ato de modo inédito na ligação do sujeito com o seu corpo.

O exemplo do ato de fuga, que é também uma conduta de risco, compõe um importante momento do acolhimento por parte de quem se aproxima do adolescente. Ela é, na realidade, uma prova de verdade que toma forma tanto na maior segurança em sua relação com o mundo como na autenticação da pouca importância que premeia a família. À fuga associa-se também o suicídio, pela sua capacidade acentuada de decifrar a dimensão do apelo dessa parte indizível que traz à tona o peso do sofrimento do qual o sujeito quer se separar. Por isso é imperiosa a criação de espaços nos quais os adolescentes possam traduzir em palavras aquilo que não querem saber e que pode levar ao pior (LACADÉE, 2007).

Como o novo ser de objeto que encarna se apresenta ao outro. Essas questões devem ser compreendidas pela maneira como o adolescente vestirá suas marcas, como recobrirá com palavras, com semblantes a parte inominável revelada em seu ser; como encontrar o que lhe dará ao mesmo tempo vontade de viver e o respeito que pede quanto à sua diferença (LACADÉE, 2011).

Com isso há o objetivo da demanda que o sujeito adolescente vivencia, um paradoxo essencial à compreensão que o conduz ao limite da demanda do Outro. Quando ultrapassado pelos acontecimentos do gozo do seu corpo, o sujeito adolescente não pode pedir uma investida que seja capaz de por à distância o este objeto, que se revela para o próprio sujeito e o induz ao indizível.

A demanda do respeito, como exemplo, é um dos nomes do sintoma dos adolescentes desta época e se deve à contraditoriedade de acesso a uma



autonomia reivindicada da manutenção de uma determinada dependência. Tal dependência consiste na ação formulada pelo adolescente de receber a ideia justa do que ele pode ser para o Outro, recusando-a. Então busca a ideia de si mesmo tentando apreendê-la no Outro, através do recurso da escrita e da cultura da língua.

#### **4.4.3. Recurso à escrita e cultura da língua**

Ao recorrer à escrita, o adolescente ocupa o lugar de uma resposta sintomática. A escrita representa uma determinada tentativa de circunscrever a relação que ele tem com o mundo e com o gozo proveniente da lacuna deixada pela relação sexual, que até então não existe; ela revela aquilo que está na alma do adolescente (LACADÉE, 2011).

A psicanálise mostra que, para alguns sujeitos, a escrita produz uma forma de sintoma que aborda esse vazio, esse real, esse furo impossível de ser abordado de outra maneira. Ela tem lugar no corpo, que permite aparelhar o transbordamento do gozo. “A escrita se apresenta a ele como solução para o que não pode dizer” (LACADÉE, 2011, p. 127). A escrita se torna seu sintoma. “O que não pode dizer e não encontrou no Outro uma solução, por um lado, por não lhe ter dito, mas também pelo simples fato de estrutura de que o Outro tampouco tem as palavras para dizê-lo, encontrará o apoio da escrita” (*ibid*, p. 128). “Onde falta a tradução, surge o ato como curto-circuito desta” (*ibid*, p. 130). A escrita institui uma das soluções para fixar, na letra, o abismo de si. Identifica-se com essa parte e aí aloja sua nulidade, sua alma negra, abertura para sua melancolia que aprende como vazio. Através desse “ponto de onde”, o adolescente sublinha um ponto de estrutura fundamental no tempo lógico da adolescência a partir do qual alcança a ideia de si, uma imagem que o permita sustentar-se e colocar no devido lugar aquela parte que não consegue dizer do seu ser.

Com a cultura da língua, uma cultura muito particular, os adolescentes buscam novos termos, novas expressões. Trata-se de uma linguagem em perpétua evolução (LACADÉE, 2011). De acordo ao autor, na periferia ocorre algo

muito forte nesses termos de linguagem – muito informada, inteligente. Há musicalidade, harmonia. Essa linguagem, ouvida de fora e sem muita atenção, gera impressão de confusão, mas, no fundo de tudo, há um prazer verdadeiro nessa língua. Esses jovens falam uma língua construída com eles e para eles, tendo como base palavras que eles ouviram antes de saber seu sentido. Uma língua bem mais próxima de suas vidas, com palavras que animavam os corpos dos adultos que os cuidavam enquanto mais pequenos. “São adultos imigrados, para quem, às vezes, apenas a língua de origem permite manter uma sociedade hostil, cujos códigos são indecifráveis. Há aí algo forte que convoca a língua na voz, na entonação, no sotaque e no afeto nela alojados” (LACADÉE, 2011, p. 148). Sobretudo porque, muitas vezes, essa língua representa um aspecto valioso, “o único abrigo onde alojar sua fórmula de vida” (*ibid*, p. 148).

O laço com a língua no exílio é ponto de concordância entre o adolescente e o estrangeiro. Essa razão faz com que o adolescente oriundo de famílias estrangeiras tenda a exacerbar a dimensão do exílio. Com isto, os adolescentes de periferia, onde, segundo o autor, se instalaram os estrangeiros, fazem escoar algo da língua, conservando-a intacta. É a língua de balbúcio que faz com que o adolescente não esteja por completo num único lugar. Trata-se da língua do lugar do corpo, enraizada na sensação corporal sem passar pelo Outro. Enlaçada ao corpo pulsional e às palavras ouvidas são também a língua de encenação, do teatro, de certa agressividade, que, por essência, apresenta-se de um auditório para convencer ou dominar.

Lacadée (2011) apoiando-se em Laurent (2004), revela como se deve proceder para ouvir o adolescente. Para aquele autor, deve-se sentar ao seu lado, fazendo uso de uma aproximação topológica da língua, de uma passagem da língua privada à pública. Uma língua particular que se priva da relação com o Outro, uma língua do “frente-a-frente” que serve para se defender do enigma do Outro – ou ainda uma língua com uma agressividade para manter o Outro a uma distância respeitosa. É este o uso que os adolescentes fazem da língua, que se insere no âmbito desse uso particular.

A palavra é cheia de vida e deve ser autêntica; não deve enganar o outro ou ter faltas. Trata-se de uma palavra que, ao invés de matar a coisa, é designada

por ela sem qualquer distância. Todo o saber contido numa palavra é verdade: “Se você curte, você curte, ponto”. “Nada de enrolar, nenhuma dúvida, nenhuma falta, portanto, nada de desejo” (LACADÉE, 2011, p. 150). Uma língua a mais, porque não é apenas excessiva com os gestos, mas também com suas palavras, que contêm demasiada vida, demasiada energia. Os jovens querem aparecer uns para os outros e se juntarem nessa mesma língua, formando os chamados agrupamentos ou grupos juvenis.

#### **4.4.4 Formas de agrupamento juvenis**

Os jovens formam grupos com a tendência de se uniformizarem e assumem estilos semelhantes de conduta, de roupas, de corte e cor de cabelo, adotam particularidades que ajudam a compor a estética do grupo. Mas essa regra não é comum em todos os agrupamentos juvenis, apesar de presente em muitos deles – depende muito da motivação, que está na base da sedução do que é desconhecido e desafiador, do brincar com as possibilidades da vida. É por esta razão que alguns agrupamentos adotam ainda, como traço que os diferencia dos outros, a ocupação de certos recortes de espaço urbano, tais como praças, escadarias, pistas de skate, postos de gasolina, festas e eventos de lazer (OLIVEIRA, s/d; PEREIRA, 2010). É aí que os agrupamentos procuram inscrever suas insígnias, pela presença marcante de ruídos por parte de seus integrantes para afastar ou mesmo impedir que os outros grupos se aproximem (OLIVEIRA, s/d). Essa situação remonta ao último século.

A partir da segunda metade do séc. XX surgem, nas grandes cidades desenvolvidas, grupos de jovens a reivindicarem seus direitos de forma pública, criticando os modos de vida por eles considerados conservadores através de um vestuário que chamava atenção. Roupas específicas, enfeites corporais, reivindicação de espaços para expressar suas opiniões. Com o decorrer do tempo, dada a demanda populacional, novos grupos vieram à tona, dando contorno ao movimento, que hoje se denomina de “Tribos Urbanas”. Quem primeiro utilizou o termo foi Michel Maffesoli, em meados dos anos de 1980, para

designar as novas formas de agrupamento de indivíduos na sociedade pós-moderna. Trata-se de comunidades empáticas, organizadas em torno daquilo que compartilham em gostos e formas de lazer cujos vínculos internos perduram enquanto se mantém o interesse pela atividade. São estes os hippies, punks, góticos, rockabilies, clubbers, rappers, adeptos de hip-hop e skatistas (OLIVEIRA, s/d; PEREIRA, 2010; PEREIRA, GURSKI, 2014).

O hip-hop representa hoje uma das culturas juvenis de maior expressão que surge na década de 60 nos Estados Unidos. Congrega no mesmo movimento a música rap, a dança *break* e as artes de grafite. A sua letra é marcada por rimas e batidas ritmadas.

Os góticos são aqueles que se manifestam por um visual sombrio, noturno e misterioso. Além de roupa preta, é comum o uso da maquiagem carregada e do adorno.

O Punk é um novo estilo juvenil de manifestação que surge em meados da década de 70 no ocidente. Mechas de cabelo coloridas e espetadas, botas pretas, brincos, pulseiras e colares no pescoço são formas características desse estilo.

O *hippie* nasce dos Estados Unidos com a finalidade de contestação das imposições sociais que negavam ao indivíduo uma maior liberdade de escolha e ação. Com roupas leves e coloridas, propunham uma sociedade igualitária pacífica que se baseava no amor livre. O marco do movimento acontece em 1969, com o famoso festival de música e artes de Woodstock, que reuniu mais de 400 mil pessoas ao som de diversas bandas de rock.

Clubbers e Ravers são uma espécie de grupo que muito se destaca na vida noturna das cidades. O marco inicial deste grupo ocorreu na Inglaterra nos anos 80. Em busca de diversão, liberdade e paz, marcavam presença em clubes de música dançante. Nos anos 90 o raver (em português, delírio,) veio reforçar os vínculos desse grupo com as drogas alucinógenas e com os espaços de comunicação virtuais. Suas festas em geral acontecem em espaços abandonados, praias ou outros sítios distantes do cotidiano agitado, onde têm

ou encontram possibilidades de relacionamentos motivados pelo prazer e pela tentativa de alcançar um estado de êxtase.

Os skatistas se diferenciam dos grupos anteriormente mencionados por celebrarem as habilidades físicas e os esportes radicais e por derivar do surfe. Reúnem jovens que se equilibram em prancha com rodas e com ela enfrentam obstáculos, deslizam em corrimões, saltam lances de escada e fazem manobras criativas no ar. O vestuário é característico, pois usam calças largas, camisetas e bonés. São essas as diversas manifestações de tribos urbanas que a sociedade nos apresenta. Acontecem em espaços públicos.

Na medida em que esses lugares públicos forem entendidos pelos adolescentes como ameaçadores e ariscados, eles limitar-se-ão a lugares privados, em condomínios, e tudo que é visto de diferente na sua lógica é entendido como sendo fator de desconfiança. Os espaços privados, em contrapartida, são vistos como territórios seguros para viver e trabalhar (OLIVEIRA, s/d).

No que diz respeito ao lazer, os adolescentes preferem os locais fechados: a casa, os centros comerciais, os cinemas e boates. Essa preferência está na base da diminuição de contatos entre indivíduos. Um fenômeno que afeta principalmente os adolescentes pela instauração da qualidade de relações socioafetivas determinada pela realidade do corpo erotizado e pela maturidade reprodutiva.

Da experimentação de diferentes papéis surge a possibilidade gradual da construção de nova identidade. As interações entre os grupos constituem oportunidades para o preparo e para a vivência de personagens. Por isso é importante que se dê atenção particular à compreensão dos efeitos subjetivos da socialização dos adolescentes pela análise da qualidade e da intensidade das relações socioafetivas que neles se estabelecem.

É importante, ainda, considerar que, ao impedir as pessoas de estabelecer laços, contatos, trocas, vida urbana e relações de empatia, participa na penetração que “transcenda a outras esferas da vida, nas quais ela passa a intermediar as relações interpessoais e culturais” (OLIVEIRA, s/d, p.23).

Nesse cenário a diversidade torna-se ameaçadora e as trocas intersubjetivas se dão pelo temor à diferença e à alteridade. “Cada um só consegue estabelecer relações de mínima confiança e despojamento com aqueles que aparecem como iguais” (OLIVEIRA, s/d, p. 23). É o caso daqueles que se afastam da autoridade da família em busca de seus pares, para com eles dividir as mesmas ideias ou aspirações. Diante disto, percebe-se, hoje em dia, a diminuição do papel da família na vida dos jovens. As crianças e adolescentes estão expostos à vida pública não só por intermédio das mídias, mas também pela participação precoce nas escolas e em certas práticas sociais. São, desta maneira, afetados pelas contradições sociais.

As instituições outrora consideradas homogêneas perdem a força. Em seu lugar, novos atores sociais assumem a função de apresentar aos adolescentes, jovens e crianças aos valores, às vezes antagônicos e fragmentados, que dominam o cenário contemporâneo. Essas situações de origem ocidental têm influência e afetam o desenvolvimento dos adolescentes – desenvolvimento em que o “outro social” exerce papel fundamental. Trata-se de processos que contribuem para a fratura do esquema identitário e que produzem uma crise na organização psíquica do sujeito.

Começa-se, desse modo, a depender de outras figuras que servirão de referência a novas identificações com relações quase sempre passionais e intensas: novas amizades, rápidas e íntimas, surgem; os afetos se transformam em paixões e, sem que se apercebam, o apreço e a admiração viram idolatria (OLIVEIRA, s/d).

Com a ausência de um julgamento de identidade bem delineado, surge um ego frágil e susceptível a duas consequências: primeiro, “o adolescente preenche a lacuna deixada pela fragmentação do senso de identidade com imagens idealizadas que ele captura do outro, individual ou grupal, de maneira crítica”; e, segundo, “ele compensa a baixa auto-estima decorrente da crise de identidade com a adoção de sentimentos narcisistas, fúteis ou de risco” (*ibid*, p. 27).

Estes jovens podem dedicar-se a clãs que se tornam intolerantes ou ainda cruéis no afastamento de todos aqueles que são diferentes na cor da pele, na

formação cultural, nos gostos e talentos, nos aspetos de vestuários e gestos, selecionados como sinais de pertencimento ao grupo.

Por esse motivo, chama-se a atenção para a necessidade de compreender que a intolerância funciona, por algum tempo, como defesa dos sentimentos da perda de identidade. É algo inevitável nesse período de vida em que o corpo muda, assim como a imaginação, com toda a espécie de impulsos em que se observa certa aproximação íntima com o sexo oposto, além da imposição do jovem num futuro imediato e a colocação de inúmeras possibilidades e opções conflitantes, apesar de haver ajuda entre eles.

Os jovens não só se ajudam entre si no decorrer do período em causa, mas formam grupos nos quais manifestam os seus ideais, pois testam as suas capacidades mútuas no seio de um conflito de valores. Há certa manifestação de resquícios de infância e adolescência no homem adulto: a combinação de crises individuais em convulsões e contradições. Há, em cada indivíduo, um “Eu” que funciona como centro observador da consciência e que pode transcender e deve sobreviver à identidade psicossocial.

Além da crise de identidade, há uma crise da intimidade, que acontece na altura em que a formação da identidade se encontra em pleno desenvolvimento. Com o desenvolvimento da identidade sexual há uma autêntica e mútua intimidade psicossocial com terceiros, seja pela amizade, pelos encontros eróticos ou ainda pela inspiração conjunta.

#### **4.4.5 Manifestação sintomática na adolescência**

A adolescência é produto da modernidade, na qual a ordem histórica e social implicada agita o jovem nas partes mais íntimas de sua existência. . Adolescer é um sintoma não no sentido médico, mas sim no sentido freudiano. Não um processo mórbido, mas uma forma expor um indivíduo ao outro. Uma exposição articulada no ponto onde se condensa a construção necessária do

próprio adolescente para se autoinscrever na insuficiência, que lhe mobiliza, a seguir, à meta que essa mesma mobilização deverá conduzir (RUFFINO, s/d).

O processo da adolescência, como uma resposta a um acontecimento de ordem traumática, é uma reação do ponto de vista subjetivo a algo que não é possível acontecer na sua apropriação pessoal. Por isso se afirma que ele agita o adolescente sem que este o possa inscrever. Acontece, desse modo, pelo fato de ele, o adolescente, se apegar a um lugar onde está desprovido de recursos próprios. E lá, onde não há tais recursos, é que o Outro é esperado. Este “Outro” é quem o precede e o seu lugar é o lugar do social (idem).

Este lugar nos precede, nos cerca, nos constitui e nós somos materializados a partir da materialidade que ele nos oferece. Entre o social e nós a relação não é de exterioridade, mas quando, numa neurose de transferência sofrermos a partir das representações recalçadas, sofrermos em consequência de uma parcela da materialidade do *Outro* da qual já havíamos antes nos apropriados. Quando sofrermos em razão de uma invasão traumática, sofrermos em razão dessa região do *Outro* sobre a qual não pôde se dar, pelo menos até aquele instante preciso, nenhuma apropriação. Aqui, somos efeito do social lá onde fura com o simbólico (RUFFINO, s/d, p. 9).

O conceito revela que adolecer é um sintoma social na medida em que traduz o real do social em significante da cultura, um caminho necessário para a apropriação subjetiva de tudo que antes poderia pasmar e desentender. Assim sendo, a adolescência está associada a uma crítica prática da cultura, que revela o desamparo ao qual a contemporaneidade entrega o homem, devido à desconexão das aparências sociais produzidas para se impor.

Na Era Clássica, em que havia uma forma holística e hierárquica de organização, a identidade do indivíduo estava marcada ou vivida para o vínculo social. Já na modernidade ou nas sociedades modernas os sujeitos são livres, autônomos e entregues à própria sorte. A organização social holística estabelecia o rito de passagem que garantia a identidade do adolescente. Atualmente, o sujeito moderno já não dispõe dessas marcas pré-estabelecidas e toda sua identidade depende de seus próprios movimentos, conforme nos alerta Guerra



(2010). É disto que ele usufrui para assegurar sua existência e sentimentos da construção da sua identidade, a garantia da sua vida em atuação.

Em Cabinda, embora enfraquecido há o ritual de passagem para a adolescência - a noção do sujeito moderno não se aplica totalmente em Cabinda, pois, os "*modus vivendi*" se revejam naquilo que é próprio da norma local. Há princípios e leis a serem obedecidos.

Uma atuação não só de sentimentos pulsivos de seu corpo pela sua existência e sentimento de vida, mas que lhe afilia a um grupo que lhe garante, por consequência, um ato infracional. "Se tudo é relativo e provisório, devo viver intensamente o meu agora, sem preocupar-me com o outro e o futuro" (GUERRA, 2010, p. 442). É isso que leva o jovem à depressão, toxicomania, transtorno de pânico e a uma liquidez do laço social. O rumo que os seus desejos lhe impõem é marcadamente exibicionista e autocentrado, com uma visão intersubjetiva vazia. Quer dizer, vale pelo que parece ser e é preciso que haja boa performance; aprisiona-se em busca da autoimagem.

#### **4.5. Pontos comuns entre temas das duas matrizes psicanalíticas sobre a adolescência**

Apesar de haver diferenças consideráveis entre uma perspectiva desenvolvimentista da psicanálise e uma mais contemporânea, alguns temas de pesquisa parecem convergir: na identificação e no gozo, na autoimagem e na toxicomania, na linguagem corporal, em diversas atitudes de risco e, finalmente, na necessidade de ouvir o adolescente.

O adolescente tem uma autoimagem em que se considera diferente. Para ele, tudo quanto perdeu devia ter outro olhar por parte do adulto: que reconheçam sua imagem púbere como figura do outro adulto. Ou seja, o adolescente se acha maduro. Mas na visão do adulto essa maturidade é, infelizmente, ainda recusada, negada. O adolescente não é, portanto, reconhecido nem como criança nem como adulto (CALLIGARIS, 2009).

Isto significa dizer que a imagem que o adolescente tem de si existe no sentido de criar uma atração ao olhar dos outros. Ou, ainda, o adolescente se auto avalia e quer atrair a sociedade em tudo quanto vale, ter razões suficientes que levam os outros a desejarem-no. Com isso o espelho se torna um objeto tentador e perigoso para ele, porque gostaria de descobrir o que os outros veem em si

Em frente ao espelho, o adolescente observa-se, mede o novo formato do seu corpo, deseja seus novos pêlos ou seios, mas, mesmo assim, sente e vive a falta de um olhar apaixonado que recebia quando criança e a falta de palavras que o admitam na sociedade dos adultos. Isto gera insegurança no seu próprio entender, tornando-se, assim, um traço próprio da adolescência.

Adverte-se que grande parte das dificuldades relacionais com adultos e seus contemporâneos provêm dessa insegurança. E é também por causa dela que o adolescente se coloca a questão de saber se é amável, desejável, bonito, agradável, visível, invisível, oportuno e muito mais. É aí o lugar que lhe leva a certa forma de interpretar os adultos.

Nesse conjunto de situações, o adolescente pensa encontrar gestos próprios para direcionar o olhar dos adultos e o que seria necessário para ser reconhecido no seio destes.

Por infeliz acaso, o adolescente não se confina simplesmente a uma adesão no que diz respeito aos desejos dos adultos, que parecem negar a maturação do seu corpo e tentam mantê-lo numa subordinação. O que os adultos admitem, a preparação para que prossiga seu sucesso social e amoroso, coloca o adolescente num contraste: quer saber aquilo que os adultos querem de si – se querem que ele aceite esse atraso, se preferem que desobedeça e afirme sua independência, realizando os ideais dos adultos. O adolescente coloca-se nisso e assume, assim, a tarefa de interpretar o desejo inconsciente dos adultos (CALLIGARIS, 2009).

Isso demonstra a contrariedade das coisas, mas não reconhecem a sua transformação. Portanto, decide não seguir à risca as indicações e os pedidos dos adultos e descobrir por si qual é de fato o desejo por trás do que dizem que

querem. Desejam saber o ideal dos adultos para que possam apresentá-los com isso e, portanto, serem por eles amados e reconhecidos como adultos.

É esse o sucesso de suas interpretações, que produz de forma fatal o encontro entre adultos e adolescentes, realizando um ideal que é mesmo algum desejo reprimido do adulto (CALLIGARIS, 2009).

De maneira geral, o adolescente é conduzido a descobrir a nostalgia adulta de transgressão. Com isso, ele, o adolescente, ouve dos adultos que faça aquilo que eles querem e não aquilo que o desejo da adolescência pede.

A observação a ter em consideração sobre o parágrafo é que a cultura na qual a independência e a autonomia são tidas como valores centrais e mais elevados só é passível de transmissão em um vínculo de duplicidade, ou seja, num paradoxo. Isto quer dizer que obedecer é desobedecer; quem desobedece está a obedecer (CALLIGARIS, 2009).

Apesar disto, os adultos devem transmitir ao adolescente as regras de conformidade social necessárias. Uma transmissão coroada de princípios morais e valores pautados no consenso social que, ao adolescente, parecem prova de covardia, de oportunismo e do fracasso dos adultos.

Para ele (adolescente), quanto mais o adulto se construa como autoridade moral, mais se qualifica como hipócrita; e quanto mais se manifesta rigoroso e imponente, mais se enfraquece. Além disso, entende que o adulto quer dele uma revolta. Esse pensamento o leva a agir contra o adulto para ser reconhecido como igual por ele.

Para ser reconhecido como adulto, acima de tudo, é preciso que o adolescente transgrida. Não se conforma com os adultos. Nessa altura em que o imperativo é a desobediência, põe à prova essa autonomia. É isso que conduz o adolescente a “um leque de transgressões que vai desde um conformismo inesperado até uma espécie de arrematação infinita, em que não se sabe mais qual lance encontrar que constitua uma transgressão suficiente” (CALLIGARIS, 2009, p. 33), acompanhado de estilos comportamentais que pedem sua admissão na sociedade adulta. As escolhas morais para se chegar até lá vão desde o cinismo criminoso até a piedade mais solidária.

Como a adolescência é uma interpretação de sonhos adultos durante a qual o adolescente procura reconhecimento e se arrisca em caminhos tortuosos, tentando forçar sua integração opondo-se às regras da comunidade; um período caracterizado por espécie de patologia social, ou seja, um espaço na qual as patologias psíquicas e sociais seriam endêmicas e epidêmicas; a fase revela um comportamento anormal se comparado ao padrão adulto. Por isso estes indivíduos são considerados como ameaça à ordem estabelecida e à paz familiar (CALLIGARIS, 2009, p. 33).

Eles transgridem para serem reconhecidos; os adultos, por sua vez, para reconhecê-los, constroem visões da adolescência. São visões em que os adolescentes podem estar entre os sonhos, o pesadelo e o espantalho. É a partir destas visões que se organiza o comportamento dos adolescentes na procura de reconhecimento. Por isso elas são consideradas as chaves de acesso à adolescência.

Essas chaves são as diferentes manifestações que, na visão de Calligaris (2009), se estruturam em adolescente toxicômano; adolescente delinquente; adolescente gregário; adolescente que se enfeia; e adolescente barulhento.

#### **4.5.1. O adolescente toxicômano**

O uso de drogas é um problema muito antigo, com séculos de existência. O consumo de álcool, o mais antigo deles, vem desde há 6000 anos a.C., enquanto o ópio, 4000 a.C. e maconha, 3000 a.C. Mais tarde surgiram o tabaco e a cocaína, oriundos da América Central e do Sul (TAGLIATI, FERREIRA, 2009).

O desconhecimento dos seus efeitos tóxicos fez com que o álcool, o tabaco e a cocaína fossem consumidos sem restrições. A cocaína, uma droga de ingrediente do “vinho Mariani”, tornou-se ilícita depois da comprovação da sua toxicidade no organismo. A cocaína e a maconha foram proibidas no início de séc. XX. O álcool também havia sido proibido nos Estados Unidos entre os anos 1919

e 1933, sendo mais tarde revogada a lei que proibia o seu uso (TAGLIATI, FERREIRA, 2009).

Durante a segunda guerra mundial, nos anos de 1940 e 1950, os militares usavam estas drogas como medicamentos, como barbitúricos e afins. Em 1960 a trilogia “droga, sexo e rock ‘n’ roll” tornou-se famosa de um lado, enquanto de outro soldados americanos usavam as drogas para suportarem os horrores da guerra. Então houve a explosão de uso de certas drogas. A maconha e anfetaminas, para além do álcool, ganharam espaço mais notório devido ao baixo preço e, por conseguinte, tanto o álcool como o tabaco tiveram seu aumento nos ambientes festivos e nas instituições de ensino (escolas). Isto favoreceu seu consumo entre jovens dos vários países do mundo, como Suécia, Dinamarca, Austrália, Alemanha, Suíça, Itália, Reino Unido e França, tendo muito recentemente atingido a Espanha e Portugal (DOLTO, 2004).

Dada a expansão do consumo até mesmo nas escolas, é dever da sociedade preocupar-se em identificar os adolescentes consumidores de drogas de modo a permitir conhecer o número real de toxicômanos no seio dos adolescentes, suas causas, forma de uso e seus efeitos (TAGLIATI, FERREIRA, 2009; DOLTO, 2004; CALLIGARIS, 2009).

O interesse dos adolescentes pelas drogas tem sua origem na geração precedente e esteve ligado ao uso de drogas por motivos específicos. Hoje em dia, são vários os motivos que levam a esse uso: pessoal, sexual, social, efeitos de abandono por parte dos pais, problemas familiares, financeiros, desemprego, aceitação pelo grupo, a sensação de experimentação, ansiedade, aspecto ritual e mágico, curiosidade, procura de nova identidade, entre outros (CALLIGARIS, 2009; DOLTO, 2004; TAGLIATI, FERREIRA, 2009).

Além desses motivos, algumas formas da utilização e suas fases e consequências também se fazem presentes. Em quaisquer das variáveis, das drogas consideradas licitas o álcool é a mais usada. Das ilícitas, destaca-se a maconha (liamba) e outros estimulantes, como a anfetamina, a cocaína e, por último, as outras drogas. O crack é a nova forma da utilização da droga.

Quanto às fases, o usuário depara-se com quatro: experimentação, o consumo esporádico, o consumo constante e a dependência química/drogadição (TAGLIATI, FERREIRA, 2009). Na primeira, o sujeito utiliza a droga por curiosidade, por influência de amigos, pela disponibilidade através do pai ou da mãe ou porque estava num convívio onde todos usavam – pode ser que pare por aí e nunca volte a usar ou passe para a fase seguinte; o consumo esporádico, é caracterizado, normalmente, em fins de semanas, por exemplo para o alívio do estresse da rotina – o consumo vai aumentando de forma gradual; o consumo constante é maior que na fase esporádica – bebe-se quase todos os dias e aos fins de semana e a quantidade aumenta; e, finalmente, já na dependência química, se constata a inversão de valores: já não se consegue passar um dia sem uso de álcool ou outra droga de eleição, ou seja, consome-se durante o dia, quer seja em casa ou no local de trabalho.

O uso esporádico ou uso abusivo e a dependência são estágios em que essas drogas são utilizadas e que acarretam consequências. Em particular no caso do álcool, em adolescentes há tendência para doses fortes e queixas de dificuldade de sono, astenia, apatia, coragem para o combate a obstáculos; age contra os projetos, contra as estruturas sociais de risco e, como regra geral, há maior depressão nos meninos do que nas meninas. A pessoa torna-se mais violenta.

Os meninos aparentemente expressam-se mais pela angústia, exteriorizando a sua agressividade. Já nas meninas a angústia é exteriorizada pela anulação do seu funcionamento fisiológico, pelo fato de não se poder valer da verdadeira maturidade sexual, que é fruto de um comportamento ainda patente na fase de latência (DOLTO, 2004).

Os meninos são vistos como histéricos exteriorizados e as meninas, como histéricas passivistas, pelo motivo de elas não encontrarem solução para aquilo que necessitam, tornarem-se autônomas, terem de morar de forma separada com os progenitores. E, quando superam essas angústias, talvez por maturidade social, tornam-se mais ativas que os meninos no grupo daqueles que não consomem álcool. Há ainda consequências no plano do sistema nervoso central e no nível de acidentes.

Sobre seu uso, eles entendem que as drogas consideradas lícitas, como álcool e tabaco, são consumidos de acordo a idade, mas é preciso que os pais (adultos) digam o quão são prejudiciais e os efeitos da droga para a saúde, com efeitos diferentes do que é esperado. Sem isso, o adolescente se entrega com muito mais descuido à droga. Apesar disso, o adulto também pode sofrer os riscos que a bebida e o cigarro trazem à vida.

Mais do que isto, com relação aos riscos para a saúde e as consequências relativas aos aspectos penais, existe uma espécie de temor que leva o adolescente a satisfazer seu desejo e acabar com a sua insatisfação. Isso é próprio do adolescente moderno. Por trás de um objeto desejado, há outro desejo de algo mais, de outra qualidade, que se materializa na vontade de reconhecimento social. Esse reconhecimento social, infelizmente, nunca se esgota no objeto: “Por mais que eu possa obter o objeto que eu quero, nem por isso ele me satisfará” (CALLIGARIS, 2009 p. 47). De fato, é na fantasia do adulto que a droga constitui elemento de eleição que promete e entrega a satisfação acabada, ainda que seja uma satisfação momentânea. Isto constitui fantasia que transforma a droga em senha de acesso ao universo alternativo por um pacto diferente. Com isto, o que importa, para o caso, é a droga em si e não o *status* social que ela traz à pessoa. Por isso a toxicomania é a transgressão mais preocupante, pelo fato de minar a permanência da insatisfação. Os efeitos comportamentais que ela traz quebram a regra moderna de funcionamento do desejo. A droga, diferentemente de outros objetos, apaga os desejos. Ela é uma das formas de delinquência e os adultos acreditam que seja uma das formas de saída à espera para entrar no outro mundo (CALLIGARIS, 2009).

Tendo em consideração a magnitude das suas consequências, que incluem a evasão escolar, a prostituição e até mesmo a comercialização da droga, é fundamental que se fale do assunto desde as classes iniciais da escolarização primária, devido ao risco de delinquência (DOLTO, 2004).

Apesar disso, é muito comum, aos sábados, observar-se grandes movimentos ligados ao consumo de bebidas, e por isso recomenda-se que se procure compreender esta atitude em relação a todas aquelas pessoas que assim se identificam, procurando saber os motivos e a vontade que estão na base disso.

Por isso é necessária uma atitude no sentido da sua prevenção, apontando questões quanto aos seus efeitos negativos assim como a consequente inclusão nos programas escolares de questões relativas ao abuso e às características das diferentes drogas. Em seguida, a luta contra a sua disponibilidade, de tal modo que se venha a melhorar as condições de vida dos jovens (DOLTO, 2004).

#### **4.5.2 O adolescente delinquente**

A delinquência é uma manifestação comportamental do adolescente que exige reconhecimento por parte da sociedade através de certos atos fora da norma, caracterizados por gritarias, quebra de vidros e pratos, colocação de fogo na casa e por vezes tentativas suicidas como formas de negar seu julgamento por parte da sociedade pela conduta tomada. E vai além: os furtos, desde pequenas mercadorias, os assaltos e a colaboração no tráfico etc. também são alguns dos comportamentos manifestos da delinquência. Igualmente, o jovem usa sua força física para ameaçar os adultos.

Essa conduta é sinônimo da necessidade de escuta ao adolescente, que por isso se impõe pela força, pela violência quando não lhe dão ouvidos (CALLIGARIS, 2009) por isso o fazem dentro ou fora da prática gregária exigindo reconhecimento por parte do adulto.

Observa-se a crítica ao comportamento em causa pela forma como querem ser reconhecidos, motivo pelo qual os adultos os reprimem e impõem formas de condutas em função da sua imaturidade.

Partindo do pressuposto de que a delinquência é um tipo de comportamento produto de forças psíquicas em desarmonia, este processo apresenta um tipo de sintoma na vertente psicanalítica que não deve ser confundido com a sintomatologia médica, com a seguinte explicação: quando existe um processo psíquico que não encontra expressão e ao mesmo tempo sem descarregarem-se as energias psíquicas que deste processo são originárias, encontra-se outra via para a sua descarga; onde houver um ponto fraco, dele



resultará nova forma de manifestação, a delinquência, e não como percebido socialmente, caso de más companhias, vagabundagens nas vias, pois não corresponde, até certo ponto, à verdade psicanalítica, ao perceber que várias outras crianças em igualdades de circunstâncias não são delinquentes. Elas constituem uma provocação direta ou indireta que também intervem nesse processo. Há algo na própria criança que o ambiente lhe revela em forma de delinquência – algo desconhecido. Se esse não conhecido é uma predisposição para a delinquência, então o ambiente desfavorável não tem poder sobre a criança, pois as primeiras experiências da infância têm importância capital na determinação do seu futuro (AICHHORN, 2006).

Isto se explica a partir dos dois tipos da delinquência: a latente e a manifesta. A latente apresenta manifestações adormecidas: apenas aguardam o momento certo para a sua manifestação através de circunstâncias favorecedoras. São o caso da compreensão da influência das más companhias sobre um real problema, traumas psíquicos, maus tratos, respeito pela opinião, castigo, imposição ao que é desagradável (CALLIGARIS, 2009; AICHHOR, 2006). Por isso é importante que se perceba não só a revelação da delinquência latente à delinquência manifesta, mas também a necessidade de se diagnosticar o que terá criado a delinquência latente. Por exemplo, a experiência traumática, problemas ou manifestações da fase edipiana (complexo de Édipo) são alguns dos aspectos, para além de tantos outros determinantes, que requerem conhecimento teórico quanto às causas de delinquência (AICHHORN, 2006).

#### **4.5.3 O adolescente gregário**

O adolescente gregário é aquele que procura suas condições sociais para ser reconhecido, já que entre os adultos não é ainda visto com o *status* de igual. Como isso assim se dá, integra-se a determinado grupo social de pares onde o reconhecimento é um fato. Então surgem novos modelos de família, onde partilham certas escolhas de estilos de vida considerados importantes.

Como consequência, o próprio adolescente afasta o adulto, cria, inventa e integra microssociedades que vão desde o grupo de amigos que possuem os mesmos ideais. Os critérios de admissão são claros, explícitos e praticáveis. Seu acesso requer que todos os membros do grupo se reconheçam a partir de traços comuns. São traços, entre outros, caracterizados por tatuagem, cicatriz ou outro tipo de modificação corporal. Outros ainda utilizam uma espécie de pacto de sangue como sinal de participação e de responsabilidade coletiva indissolúvel, sem retorno (CALLIGARIS, 2009). É aqui que os atos como roubo, estupro ou assassinato coletivo se fecham e constituem um segredo comum. É dessa forma que, diante dos adultos, a adolescência aparece como patologia e os jovens são vistos como anormais e perigosos.

Por isso enxerga-se uma tribo dentro da outra, na qual a constituição do adolescente é, na ótica do adulto, uma transgressão. Ao adolescente é negado o *status* de adulto, aquilo que ele mais deseja.

#### **4.5.4 O adolescente que se enfeia**

Além dos adolescentes gregários, há outro padrão de estética que o próprio grupo inventa de modo a singularizar-se, tornar-se diferente dos outros e permitir o reconhecimento entre seus membros: o ato de enfeiar-se, desafiando o adulto.

São várias formas de apresentação desse processo de enfeiamento que não passa de exibição: *piercing* umbilical, novas formas de uso de cuecas (as cuecas são expostas acima da cintura diminuída) recusa da sexualidade, contestação da idolatria do valor financeiro e econômico, crítica ao sistema que valoriza o desejo dos corpos como razão de reconhecimento social, olhar que não acha desejável (CALLIGARIS, 2009). São essas as transgressões estéticas que comprometem a moral no olhar dos adultos e que a autora aponta.

#### 4.5.5 O adolescente barulhento

O barulho é uma característica do adolescente, que assim se identifica, se transforma em anúncio publicitário e vive imitando personalidades que acompanha em filmes. Torna-se fã de videocliques e adota gestos e estilos em função da música. Assim sendo, vive do clima sonoro, se inspira em um tipo de música e por vezes se incomoda com outro. O volume de música é alto e este jovem normalmente anda com fones nos ouvidos. É essa escuta de música alta que caracteriza sua parte da provocação, pois o adolescente oscila entre estourar sua caixa de som e viver com fones nos ouvido, e o termo “arrebentar” é o que elege o significante moderno para isso, ilustrando, para alguns, esse “a mais”, esse modo de gozar (CALLIGARIS, 2009; LACADÉE, 2011). Isto significa dizer: “ou te ensurdeço ou não te ouço” (CALLIGARIS, 2009 p. 52).

Qualquer que seja a consequência, a música é uma espécie de metáfora sonora da intensidade da experiência do adolescente. E, enquanto permanecer nessa lógica, apresenta algumas maneiras de gritar próprias de si: “Eu não vivo, arreberto”. De vez em quando, aumentam os volumes dos sons para comunicar aos vizinhos as insustentáveis emoções daquele dia, durante o dia ou ao longo da noite. São tentativas de desafio e de provocações em que o sujeito tem a consciência das dificuldades encontradas, que contradizem com o comportamento dos adultos. Quer dizer, o adolescente descobre que a sua rebeldia não serve para alimentar os ideais sociais dos adultos. O pior de tudo se prende à modernidade, que promove o seu ideal de independência (CALLIGARIS, 2009).

Com isto percebe-se que, reconhecer alguém como adulto, segundo a cultura, é sinônimo de afirmar sua independência e autonomia. Apesar da maturidade do corpo, ainda falta maturidade ao adolescente e por isso ele deve perceber a existência da contradição entre aquilo que é ideal da autonomia e a continuidade da sua dependência (CALLIGARIS, 2009).

O contraponto disto é a existência de uma adolescência idealizada pela época da vida que se está atravessando. Entende-se que o que os adultos fazem

é uma zombaria que, no entanto, agrava a sua insatisfação: “é difícil entender por que os adultos [...] achariam graça nessa época da vida ou a lembrariam com nostalgia” (CALLIGARIS, 2009 p. 18). Há um paradoxo: o adolescente é frustrado pela espera que lhe é imposta e, ao mesmo tempo, há a idealização social do adolescente que ordena que ele seja feliz. Ele sofre, portanto, uma privação de reconhecimento e independência que de forma misteriosa é idealizada pelos adultos.

Todavia é importante entender que, para além das colocações que este autor trilha, os adolescentes de Cabinda apresentam partes positivas no seu cotidiano. A forma como entendem os seus problemas, a necessidade de melhores condições socioafetivas e econômicas assim como acadêmicas para garantir futuro melhor, a capacidade na exposição de seus problemas diários e a forma como são expostos, assim como a compreensão da complexidade do período da adolescência também consideramos pontos marcantes que positivam este momento de crescimento que o Galligaris (2009) entende como conturbado.

#### **4.6 Necessidade de ouvir o adolescente**

Para Dolto (2004), é necessário que o adulto dê valor ao uso da palavra com os jovens. Sua passagem para a fase de adolescência requer interpretação da ideia da morte – não a morte física, mas a morte da relação com a infância: o adolescente fantasia sobre a forma metafórica do suicídio. Quando isto acontece, precisa de alguém para ajudá-lo a trabalhar esta questão, dando-lhe representação na realidade social, pois constitui-se assim uma necessidade de pensar na morte do corpo para que se chegue ao outro nível. Um nível ligado ao assunto de outro desejo, que não é somente do corpo, mas do coração e do espírito. É esse o conceito de morte em toda a sua dimensão que faz viver.

A autora, ao fazer menção disso, reforça que vem daí a necessidade de dar assistência aos adolescentes no sentido de ajudá-los a aceitarem a morte para enfrentarem sua adolescência. Não se trata de uma morte no sentido

biológico, a que a sociedade observa com a separação física com todos, mas uma morte que deve ser entendida no sentido psicanalítico.

A morte de um outro não pode ensinar a ninguém a morrer, nem o nascimento de um outro pode ajudar a nascer. No fundo, eles aspiram a se assumirem sozinhos sem serem constantemente assistidos. Seu estado de mutação os coloca, ao contrário, numa grande dependência dos outros. É realmente lastimável que não exista possibilidade para todos os adolescentes de irem viver em outro lugar fora da família (DOLTO, 2004, p. 105).

Ou seja, é preciso que o adulto entenda a mudança que ocorre durante a transição para a adolescência; que compreenda que há pressupostos que morrem para ceder lugar a outro “*modus vivendus*” que é “*sui generis*” e que o vai conduzir ao seu objeto, a adolescência.

Já nesse período, a criança usa a pele como manifestação de seus sentimentos não ditos, para significar sua vontade de mudança. Quer dizer, as escritas na pele constituem fonte de informações que podem significar a rejeição de alguma coisa ou mesmo alguma carência – e é bem provável que a acne na juventude traga à tona a mesma informação (DOLTO, 2004).

Apesar de o período de adolescência ser um tempo de mudança que traz consigo uma fragilidade que é fundamentalmente exposta na palavra, a passividade verbal não é sinônimo da passividade do desejo. O desejo leva-o ao pensamento de fuga do meio familiar. Para isto, a família é chamada a abrir-se com a criança no momento da adolescência, altura em que os pais devem ajudá-la a viver essa passagem. E, na impossibilidade da sua família gerar isto, o jovem pode sentir-se castigado, e então a família se rompe como mãe dilacerada por seu filho que não tem a riqueza de uma rede social exterior para exercer atividades (DOLTO, 2004). Nesse sentido, o autor demonstra o exemplo de um jovem ligado e dependente de uma seita que se torna devoradora, que o leva à sujeição, mestre que assume o papel de dominador, e, em situações de natureza, o poder de recuperá-lo pelo fato de ter sido enclausurado e conseqüentemente condicionado.

Ora, a criança na idade edipiana exterioriza seus sentimentos, narra, fabula com as palavras e até a metáfora do desenho. Mas no momento da sua adolescência ela já não vive a mesma realidade, as palavras mudam completamente de sentido, fica-se mudo e é nesse sentido de silêncio que julga ter dito tudo.

É necessário que se ofereça a possibilidade de escuta a esses adolescentes, abrangendo, para estes casos, os membros familiares com uma possível interlocução com a escola. Essa realidade existe porque estes sujeitos criam situações nas quais seus discursos tomam forma destituidora do valor dos representantes da realidade recusada, ou seja, cria-se desavenças e se desestabiliza o ambiente para se livrarem daquela angústia de não saber (ZIMMERMANN, 2001)

A introdução de seus argumentos inteligentes e desqualificadores por parte desses adolescentes coloca as partes envolvidas em ambientes de insegurança ao ponto de provocar conflitos quase que não administráveis, levando mesmo ao abandono escolar. Essas pessoas envolvidas falam de tudo, menos da questão de que os sujeitos recusam e admitem não saber, e, conseqüentemente, reconhecer seus limites. A intervenção torna-se, nesse momento, importante no sentido de ajudar as partes envolvidas a devolverem a angústia para o sujeito, ajudando-o a encontrar saídas para caminhar entre o tudo e o nada.

Tanto a matriz desenvolvimentista da psicanálise quanto a matriz contemporânea abordam peculiaridades do adolescente como uma temporalidade da vida psíquica cujas características são *sui generis*, pois há uma forma muito própria de vivê-las. Tal forma não se pauta apenas no intervalo de idade em que os adolescentes se encontram, mas no conjunto das suas afirmações, que são fruto da maturação psicossociobiológica (matriz desenvolvimentista); e aí se reatualiza o dualismo pulsional - entre pulsão de vida e de morte - em que se presentificam sob formas de gozo (matriz psicanalítica contemporânea). É a pulsão de vida ou Eros, em uma de suas modalidades, a pulsão sexual, que está ligada a várias condutas eróticas no ser, no estar, no pensar e no agir do adolescente. Devemos sempre lembrar que o que é sexual ou erótico para a

psicanálise das duas matrizes vai além do que é apenas genital. “É necessário fazer uma distinção entre os conceitos de ‘sexual’ e ‘genital’. O primeiro é o conceito mais amplo e inclui muitas atividades que nada têm a ver com os órgãos genitais” (FREUD, 1940/1980, p. 177)

## **5 OS ADOLESCENTES DA ESCOLA DO ENSINO PRIMÁRIO COMANDANTE GIKA**

Este capítulo apresenta o trabalho de campo feito com adolescentes da escola em abordagem, consumidores de álcool. Traz detalhes sobre a conversa mantida com o grupo focal (GF), gravada e transcrita, e a interpretação da mesma. Como os sujeitos do GF trabalha o período em que cada um dos seus constituintes se encontra, os diversos modos de agir característicos dos adolescentes de Cabinda consumidores de álcool, por exemplo, o roubo e o uso de droga são aqui revelados. Assim como as entrevistas individuais realizadas com seis jovens, nas quais cada entrevistado desvenda os seus efeitos subjetivos face ao consumo de álcool.

Não obstante, o presente capítulo, no seu geral, traz análises que dialogam, como veremos, com partes das duas matrizes da psicanálise, bem como com a realidade do adolescente de Cabinda, ressaltando a relevância e o valor social que tais matrizes apresentam na contextualização e discussão da realidade em referência. Para isso, recolhemos diversos relatos dos sujeitos da pesquisa presentes nas análises das fontes, tanto do GF quanto nas entrevistas individuais. Importa dizer que se tomou a decisão de cruzar partes comuns das duas matrizes psicanalíticas, de um lado, porque desconfiamos que os depoimentos, falas e atitudes de jovens angolanos revelam como seu modo de desenvolvimento psicossocial é atravessado pelos determinantes pulsionais; de outro, porque o presente pesquisador, sendo angolano, teve sua formação e exercício profissional pautados na matriz desenvolvimentista da psicanálise, e só agora, no curso de doutorado no Brasil, tal matriz vem sendo contaminada ou interrogada pelos autores contemporâneos a que teve acesso. Reconhece-se que isso representou para o pesquisador um avanço considerável, mas que vem sendo feito não sem um cuidadoso tatear. Dito isso, passemos aos resultados e às análises dos mesmos.



## 5.1 Resultados do Grupo Focal

Os participantes do GF foi formado por nove adolescentes da Escola Primária Comandante Gika que fazem uso de álcool, identificados e indicados pela direção da escola em pauta, como referido antes, que trouxeram seu conhecimento a respeito do que foi discutido. Este grupo permitiu maior aproximação entre os intervenientes da pesquisa através do diálogo mantido e permitiu a preparação para entrevistas individuais. Nos diálogos com o GF, que se circunscreveram em conversas abertas e francas, os participantes expuseram seus pontos de vista sobre vários assuntos. Faltava ainda a chegada de outros membros, que se encontravam em aulas de educação física: “tão faltar dois colegas/estão na aula de educação física/tão quase a sair”. Enquanto aguardava a saída de seus colegas, apareceram mais dois adolescentes, por influência de seus amigos, e se integraram ao grupo através de convite dos próprios adolescentes, já que se apresentavam interessados a participar do grupo focal. No local preparado, em volta da mesa, o moderador levantou a pergunta em termos de conversa sobre o significado da adolescência ou de ser adolescente.

Os participantes do GF entendem, na sua lógica, o conceito de adolescência e do adolescente dentro da realidade, tendo em conta o que é e como é, o que sente e aspira. Teceu vários pontos de vista a respeito do termo, que permitiram abranger todas as compreensões a seu respeito, indo ao encontro de autores apresentados na fundamentação teórica desta tese, das duas matrizes epistemológicas, entre eles Dolto (2004), Calligaris (2009), Erikson (1976), Aichhorn (2006), Winnicott (1975), Lacadée (2011), Guerra (2010) e Pereira e Gurski (2014). Para os sujeitos no GF, a adolescência ou o adolescente é:

quando estamos naquela face inicial, por exemplo, começamos no sentir mais homens, começamos ou quando nós atingimos mais 12 anos 13 mais em diante começamos a sentir mais adulto, etc. (Estevão)

quando nos sentimos mais velhos, maior idade. Logo que se sentem adultos já querem piscar uma mulher, piscar os olhos, muitas coisas: pode ser namoro, uma brincadeira, amizade (António)

quando a pessoa tem depois de 12 anos se sente homem, se sente feliz, já sabe melhores coisas de fazer ele se sente melhor e procura qualquer coisa de aprender e outras coisas mais (David)

aquela pessoa que procura a vida para sustentar a sua família e também de quer ter a namorada. A pessoa adolescente quando não tem namorada ele fica muito sozinho, fica muito triste (Fernando)

a parte mais difícil de um miudinho [...] de nós os homens. Aí quando nós chegamos nessa fase de adolescência já sou mais velho; então mete isso na consciência. O pai lhe fala ele diz esse pai ta toda hora a falar; falta respeito fica muito teimoso e começa fazer coisas que às vezes não apetece ao pai ou a mãe (Mauro)

Ora, a discussão gerou várias subcategorias sobre o termo adolescência ou adolescente que convém aqui assinalar na visão destes participantes, que, no nosso entender, define o que é ser adolescência/adolescente no contexto angolano.

### **5.1.1. Conceitos de adolescência/adolescente para jovens angolanos**

Para os sujeitos do GF, a adolescência é uma fase inicial que começa aos 12 ou 13 anos de idade e vem acompanhada de dificuldades. Tais dificuldades passam por uma série de perturbações na procura de seu *status*, na independência econômica, no relacionamento familiar, na angústia que agora carrega. Essas situações levam o adolescente às condutas consideradas de risco (PEREIRA, GURKI, 2014; LACADÉE, 2007, 2011), devido não só à vida imaginária e à realidade que começou a partir da puberdade (DOLTO, 2004), mas, fundamentalmente, porque o jovem quer demonstrar as suas potencialidades. São potencialidades em atos, no pensar, no ser, no sentir, no querer, no saber. É assim que o grupo caracteriza o adolescente.

Acrescenta, ainda, que o adolescente é aquela pessoa que sente já ser adulta, elemento de maior idade, homem adulto. Ora, nesse sentido, o

adolescente quer colocar-se no lugar do adulto, uma etapa que ainda não atingiu e que tudo faz para conquistar. Ele é, afinal, uma criança em fase de adulto, mas que já não é criança e ainda não é adulto, o que revela uma confusão de papéis, como nos confirma Erikson (1976). A confusão de papéis, pode causar conflitos no seio familiar dentro da realidade angolana, em que cada um tem deveres de acordo com idade e sexo.

Como se percebe, este sentir-se adulto é acompanhado de querer; um querer apaixonado, um querer de novas amizades para as suas brincadeiras. Aqui, o adolescente, na mesma lógica de se sentir adulto, quer namorar: um namoro irresponsável, proporcionado pelos órgãos sexuais que agora entram em ação, depois de um período de adormecimento. Por isto o adolescente pisca olho para quem ele se apaixona.

[...] também quando chegamos naquela fase da puberdade essa parte aí é a parte que todos os adolescentes se sentem estranhos, quando, por exemplo, desculpa por esta expressão, quando começam ejacular ele começa sentir muito... fica interrogado ele sozinho começa a perguntar. (Fernando)

Trata-se de sentimentos indizíveis de estranheza, fase da transformação do organismo, mudança da vida sexual infantil para a adulta (GUERRA, 2010; LACADÉE, 2011; DOLTO, 2004)

Dolto (2004) afirma que, depois do período latência, haverá um despertar das primícias de uma sexualidade muito forte antes que o corpo entre em ação, que se caracteriza por uma componente imaginária também forte, cujos resultados caem para as primeiras ejaculações nos rapazes e primeiras regras nas meninas. A autora já se referia ao período de puberdade como condição primordial para a entrada na adolescência, quando os adolescentes terão o desejo de namorar. Um namoro que certamente quererá novas descobertas do mundo: “melhores coisas de fazer, saber qualquer coisa de aprender”.

O GF ainda desvenda que o adolescente é indivíduo que procura vida, que sustenta a família. Nenhum dos autores apresentados na fundamentação teórica deste trabalho retrata o adolescente desta forma. Esta particularidade é

característica de Angola pelo fato de se observar adolescentes como vendedores ambulantes e em vários locais das urbes. Vendem vários produtos de consumo, uma verdade inegável do seu dia-a-dia, adquiridos por conta própria ou de seus encarregados de educação<sup>15</sup>, esperando, no final do dia, receber dinheiro para sustentar ou ajudar a alimentar a família. Infelizmente, o adolescente é ainda um indivíduo que se encontra numa fase conturbada de crescimento e não está preparado para desempenhar atividades deste gênero para sustentar a família, pois este não é seu papel social enquanto menor. Por isso, achamos também que essa conduta de venda de bebidas esteja na base de muitas das atitudes dissociais a que Achhorn (2006) e Calligaris (2009) se referem, pois é verdade que, ao longo das suas andanças, na procura por boas condições de vida, muitos dos adolescentes vêm a ferir certos comportamentos positivos, entram em vícios devido à própria realidade que os acompanha e comprometem o seu futuro.

Ainda que sejam desobedientes, teimosos ou resistentes, tal como o GF afirma (as consideradas condutas dissociais), e outras possíveis denominações que os possam atribuir, isto é próprio da realidade psíquica, fruto das transformações que ocorrem nesse período do desenvolvimento. É isso que alguns autores referidos na sustentação teórica exteriorizam ou defendem (CALLIGARIS, 2009; WINNICOTT, 1975). Winnicott reforça que, ainda que o adolescente tenha sido educado bem, espera-se modos de proceder difíceis nessa fase. Portanto, os pais devem estar preparados para se responsabilizar pelos filhos adolescentes. Os pais quase não podem ajudá-los a atravessar essa passagem do tempo, mas em hipótese alguma devem abandoná-los, sob o risco de desenvolverem uma falsa maturidade ou perderem suas capacidades de confrontação e idealismo (WINNICOTT, 1975).

Como é que esses sentimentos e essas capacidades se revelam no GF tendo em consideração que, ainda que se tenha educado bem, algo se espera do adolescente? O GF divulgou que a razão é a teimosia ou resistência no contexto geral na sua adolescência.

---

<sup>15</sup> Para a compreensão do conceito encarregado de educação, cf. a nota de rodapé, p. 91

Porque ele já está namorar, consegue falar com uma mulher; ele já conseguiu miúda que ele queria conseguir; conversa com a miúda, namora, abraça é por isso ele se sente não, eu já sou adulto [...] (Daniel)

[...] porque, com a idade que ele já tem ele pensa... já ninguém pode me mandar, [...] e já não posso cumprir mais os meus pais; andar aí nas festas, muitas coisas, maratona<sup>16</sup> (David)

[...] todo o adolescente quer curtir, não quer saber nada de outras coisas, só quer curtir [...] aí só vai começar ouvir os conselhos de amigos (Estevão)

[...] quando bate lá por volta das vinte ou vinte e uma horas, o pai quando lhe fala vai dormir, ele tenta se resistir, ó pai eu também já sou mais velho para ir dormir essas horas, [...] começa com essa vida, aí festa não sei mais que; [...]. por causa de más influencias de outros amigos; [...] tenta seguir de que aquele mais velho faz, [...] imitar, [...] tentar impor ordem dos pais, quando os pais lhes mandar (Mauro)

[...] quer ir na festa fora (António)

Constata-se, porém, que da teimosia ou resistência do adolescente de Cabinda, que o GF aponta, nascem outras unidades de análise. Referindo-nos às falas acima, a primeira unidade de análise é o “está”. Um processo no qual, para o adolescente, lhe interessa o aqui e agora, um estilo de vida de valor presencial imediato, ligado ao ter. Esse estilo de vida e a valorização do imediatismo contribuem na transformação de tais atitudes em cultura de espetáculo (PEREIRA, 2010). Uma forma de estar própria do adolescente é namorar, curtir seu ambiente sem interferências exteriores ou do meio em que habita, para que ele possa, de forma livre, seguir e imitar seus amigos. Ao imitar seus amigos, como pares que ele tem de confiança, os escuta, se deixa influenciar por eles, planeja com eles os seus programas e se sente mais à vontade. Quer ir às festas para aproveitar, impor ordens aos pais porque já é adulto como eles. Nessa altura, a família (os pais) é apenas ponto de refúgio. É nela os pais dão ordens, mas ele os desobedece porque se sente adulto e ninguém mais tem autoridade

---

<sup>16</sup> Maratona é uma atividade festiva organizado por ONG e não só na qual, a música, a bebida e a comida são requisitos para que tal evento se concretize. Nela cada um participe e pode usufruir dos bens consumíveis, conforme o seu poder de aquisição. As bebidas são comercializadas a baixo preço. Não há controlo, não há fiscalização. As datas de comemorações político-partidárias no contexto de Cabinda, Angola são muito visíveis essas políticas de maratonas.

sobre ele. Já é adulto, mais velho e “já não posso cumprir mais os meus pais”. As orientações dos progenitores são desagradáveis porque os afastam das suas festas. A teimosia é própria da fase da adolescência. Para além disso, apontam também a vergonha nessa fase, por isso, escolhem determinadas atividades a fazer em detrimento de outras. Quanto a isto, o GF desvenda algumas atividades consideradas vergonhosas porque os jovens se sentem não somente adultos, mas por serem ameaçadoras com o seu novo *status*. Tais atividades são comumente domésticas ou caseiras: carregar água, lavar louça e limpar o chão de casa.

Não vai querer cartar água [...] se lhe mandarem lavar louça vai dizer ‘não eu já sou muito mais velho para lavar a louça’ (Mauro)

[...] tem idade para lavar loiça; eu na minha idade que já estou não dá para lavar loiça. Que levem loiça as crianças, esses pequenos irmãos é que dá para lavar a loiça (Estevão)

[...] não vai querer que os pais dele lhe mandam cartar água (Fernando)

Estas são reações que os adolescentes apresentam e que são características de Cabinda, não tendo sido referenciadas em nenhum trabalho apresentado para a sustentação teórica da presente tese.

Em algumas falas do GF, os integrantes apontaram que a teimosia está ligada a “muitas coisas” que estão na origem de seus problemas. Tais “muitas coisas” estão ligadas desde à rebeldia destes com os pais aos atos antissociais, não permitidos no contexto social onde estão inseridos.

[...] o pai quando lhe fala assim, lhe aconselhar, ele vai começar falar olha esse pai ta se meter na minha vida, assim (Fernando)

Ao mesmo tempo em que fazem essa observação, os adolescentes ainda têm um potencial que os desperta sobre o papel social dos pais. Têm consciência de que os pais biológicos desempenham papel social muito importante: cabe a

eles conciliar e mostrar os caminhos necessários para viver na sociedade, onde há regras e normas de conduta.

[...] Afinal a coisa que o pai ta falar é normal; está corrigir pra seguir bom caminho para não entrar na vida de delinquência, a roubar, fazer mal ao outro [...] (Fernando)

No reconhecimento do bem social dos pais, o GF é unânime ao afirmar que, apesar de conselhos dos pais, há outra face da moeda que se espera do adolescente e que compromete a própria realidade social em que vive: o roubo, o cigarro, o uso de drogas. São alguns sinais de comportamento de riscos em adolescentes que aparecem abaixo

[...] não é só roubar, também fumar, venda e uso de drogas, ya muitas coisas [...] (Mauro)

Através das suas unidades de análise, entendemos que se trata de condutas fora da norma, já que tais "muitas coisas" referem-se a roubar, fumar, vender e usar drogas. Estas variáveis são percebidas como comportamentos fora de norma porque, no contexto angolano, não são lícitas para pessoas com idade inferior a 18 anos. Ainda depois dessa idade, os atos de roubar, vender e usar drogas são punidos pela lei. Quando tais atitudes se fizerem presentes em menores de idade, são consideradas comportamentos negativos e logo tidas como fora de norma de convivência.

## **5.2. Comportamentos fora da norma**

Os constituintes do GF afirmam que se o adolescente de Cabinda rouba, é porque não encontra outra saída para adquirir o que deseja. As dificuldades que a vida impõe a ele o induzem a tal comportamento. Tal comportamento de roubo tem sua conexão com outros vícios abordados nas subunidades de análise

(fumar, vender e usar drogas, ir às casas noturnas). Se partirmos do princípio de que nada surge por acaso, é possível suspeitar que certas reações que eles alegam se dêem por esse motivo. Encontram falha ou debilidade para depois aproveitarem-se do caso e seguir outras condutas. Mas, afinal, por que o adolescente rouba? O pai, enquanto encarregado da educação, é a figura de maior destaque e a influência de amigos.

Se adolescente rouba ele pede no pai, estou faminto preciso comprar algumas calças, o pai também tende de dar volta, não você também toda a hora não sei quê, toda a hora tem de lhe pedir, então com aquelas influências o amigo vai tentar dar más idéias... vamos aí, temos uma forma rápida de conseguir dinheiro e logo assaltar alguém ou bater alguém e lhe tirar o dinheiro e naquele momento sem o pai ter conhecimento; ...é por causa de alguns pais logo terem duas namoradas; as vezes não querem saber dessa, aquela, logo que vai naquele vae tenta lhe procura em casa, às vezes em quando, está mesmo lá, a mulher fala, não o teu pai na está aqui não sei mas quanto, ya, essas outras coisas; mas uns é por causa do abandono, há certos pais, como nós estamos a viver essa realidade aqui em Angola, basta outros pais ter outra namorada, abandonam os seus filhos, yá, tentam ficar lá naquela outra mulher esquece até a sua própria casa, vai mudar outro sítio para poder ficar à vontade dos seus filhos. E também aquela frustração que o filho está a ver pela realidade ele ao pedir na mãe, a mãe não tem, também toda a hora reclamar, reclamar, tenta procurar alguns biscatos<sup>17</sup> sempre negar oh porque não, você é de menor idade nesse trabalho aqui, não ele também fica toda hora assim, eu quero ajudar a minha mãe, entro nos maus caminhos se influenciando alguns marginais que também, não sei se quê, gatuno (Mauro)

[...] influência de amigos, os amigos é que dão este tipo de influência... É isso aí que faz muitos adolescentes roubar (Estevão)

roubam pessoas nos caminhos, travam pessoas, isso que é"... dinheiro para dar na staff<sup>18</sup> (António)

[...] ele já tem bwé<sup>19</sup> de mulheres por ali, por ali, então eu vou pedir no meu pai, me dá lá eu teu filho, há vezes é tempo das provas... eu vou tentar pedir no meu pai, não tem dinheiro para mim estudar. É preciso meu avô lhe falar bwé de coisas memo, às vezes vai dormir hoje na nossa casa, vai dois meses, foi com mboas<sup>20</sup> dele curtir (Fernando)

<sup>17</sup> biscatos significa fazer qualquer trabalho capaz de gerar valor financeiro

<sup>18</sup> Staff termo usado para designar grupo

<sup>19</sup> bwé=muito/a

<sup>20</sup> mboa(s)=mulher(es)



[...] ele não devia me abandonar, devia me assumir! (Estevão)

Os sujeitos que formam o GF lamentam o papel social do pai real que não é exercido. Todos sabem que o pai é uma figura de extrema importância na vida da pessoa, em particular na fase em que seu apoio material e financeiro é crucial. Da perda desse pai surge um vazio que leva com que encontre outra saída, uma alternativa para dar cobertura a esta falta. Por isso os adolescentes recorrem a vários procedimentos em substituição do vácuo que clamam (LACAN, *apud* LACADÉE, 2011). Deste clamor surge o uso de álcool e de drogas de vários tipos. Isto os conduz às várias formas comportamentais descritas adiante. Os próprios adolescentes, para além daquilo que lhes toca, também testemunham o que vêem entre si no uso de outras drogas.

[...] pega as drogas e faz consumo de drogas, por exemplo, agora mesmo, ainda anteontem, isso eu vi, aqui embaixo mesmo já, um miudinho pequeno, mais pequeno que eu foi comprar cigarro começou ainda fumar mesmo ai. (Mauro)

Que espécie de drogas está mais em curso aqui?

Em Cabinda a droga que está mais em curso é Diazepam e também liamba, cigarro também, muitos meninos topam cigarro também. (Mauro)

Diante disto, há mais testemunho dos componentes do GF:

Há um rapaz do nosso bairro de 14 anos já toma Diazepam, já fuma cigarro,... vejo as miúdas já usam seringa, Diazepam<sup>21</sup> e drogas (António)

Eles sempre mandem... você vai comprar cerveja! Ficam beber cerveja e nós gasosa, então deixa tentar também provar! (Mauro)

---

<sup>21</sup> Diazepam é uma droga ou medicamento de prescrição médica em hospitais do país. Pelo conhecimento que carregamos, faz parte do conjunto de fármacos prescritos aos pacientes com problemas hipertensivos cujos efeitos, de entre outros é a sonolência. Os adolescentes usam-no nas bebidas para aumentar os efeitos do álcool e neutralizar qualquer resistência nas meninas, nesses casos, para efeitos de estupro.

Ora, para os sujeitos partícipes do GF, o uso de produtos lícitos e/ou ilícitos demonstra o quanto os mais velhos contribuem positivamente para essa adesão, uma vez que ninguém reage face ao consumo dessas substâncias:

[...] os mais velhos aí, por exemplo, os mais velhos daqui, não podem nada dizer você é de menor idade, recebe aquilo, ou estraga ou deita, não! E também só fica a vender"...Ya, mas eles tendem de permitir e muitos adolescentes estamos a ficar mais teimosos, há outros drogas, cigarro, etc. muitas coisas mesmo (Mauro)

A pesquisa exploratória, a reportagem do jornal de Angola (JA), assim como a entrevista da Rádio Nacional de Angola (RNA) em Cabinda, todas tratadas nesta pesquisa, revelam exatamente a mesma informação: falta de fiscalização, não há controle de idade na compra e venda de álcool. Estimulados ao ato, os nossos jovens vão a vários lugares para estimularem e satisfazerem seus desejos. Recorrem a diversos espaços privados e públicos para o efeito, entre eles as casas noturnas, conforme afirmam:

Se um adolescente vai à casa noturna a intenção aí será beber e acabar mesmo o dinheiro nas moças ai dentro e também se houver essa coisa de droga... como o adolescente é teimoso, tirar o dinheiro, comprar aquilo e experimentar também aí porque, se já está dentro daquilo na casa noturna, experimentar as drogas que está-se vender lá. Porque aí dentro das casas noturnas acontecem muitas coisas más mesmo. ... pensar, aqui pra curtir, dinheiro tem que acabar com álcool, gastar o dinheiro com as miúdas ... às casa noturna entre amigos... a coisa que nós vamos beber é esta para mexer já, pra nós ficarmos já bêbados. Dinheiro é comprar uísque, porque uísque na discoteca mesmo é forte. Aquele você bebe uns dois copos, a cabeça começa a ficar quente. Uma vez deste bebemos dois calços nós dois, cada um dois dois... se tiver mais dinheiro ainda vamos comprar mais cerveja. Só que aí na discoteca poucos compram cerveja: três cervejas são mil kwanzas [moeda angolana] e é muito. Então uísque só um copinho é caro, só mil kwanzas e aquilo aí mexe já a cabeça muito rápido. Eles, sim, se estiver aí com meus kambas<sup>22</sup> bebemos já com um plano e, esse plano, devemos basear também no dinheiro, quanto dinheiro nós temos e quantas pessoas nós somos, e o quê que vamos consumir dentro (Estevão)

Só queria dizer que o adolescente entra nessas casas porque ele tem amigo que também entram; ele se sente em casa que não está bom; um dia de sexta feira que alguns vão nas festas ele fica em casa sozinho, amigo pra estar com ele não tem, ele se sente mesmo não eu devo ir, entrar nesses lugares se divertir, beber, ir com mulher, vir fora de hora; ...

---

<sup>22</sup> Kamba(s)=amigo(s)

tentar roubar, beber cerveja e drogas, a liamba<sup>23</sup>, o Diazepam misturar com a cerveja (David)

Para essa juventude, esses lugares são vantajosos pela facilidade de “curtir”, “acabar dinheiro” com as mulheres, consumir álcool, drogas. É o seu gozo! E de que maneira os adolescentes do GF conseguem dinheiro para comprar esses produtos, lícitos ou ilícitos?

Depende, nós conseguimos este dinheiro é: eu sou o pai venho de mau estado, o pai está cansado, tirou a calça deitou só aí na cama; tenta revistar nos bolsos da calça do pai, logo, tira aquele dinheirinho, tenta aguardar um bocadinho, ya ...; há outros amigos também roubem as pessoas na rua, ya, como isso acontece muita das vezes na rua 40 de noite; ...há outros mentem: pai na escola estão a pedir X; às vezes só pediram duzentos kwanzas ele vai dizer pai na escola pediram mil kwanzas, ya. Naquela coisa aí o pai viu ta vir da escola, ele entrega, subtrai um dinheiro, o resto do dinheiro é que vai fazer suas aventuras. Mentimos muito! ... “assaltar alguém ou bater alguém e lhe tirar o dinheiro; ... mesmo estando embriagado, vai ver o dinheiro é pouco e vai continuar roubar mais outras pessoas na rua. ... Por exemplo, aqui no Amilcar se você passar naquele lado vinte horas, vamos te roubar. Não são mais velhos assim, não; são miúdos pequenos (Mauro)

roubam pessoas nos caminhos, travam pessoas (António)

[...] também depende, começam fazer mal, começam esperar as pessoas depois do trabalho se alguma coisa levem; [...] tirar dinheiro, tirar de tudo que leva (David)

[...] uns roubam na casa deles mesmo (Carlos)

Também depende, por exemplo, ele roubou, foi gastar dinheiro no convívio com os amigos dele, se aquele sítio estiver bom, não houve luta nem nada, no dia seguinte, se ele não tiver dinheiro para tornar a fazer aquilo, ele pode roubar mais dinheiro para conviver mais com os amigos que, da primeira vez que ele fez isso estava bom, não houve confusão, então vai tornar roubar outro dinheiro; vai roubar mais [...] Algumas horas se ele entrar no quarto do pai se ver algum dinheiro, ele vai tirar aquele dinheiro! (Estevão)

---

<sup>23</sup> Liamba=maconha

se ele não tem dinheiro e o grupo vai pedir X, ele entra no quarto da irmã tira ou memo telefone ou essa coisa que tá custar caro que tá debater memo para ter forma como ter dinheiro para ir pagar no grupo (Daniel)

O gosto de roubar, fumar, usar drogas lícitas ou ilícitas, de forma moderada ou grave, tem impactado a vida social dos adolescentes. Tudo começa com pequenos detalhes, dentre eles a teimosia e a exigência de mudar para outro (novo) quarto de dormir, no caso de jovens de sexo masculino. Se antes dormia-se no quarto de dentro, agora se exige que seja no de fora ou, ainda, em um quarto cuja porta de acesso esteja fora e não no corredor ou na sala, onde toda a família da casa tem acesso. Um novo dado que vem ao conhecimento de todos. Uma conduta para esconder a verdade que encobre da família nuclear.

O adolescente, por exemplo, dorme na casa dos pais, no quarto de dentro. Se ele está habituado a dormir no quarto de dentro depois vai falar para lhe meter no quarto de fora para conviver com os amigos dele. Se ele dormir no quarto de dentro o pai vai descobrir que não ele dormiu fora com amigos dele e roubam; então tão fumar. Se ele ficar no quarto de dentro, o pai vai sentir o cheiro (David)

[...] às vezes alguma mulher no quarto de dentro, não! Ela se entra no quarto de dentro, o meu pai vai me ver; no quarto de fora seria mais fácil fazer barbaridades lá dentro do quarto (Mauro)

E também o adolescente se ele pedir dormir o quarto de fora às vezes também é por causa... gosta de desbunda<sup>24</sup> ou ta tentar começar desbundar, então ele vê já aqui a hora das minhas buias<sup>25</sup> e a hora que vou voltar, se eu vir sempre entrar na porta principal, bater a porta meu pai vai dar por conta; então melhor meu pai abrir meu quarto aqui de fora, começa a buiar à vontade ou começar ter má vida à vontade; vir só com as minhas chaves, aí já não vai incomodar muito; os amigos também (Estevão)

Com isso o jovem garante a liberdade de entrar e sair na hora que quiser para as chamadas noites de má vida. Ora, até aqui entendemos que os membros do GF apresentam depoimentos ligados às duas matrizes psicanalíticas, ou seja, a matriz desenvolvimentista e a matriz contemporânea. Em ambas, os ditos dos componentes do GF dialogam com os diferentes problemas com que os

---

<sup>24</sup> Desbunda(r)=dança(r)

<sup>25</sup> buia(r)=bebe(r)/bebida

adolescentes se deparam ao longo do seu desenvolvimento e as formas como esses problemas têm repercutido na vida psíquica dos mesmos. As transformações que ocorrem nesses adolescentes levam-nos à identificação e gozo. Identificam-se com seus progenitores, como adultos, e com seus pares ou grupos; e, para alcançar seus objetivos, recorrem ao gozo através da transgressão da lei, caracterizada por roubo, uso de drogas (lícitas e ilícitas) e práticas sexuais no contexto da sua adolescência.

### 5.2.1 Conceitos de “buia”, “drena” e o processo de “noites de má vida” em adolescentes de Cabinda

Os conceitos começam de atividades que desempenham. São atividades como o uso de álcool entre os adolescentes. A partir de seus relatos, surgem os termos “buia”, novo vocábulo que substitui a expressão “bêbado”, e “drena”/“noites de má vida” para ressignificar o estado de embriaguez. Ao serem indagados sobre as sensações durante a buia, os adolescentes responderam:

Depende ... eu estou à vontade, assim vou em casa dormir; há outros vão na rua começam a pegar coisas alheias, fazer muita desordem (Carlos)

Mal, porque depois da buia memo, depois de muita cerveja cabeça vai estar distante. Há vezes outros já não vão ter forças nos pés, vão perder força por causa de muita cerveja. Agora para chegar... problema; às vezes casa é distante (Estevão)

[...] a primeira vez que eu bebi senti que já não tinha força (António)

Aquele buia memo assim. Ele te priva memo todo. Tou a ver meu colega memo ali, ah ah ah é [...] não to a lhe ver bem memo, buia já é demais (Fernando)

A segunda resposta despertou curiosidade: onde os componentes do GF beberam pela primeira vez? Eles afirmaram de maneira unânime que foi em

festas: festas de bairros, ao nível familiar e tradicional ou mesmo até cultural. É nessas festas que os pais levam os filhos e os deixam sozinhos:

[...] numa festa familiar ele deixa a criança naquele convívio na área. Se esconde nos quartos de um dos irmãos, primo, abra a cerveja mete na lata da gasosa começa a beber. Tira a lata de gasosa despeja o líquido, tira a própria lata de gasosa coloca lá cerveja, às vezes uísque; A mãe começa a pensar que não o filho está beber gasosa. muita adrenalina. Drena vem da adrenalina, abreviação [risos]. (Mauro)

Atualmente chama isso de drena, atividade, é. tem que ter atividade, tá ver, você não pode estar os pais a verem; tem que ter visão [risos] (Estevão)

[...] atividade, muita drena, má vida! [risos]"...aqui já a frente do no mês passado havia lá uma atividade de CPJ. Lá não havia gasosa. [...] mais foi álcool e cigarros porque diziam que é noite da má vida. Como os angolanos tão a daptar má vida, ir ficar aí consumir, fumar, drogar (Carlos)

Onde há fumo, bebida: são uísques, essas bebidas quentes, uísque, pastíce, ave Maria, esses café rum, ya. (Mauro)

cuca, kizomba, cerveja turbo. (Fernando)

Os processos de drena e noites de má vida são complexos: há competição entre os jovens participantes nas atividades em que, na sua lógica, há combate e debate entre os consumidores, quem é mais forte que quem; quem aguenta maior quantidade de álcool. Grande desafio! Um desafio marcado pelo consumo exacerbado de álcool por parte dos competidores, onde a adição de outras drogas para aumentar os efeitos é bastante comum.

[...] Vamos desafiar, eu vou beber vinte cerveja, eu também trinta, ou mete quarenta. Há quem anda desafiar assim. Nós podemos ver numa festa há sempre alguém que sai sempre, outros estão lhe levar; nós podemos ver outros estão muito embriagados a festa mal começou, vou conseguir sair de lá bem embriagado. [...] há muitos concorrentes que têm de contribuir, por exemplo, fazer uma aposta, outro diz, vou pôr o meu telefone, o meu chapéu, desafio-te. Ele também, se está a desafiar, eu meto X: [...] meto mil kwanzas, sempre assim. Às vezes quatro concorrentes, outro diz não eu aposto em X. há sempre outras pessoas nem vão ver, eu não vou apostar no António . Eu aposto no Bárbaro outro

não, eu aposto no Casimiro. Como o António bebe mais, logo que Bárbaro ganhar assim eu dou meu dinheiro, fica com os meus pertences (Mauro)

Muitos que contam, voltar a contar cerveja, tipo para ele falar lá fora que eu bebo mais que você. Conta lá fora você não bebeu a cerveja que eu bebi. Começa a contar uma, duas, [...] você não me aguenta. É já uma competição. Nessa competição as coisas que mais se compete mais e gosta de fazer mais competição é caipirinha. É uma mistura de sumo, diazepam, uísque, muito uísque (Estevão)

Há quem faz de múcua, tipo gelado, mete uísque, muito ABC [marca de aguardente com 40% de álcool] e diazepam (Mauro)

Só a mistura dessas coisas no sumo, isso aí já é muito forte. É pesado mesmo. Aí mesmo se você conseguir acabar pelo menos cinco copos eu também cinco; se sair mesmo assim sem ninguém cair então é homem; somos homens! Quase isso, sim, sim, é! (Estevão)

Há outros, compram mesmo grades de cuca, vão ficar ali a consumir. Minha grade já acabou vai chamar [...] sou teu mais velho na buia (Fernando)

Ora, os membros do GF expuseram suas formas comportamentais específicas ligadas a várias dimensões, entre elas as de saber e atuar em formas e meios próprios. Tudo isto começa na observação social dos pais, da própria etapa da vida em que se encontra, da vida imaginária, da confusão de papéis, do modelo a seguir, enfim, no conjunto de problemas difusos na vida do adolescente.

O adolescente realiza uma espécie de teste para provar o que é proibido entre si e o meio circundante através de novas experimentações. Impõe-se condutas que o levam a riscos que comprometem o seu futuro e a sua saúde pelo uso de drogas, álcool, desordem nas vias públicas, roubos, delinquência,... Isto tem a sua origem em questões múltiplas, como, por exemplo, o abandono, a indiferença familiar e a falta de orientação, e por isso se traduz em sentimentos novos e diferentes, em uma maneira nova de viver no contexto da sua juventude (PEREIRA, 2010; WINNICOTT, 1975; LACADÉE, 2007).

### 5.3 Resultados das entrevistas individuais

Este item trabalha cada um dos seis adolescentes consumidores do álcool dentro de sua realidade social. Todavia, apresentamos estes adolescentes para saber quem fala, o que fala, de onde fala, como fala e porque fala.

#### 5.3.1 Sujeitos de pesquisa

António, adolescente de 16 anos de idade, reside no Madombolo com os pais. Baixinho e aparentemente simpático e dinâmico. Chegada à hora da entrevista (enquanto eu estava na condição de entrevistador, sentado na sala em que decorreria a atividade) ouvi-o cantar e recitar um poema. Pediu para ser o primeiro a falar porque daí seguiria para a Uneca (nome de um dos bairros de Cabinda) para cortar seu cabelo. Enquanto isto, fixou o olhar, piscou o olho, riu e bateu de forma entusiástica a sua mão às costas do colega, que por sua vez riu, balançou a cabeça e cedeu prioridade.

Na sala de entrevista, olha para o entrevistador, estende a mão e é o primeiro a saudar: “bom dia!”, rindo. Respondi-lhe a saudação e autorizei que se sentasse. Afirmava boa disposição para a entrevista. Da sua identificação, diz gostar de seu novo nome<sup>26</sup>, que acabava de adquirir por ser bonito. Isto veio à tona ao ser interrogado a respeito do nome de sua preferência. Porque gostas desse nome? “Porque, porque esse nome é bonito! Esse nome acontece depois vão andar na rua vão sempre me chamar [...] e agora [nome anterior] já para trás. [...] alguns outros na escola mais, mais, mais é na escola, sim! Me chamam [...] todos os colegas!”

António se sente feliz porque seus colegas o chamam sempre que tal motivo se justificar, por isso a sua simpatia no rosto é visível. Uma simpatia que em princípio espelha o novo período de desenvolvimento em que se encontra, o

---

<sup>26</sup> Não se trata de uma nova identidade em termos de mudança de nome oficial, mas trata-se de um outro que deseja que seja usado no seio do seu círculo de amizade.



período de adolescência. Regozija-se, espelha seu romantismo e afirma: “Me sinto adolescente...”. Sabe-se que neste período o jovem se reveste de pulsão sexual, afasta-se da família nuclear ao encontro de outro objeto de amor para o seu gozo. Isto ele assim justifica:

[...] andar na rua vão sempre me chamar [...] Me sinto adolescente porque já consigo procurar uma namorada e ter alguns conhecimentos sobre o namoro é por isso me sinto normalmente, normalmente por não conseguir mais estar sozinho [Risos], agora quero ter é [risos] ter namorada, começar a piscar mulher olhos [Risos]. E depois aí vou, vou tentar falar com ela, vou falar com ela sobre a vida; depois vou entrar na nossa conversa, [risos, pausa]. ...vou chamar, pretender, vou lhe pretender, começar falar umas conversas, falar algumas conversas e versos [...]

Os versos são uma das saídas que António encontra para manifestar os seus desejos e, por isso, não consegue contê-los e os cita, destacando o poema “Eu quero laifar”, dedicado a alguém muito especial na sua vida, a Bela, uma moça com quem a satisfação sexual é evidente no seu gozo. Um gozo que começa com o sorriso e o olhar de ambos por sentirem-se a razão da sua existência.

Depois de conhecer vários sorrisos o teu continua a ser o meu favorito... E tenho mais outro. Esse aí é um poema assim “Eu quero laifar”. Eu quero laifar contigo na hora quente porque tu és motor do meu dia; quando olho pra ti, vejo um flash nos teus olhos porque o nosso amor está sempre a subir, nosso amor está sempre a subir, sim; tenho mais outros é que hum hum [pausa]...Esqueci sim, sim.

Então esse último verso que você falou tem algum sentimento em ti?

*Duma moça, sim, sim; Bela, Sim!... Ela estuda aqui de tarde ... Sim, sim é ano passado que eu comecei lhe pretender [risos]...Sim, começamos a se beijar depois daí vamos apanhar o gosto depois do gosto vamos ir ou mesmo na rua, ou capim, podemos tirar camisa colocar no chão aí acontece; ...No beco Sim [risos] aí acontece.*

Minha lembrança [...] vim me tornar esse ano assim muito vivo esse ano [pausa] É pra procurar sempre mulher, sair; dantes eu ficava só na minha

casa até andavam me chamar de buelo<sup>27</sup>, Sim sim, Sim de ficar sempre em casa nunca saia. Este ano já estou vivo, Sim

Depois de navegar por outros momentos da entrevista, retorno à conversa inicial, na qual narrou um verso e um poema. “Agora deixa só ver [pausa] você se recorda que no princípio falou de dois versos?” E ele responde afirmativamente, dizendo que os versos estavam destinados

Para qualquer mulher, até na escola ainda me chamam de romântico, sim; sempre falo versos, sempre falo versos até me levanto para eu falar versos

Versos que exteriorizam grande alegria no rosto do adolescente, que revela sua razão. Por que essa felicidade? “*Felicidade é por causa de ser homem, é ter algum conhecimento sobre o namoro [...]*”

A felicidade de António é atribuída ao novo conhecimento que ele possui.. Uma natureza de conhecimento com uma outra e nova relação pela capacidade de convencer alguma parceira para seus intentos, algo que antes não conseguia fazer. Em semelhante depoimento, como é que a relação familiar se manifesta em casa? O entrevistado revela que há desavenças entre ele e a irmã há um ano.

Sim tenho minha irmã até nunca se demos assim muito bem, por causa de um belo dia que távamos se faltar respeito e, até agora nunca se demos bem. Sim e ela que começou, tava me ofender e eu lhe respondi; só até agora nunca se demos assim muito bem. Já faz muito tempo desde do ano passado, ela nunca nos deu assim mais muita confiança.

Depois de manifestar sua insatisfação com o mau relacionamento com a irmã, ao final da entrevista o jovem se despede, mas, ao sair, olha para o entrevistador e continua saindo. Faz sinal afirmativo com a mão direita ao colega que aguardava a sua vez. Bate em seu ombro, ri e diz “yá”. Despede-se de seus colegas e sai recitando uma poesia.

---

<sup>27</sup> buelo=pessoa distraída/que não aproveita as oportunidades

Como se entende, há uma série de manifestações deste adolescente ligadas à pulsão sexual. Já namora, já se sente feliz pela capacidade que agora possui. Já consegue enfrentar seus obstáculos e vencê-los para sua satisfação sexual, afirmando-se homem. Desconfia-se que o uso de álcool para este adolescente esteja associado às festas ou manifestações culturais, a influência dos pais de seus amigos e do grupo de amigos, além da relação familiar. Uma relação que motiva o jovem a ingressar em grupo de amigos. Assim sendo, absorve o comportamento do grupo. É comportamento ligado à agressão e roubo, entre outros. Desconfia-se, à luz do seu histórico, que o uso de álcool deixa António mais contente e aproxima-o mais de parceiros.

Bató é um jovem aparentemente calmo, mas também triste e preocupado por algum motivo. Mora no Chimpindi com o pai e a madrasta. Tem 17 anos e mostra interesse pela entrevista, aconteceu no período noturno. Após a saudação, diz sentir-se muito bem disposto para a entrevista, mas triste devido a algumas situações que lhe inquietam ligadas ao ambiente na província de Cabinda. Quanto ao nome, gosta que lhe chamem de Van-Dame, alcunha colocada pelo próprio pai há bastante tempo. “... *Eu quero que me chamem mesmo meu nome de casa* [risos]. Eu gosto porque esse é nome que meu pai me deu [...] gosto sim me chamarem desse nome de [...]!”

Nos seus olhos observava-se a tristeza e a vontade de exteriorizar algo importante. O jovem se emocionava enquanto falava. Depois da entrevista, respirou fundo e, na altura de despedida, enquanto agradecia, negava os meus agradecimentos: “não, eu é que tenho de agradecer por tudo; muito obrigado, mais vezes”.

Quando questionado a respeito do ambiente em Cabinda, respondeu: “Mulher é uma cobra venenosa [...] está consigo, amanhã [...] com outros”

O ambiente é uma coisa que não deveria ser mesmo isso [...] desordem [...] mulheres que pedem dinheiro [...] ambiente não é nada bom [...] eu na minha parte não gosto de ambiente porque ambiente é uma coisa que não deveria ser mesmo isso [...] aí só para aquelas pessoas aí que andam nas ruas; coisas, coisas bwe que elas usam: coisas curtas; mulheres que gostam mais isso. Mesmo homens gostam também isso, mas isto dependentemente das pessoas. Outros gostam fazer desordem, pretender namorada do amigo; outro amigo não vai gostar e aí haverá problema

através de uma mulher. Mulher é só para nos distrair e nós andamos pensar é uma grande coisa. Afinal não é grande coisa! Mulher é uma cobra venenosa, hoje está consigo amanhã vai estar com outros. Para você é a mulher que você gosta. Não vai aí! Vai aí, chega aí. Isso aí não; então nós também podemos informar mulher que não vai nos gostar com dinheiro. Há outras mesmo na minha casa quando gosta muito de dinheiro eu não gosto nada! [...] Hoje te pediu, vai passar mais um dia vai te pedir mais; não está bom.

Bató, em algumas falas, afirmou a existência de pessoas desordeiras e que pretendem mulheres de outros amigos: "[...] outros gostam fazer desordem, pretender namorada do amigo". Interrogado sobre o assunto, revela: "Essas pessoas são amigos".

A afirmação do menino induz a outra face da conversa, em que se busca saber sobre a relação familiar. Bató afirma:

A nossa convivência com a minha família vai mesmo bem, mas aconteceu algo eu e a minha madrasta [...] não tem respeito com o marido [...] aconteceu algo eu e a minha madrasta [pausa] você sabe quando mulher não estudar muito fala muito e a mulher que estudou muito é diferente [pausa] eu sei que é ela que me criou [pausa] as vezes coisas que ela faz eu não está bom vou ficar nervoso [pausa]...não tem respeito com o marido [pausa] começa a ofender o marido [...] outra vez meu pai foi fazer tratamento, foi operado, ficou em casa. Nosso vizinho bumar sempre mulheres dos outros. A minha madrasta tava com ele, matabicho é matabichar na casa dele. Alá dentro, na sala, em casa nós crianças não estávamos a perceber nada e eu também pensei oh é uma brincadeira. [...] depois um dia meu pai veio acabou de fazer tratamento dele. Meu pai estava lá fora, minha madrasta sempre com aquele jovem dela na sala sabendo que tem lá pessoa, sempre a fazer aquilo. Meu pai sem perceber. Depois tinha óbito. Irmão do meu pai foi também naquele óbito, a minha madrasta também foi. Moço foi lá no óbito, afinal foram lá pra ir fazer amor..., [...] é lá quando eles estiveram a fazer amor, fizeram parece duas vezes [...] Meu pai só tava aí depois dia seguinte começaram a discutir; discutiram, discutiram. Sempre estão sempre aquilo andamos sentir [...] até hoje em dia ninguém dá palavra no outro [pausa] Não posso mentir, mas aquilo aconteceu mesmo. Se eu fosse uma mulher eu sei que estou em casa do meu marido não vou ter aquele pensamento de estar a ter mais outros.

Essas narrativas explicam, pelo menos em parte, a sua insatisfação quando se referia às mulheres desordeiras e a amigos que pretendem mulheres de outros amigos, pois tal fato aconteceu exatamente com a sua madrasta ao namorar um homem com o qual teve relações sexuais pelo menos algumas

vezes. A madrasta tomou conhecimento do domínio da informação do seu namoro por parte do enteado, que ela cria.

[...] depois no dia seguinte, eu tinha uma namorada, mas eles começaram lhe chamar oh porque vem aqui. Meteu no quarto, depois tava me disser pra entrar no quarto do meu pai. Eu como miúdo vi é quarto do meu pai eu tenho que respeitar e não fazer aquilo aí. Eu disse volta embora que eu não vou dormir consigo, não vou fazer nada e eles lá ficaram nervosos. Eu vi memo que o vosso quarto que vocês dormem eu não posso fazer isso.

Mas, diante desse desgosto, que fere a sensibilidade do adolescente, capaz de carregar recordações negativas sobre o ser da mulher, este expõe que tipo de mulher gostaria de ter na sua vida, ou o perfil da mulher de seus sonhos.

Mulher que eu gostaria de ter, aquela vaidosa, aquela mulher aí que não apaixona as pessoas; não aquelas mulheres prostitutas, faltam mães deles respeito e pessoas de fora respeito; e eu gosto aquela pessoa que tem bom comportamento e também respeitado nas pessoas que, essa tua namorada é mesmo boa conosco, ela é ciente, não é como aqueles pessoas aí. E também gosto não aquelas coisas aí tchúna, tchúna, mas gosto aquelas mulheres que vistam vestido, pano. Aquelas camisas aí que gostam de mostrar aquelas partes aí não. Mulher que usa roupa que não mostra todas essas partes aqui é aquela aí que eu gosto e respeita as ordens do namorado; aquelas aí que desobedecem namorado sempre falam pra ver na parte dela; não ta bom! Ela gosta só daquilo que ela quer, mas na minha parte não! Se eu vir assim eu mando acabar a nossa relação porque eu quero mulher que a minha família vai respeitar, ya essa tua namorada memo é vaidosa.

No momento em que o jovem diz “roupa que não mostra todas essas partes aqui”, fixa o olhar no entrevistador, mexe a cabeça no sentido anti-horário como a dizer “não! Isto não!”, inclina o pescoço para baixo e aponta com as duas mãos a parte da cintura com o olhar fixo na zona genital. O gesto mostra que sua madrasta faz uso de roupas inadequadas, transparentes, que mostram a parte interior, aquela que devia ser reservada ao seu pai. Isto, para ele, pode estar na base da atração de homens que ela namora. Sente ciúmes pela situação do pai. Socialmente falando, tal maneira de vestir fere a sensibilidade da norma social de Cabinda, pois não é sua norma, e quem assim se apresenta indica falta de respeito. Por isso, nos parece que, o jovem entendeu o uso de roupas curtas por parte de sua madrasta como falta de respeito à família. De tal modo, durante a

sua explanação ao referir-se da madrasta olhou para a parte baixa da cintura pélvica e abanou a cabeça.

O incômodo do jovem pelo comportamento da madrasta e a insatisfação desta com a conduta do enteado geraram algumas desavenças entre eles:

Quando eu lhe disse isso, oh é problema!

Aconteceu uma pequena briga só assim, mas eu não queria discutir com ela porque ela é minha mais velha que me cuidou; está sempre junto comigo. eu não queria nada com ela, mas como ela fala muito eu nunca liguei [...] um domingo eu tava jogar bola no nosso quintal; atirei a bola bate no chão foi na criança de 2 anos, ela tava a chorar e como não viu nada, logo a me falar: não vocês também não sabem sítio que devem jogar. Eu não fiz por querer, mas a bola só bateu nela. Quando eu lhe disse isso, oh é problema! Fala em todos os meus tios que eu que já não presto, começam também falar na minha família”.

A relação de Bató com a madrasta não só está complicada pelos aspectos antes apontados, mas por trabalhos domésticos que lhe são entregues: “[...] idade que eu já estou já não da pra limpar o chão”

[...] eu também posso falar que a minha idade que eu já tenho não posso limpar mais chão; pra ir cartar água tudo bem. Por acaso na minha casa eu sei que tenho dezassete anos, mas esse de estar a limpar o chão muitos também que já não gostam. Já não estou a gostar mais; andei a gostar, mas da minha idade que eu já estou já não da pra limpar o chão. Própria minha mãe disse que você não pode limpar o chão você já dá só pra cartar água. O chão dá para aquelas crianças menores e eu também sinto aí, a minha idade que eu tenho não dá pra limpar o chão. [...] há mulheres quando to mesmo a limpar chão passem a me olhar, mas eu as vezes não vou ligar porque a vergonha mesmo mata [...] às vezes me dizem ah tas a tirar curso de limpar chão [...] depois um dia vou deixar ya é mesmo.

Os trechos justificam a timidez do menino diante do GF do qual fez parte. É o medo de expor aspectos complexos da sua singularidade diante dos demais membros do encontro, que acabam revelados na entrevista individual. Sua aparência representa algum sofrimento psíquico ou trauma de experiências já vividas que acabaram por ser desvendadas

Por essa causa manifestou voluntariamente os aspectos que caracterizaram a sua tristeza, narrando histórias de conduta de certas mulheres

que o incomodam. É a sua madrasta que namora com o vizinho e, até a altura, continuava sem plena comunicação verbal com os outros membros da família: o marido e o enteado. Por isso diz que gostaria de ter uma mulher espelho, que saiba respeitar e cumprir a vontade do marido, que não traia o parceiro e entenda quando este não tem dinheiro para suportar certas despesas. Bató conclui a idealização: nada de mulheres que usam roupas curtas, que mostram as partes íntimas para atrair homens, mulheres indisciplinadas, mulheres prostitutas; mas mulheres que se apresentam com roupas sociais, sejam amáveis com a família, disciplinadas, obedientes ao marido, que usem vaidade dentro de limites permitido na sua sociedade. Aliada a isto está também outra particularidade: a de trabalhos domésticos. O jovem acha que já não tem idade para lavar louça, pois já é adulto.

Ora, tanto o comportamento da madrasta como o comportamento do enteado tem gerado repercussões negativas e, para ambos, mal estar nas suas relações, que constituem o cerne dos conflitos familiares. São esses conflitos que o impelem ao grupo de amigos, encontrando saída para o uso de álcool e, com ele, condutas antissociais, recordando Aichhorn (2006). São condutas que desconfiarmos estarem ligadas ao álcool, que, para ele, manifesta a sua subjetividade, através de agressões físicas, roubos, estupro e a colocação de drogas nas bebidas das mulheres para melhor usá-las sexualmente.

Carlos, adolescente de 16 anos de idade, reside no bairro Chimpindi com o pai e a mãe. Pela sua ansiedade diante da entrevista, aguardava a minha chegada e, mal tendo percebido minha presença, dirigiu-se a mim, saudou-me com aperto da mão e perguntou o local da entrevista. Indiquei-lhe o local e ele foi o primeiro a entrar. Quanto à sua disposição, depois da saudação, disse que se sentia bem para o momento que esperava: “estou bem... estou a me sentir bem!”. Quanto ao nome, tal como os demais, respondeu: “[...] eu gosto mais porque na escola já estão habituados [...] Eu gosto porque começa ter fama [...] aqui na escola já me conhecem [...] eu tou ir lá se apresentar sou eu, ya por isso que eu gosto esse nome mais gostoso. Nome é bonito o que significa que eu sou bonito sim, por isso que eu gostei desse nome”.

Carlos, ao falar da beleza de seu nome, relaciona-o à sua fama e à colega que se apaixonou por ele.

Eu gosto ter fama; eu tou ir la se apresentar sou eu; ya por isso que eu gosto esse nome mais gostoso [...] já tem fama até na escola ya todos já me conhecem com esse nome: nome é bonito o que significa que eu sou bonito [...] colegas dizem você és bonito [...] até uma minha colega disse se você não estudasse aqui eu ia já te pedir namoro [...] eu disse ta bom não faz mal, tanto faz. Se você quer vamos manter [...] com ela temos amizade [...] lanchar junto, sair junto ya parar em casa.

Ao longo da entrevista, o adolescente mostrou-se muito à vontade. Depois destas primeiras impressões, foi ainda convidado a falar mais de si:

[...] não gosto nada de confusão

Eu pelo menos sinto bem da minha vida [risos] na minha vida nunca tive nada nenhum problema em casa ou quê lá ou com vizinho não. Por acaso vizinho me falam esse miúdo é muito bom, quer dizer, é miúdo ciente, não gosto nada de confusão. Não gosto de barulho eu gosto de ficar memo assim num sitio que está embora calmo. É melhor ouvir barulho de pássaro do que ouvir barulho de pessoa porque barulho de pessoa vai me incomodar muito, não custa doer cabeça, mas do passarinho não porque é diferente da pessoa. Lá no bairro me falem esse miúdo é muito bom, é miúdo simpático memo. Eu não gosto nada de confusão, nem desordem também não gosto, ya, eu não gosto nada disso

Apesar de o menino considerar que não gosta de confusão e optar por ruído de pássaros ou de outros animais, perguntei como ele se relaciona no ambiente familiar:

Para mim a relação com meu pai e a minha mãe nunca tivemos nada briga eu com a minha mãe nem com o pai. Meu pai me manda ele me dá embora conselho, você aí esse sítio que você ta ir... eu obedeço meu pai coisa que ele ta me falar. Eu não posso mudar coisa que meu pai tá me falar, tem que obedecer coisa que meu pai ta me falar porque se eu não obedecer no futuro não serei ninguém; um delinqüente, estar a matar pessoas é por isso tem que ouvir os conselhos dos pais praticamente é seu lugar.

Percebe-se aqui que Carlos tem boas relações familiares e esteve sempre disposto a ouvir os conselhos do pai, na condição de orientador, preparando o



seu futuro. Sem que se preste atenção ao que o pai diz, colocando as orientações em prática, pode-se sofrer grandes consequências no futuro. Entre elas, por exemplo, estão a impossibilidade de atingir patamares desejáveis na sociedade e cair na delinquência.

Contudo, o jovem agradece a iniciativa do entrevistador em levar a cabo uma atividade deste gênero, na qual o jovem tem a possibilidade de ser ouvido "[...] é só esse ano que eu vi isso." "[...] estou a gostar muito do trabalho"

Pela nossa conversa estou me sentir mesmo bem, to a gostar também, estou a gostar da nossa conversa, tou a gostar também do doutor Sambo estar aqui conosco, tou me sentir feliz. Pra mim memo tou a me sentir feliz sim, estou a gostar também do programa. Eu acho memo muito bem, muito gostoso falar do nosso futuro, é muito gostoso [...] É só esse ano aqui que eu vim ter isso. Sim estou a gostar muito. Eu acho muito bem; vai muito bem a frente sim [...] muito obrigado! O senhor está aqui comigo estou a gostar muito do trabalho.

Entendemos aqui que Carlos ficou muito feliz por ser escutado. Finalizou a entrevista com manifestação de alegria por ter sido ouvido e por poder falar da realidade da sua vida.

Carlos, apesar de não gostar de confusão e de ter relações familiares consideradas boas, é usuário de álcool. Entrou no mundo de álcool através da família e por influência de amigos. Para ele, o uso de álcool tem alguns efeitos subjetivos, tais como confusão, provocação, agressões físicas que se manifestam através da quebra de garrafas, pedras e paus para enfrentar lutas físicas.

Daniel, um jovem aparentemente entusiasmado com entrevista, que decorreu numa sexta-feira, de noite, após saudações com aperto de mãos, afirmou estar muito bem disposto e que suas aulas decorriam de igual modo, mas que estava triste pela notícia que acabava de receber da sua professora, de que haveria prova na segunda-feira. O jovem também reside no Chimpindi com a mãe e tem 16 anos. Gosta de ser chamado de Romário, o nome escolhido por ele mesmo. Na sexta feira tomou conhecimento que na turma onde estuda seria submetida à avaliação. A informação deixou-lhe triste por motivos abaixo.

Iríamos aí no quê, um bar também que está aí no Gika com [Danilson-nome fictício] podíamos ir lá divertir um pouco, bebíamos nossas cuca, conversar lá com algumas pessoas. Ele até podia ver namorada dele, ficar lá divertirmos e fazermos coisas da nossa vida, mas com essa notícia aí me deixou mesmo um bocado mal, não estou nada bem [...] *Coisas da vida*

O adolescente não se sente bem, há uma indisposição pelo fato de perder ao longo do fim-de-semana coisas da vida. E que tipo de coisas é essa da vossa vida?

[...] fazermos muitas coisas, disbundar, conversarmos, comprar coisas, conversar com nossas namoradas, e outras coisas também que estão guardadas

Afinal, Daniel ainda tem muito por revelar. Fazer recordar para trazer ao consciente é fundamental para os psicólogos psicanalistas. Que coisas, afinal, ainda se encontram guardadas no interior do adolescente?

[...] coisas guardadas [...], por exemplo, nós hum, hum, hum, no sábado vai ter chicumbi aí no Cabassango. Deixamos próximo sábado que está vir, vamos ir no chicumbi nós dois com [Danilson] porque ele é amigo que eu confio mais, conversamos mais as coisas sobre minha vida, assim juntos; comemos juntos, já comemos juntos e que falta só é dormir junto [...] eu posso conversar com ele, eu sei que lá fora não fala nada; é uma pessoa que guarda segredo da minha vida um pouco assim; é ele que eu confio mais na turma também. Essas coisas aí, por exemplo, lá na minha casa como eu se comporto, como meus pais me eduquem, e profissão que eu aprendi, mas já não aprendo mais. E bairro que nós vivemos como é, eu tenho lá amigos assim; se tem namorada não sei mas essas coisas aí ele é uma pessoa que eu confio muito até na escola também que eu sei esse aí podemos conversar melhor as coisas, não vai falar lá fora. Outras pessoas eu mesmo não posso, eu não confio lá na turma. Segredos que ele guarda da escola, aí tem uma miúda assim uma menina. Comecei já, conversamos ontem, e a miúda diz pra se encontrarmos no sábado no largo. É só [Danilson] que sabe dessas coisas aí; é ele que eu falei, vamos ir se encontrar com aquela miúda assim no largo; vamos ir junto vou ir te buscar na tua casa vamos arranjar qualquer coisa pra levarmos lá, divertir um pouco, já. Só vamos ir conversar porque tal miúda também não vai sozinha; vai com uma amiga. Assim [Danilson] também enquanto eu estiver a conversar com aquela miúda ele poderá conversar com amiga dela; vamos ficar lá comprarmos as nossas coisas, gasosas, cerveja também, vamos beber, vamos passear darmos umas voltas, depois daí, vai deixar as filhas alheias em casa

Tais questões estão no seio de tantos, a festa cultural de chicumbi, na qual há usos de bebidas, e a saída para o namoro com seu amigo, a forma de educação familiar, a desistência da profissão, do bairro onde vive, dos passeios, dos segredos escolares.

Diante destas "coisas guardadas", a ansiedade pela natureza do diálogo recai sobre o relacionamento familiar. Diante do convite à fala, Daniel relata:

Nossa relação minha relação com minhas famílias lá em casa ... nós vivemos mesmo bem, mas ha momento memo que ... mas tudo vai passar; há momento se quer tirar essa coisa daqui ele vai chegar porquê que tiraste a minha coisa, mas isso depois daí os nossos pais vão nos meter no chão dar conselho, você não dá mais pra fazer isso; isso é pra crianças, isso de lutar no sei mas o quê; vão nos aconselhar nós também aí ... Somos adolescentes vamos entender, vamos deixar de lutar. São essas coisas aí normal, vamos discutir depois de um tempo, ya vamos se dar a mão, abraçar que é assim que devemos viver na sociedade

Fica evidente que Daniel tem enfrentado situações familiares desagradáveis, apesar de encontrar saídas para melhorá-las. De um lado e de outro, ele é um adolescente muito interessado na sexta-feira. Mostrou-se insatisfeito com a considerada má notícia, a avaliação marcada para a segunda-feira seguinte, pois precisou então alterar todos os seus programas pessoais, anulando a sua saída para o namoro e outras atividades, como a festa tradicional chicumbi, na qual o consumo de bebidas alcoólicas é esperado. E se não tivesse prova, estaria feliz? “Sim, estaria muito”. Para ele, a prova é uma variável incômoda quando acontece no início da semana, pois tira o privilégio do fim de semana, que se inicia na sexta-feira.

Ao término da entrevista, o rapaz afirma não ter mais nada a acrescentar, mas antecipa que faltavam ainda dois colegas (Danilson e David, ambos nomes fictícios) seus que ele gostaria muito que participassem da entrevista. Terminava a entrevista com uma despedida e eu agradeço a sua prestimosa colaboração. O entrevistado olha para mim alegremente e diz “ok eu é que tenho que agradecer!”, exprimindo, assim, a necessidade de ser ouvido.

Quanto ao álcool, suspeita-se que Daniel tenha entrado neste mundo através da influência de seus amigos mais velhos e das relações familiares mais

frágeis que também suspeita-se estimularem o jovem à procura de pares para preencher o vazio. Enquanto usuário de álcool, seus efeitos subjetivos se manifestam por meio da desordem, do roubo, das discussões com vizinhos, da falta de respeito, em falar demais, em agressões às pessoas. Além disso, depois do consumo, a tendência de ir às discotecas, visitar e conversar com as mulheres.

Estevão é outro adolescente de 17 anos de idade. Completa 18 anos no final do primeiro semestre de 2015. Desconhece o pai. Reside no bairro 4 de Fevereiro com os seus avós maternos. Muito dinâmico e simpático. Todavia, a expressão facial parecia demonstrar algum aborrecimento. Ligeiramente atrasado para a sua entrevista, olhou para o colega que já se encontrava sentado lá fora e que terminara sua entrevista e disse: “ah estou atrasado e ele?” Perguntou ao colega que se encontrava sentado fora da sala de professores onde decorreria a entrevista. O colega lhe respondeu, abriu a porta, mostrou e indicou com o dedo apontado para mim (entrevistador). O jovem entrou e saudou de forma emotiva [risos de alegria] como se dissesse “tenho alguém a escutar a minha história da vida” e disse: “Atrasei, atrasei. Tive outra situação por isso vim a correr para cá e pensei que não ia lhe encontrar”. Antes da permissão para sentar, puxou a cadeira e sentou-se. Perguntei, então vamos começar? Disse que estava disposto: “Estou, por isso vim a correr”. Pegou o lençinho de bolso e limpou o rosto, mostrando-se ansioso para a entrevista.

Esse nome partiu, vem a partir dos meus amigos é; esse nome veio, é porque eu fui, cresci muito desordeiro. Sim cresci muito desordeiro e sempre fui chefe, sempre fui chefe do grupo, chefe dos grupos, chefe de grupos assim a partir daí onde veio surgir esse nome [Estevão]. [Estevão] tipo um homem, uma pessoa, quer dizer problemático memo quer dizer uma pessoa que gosta muito de fazer show, tipo aleijar pessoas, sim, sim. Sim, cresci muito desordeiro é aí onde veio esse nome até agora o nome colou e sempre me chamam de Estevão” [...]

Quanto ao nome com que se identifica, tem significado especial na sua vida: “[...] cada um pode ter um nome um apelido que lhe identifica [...]”

Como pessoas de meu bairro tem me chamado sempre, sim gosto,...sim gosto mesmo gosto. É sim isso é muito normal, e cada um pode ter um nome um apelido que lhe identifica aquilo que é, não é? Eu cresci muito teimoso. Eu cresci muito teimoso e, sim cresci muito teimoso é; antes

quando eu fui mais pequeno, não gostava muito de obedecer meu pessoal de casa; toda a família de casa não gostava muito de obedecer, também tive sempre aquele espírito aí tipo se alguém me dá chapada, aquele espírito aí tinha sempre um espírito de pegar coisa, aleijar, de pegar qualquer coisa e aleijar e, também quer dizer e também passei essas coisas de chefe do grupo; eu fui uma pessoa com mais atividade sim tipo pessoa aqui mesmo. se você me brincar vou te aleijar, então por isso é que me elegeram como chefe. Chefe é aquele que tem aquele espírito de aleijar pessoa espírito de ofender; tinha muita essa coisa; é ali, a partir dali que vem surgir esse nome. Uma pessoa que gostava de aleijar pessoas desobedecer às ordens muita coisa [...].

O menino aceita seu comportamento, mas atribui culpa à idade na qual ainda se encontra: “[...] muito bom pra mim, mas problema para outras pessoas [...]”

Até cá não essa parte aí; essa fase foi a fase da adolescência; naquela época eu tive uma mente atrasada, uma mente um pouco atrasado, por ai fase de adolescência. Sempre tem essa fase, mente atrasado, ta ver né!, aquela mente tipo coisa que eu to a fazer, uma coisa mal que eu to a fazer outros tão achar mal aquilo, eu to achar aquilo de bem; tipo isso que to a fazer é muito bom pra mim, mas problema para outras pessoas sim e eles não gostam, não gostam disso.

Ao tratar da própria adolescência no passado, o jovem me levou a perguntar sua idade. Respondeu que tinha 18 anos e eu, em seguida, pedi que se explicasse:

Adolescente o que acho de adolescente, adolescente [pausa] não sei como explicar [pausa] adolescente é aquela pessoa que já tem 12 anos para cima [pausa] de 12 anos até 17 sim até 17 anos. A partir daí é que é adolescente. Obedecia mais era os amigos. Família não. A família não. A família não [pausa] em casa quando alguém me mandasse eu sentia nervos, ah toda a hora tão me mandar, toda hora sim, não eu não vou fazer isso vala a pena eu ir nos meus kambas, meus amigos. também é, podemos dizer quase tipo somos mesmo mesma pessoa, tipo ninguém consegue dar boa idéia no outro; então nós todos tínhamos aquela mente mesmo atrasado, de pensar só coisas a toa memo; yá óo deixa estar yáa teu avó ta te mandar, tua mãe ta te mandar. naquela época tipo assim lhe caga, lhe caga, lhe deixa ele ir, lhe deixa ir; ela ta falar à toa vamos nós fazer nossas coisas; essas coisas que vamos fazer as vezes estamos ir arranjar problemas, sim é.

Sabe-se que o período de adolescência se caracteriza por vários problemas. Aproveitando sua expressão "arranjar problemas", perguntei que de

problemas se tratavam, e ele afirmou: “[...] Ah vários problemas e graves! [...] problema na minha família [...]” Estevão mexe a cabeça, reflete, olha para o entrevistador e respira fundo! Ao que parece, o gesto é sinônimo de terem sido trazidos à consciência os problemas graves que viveu ao longo da sua adolescência:

Vários problemas e graves! Húm Mas são problemas que se resolvia com dinheiro já assim. Eu por exemplo [tosse] eu, por exemplo, no meu caso não sei se me foge da mente com nove ou dez anos que parti vidro de carro, parti vidro de carro e parti vidro de carro, trouxe grande problema na minha família, mas pagaram e também íamos roubar coisas alheias sim; problemas com meus amigos [pausa] pegar mochila leva; chegar em frente da porta de uma casa alheia, tira chinelo alheio mete na pasta esses problemas todos são problemas que fomos [...] E também quer dizer lutar também. Arranjar confusão agredir pessoas [pausa] sim [pausa] agredir pessoas.

Quando perguntei por que ele se sentia nervoso em casa, expôs sua realidade, sua história familiar e indicou as razões que estavam na base da sua desordem enquanto vivia os primeiros momentos da adolescência, apesar de ainda encontrar-se na fase em abordagem. A conduta da família, o estímulo que dela recebia, assim como outras situações desagradáveis vividas, chegaram à sua consciência.

Ah ah [risos]. Primeiro é que na minha casa aquela época eu vivia com a minha mãe e as minhas tias no mesmo sítio e, ali tinha muito aquele de mandar sempre, de mandar, mandar e, eu não gostava... não gostava e também pegavam às vezes a minha roupa deitavam sim [...] e eu não obedecia muito a família de casa sim, por causa disso e também essas coisas de mandar tanto, sim, eram coisas que eu não gostava mesmo; logo me mandem uma vez não me mandem mais, acabou vou levantar bem nervoso vou ir pra não me mandarem mais.

Estevão revela sua história de relacionamento familiar e exterioriza mais detalhes. Descreve sua mãe e faz juízo de certas atitudes desagradáveis para si. “[...] minha mãe [...] sempre foi injustiça, [...] e eles achavam aquilo normal [...] por isso teu pai te negou [...]”

[...] a convivência familiar aí da minha casa familiar [...] aí havia injustiças, havia injustiças [...], a minha avó tem um filho que tem quase a nossa idade sim, [...] aí tinha uma regra: [...] Então coisa que me dava muitos nervos em casa tipo tinha aquela regra de quem não trabalha não come; [...] então deu meu irmão que não trabalhava [...] mas comia sempre, mas a regra era aquilo quem não trabalha não come, sim é isso e, isso assim me metia muito nervoso [...] Minha mãe não vivia muito comigo, minha mãe vivia noutra sítio é mesmo meu avo [pausa], ele ficava nervoso [...] a única pessoa que pode mexer a panela aqui só eu quem cozinhei, [...] os filhos dele ou outros netos aqui de casa outros serviam, outros podem vir servir isto me metia muito nervoso, me metia muito nervos; isso pra mim é injustiça, sempre foi injustiça não pode ser assim e eles achavam aquilo normal [...] depois me rebaixavam me rebaixar mesmo, diziam: [...] por isso teu pai te negou, [...] toda aquela coisa me metia sempre triste, metia nervoso, yá, por isso é que eu não gostava muito de obedecer minha família de casa. Sim era isso [...] há certas coisa que eles fazem às vezes quando tento ficar nervoso, eles começam mais me recordar porque não por isso é teu pai te negou e aí quando me recordo isso fico nervoso, ya, fico nervoso sim fico nervoso [...] Quer dizer a minha mãe ela nunca teve tempo, ela também gosta de fazer outras coisas ela é assim é aluada, é aluada é aluada é aluada tipo ela não consegue pensar o que é bom pra seu filho [...] tudo isso também cria frustração [...] mandava lixar mandava lixar pá, eu esta coisa vocês é que sabem aqui agora vocês é que sabem; vou fazer minha coisa, oh vocês é que sabem se vai dar certo ou não vai dar se vocês não vão ajudar, eu consigo sozinho! isso aí eu sempre encontrava saída assim: não vocês é que sabem se vão mais me assumir ou que uma coisa assim, yá, eu mandava lixar, vou-me embora às vezes, vou dormir fora disso em casa dos meus amigos. É aí onde eu encontrava saídas mandar mesmo lixar, não eu não quero mais [...]

Estevão carrega consigo enormes problemas gerados pelo relacionamento familiar. Recorda-se aqui que, no momento da sua entrada para a sala de entrevista, ele fez um gesto muito importante e significativo: o uso de lenço para a limpeza do rosto. Será que o gesto quis dizer: não vou deixar passar esta oportunidade, por isso vim correndo? O limpar de rosto é, para o caso, forma de revelar uma nova imagem. Limpar o rosto para mostrar quem realmente é. Limpar para não continuar sujo. Nesta limpeza ele exterioriza tudo que veio à sua consciência e revela o que realmente é. Para dar maior credibilidade aos seus depoimentos, Estevão, ao longo da entrevista, assume que de fato é o que disse, usando o passado: “Ta-se tratar do grupo também estou incluído”. Assume de maneira consciente os seus comportamentos na altura em que falava do procedimento do grupo do qual faz parte.

Ao tratar especificamente do seu agrupamento juvenil (Konaskwaite), pegou uma caneta, solicitou uma folha de papel A4 e desenhou o símbolo que

identifica o grupo. Ao lado esquerdo da figura, escreveu, em numeração arábica, 1(cf. anexo 4). Terminou o desenho, mostrou a figura e disse: “Tá um pouco feio”.

O retrato é de uma figura muito comum em filmes asiáticos de ações da natureza de karatê-do que revelam força e persistência. Interrogado sobre o significado do símbolo, disse: “A força do grupo! É esse símbolo. Vários grupos já tinham”. Trazido à consciência do que acabara de narrar, Estevão mostrou-se ansioso por conhecer seu pai, pela dificuldade de vida: “agora estou a passar momentos difíceis”.

Os momentos difíceis e as dificuldades que apresenta tiveram sua origem desde muito cedo no ambiente familiar. A mãe nunca permitiu que o filho conhecesse seu pai. Foram várias tentativas de diálogo com a mãe nesse sentido, infelizmente sem sucesso. Pedia à mãe que ligasse, que fossem ao encontro do pai... E ela respondia: “vamos ligar a quem, ir lá aonde? No meu pai! Sim, sim! No meu pai”.

Sua maior dor diz respeito ao desconhecimento do pai biológico. Pergunto se ele tem muita vontade de conhecer o pai. “muito [risos] muito, porque neste [pausa] agora estou a passar momentos difíceis”. Pergunto se ele já tentou conversar sobre isso com a mãe. “A minha mãe, sim já, já, já muitas vezes; várias vezes ela é tipo só promete não espera no dia x não sei se que vou vir, vou te levar uma coisa, assim não sei quê vamo ir lá vou lhe ligar, mas nada, nunca fez isso!”

Estevão se apresentou muito triste e aborrecido por causa disto. Mas, depois de revelar os seus problemas e esgotado o diálogo, negou a iniciativa de agradecimento vinda do entrevistador; animou-se e afirmou que devia partir dele e não do entrevistador: “Não, eu é que tenho de agradecer!” Manifestou alegria no rosto, voltou a rir e disse: “Sim estou feliz. Muito obrigado!” Inspirou profundamente, encheu o peito de ar e expirou. Colocou para fora o que devia estar dentro: “Só deve estar dentro”. Recordo aqui que é papel do psicólogo e do psicanalista trazer à consciência o que está dentro. Sentiu-se aliviado, voltou a apertar a mão do entrevistador e disse: “é a primeira vez! Coragem!” Isto demonstra, para o caso, o desejo de ser ouvido, e por isso negou o



agradecimento vindo do entrevistador. Por isso também a sua alegria: “Não, eu é que tenho de agradecer! ... Sim estou feliz”.

Diante de tantos problemas, de tantas dificuldades de várias dimensões que o adolescente apresentou, desconfia-se que as relações familiares desagradáveis abriram-lhe o caminho para entrar em grupos de amigos como uma possível saída. Entre estas saídas está o uso de álcool.

Fernando é um jovem de 16 anos, reside no Chimpindi com a sua mãe, gosta de ser chamado de “criança” porque o seu nome, em língua congoleza Lingala, significa “criança, alguém de menor idade”. Considera que deve usar este atributo: “[...] Eu se sinto feliz, se sinto maravilhoso por ouvir meus pais a me chamar desse nome porque são eles, eles que me dão esse nome [...] eu me sinto mais orgulhoso, mais feliz.” É um adolescente de altura média, estreito, olhar muito dinâmico e um pouco gago durante as falas. Usa lenços na cabeça e no dorso da mão esquerda. Calças presas um pouco abaixo da cintura, mãos nos bolsos e ombros levantados. Faz uso de produtos (cremes) tópicos que tornam a pele mais clara que o normal, confundindo a realidade da sua raça. A pele é, nessa altura, difusa pela perda de melanina, substância que dá cor à pele. Sua chegada é aplaudida pelos colegas com risos e gargalhadas, e anunciam: “éh, eh eh, eh, turma bêêêê”.

Quanto ao aspecto do uso de lenço, riu e respondeu

Eu gosto usar lenço porque é a moda que ta a bater. Lenço significa é esquema do puto Mira. Moda do puto Mira. É Mira do Bona [...] De Luanda [...] famoso cantor. Sim ya sou fã dele”...Faly é uma pessoa cantor que tem muita fama; um cantor que canta muito, que vem com muitas modas, yá [...] por isso que eu gosto [...]

O adolescente se destaca na identidade como um músico que é representado por lenço. Um músico cujas mensagens ele gosta de ouvir; um músico que, durante as suas exibições, faz o uso de lenço. Trata-se de músico famoso de Luanda, o Puto Mira e o outro é Faly. Faly é um músico da República Democrática do Congo (RDC) que canta em Lingala (língua local). É nesta língua que o seu nome está traduzido, “criança”. Ao longo da entrevista, fez referência à

mensagem de uma música que chama atenção para parar de beber quando se chega ao limite: “quando ta no limite pára [...] diz um cantor aí [canta e se emociona] [...] é isso.” Desconfia-se para ele se referia ao Puto Mira e a Faly, cujas palavras fazem alusão aos limites de uso de álcool para os seus amigos. Como se identifica com o cantor, perguntei-lhe se gostava de cantar.

*Não; cantar não gosto; palavras dele que costuma falar como ele disse [...] meu povo desculpa quero ser tipo Faly puto [...] agradei por ele falar isso. Faly é uma pessoa cantor que tem muita fama, um cantor que canta muito, que vem com muitas modas [...] por isso que eu gosto Puto Mira. Ele canta bem é uma pessoa também dedicada no estudo [...] é memo isso que eu lhe gosto.*

Apesar de não gostar de cantar, adverte que as mensagens das músicas são bem-vindas porque traduzem alguma mensagem agradável a ele, desde as modas.

Sobre a cor da pele, revela: “[...] Para ficar mulato! [...] Sim [...]”

A mudança da cor da pele satisfaz seus anseios. Afirmou não gostar da sua cor da pele, a pele negra, sendo este o motivo que o leva pintar-se com produtos tópicos com composições químicas muito fortes, que queimam a sua negritude de modo a deixa-lo com a pele clara.

*é que não quero mais ficar escuro [pausa] agora já quer ficar mulato [pausa] então deixa para ele ebulir [...] deixa também para a mulher lhe ver ah não esse moço é bonito [pausa] ah esse moço é memo cor dele [pausa] há outros que não lhe conhecem vão falar ah esse é memo cor dele é mulato memo [pausa] quem que lhe conhece vai falar não esse ali era escuro hoje em dia pele dele é claro bem dizer mulato [pausa] era memo escuro.*

Perguntamos que namorada ele gostaria de ter, ao que responde: “Clarinha [...]”. A mudança da sua cor, portanto, também representa a sua namorada. A aplicação de produtos tópicos que altera a cor da sua pele como sinônimo da cor que gostaria de ter é a representação da namorada ideal, que é clarinha.

Diante da interrogação sobre o seu estilo pessoal, caracterizado por mãos nos bolsos, ombros levantados e calças abaixo da cintura pélvica, Fernando respondeu:

O que que acontece, por exemplo, vestiste tas bonito [...] aquelas mulheres vão ver você cheio de swegue vestir bem, meter mão no bolso [...] muito swegue [...] as mulheres vão te maiar é isso que nós costumamos chamar pessoa adolescente [...] um adolescente é aquele que sente se sente quando ele já vestiu melhor então pensa que ele é mais que outros; mais que outros porque há outras mulheres como dizem esse tempo, eu não posso namorar com um namorado que não tem swegue [...] porque quando for a lhes apresentar nas amigas, colegas vão ver meu namorado é fofucho, tem swegue é tal assim ya [pausa] é isso mesmo que nós sentimos do adolescente

Seu estilo é uma forma de afirmar-se como adolescente. É esse estilo que melhor o representa diante das moças, porque hoje em dia elas buscam namorar aqueles com swegue. Sendo assim apresentado diante das suas amigas, elas dignificariam a amiga, neste caso, por intermédio do namorado. E, quanto à utilização das calças abaixo da cintura, é para as mulheres verem as suas nádegas, que, segundo ele, são lindas: “[...] areia a calça para a mulher lhe ver oh não olha o cu daquele moço ta bonito, ta assim, e pisca mulher olhos...”

Ao ser recordado sobre a recepção que teve dos colegas ao entrar no ambiente, respondeu:

[...] lá tem meu colega quando ele está vir na escola ele passa ainda na cantina ali embaixo pelo menos ali embaixo. Aqui próxima da escola tem um que costuma vender Cuca que é 50 ele vai beber yá todos os dias beber vem na escola para ele ficar embora consoante [...] ele próprio vem na escola faz barulho, sai gritando sempre [pausa] por isso que ele falou turma B porque lá tem bêbado tem over [...] Óver é bêbado!

O grito e o sorriso dos colegas são manifestações de reconhecimento do consumo de álcool entre os adolescentes. Como isto já é de domínio dos demais colegas, sorriram e gritaram, pois é uma turma reconhecida em termos de uso de álcool. Ou seja, Fernando e um colega têm consumido álcool em um local próximo à escola antes de entrarem para as aulas.

Na sequência tratamos do convívio familiar, e o adolescente relata que sua idade já o impede de realizar algumas tarefas domésticas, sob o risco de comprometer seu novo *status*: “... não posso lavar os pratos porque eu já sou um adolescente”

Este comportamento de negação de trabalhos domésticos está ligado ao período do desenvolvimento que se encontra associado à vergonha de ser visto por mulheres.

minha mãe quando me mande isso ou lava os pratos eu vou falar não mamã eu não posso lavar os pratos porque eu já sou um adolescente [...] já não sou mais criança e também não é preciso você me mandar lavar os pratos, tem a minha menora ta ali em casa pode lavar os pratos [...] não é porque eu não posso lavar os pratos [...] se me ver nas mulheres vão falar oh oh olhe ta lavar pratos [...] é vergonha pra mim é que eu me sinto adolescente

Mas, mais do que isto, alegria-lhe sua adolescência e o fato de ser visto pelas mulheres como “swegwe”.

Depois de terminar o nosso diálogo, na altura da despedida, Fernando diz ter gostado da conversa e agradece o gesto. Lá fora, diz aos seus colegas como se desenrolou a entrevista: “ya gostei”.

*Grosso modo*, a negação de trabalhos domésticos e a influência de amigos é evidente em Fernando. Desconfiamos com isto que o uso de álcool seja fruto desta influência, que traz consigo alguns efeitos subjetivos: confusão, pancadarias, agressão física, psicológica e moral, barulho, ofensas, privação de pessoas durante as noites, solicitar e roubar dinheiro, receber pertences alheios, maltratar, aleijar pessoas, bater ou surrar até sangrar. É este o cenário que marca a conduta específica deste adolescente quando alcoolizado.

De forma geral, os seis jovens retratados aqui são todos adolescentes de 16 aos 18 anos de idade, distribuídos em zonas que circunscrevem o bairro Comandante Gika, exceto aquele que mora no bairro 4 de Fevereiro. São estes jovens que transcrevemos as suas falas obtidas por meio de entrevistas individuais. Tais transcrições foram analisadas e interpretadas o que nos permitiu

perceber do lugar de onde fala, quem fala, como falam, para quem falam e o porque fala, em cada um deles.

#### **5.4. O álcool e o adolescente de Cabinda**

Partimos do pressuposto de que ninguém vive sozinho, todos precisam de relações com seus pares e com eles algumas preocupações, quer sejam ou não negativas. É nossa intenção trazer à luz os efeitos do álcool nessa juventude e como os jovens entram para o mundo do álcool. Por isso tivemos que encarar os grupos de que fazem parte, como eles se constituem e como se entrosam. Isto porque, do ponto de vista social, criou-se a ideia de que o adolescente é influenciado pelo meio que o rodeia e pela própria complexidade do período em que se encontra, referindo-me, nesse caso, ao grupo de que faz parte e o trabalho psíquico a que está submetido. Para isso, fazê-lo falar, repetir, elaborar (FREUD, 1914/1980; PEREIRA, 2010) é fundamental para trazer à consciência os vários modos de atuação que são o propósito da entrevista individual de orientação clínica. A partir desses pressupostos, o entrevistado é detentor de saber, anuncia a sua realidade subjetiva. Essa verdade subjetiva é organizada em função do consumo de bebidas alcoólicas pelos adolescentes de Cabinda, com informações extraídas de suas falas, desde a constituição de agrupamentos juvenis ao uso ou consumo de álcool, efeitos subjetivos e, finalmente, uma visão do que têm em comum. Tudo isto tratado dentro das matrizes citadas.

Como nascem esses grupos juvenis e a sua manifestação de primeiros comportamentos para o uso de álcool? De partida, compartilhamos as reflexões de Oliveira (s/d), que nos fala que os agrupamentos adotam traços característicos que os diferenciam dos demais, de ocupação de certos recortes onde procuram inscrever-se para se sentirem valorizados, onde buscam experiência entre os membros e estão sujeitos à interiorização de normas, com riscos. Trazer à vista a forma como surgem esses grupos e que significados têm os seus nomes é importante para sua compreensão. São agrupamentos formados por determinados números de integrantes com nomes e significações específicos.

É destes grupos que cada um dos entrevistados faz parte. Por isso, durante as entrevistas individuais com esses sujeitos de pesquisa, cada um revelou a identidade do seu próprio grupo. As entrevistas decorreram em duas das salas da escola e em dois períodos diferentes. As entrevistas durante o período diurno ocorreram na sala de professores, enquanto aquelas no período noturno ocorreram no gabinete do coordenador do mesmo período. A variedade de períodos se deveu à disponibilidade de cada um dos entrevistados (cf. o anexo 3). Assim, na entrevista individual cada um se afirmou e revelou a composição numérica do grupo:

É “Yanguisweg” constituído por muitas pessoas mesmo (Bató)

“Nome da nossa staff é [pausa] é staff dos jovens [...] Somos dez elementos (Carlos)

Chimpindi; nome da staff é os sete, família sete. Eu não faço parte; é meu irmão. Eles são os sete; esse nome aí os sete é porque eles nos princípios andavam sete! Andavam só sete pessoas é por isso que deram o nome da staff os sete; e ali outras pessoas também começaram entrar é por isso trocaram com a família sete. São unidos só numa família sete, ya. (Daniel)

[...] o nosso grupo é o nome mais estúpido [...] conaskwaite. [conaskwaite, nome do grupo com símbolo específico muito comum que exterioriza força, poder e decisão.] (Estevão)

*Minha staff é família cinco [...] composto por cinco pessoas (Fernando)*

A interpretação desta questão da composição de cada grupo esclarece que são formados por determinados sujeitos – aliás, o conceito nos remete a esse sentido de “mais de uma pessoa”. É isso que eles reforçam. Por isso o grupo não é de ninguém, mas de todos, apesar de Fernando ter se assumido como responsável pelo grupo ao dizer “minha staff”.

Afinal como nascem e se configuram tais grupos?

Esse staff é assim: quando, por exemplo, um amigo começa a dar a idéia oh nós devemos ser assim! Sítios de ficarmos sempre com pessoas no sei mais quê, ya. Eles formam lá fazem uma parada sim, fizeram uma parada aí; como staff começou a sair bem à noite então vão ter com eles. Eles vão aceitar depois de aceitar fazem parte daquela staff (Daniel)

[...] há outros só essas mulheres vagaba como uma staff ali, bem dizer, desculpa por falar esta palavra [pausa]. Pode falar! Aiééé!? as Staffkonias. Bem, staffkonias é uma staffa das kwankará; é uma staff das bandidas elas ficam tipo homem, elas ficam com cinto, brinco no ouvido e no nariz, aqui na orelha. Quando você conquistar uma daquela staff se aquela vagaba te gostou você não pode lhe negar se você negar vai haver sarna; coisas que acontece ali [...] O que acontece no homem se ele te gostou, você não pode lhe negar; só deve ser ela que te deve negar; se você lhe negar é um problema: vão unir toda a staff delas porque lá tem as bandidas também. As bandidas vão unir, vão marcar emboscada. Se você passar num lugar vão marcar emboscada no sítio que você pausa mais. Se te agarrar naquele meio vão te dar uma granda surra, vão te encher cara. Se tua namorada te gosta vai falar ah não! Só lhe dá surra para nós ver se ele vai refletir, pensar bocado, pode ter juiz de voltar comigo. Vão te dar surra, vão te encher cara e vai te ficar bem inflamado [...] Staffkonias são staff unido de 16 elementos, as meninas devem ser amigas as 16 e tem próprio chefe delas que lhes manda. Quando é boda mesmo, ali vai ter boda nos stok minadas; as minadas vão dar uma festa ali. Vamos estar lá. Eles também perceberam disso, vão também estar lá. Ali, atrasados comem o que traz. Se você tem sorte vai ver uma dama bonita da skonia para lhe piscar o olho, vai lhe chamar e elas também não refilam chegam memo, vão falar contigo bem, vai lhe pedir namoro vai te dar sim memo. Vai lhe levar memo, mas se te gostou, vai te colar bwé. Não vai deixar para te fazerem mal na staff que está lá porque ela te gostou. Se te fazerem mal vão só se unir com staff delas e vão bater aquele outro staff. São tipo homem malandro, batam mal e surram mal (Fernando)

Staff minada é como é uma staff que tem muita fama: ele só dança, treina. Dançar às vezes, lhes convidam numa festa. Tem staff minada são mulheres e minado é homem. As minadas só estudam, dançam, yá. Lhes convidam, às vezes numa festa ou no Chiloango vão dançar ou na escola ou numa excursão. Assim vão convidar os minados vão dançar, ya. É uma staff que nós todos gostamos porque todo que é pessoa que está na facebook sempre vão convidar. Se tens teu amigo sempre vai te dar convite, vai estar nas minada porque aquela staff nem um dia que já ouviu oh porque já fizeram mal ao outro, já bateram pessoa. É um staff bem vindo, não gostam problema, só treina memo, só estuda; pensa também as melhores coisas e boas condições (Fernando)

Entendemos, neste caso, que as formações de staffs se devem à opinião ou iniciativa de alguém ou de dois ou mais amigos. Depois da sua formação, optam por lugares de consenso para gozar, no contexto de suas intenções. São vários grupos e cada um tem sua conduta que os diferencia, seu *modus vivendi*. A forma com que os adolescentes se integram em tais staffs é também revelada por estes adolescentes:

não tinham sítio de sentar à noite então foram ter: também queremos fazer parte desse staff. Eles vão aceitar depois de aceitar fazem parte daquela staff (Daniel)

Na parada. Na parada para se unir vamo falar às vezes há uma um gajo que quer entrar na staff vamos se unir vamo falar nós todos devemos saber, aqui tem um elemento que vai entrar na nossa staff. Então nós vamos lhe receber com boas mãos, não podemos lhe negar, vamos lhe receber com boas mãos e vamos lhe perguntar se ele veio para entrar na staff ou veio só pra vir nos ver. Uma das coisa que está mesmo ali (Fernando)

Formado o staff, os jovens têm locais de maior preferência:

Sítio que nós sempre ándamo ir buiar é memo na área em baixo, mas quando subimos a montanha ficamos em cima onde que o carro passa. Lá em cima tem lugar que vendem cerveja. Vamo entrar lá, vamos beber, vamo beber, vamo beber [...] nós namoramos às vezes vamos sair às vezes ficamos a namorar lá no quarto (Bató)

Nosso local é lá na nossa área. Temo lá tia que vende cerveja, só vamos deixar o dinheiro, a tia vai fazer subir a grade no nosso local. Depois de beber há outros vão no largo vão curtir, no largo aí no aeroporto, no passeio, ir ver embora as mulheres que estão lá, ya. Sim tem mais outros sítios, mas aquela é que nós gostamos, ela às vezes dá esquebra, tira duas cuca ta mais aumentar em cima (Carlos)

lá tem uma parada também onde se damos encontro. Aí tem uma parada se encontramos alá nós todos; vamos fazer contribuição quem tem dá quem não tem fica; se alguém tem vai mandar uma pessoa vai comprar cuca e depois vamos bebendo [...] também começar a rodear, começar a conhecer outros sítios que não conhecemos, largo lados lá da baixa, ya” “[...] Nós gostamos de ir lá [discoteca] porque lá é um sítio muito divertido, um sítio muito bom onde todo o mundo quase vai, conversamos, metem música, mas o problema de lá as cervejas são muito caros! Depois dali nós não vamos lá só pra ir beber. Dançar, mulheres depois voltar em casa. Depois vamos juntar nosso dinheiro vamos comprar nossa cerveja e bebemos em casa. Lá cervejas são muito caros, lá cervejas são muito caros (Daniel)

Mais ou menos nos encontramos nas roulota, na relota página da vida aqui no Chimpindi, mas aqui em cima, passa colégio Mavungo lá em cima que nós se encontramos de noite (Fernando)

Na maior parte dos casos, os membros dos grupos são estimulados a buscar seus objetivos.



Nós somos aquelas pessoas como aqueles staffs que costumam brincar sempre aquelas meninas [...] mas quando alguém está pretender uma mulher vai conseguir ela, namorar com ela, mas quando não lhe gosta mesmo vai brincar a miúda; só ele vai lhe brincar, vai lhe brincar, depois vai começar mais lhe falar que não é mulher; você só és minha perona [...] perona porque ele só lhe faz só sexo, só anda só lhe dar só, anda só lhe fazer aquilo aí. (Bató)

[...] nós mais desordeiros [...] qualquer grupo que passar nós vamos bater, ou então nós mesmo vamos sair do nosso lado, vamos do lado alheio, vamos bater outro grupo, vamos invadir, agredir.. já pra ter fama [...] fazer essas agressões pra ter fama [...] esses miúdos aqui tem força pessoas, [pausa] já estamos a bater então meter o nome mais estúpido [conaskwaite] para ter mais fama, pra fama aumentar ya [pausa] (Estevão)

Decerto, estes adolescentes já estão a identificar-se com indícios tidos como preocupantes na sociedade onde estão inseridos. Buscam autoridade de valores que tenham sentido no seu mundo adolescente. Em grupos, com práticas sexuais diversas, tornam-se rebeldes a partir de atos agressivos não permitidos socialmente. Esses grupos, que por si já envolvem pensamentos que podem ser perigosos, encontram ainda facilidades de entrar no mundo do álcool desde muito cedo, por influência familiar e de amigos. Isto pode contribuir mais ainda para atos agressivos quando a droga é consumida. Tal fato se agrava com a realidade de Cabinda, em que o hábito do alcoolismo começa desde tenra idade. A historiografia mostra origens nos hábitos culturais.

eu vejo minha tia costuma dar criança de um ano cerveja”; “no nosso bairro andam dar crianças de dois anos cerveja, de cinco anos já estão dar cerveja. (António)

Eu comecei quando eu tinha doze, doze anos, ya. Eu comecei a ver mesmo taí um sítio, às vezes em quando tamos a ir num sítio com mais velhos, eles estão a comprar cuca (Daniel)

E concretamente para o António, é através do pai do seu amigo.

Naquele dia fomos com [amigo] numa festa no Chibodo na casa do pai dele e aí quando nós chegamos na casa do pai, nós estávamos sentados a ouvir a música; depois pai dele tava trazer Cuca [marca de cerveja].

Fomos três pessoas, estava trazer três cucas. Pai dele meteu aí, taí pra vocês; falei que eu não bebo. O pai dele disse que aqui nós anda beber cerveja. Estávamos só, estávamos beber, beber, beber, depois acabamos. Depois buscamos mais numa festa em baixo na casa da tia dele. Para trás estive a me sentir mal, tive de dormir e senti muito mal [pausa] senti enjoado (António)

na buia também me levavam nesses sítios [pausa] eu também fui uma vez me levaram naqueles sítios bebi também lá pelo menos umas oito cucas [pausa] bebi lá. (Bató)

[pausa] eu pra vir consumir álcool foi meu pai de primeira vez quando tinha festa na minha casa [pausa] meu pai que me deu essa cuca de lata [pausa] ele que me disse você como é criança tens que provar [pausa] porque quando vai ser mais velho já não vou te proibir a beber [pausa] para não falar oh, oh na minha casa nunca te vi beber cerveja [pausa] já tem idade mesmo de beber cerveja! (Carlos)

O outro jovem explicava ainda que não gostava de beber, mas a força do grupo o impeliu a entrar para o mundo do álcool:

[...] nós não andamos com pessoas que não gostam de beber [pausa] só pagamos para aqueles que bebem cuca [pausa] aqueles que consomem gasosas nós não pagamos [pausa] (Daniel)

A desobediência implicava exclusão do grupo. Por isto, no sentido de não ser excluído, cedeu:

[...] todos os dias começavam sempre me chotar vai... vai... eu também vi assim pra não me chotarem sempre, ficar em casa sozinho, eu consumi já álcool no dia vinte e cinco de Dezembro [...] bebi também três cucas. Comecei a se sentir mal ... cabeça começou a me doer tipo uma pessoa que já tem malária ... cabeça começou a me doer... vista começou a me pesar (Daniel)

Diante disto, os pais são os primeiros a estimularem o uso de álcool nas crianças. Isto tem repercussão negativa, já que alguns desses meninos possuem grupos com os quais se identificam. Tais grupos desenvolvem os hábitos apreendidos desde o seio familiar. Costuma-se dizer, na filosofia angolana, que água mole, de tanto bater numa pedra ou superfície dura, acaba por furar, ou

ainda: um hábito negativo, de tanto ser repetido, torna-se vício, se implanta e raramente vai embora. Aqui está: para além de criar vícios no meio onde vive, o grupo também impacta os seus membros, por um lado, e, por outro, o desejo estimulado ganha lugar e prevalece. É isso que acontece e aconteceu com, por exemplo, António: “quando acabei de beber também tive vontade de beber mais” e Daniel: “parei de beber, mas depois comecei mais”

O entrevistado referia-se à continuidade do desejo. Um desejo social de risco na vida do jovem, pelas consequências que o uso de álcool pode trazer, entre elas a toxicomania e dependência química. Isto se justifica pelas próprias falas do adolescente, expostas acima, ao demonstrar que, depois de provar pela primeira vez e outras subsequentes, a vontade de continuar a beber foi forte. Se há essa tendência de beber cada vez mais, então tem-se a prova dos primeiros indícios da dependência química, pelo fato de o jovem já não se sentir bem sem que o consumo de álcool aconteça. Por detrás disto, como sabido, o risco de uso de outras drogas ilícitas aumenta. Logo, estamos diante da toxicomania e da dependência química.

As consequências são, por exemplo, a prática sexual sem preservativo, desistência escolar, a alta velocidade no trânsito etc. (PIMENTA, 2012; PEREIRA, 2010; 2012), além da procura de um possível grupo como oportunidade de dar sequência ao que lhe apetece fazer.

Partindo do pressuposto da “*vontade de beber mais*”, o adolescente vai ao encontro de mecanismos para sustentar o vício imposto pelos membros da sociedade. Para isso, busca “buraco no vazio” (LACADÉE, 2011) para alimentar esse vício, através de contribuições monetárias vindas de várias formas.

Por exemplo, aqui onde eu estou eu aprendo, sou carpinteiro. Eu aprendo aí na paragem de Yema, na paragem sim. É onde eu apanho sempre dinheiro e é no dinheiro que mestre costuma me dar. Nós lá onde estamos na nossa oficina andem fazer cama, [pausa] vendem essas formas de adobo, andamos fazer caixilia da porta; se aparecer cliente ele vai comprar, pegar cama; nosso mestre cada fim de mês cada pessoa ele anda nos dar quinhentos cada aluno que ele ta ensinar trabalho, quinhentos, quinhentos. Eu sei com aquele quinhentos eu vou fazer já cálculo, hoje é sábado. Nós trabalhemos até sábado até mais ou menos quinze horas já estamos em casa. Esse quinhentos eu sei que hoje vão contribuir, vou tirar pelo menos duzentos Kwanza, ou trezentos, vou pôr lá, vou aumentar no dinheiro que eles vão contribuir [...] dinheiro que mestre

costuma dar na nossa oficina, quinhentos cada aluno, eu sei com aquele quinhentos eu vou fazer já cálculo, hoje é sábado! (Carlos)

Esse dinheiro aí outros trabalham, outros na oficina [...] às vezes lá mestres dão 500 kwanzas [moeda local] pra fim-de-semana e vamos sentar lá [...] aí vamos comprar essas bebidas, todo o mundo vai ter que chegar [...] aquele que não deu também vai beber (Daniel)

[...] dinheiro vamos juntar todos nós (Estevão)

[...] pedimos aos pais<sup>28</sup> porque nós ainda não trabalhamos [...] vou ir com outro chacho [chacho=mentira] oh porque tem uma saída da escola [...] se ela tem vai te dar tal dinheiro (Fernando)

Com esse dinheiro, adquirido de maneiras diferentes, compram diversos tipos de bebidas alcoólicas para o consumo nos dias, locais e horas preferidos. Noites de sextas, sábados e domingos; roulotes, bares, lanchonetes, paradas e outros lugares são comumente a preferência desses jovens após encontros preliminares para conseguir contribuições monetárias. Trata-se de contribuições com intenções bem delineadas: o consumo de bebidas em grupo

*[...] contribuir para estar assim a beber [...] estarmos todos a bebermos todos juntos [...] cada pessoa 500 ou 200, vamos mandar vir uma grada de cuca [...] vamos estar a beber aí porque hoje é sexta feira é dia do homem [...] muitas cucas! [...] mais dias de sábado [pausa] sexta feira quando sair cedo na escola exemplo, dezanove ou e trinta, chega mais cedo de casa; troca de roupa, começa já procurar meus kambas pra começar andar sim [...] lá na nossa parada a beber cuca, a buiar [...] Sexta feira é um dia que o homem fica mais feliz pelo menos sábado, uns quinhentos kwanzas no bolso ele vai guardar pra sexta feira, ou no sábado [pausa] mas desde que bebem também na sexta feira vai tirar nos restos vai por no bolso, outro vai por em casa pra outro sábado porque ele sabe que na staff andam pedir X. Ele tem que tirar X pra começar contribuir, pra andar com ele no bolso, começar contribuir (Carlos)*

---

<sup>28</sup> Pedimos compreensão no sentido de entenderem que o conceito pai para a realidade de Cabinda, Angola não tem conotação pura e simplesmente biológica, pois, pode significar irmãos do pai ou mesmo de pessoas com quem a criança vive, ou seja, encarregados de educação (sobre o termo encarregados de educação, cf a nota nº 13 do rodapé deste trabalho, p. 91). É em outras ditos, o pai simbólico. Em Lacan o conceito do Nome-do-pai é um significante paterno, fonte da experiência pessoal e dolorosa da paternidade, como o filho suporta as falhas do pai. Este exercício de nomeação permite à criança adquirir a sua identidade; tanto é que ele atribui nome vindo desse ato (ROUDINESCO e PLON, 1998).

*dia de sábado... sexta para sábado [...] é dia do homem [...] até na escola quando o professor ta demorar sair começam gritar professor não vai dar aulas hoje é dia do homem tem que sair cedo hoje é sexta (Daniel)*

*[...] organizar com kamba aquele que tem 100/200 ou 500 vai aparecer outro oh eu tenho 1000 ou 2000 ou 3 ou 5 vão curtir [pausa] curtir muito [...] muita buia [...] se encontramos de noite. Achamos de noite é melhor. Outros para não ver, oh porque esses miúdos tão se namorar entre eles, porque no nosso bairro tem muitos fofoqueiros [pausa] se encontrar de dia as mamoites vão começar falar à toa [pausa], tão se namorar entre eles próprios por isso nós marcamos encontro de noite (Fernando)*

A justificativa está dada com relação aos melhores dias de consumo e os motivos de escolha de períodos noturnos. “Sexta-feira, considerado dia do homem”<sup>29</sup>, porque começa com as contribuições já feitas e cabe ao homem (sexo masculino) programar o resto da vida, que começa com o uso de álcool ainda na sexta-feira e que prolonga para sábados e domingos. Uma sexta marcada nas mentes dos jovens por ser um dia muito especial. A expressão vem de uma música, que trata desse dia como dia do homem.

*[...] também não sabia que era dia do homem [...] começaram me falar sexta feira é dia do homem assim também aquela musica lá que cantaram há dias homem ya aquela que eu venho compreender sexta é dia do homem [...] sexta feira às vezes ali no largo muita gente mesmo tão conversar nas calmas nos relvados sentaram com cucas dele cerveja [...] pessoas com algumas moças [...] aí sexta feira para domingo comemem mesmo beber [...] todos trabalhadores já não agüentem mais ir trabalhar segunda feira [...] de sexta para domingo bebeu muito [...] e ali segunda feira pra ir ao trabalho já não tem mais força pra ir trabalhar [...] e sexta feira bebemos muito (Daniel)*

Qualquer que seja o dia, estes jovens preferem espaços próprios para seus intentos:

*Sim tem mais outros sítios, mas aquele é que nós gostamos, aquele é nosso! [...] (Carlos)*

*[...] no largo vão curtir no largo aí no aeroporto [pausa] no passeio ir ver as mulheres que estão lá [pausa] yá [pausa] lá na nossa área (Daniel)*

<sup>29</sup> Para este conceito, cf. a nota do rodapé da p. 17

[...] só deve estar dentro (Estevão)

*Além de roulote, vamos no bar, vamos numa cantina, no quiosque, na parada, no Chiloango [pausa] ficamos horas aparece amigo lá te paga mais uma beer [...]. Aqui próxima da escola tem sítios [pausa] tem sítios [pausa] tem sítios que costumam vender Cuca [pausa] que é 50 ya todos os dias beber (Fernando)*

Os jovens escondem em si algumas verdades, mas a psicanálise recorda que fazer falar é extremamente importante para buscar a verdade discursiva e inconsciente do sujeito. Tal fato se registra quando os entrevistados revelam os outros lugares de eleição e o que está em si que não deve vir à superfície, além dos diversos fatores que intervêm no ato de beber.

[...] uma vez que eu curti só com uma (Antônio)

[...] comprar um remédio pra a mulher ficar tonta pra não saber nada (Bató)

[...] no buraco [pausa] falar buraco quer dizer, me desculpa, vai na casa delas (Fernando)

Para reforçar mais a situação, os adolescentes não se limitam apenas a cervejas, mas compram vários tipos de bebidas alcoólicas numa só ocasião, cujo resultado, após o consumo, é impeli-los a pensamentos de vários tipos, quer seja nos locais onde o consumo acontece ou não.

Há outro amarula, também andam comprar sim amarula, esses outros whisks que vendem nas lojas sim, sim e esses que vendem naquelas garrafas grandes sim. Depois daí quem quer beber uísque vai beber, quem quer beber cerveja vai beber, quem quer amarula vai beber, na minha parte se eu vou beber amarula vou beber, não é necessário estar a juntar álcool. Não custa se sentir mal, mas vai estar a lançar. Vai escolher tua coisa que você gosta vai consumir, cerveja ou gasosa amarula ta aí (Carlos)

além da cerveja também tem outras bebidas quentes: aguardente, whisky são essas coisas aí que nós consumimos [...] uma grada para quatro pessoas podemos acabar [...] vamos ajuntar começar fazer matemática,

esse aí bebe três [...] três, três vai dar seis três vai dar nove assim vai dar onze [...] nós sabemos que essa aqui ta certo para nós então tira aquele dinheiro aí vamos comprar [...] compramos se sobrar emprestamos nas outras pessoas (Daniel)

[...] tudo vai sim [...] superbock (Estevão)

turbo vai mesmo (Fernando)

São essas bebidas – cerveja, aguardente, whiskey e Amarula – que os adolescentes consomem e são estimulados a forçar as mulheres para a prática do sexo.

Para isso, os adolescentes agem de formas muito perigosas. Convidam-na e colocam droga na bebida de modo que elas não tenham meios para resistir ao ato: é a “violência sexual”.

*quando o outro não gosta de uma mulher vai lá fazer [pausa] comprar um remédio pra a mulher ficar tonta, pra não saber nada [pausa] depois quando ele beber vai fazer daquilo que ele quer [pausa] vai chamar os amigos [pausa] todo que é amigo dele lá da staff vão ir lá [pausa] desligam as lâmpadas para a menina não ver quem estão fazer [pausa] pra ver só uma pessoa [pausa] muitas pessoas entram lá no quarto eles todos desfazem na menina. (Bató)*

Como se pode entender, a menina é forçada aos atos sexuais, provavelmente sem que os estupradores façam uso de “camisinhas” ou preservativos. Consequência desse comportamento é a contração de várias infecções e doenças sexualmente transmissíveis (DTS). Isto compromete a saúde da pessoa e envolve custo financeiro e econômico para as famílias.

Mas, para além disso, o consumo de álcool em adolescentes está ligado a várias atitudes de risco já citados no trabalho e que estão presentes na vida desses jovens entrevistados, como agressividade, violência, ofensas, provocações e outros. A forma com que esses agrupamentos envolvem laços agressivos que acontecem no tempo e nos espaços próprios leva a confusões que se acentuam na sociedade. Há também uma forma específica de se drogarem que se associa a estas condutas.

Droga, eu, por exemplo, não consumo drogas, mas, vejo alguns rapazes outros quando consomem drogas já querem lutar já querem bater noutras pessoas, mas também vejo alguns rapazes a se drogarem, metem diazepam, misturam algumas cervejas e começam fazer desordem, isso! Sim mas fumam [...] Tumbacó, [...] um tipo de cigarro Liamba; enrolam no papel e começam a fumar. Acontece que depois daí outros vão pra casa, pra ir dormir e outros vão fazer desordem nas casa alheias, sim de lutar; [...] Um jovem estuda também aqui. ele também já. tinha passado férias em casa do tio dele; lá onde anda ir passar férias andaram lhe ensinar coisas: fumar, se drogar; essas todas coisas também formavam uma staff de bandido de ir roubar sempre depois daí. Sim criam staff essa staff para fazer [pausa] mal as pessoas. Sim. Depende da staff outra staff não faz isso [...] essas pessoas que bebem são mesmo miúdos outros são adolescentes. (António)

Após uso de álcool ou outras drogas, estes adolescentes tomam atitudes próprias. São atitudes manifestadas durante as suas falas. Mostram como promovem desordem social, quando, que locais e que instrumentos são usados durante as brigas e como desenvolvem tais ações.

[...] eu já disse aí no Tchizo também de noite ficar 2 a 2 pegar faca quando ver as meninas ou rapaz estão a passar eles fiquem lá para bumar dinheiro, telefone [pausa] até lá começaram a bater filhos alheios [...] essas facas é quando tão a bumar alguém [pausa] se tal alguém negar tipo retirar aquilo que ele tem aí vai querer pegar na faca [pausa] se você não dar isso eu vou te fatigar e aí pessoa vai querer só entregar, é isso [...] aí na rua é pra ver pessoa quando tem dinheiro depois começam chamar eles pra ter formas de pedir dinheiro [pausa] se ele não dar, negar vão revistar nos bolsos quando vão encontrar dinheiro vão lhe tirar o dinheiro memo assim vão te aleijar memo [pausa] vão te aleijar até vão parar no hospital [...] (Bató)

[...] na rua é pra ver pessoa que tem dinheiro depois começamos chamar eles pra ter formas de pedir dinheiro [pausa] se ele não dar ou negar vamos revistar nos bolsos [pausa] quando vamos encontrar dinheiro vamos lhe tirar o dinheiro [pausa] a pessoa que vão tirar o dinheiro vai chorar vai pedir desculpa mesmo assim aleijar mesmo [pausa] aleijar até parar no hospital [pausa] pegar faca quando ver as meninas ou rapaz estão a passar eles para bumar dinheiro [pausa] telefone bater filhos alheios [pausa] essas facas é quando a bumar alguém [pausa] se tal alguém negar tipo retirar aquilo que ele tem [pausa] aí vai querer pegar na faca [pausa] se você não dar isso eu vou te fatigar [pausa] e aí pessoa só entregar procurar mulheres e também agarrar filhos alheios só pra bumar as coisas (Bató)

há outros o comportamento deles é mal; ha outros vão ter que ir fazer confusão provocar para o outro ter briga; pode sair confusão; há outros lutem com pedra, andem pegar pau ou garrafa para cabeça; há outros atirem pedra tão ta atirar; garrafa só tão te atirar, pedra pau tão te dar nas costas. Eles também lutem com borno, sem nada. Nós também não



vamos aceitar o nosso kamba lhe ver ferido assim, nós também vamos tornar se voltar ele também feriu, sim só isso (Carlos)

beber só pra fazerem desordem, a começar roubar coisas alheias das pessoas, começar discutir com vizinhos [pausa] até outros quando bebem em casa querem bater na mulher [...] Quando nós bebemos aí algumas pessoas tão provocar desordem outros não; se ta beber mais de cinco não vai mais agüentar porque tas mesmo muito lepe, tas muito boiado; [...] lá vai querer fazer confusão contra outras pessoas; ali mesmo já começa cair a toa, faltar respeito, quer começar falar a toa como maluco [...] depois daí alguns vêem pessoas já querem agredir essa pessoa, por exemplo, uma moça que estava de passagem há dias mesmo aí no aeroporto, ya. Um moço já chamou, ela negou. A moça negou e tal moço lhe disse assim vai à merda vai embora. Você anda pensar que você é uma princesa? Depois tal moça disse oh quando me chamaste neguei é preciso de me ofender? Deu aquela moça uma chapada! [...] uma pessoa que já chegou de lutar com um grupo aí também. Ele estava sair da escola, estava de passagem e ele meteu já assim perna e meu primo caiu; ele também aí aleijou mal. Começou tirar mochila, tirou camisa começou já lutar (Daniel)

Arranjar confusão agredir pessoas [...] sim agredir pessoas (Estevão)

Aliado ao que acima foi exposto pelos sujeitos de pesquisa, o horário de beber, a maneira de se aproximar aos que são assaltados e os valores monetários inicialmente solicitados, de entre outras particularidades são aqui revelados.

[...] buiar das 7 horas até 00 horas [pausa] até memo ficar no chão [pausa] fazer barulho [pausa] estamos começar a ralhar mulheres ofender às vezes [pausa] tem rancor com uma dama vai lhe ofender filha da puta [pausa] depois da dama se meter vais ter que lhe bater [pausa] ficam no caminho a privar as pessoas que estão a passar [pausa] meu kota, além de lhe chamar assim devagar vai lá chegar para lhe pedir dinheiro [pausa] ó meu kota da banda pelo menos um 50 no teu puto [pausa] vão lhe ver só a maleta que ele ta levar [pausa] vão mesmo receber aquela maleta pensar ir roubar [pausa] maltratar outros [pausa] dar pancada a outros [pausa] surrar mesmo assim [pausa] sangrar [pausa] outros quando consumem começam privar [pausa] começam roubar dinheiro alheio [pausa] começam privar pessoas começam bater as pessoas ou começam aleijar as pessoas [pausa] oh na minha roubar aquele tio vais lhe roubar e vão mais lhe dar pancada" [...] a buiar yá [pausa] começar se bater cerveja tátátátá. Hoje tamo a conviver parabéns yá, começar a buiar, buiar, buiar, buiar [...] Se unir entre amigos ah eu tenho aquelas pessoas que estou a vingar, às vezes é um problema piqueno embora assim, mas vão se unir. Eu tenho uma que estou a vingar memo assim devemo estar à caça dela ele memo eu quero lhe dar granda surra assim para um dia ele me respeitar, mas se vê memo isso (Fernando)

O relatos expostos apresentam os conceitos de “buaia” e “óver”, na linguagem destes adolescentes. Afinal, o que isto significa?

Se você não é bem-vindo com teus amigos nem te levam na buia. [...] nem todas as pessoas é que consomem álcool. Buaia é aquela pessoa quando consumir ta no limite pára; ha outros quando estão a consumir cuca consoante ta consumir você vai ver mesmo ah não esse está over [...] teu amigo tais a facebookar vai já te avisar épa meu amigo temo boda; sábado nós temo boda, dia 20 mesmo hoje temo boda. Meu amigo começou a facebookar quinta feira me deu já alô brada nós temos boda. Vamos bazar e buiar naquela banda tal assim e nós devemos contribuir (Fernando)

Over é uma pessoa bêbada; uma pessoa depois de beber já quer fazer confusão, já quer faltar mais velho respeito; e nós não queremos isso; nós devemos educar as pessoas quando vemos assim pessoas já está bêbada quer voltar a ficar nesse sítio vamos dar conselho ou se quiser ir deixar na casa dele dormir e a gente vai voltar mais lá (Daniel)

Óver significa ta bêbado, ele ta mesmo bêbado; mas ele próprio ta ver ah não eu não estou nada bêbado, eu não to nada bêbado! Depois de ver não está mesmo a conseguir de andar, cai mesmo no chão. Depois dele cair tamos a levantar. Não ele aí vai mesmo sentir não eu aqui to óver mesmo não vala a pena, só memo gajo da buia memo (Fernando)

*Grosso modo*, estes adolescentes, quando alcoolizados, apresentam alguns efeitos subjetivos cuja repercussão e ação recaem diretamente no campo social. Tais efeitos são: alegria e desejo de se aproximarem das parceiras, roubo, agressões físicas, psicológicas e morais contra pessoas, estupros, motivação para as discotecas e conversas com as mulheres, desordem, falta de respeito, excesso de fala, invasões a propriedades alheias, provocações, práticas sexuais e, para alguns, desejo de fama, lutas entre grupos, confusões, bater e aleijar pessoas, o uso de instrumentos cortantes (facas, cacos de garrafas), pedras e paus durante as brigas. Confusões, solicitação de dinheiro a estranhos seguida de assalto, promoção de desordem social e ofensas.

Suspeitamos de que, com base nessas condutas, os adolescentes de Cabinda desenvolvem uma espécie de *identificação tripartite*, de caráter secundário, cujos traços internalizados estão intimamente ligados a algumas categorias discursivas que nossa pesquisa recortou, e que passamos a

denominar de: o (1) *nome da família* (Influência de familiares, sobretudo, do pai e da mãe, bem como da cultura local e de valores tradicionais); o (2) *nome do grupo* (significantes provenientes de pares, de grupo de amigos, do meio social e da mídia, sobretudo a televisiva e a via Web); e o (3) *nome do Estado* (conjunto de leis e de intervenção jurídica que se pretende referente para os jovens, mas que nem sempre é assim reconhecido). Passemos agora a examinar o que venha a ser essa suposta identificação tripartite que, como tal, pode estar desbussolando os adolescentes locais por mostrarem-se muitas vezes contraditórias, senão conflituosas:

#### **5.4.1. O nome da Família**

No contexto de Cabinda o conceito da família é vasto. Mas, mais do que isto, a família, enquanto objeto social, na realidade local depara-se com duas funções: a procriativa e a educativa, sendo que esta última, no nosso entender, é a de maior importância para este caso, pois é nela que os pais e a sociedade, no geral, entram em ação no desenvolvimento psíquico, afetivo, emocional do ser, desde do nascimento. Ao longo deste desenvolvimento há, entre outros períodos, o de adolescência, que recapitula a infância, fazendo juízo do que foi, de como foi tratado, como entende o presente. Neste sentido nos pareceu que muitos dos problemas vivenciados no passado sejam trazidos à tona e exijam que o adolescente tome posição. Nessa perspectiva, os pais são vistos como cúmplices por causa da debilidade do seu papel social, conforme as constatações. Para estes adolescentes, os pais não reconhecem os filhos, não assumem suas responsabilidades, e os filhos, por sua vez, assumem estilos de vida que os colocam em risco. Garante Lacadée (2007) que essa situação empurra o jovem à vagabundagem, traz sentimentos de desgosto por falta de interlocutores válidos e coloca-o em contradição com os seus progenitores, fazendo com que procure seus pares para o bem ou para o mal. E aí na tentativa de ser aceito no grupo, o obedecerá. Ou seja, se identifica com o mesmo. Seus membros têm a mesma ideologia. Alguns se identificam com o uso de álcool, sendo também os pais, em

alguns casos, responsáveis pelo primeiro contato desses adolescentes com a droga.

A experiência em Cabinda sobre a desestruturação da família mostra que isso influencia muito o comércio do álcool. As mães tendem a encontrar saídas para subsidiar os filhos, e uma destas é montarem barracas de venda de bebidas alcoólicas à frente das casas ou mesmo no interior delas. Tais bebidas são vendidas também na ausência dos pais (ou do encarregado de educação) por crianças menores. Quer dizer, os jovens parecem identificar-se com essa suposta "lei" (de subsistência) dos pais, sendo, em algumas ocasiões, também consumidas por elas, apesar da suposta interdição.

Deste modo, desconfia-se que as consequências do uso de álcool vão se acentuando por meio da família, que depois reclama da conduta social dos jovens, no geral, quando alcoolizados.

Desconfia-se que os efeitos culturais são um dos aspetos que levam alguns dos sujeitos a utilizarem álcool desde muito cedo, tanto na infância quanto na adolescência e na juventude<sup>30</sup>. A manifestação cultural, a exemplo do uso de bebidas alcoólicas desde tenra idade através da tradição "*utungu*", marca o primeiro momento cultural da entrada para o mundo do álcool (cf. Cabinda no contexto sociocultural, p. 72). Há ainda outras manifestações culturais de Cabinda, como a casa de tinta (festas de chicumbi), nas quais o uso de bebidas também se faz presente. Em alguns casos, constatamos que crianças menores, também pela afinidade familiar, se fazem presentes, brincam entre si e, por vezes, a criança mais velha do grupo consegue acesso à bebida através de um adulto ou de um jovem. Para dizer que desconfiamos que as manifestações culturais, a exemplo, das que aqui trazemos, também estejam ligadas à iniciação precoce dos jovens ao uso da droga.

---

<sup>30</sup> A juventude é uma das etapas do desenvolvimento do ser humano entre a adolescência e a vida adulta. É comum tratar este período em dois critérios: etário, entre 18-25 anos e sociocultural que tem a ver com o nível de maturidade social em assumir responsabilidades e aquisição de emprego. Para mais informações confere entre outras fontes: Silva et.al. Política Nacional da Juventude: Trajetória e desafios. disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v24n63/13.pdf>. Acessado aos 29.09.2015, 13h53'

#### 5.4.2. O nome do grupo

Os pares ou grupos de amigos consistem na união de duas ou mais pessoas que dividem certa ideologia e com objetivos comuns que devem ser obedecidos por todos. Há sempre um que responde pelo grupo, mas há também influência entre os membros do grupo. Para o bem ou para o mal, o adolescente se identifica com um determinado grupo quando entende que as suas necessidades não são atendidas e vai à procura de grupo de amigos como resultado daquilo que sente falta na sua vida, dentro do seio familiar. É isto que induz o adolescente a ir ao encontro de pares, tendo a família apenas como ponto de recuo. Tais pares produzem certos modos de agir indesejados. Como resultado da influência do grupo, cada membro que o compõe reproduz os diversos procedimentos do grupo, pondo a própria vida em risco. É o uso de álcool que desconfiados induzir o adolescente aos atos já apontados no trabalho. Isto se justifica pelos efeitos subjetivos de seu uso. Portanto, uma das saídas que os pares encontram para satisfação das suas necessidades é o uso de álcool, cuja conduta se manifesta na vida social destes adolescentes, mas tendo como origem o vazio que sentem.

Para manter a comunicação entre os pares, criam códigos, uma cultura de língua que só eles compreendem: buia, bwé, over, éfebek, drena, yá, ui, kamba, amaral, m'boa, lepe, staff, etc (bua quer dizer “bêbado” e “ambiente em que há bebidas alcoólicas”; bwé quer dizer “muito”; over quer dizer “bêbado”; éfebek quer dizer “facebook”; yá quer dizer “sim”; drena é o aquecimento mental de forma rápida por consumo de álcool, preferencialmente destilados; ui quer dizer “amigo ou amiga”, assim como kamba; amaral quer dizer “grupo”; m'boa quer dizer “namorada”; lepe quer dizer “fraco”; staff quer dizer “grupo”). Uma cultura da língua (LACADÉE, 2011; PEREIRA, 2012) que desperta atenção pelas formas como articulam as palavras, como as expressam, sua tonalidade, sua musicalidade. Foi percebida ao longo das suas falas. Uma identidade própria de seu uso que não termina apenas na musicalidade com que é falada ou entoada, mas também na expressão corporal através de gestos. Uma linguagem dos adolescentes de Cabinda que mudaram a língua a todo o momento.

Não é de se estranhar que o uso de álcool por parte dos adolescentes de Cabinda se manifeste em condutas antissociais identificados através das entrevistas e dos sujeitos do GF. Tais procedimentos são exteriorizados na linguagem e na vivência social, com revelações específicas já aqui mencionadas.

Tais manifestações ocorrem preferencialmente nos períodos noturnos, e todas elas, na verdade, formam aquilo que é entendido como efeito subjetivo do uso de álcool pelos adolescentes de Cabinda.

O tema que nos propusemos a refletir revela o quão é importante os estudos acadêmicos para o caso não somente do álcool visto de forma isolada, mas das consequências do seu uso em camadas mais vulneráveis da população, como crianças, adolescentes, jovens e mulheres grávidas.

Entendemos que o uso de álcool tem sua repercussão negativa na formação da consciência humana: afeta o sistema nervoso e o desenvolvimento harmonioso. Traz consigo uma série de implicações sociais, pedagógicas, psíquicas e psicológicas. É imperioso levar a todos os segmentos sociais as devidas informações sobre estas consequências, pois, mais do que uma revelação de efeitos, trata-se de uma preocupação em refletir a respeito daquilo que é o futuro destas pessoas. Refletir sobre Angola, refletir sobre a sua juventude. Que futuro! Políticas de contenção ainda não se fazem sentir, enquanto as políticas de promoção do uso são evidentes e as condições socioeconômicas das camadas populares, precárias; a cultura em si contribui plenamente para o uso de álcool.

O meio social é outra categoria apontada por eles, no qual encontram fertilidade para os seus atos. Referimo-nos para além do ambiente familiar, o meio cultural e amigos, assim como a mídia que tanto tem influenciado pela negativa, por meio de suas propagandas comerciais. Publicitam uso de álcool em ambientes festivos, nas praias com biquínis à mistura, cervejas às mãos de consumidores, com música alta e dança. Diversão enorme nas praias com bebidas e palavras: “beba com moderação”. Sabemos todos que, pela experiência, pelo menos em Angola, a televisão tem forte impacto na população devido ao caráter audiovisual que possui. O adolescente, ao assisti-la, reproduz o modo de fazer, não lhe importando o que ouve. Sua tendência é de imitar o que

vê. Se ele vê pessoas em ambientes festivos com garrafas de bebidas nas mãos (outras bebidas ainda com efeitos para o melhor desempenho sexual), desconfia-se que este adolescente fará o mesmo. Aliado a isto, na província de Cabinda, por exemplo, tem havido maratonas promovidas por diversas organizações do Estado nas datas comemorativas em que a comercialização do álcool é evidente, até com a redução de preço de compra, não havendo políticas públicas de controle da situação. Os debates nas mídias revelam preocupação do que se tem constatado nas camadas juvenis com relação ao uso de álcool, mas em relação às políticas de contenção, a verdade prova o contrário. Desconfia-se que todos os aspetos referidos acima, isto é, a mídia, a cultura, os pares ou amigos e a família têm favorecido no uso de bebidas alcoólicas por parte das camadas juvenis em Cabinda, Angola.

#### **5.4.3. O nome do Estado**

Sabe-se que o Estado é o elemento que norteia o país através das normas, das suas formas jurídicas. É ele quem traça as políticas do controlo social, corrige a sociedade de condutas que precisam de ser melhoradas. Em consonância com a família, as regras deviam andar juntas para a construção de futuro melhor para os seus cidadãos. Tal diálogo com a família é desconfiado de não se fazer sentir enquanto verificamos a falta de medidas claras e objetivas de contenção de uso de álcool no meio familiar por parte de quem gere a sociedade, (Estado). Ou seja, o nome do Estado é tido de conivente por se constatar falta de fiscalização na comercialização de bebidas alcoólicas. É dele que se esperava a implementação de medidas à altura para o controlo social. Ao invés disso, promove maratonas onde o álcool é comercializado a baixo preço e sem a fiscalização de quem compra e vende. Uma contrariedade constatada ao dialogar com a pretensão das políticas de governação para o quinquênio 2012-2017, referidos neste tese no capítulo da sua pertinência (capítulo 1). Para recordar de entre elas, relançar políticas de prevenção ao consumo, desenvolver sistema de prevenção no meio escolar [...], implementar políticas de redução de riscos.

À luz do trabalho de campo, percebemos que, as escolas não têm programas específicas ou disciplinas próprias versadas ao álcool, como problema atual e relevante em Angola. As políticas educativas no contexto de Angola, são de ordem vertical. Isto é, de Nacional para local. Os problemas do contexto locais para o caso, não entram nos programas vindas da nacional e não abrem à mão porque o cumprimento do programa é de caráter obrigatório. Há pouca chance de problemas locais serem tratados e discutidos. Os únicos momentos que isto é possível acontecer são naqueles ligados às atividades, chamadas extraescolares. Para a realidade da escola, campo de pesquisa, os problemas de gênero (uso de álcool) nessas atividades não foram tidos em consideração. No entanto, os seus prejuízos ou danos à saúde humana estão patentes em adolescentes. A prevenção no grupo primário não se faz sentir. Partindo do pressuposto de que a adolescência é um período de experimentações, o adolescente experimenta ao máximo o que estiver ao seu alcance. Nessa altura, tanto o Estado quanto a família deviam em conjunto olhar no adolescente como alguém em fase de desenvolvimento cujas orientações sociais versariam fundamentalmente nos cuidados requeridos na faixa etária. Entre tais a destacar o uso de álcool que os afeta. Cabia ao Estado disciplinar este desiderato em amor ao adolescente. Com o seu olhar, a situação é agravante. Não se faz sentir a fiscalização, nem o tratamento do problema nas escolas. Os adolescentes continuam consumir, o Estado, ao que parece não desperta atenção e atrasa tomar medidas à altura. Enfim, trata-se de uma reflexão para todos à luz das várias dimensões sobre o uso de álcool no contexto em que a pesquisa foi desenvolvida. O que se espera da Angola com relação ao consumo de álcool?



## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de álcool por adolescentes é uma realidade inegável em Cabinda e expõe o adolescente e a sociedade a uma série de riscos. Seu consumo causa problemas de dependência na idade adulta, interfere na neuroquímica cerebral do adolescente, que ainda se encontra em fase de desenvolvimento, para além do problema de memória, acidentes, violência, velocidade no trânsito (PECHANSKY *et al.*, 2004; FERREIRA *et al.*, 2010; SAMPAIO FILHO *et al.*, 2010; AMARAL *et al.*, 2009).

O discurso do Presidente da República (com mandato entre 2012 e 2017) reconhece o problema e indica preocupação com o assunto, chamando a atenção da sociedade de forma incisiva sobre o mal desse fenômeno, em especial para adolescentes, jovens, crianças e mulheres grávidas.

Sabe-se que o uso de álcool nessas camadas reflete o problema do alcoolismo em toda Angola. A província de Cabinda, pelas suas características geopolíticas e socioculturais, não foge das consequências, porque, para além da produção local e de importações, o uso de álcool tem raiz cultural.

As consultas em *sites* acadêmicos nos contextos internacionais, acessados por meio de portais acadêmicos, revelaram inúmeros fatores ligados ao uso de álcool, entre eles os socioambientais, a influência da mídia e de pares, as situações socioeconômicas da família e o relacionamento com os pais. Os conflitos familiares, o uso de álcool na família, os hábitos culturais, a falta de fiscalização, o acesso fácil oferecido pelo baixo preço e a propaganda comercial também foram mencionados.

Como consequências graves do consumo, os estudos apontaram o abuso sexual, os acidentes de trânsito, o consumo de várias bebidas em uma só ocasião e a conduta antissocial. A exposição cada vez mais precoce, as brigas e o absentismo escolar, o consumo pesado (vinte ou mais vezes por mês) geram problemas de memória, violência, e dificuldades de cognição (ROZIN, 2012; FERREIRA *et al.*, 2010; SAMPAIO FILHO *et al.*, 2010; AMARAL *et al.*, 2009; GARCÍA *et al.*, 2008; REIS, 2008; VIEIRA *et al.*, 2008; ALAVARSE *et al.*, 2006;

SOUZA *et al.*, 2005; PECHANESKY *et al.*, 2004; SOLDERA *et al.*, 2004; ALVES *et al.*, 2002; MARQUES *et al.*, 2000).

As investigações acerca do problema do álcool identificadas em Cabinda não desvendaram problemas ligados ao seu uso/consumo, particularmente em camadas mais jovens. Este fato impeliu-nos a consultar os Centros de Estudos Africanos (CEA), mas também nestes nada foi encontrado sobre a realidade angolana, particularmente a de Cabinda.

Portanto, realizamos estudos exploratórios e de enfoque teórico-metodológico que permitiram a definição do problema de pesquisa, dos objetivos, dos sujeitos e do campo de pesquisa (Escola do Ensino Primário Comandante Gika, em Cabinda) que foi definido a partir da conveniência do pesquisador.

Em tal campo desenvolveu-se diálogo com os sujeitos do Grupo Focal (GF), além de entrevistas de forma individual em seis adolescentes após a atividade com o GF, todos identificados pela direção escolar como consumidores de álcool.

As entrevistas ocorreram em dois períodos, matinal e noturno, conforme a disponibilidade de cada sujeito de pesquisa. As diurnas (quatro) aconteceram aos sábados e as noturnas (duas), em dias úteis. No primeiro caso, foram necessários cerca de 219 minutos e no segundo, cerca de 82 minutos (cf. anexo 3).

As informações dos sujeitos do GF foram analisadas através de análise de conteúdo com recurso às categorias, subcategorias e unidades de análise em momentos que assim exigiram. As entrevistas individuais foram desenvolvidas à luz de método clínico de orientação psicanalítica, privilegiando a escuta dos sujeitos envolvidos e as formas como suas subjetividades são constituídas.

Sabe-se que a adolescência é um período com alterações biológicas, psicológicas, emocionais e sociais que levam o adolescente a uma dicotomia social em público porque a sua moral difere da adulta. Isto se deve ao próprio momento de crescimento, agravado pelo ambiente. Com isso, os problemas vivenciados quando menores de idade ou crianças menores têm sua expressão agora, gerando atos agressivos e inconscientes.

Há vários problemas nessa fase, entre eles o consumo de álcool cada vez mais cedo, a conduta de risco, o envolvimento em acidentes, violência sexual e o envolvimento em gangues; a morte violenta, a queda no desenvolvimento escolar, as dificuldades de aprendizagem, o prejuízo no desenvolvimento e a estruturação não só das habilidades cognitivo-comportamentais, mas também emocionais do jovem (PEREIRA, 2010; WINNICOTT, 1975; FERREIRA, TORGAL, 2010; PECHANSKY, SZOBOT, SCIVOLETTO, 2004).

Ao entender o fenômeno de uso de álcool e seus efeitos subjetivos, foi possível compreender como se dá a relação desse consumo com a prática diária quando alcoolizados através de seus saberes convertidos em atos. Um saber fruto da escuta dos adolescentes desde a primeira investigação em pesquisa exploratória, que veio culminar no terceiro momento, caracterizado pela pesquisa através de entrevistas individuais. Destas entrevistas se percebeu de forma profunda o que estes sujeitos têm de “mais real” em si, como pensam, como agem, trazendo-se à luz aquilo que andou escondido dentro deles, através das suas palavras (PEREIRA, 2012, 2010; SILVA, 2013; MINAYO, 2000; IERVOLINO *et al.*, s/d; FREUD, 1914/1980; COSTA *et al.*, 2006; FIGUEIREDO *et al.*, 2006; FIGUEIREDO *et al.*, s/d). São palavras e atos que podem soar assustadores e que nunca tinham sido revelados. Comoveram fortemente e demonstraram seriamente o que é ser adolescente, seus problemas, dificuldades diárias, as formas de entrada nos grupos (“staff”) e a subjetividade destes.

Por isso o recurso ao método clínico de orientação psicanalítica, pautado no fazer falar, repetir e perlaborar (PEREIRA, 2010, FREUD, 1914/1980), permitiu perceber a subjetividade desses adolescentes através da leitura a que foram submetidos: percebeu-se quem falou, de onde falava e outros aspectos relacionados a seus comentários, lacunas que revelaram o ser de cada um, sua particularidade, singularidade, suas ações e seus saberes.

O dispositivo teórico-metodológico desta pesquisa concentrou-se na problemática da adolescência nos vários contextos (DOLTO, 2004; WINNICOTT, 1975; LACADÉE, 2011; 2007; 2007a; CALLIGARIS, 2009; PEREIRA, 2012; 2010, OLIVEIRA, s/d; AICHHORN, 2006), o porquê da existência dos grupos, como se

configuram, condutas de risco para viver no contexto, papel da escola, necessidade de ouvir o adolescente, entre outros.

Após longo período de desenvolvimento, a criança chega à puberdade com as primeiras manifestações sexuais, entrando no período de adolescência, no qual o sujeito se deparará com dificuldades de ordem difusa devido à transformação que lhe ocorre no organismo. Vive em um ambiente de (in)definição de modelo a seguir.

Em meio a uma sociedade permissiva, são os próprios membros da família – pai e/ou mãe ou, ainda, encarregado de educação –, os responsáveis pelo consumo de álcool por parte desses adolescentes desde muito cedo, para além da responsabilidade das companhias. São companhias com estrutura funcional muito específica, formada por um determinado número de pessoas. São eles que aos fins de semanas, sextas-feiras e domingos, assim como outros dias úteis e de feriados, saem para “roulotes”, “dancings”, quiosques, paradas, ao encontro de noites que satisfaçam os desejos do grupo. Entre tais desejos, o consumo de bebidas em locais fáceis de serem encontradas, mas complexos pelo ambiente dominante, porque aí as noites são bem-vindas para evitar julgamentos: “... as mamóites vão começar falar à toa, tão se namorar entre eles próprios por isso nós marcamos encontro de noite”. É nesses sítios que tudo tem princípio e se desenvolve para outras formas comportamentais na convivência diária desses jovens.

O abuso sexual, o uso de armas brancas, agressões, ofensas, brigas, provocações, roubos, força e coragem para certos atos são algumas das consequências do consumo de álcool por parte desses adolescentes.

A publicidade do álcool através dos órgãos de difusão de massa, particularmente a TV, pela maneira como é exibido, traz impactos para o consumidor, gerando maior necessidade de experimentação. Um bem precioso para o mercado do capital econômico, que desrespeita as normas de proibição para os menores. Por isso o adolescente se depara com a dicotomia entre o consumo e a proibição. Dois lados que se opõem e, entre o sim e o não, levam o adolescente a experimentar a bebida. Uma experiência que começa desde muito cedo. Isto agrava o aparecimento de consequências nefastas que se agudizam

ainda mais com a possível dependência química, devido à precocidade do abuso de álcool.

Falta firmeza no cumprimento da lei e que a propaganda se encarrega de fazer com que as pessoas se esqueçam desse pormenor, principalmente durante o crescimento do indivíduo, fase em que o cérebro cresce com muita velocidade, estando sujeito às vulnerabilidades por causa do álcool. Isto mata o adolescente. Mesmo antes da morte biológica, já foram mortas as aspirações, o empenho escolar, o melhor pensamento da construção da sua identidade.

O baixo preço da bebida e a falta de controle da comercialização facilita o consumo pelos adolescentes. Ou seja, a sociedade aceita e estimula o consumo de álcool, e os pais dão exemplo diante dos filhos, que os têm como modelos e reproduzem o que fazem. E ao verem neles a prática de consumo, por vezes de quantidades enormes de cerveja, de certa forma se convencem a consumir também. “Se o pai bebe assim, porque não hei de provar?” Se o álcool traz prejuízo à saúde no adulto, traz mais ainda ao adolescente: “[...] senti mal [...] cabeça começou a me doer tipo uma pessoa que já tem malária [...] cabeça começou a me doer; tive fome [...] vista começou a me pesar [...]”; e “sentir vertigem, tipo uma pessoa já estão a levar no sei aonde, tá ficar maluca, vai começar se sentir cabeça tá começar a doer, lançar”. É este o quadro clínico que os adolescentes apresentam no início da atividade alcoólica.

É importante ressaltar que alguns adolescentes estão propensos a certas reações por causa do consumo de álcool. Sabe-se que ele é uma substância tóxica pela composição e, por isso, faz com que o metabolismo em pessoas mais jovens seja alterado e, conseqüentemente, a manifestação desses comportamentos.

O Quadro 2, abaixo, ilustra as diversas marcas de bebidas que os adolescentes consomem e a concentração de álcool no volume, que certamente provoca o quadro clínico referido e os efeitos subjetivos após consumo.

Quadro 2: Demonstrativo de marcas de bebidas consumidas pelos adolescentes de Cabinda, Angola, sua capacidade e concentração química (volume do álcool)

Marca de bebida	Capacidade	volume do álcool	Algumas figura das marcas de bebidas
<b>Cerveja Cuca</b>	330 ml	5,5%	
<b>Cerveja Turbo</b>	750 ml	4,5%	
<b>Amarula</b>	Variável (250 ml a 1000 ml)	17,0%	
<b>Aguardente</b>	Variável (25 ml a 1000 ml)	De até 46% (em média 43%)	
<b>Whisky</b>	Variável	De até 43-46% (em média 40%)	

Agora, diante do conhecimento que carregamos, sem desprezar alguns fatores, como as questões emocionais e culturais, o álcool, em si, reduz a ansiedade e alguns indivíduos são mais propensos que outros. São volumes consumidos por baixo preço e, na maior parte das vezes, experimentados em casa, com autorização familiar, enquanto o indivíduo ainda é criança. A sociedade pensa ser normal, mas não é. Um aspecto antagônico: ao mesmo tempo em que incitam o consumo no meio familiar e através das atividades festivas nacionais com a redução do preço do produto, a própria sociedade reclama da forma como a situação se dá em adolescentes e das consequências sociais. Um problema

muito sério que não é tratado nem em casa nem na escola, em salas de aulas, para dar ouvidos aos adolescentes e tirá-los das amarras em que se encontram.

São várias as bebidas consumidas: cerveja das marcas Cuca e Turbo, aguardente, whiskey e amarula. Todas essas bebidas são consumidas, por alguns adolescentes, numa só ocasião (FERREIRA *et al.*, 2010; ALVES, *et al.*, 2002). Este tipo de consumo traz maiores dificuldades no campo cognitivo-comportamental, que se prende com o processo de aprendizagem proporcionado pela estrutura psicológica, por lacuna de estruturação psíquica e de outras patologias ligadas às aprendizagens. Tais dificuldades passam pelos problemas de acesso a questões pedagógicas, de lidar com o conhecimento construído na escola e na sociedade, ou seja, de saber externo. Essas situações induzem à recusa e tornam a escolarização difícil e por vezes impossível porque o adolescente se vê obrigado a confrontar suas limitações. Reage ao novo processo do conhecimento representado pela instituição escolar e pelo professor, através de vários pensamentos. Para o caso, os conteúdos são vistos como ameaçadores porque ele não os domina, o professor é um perigo por causa da sua exigência.

O baixo rendimento escolar é atribuído ao professor ou pela sua ineficiência ou pelos seus métodos, o que depois revelará desinteresse pelos professores e conteúdos. Não lhe interessa saber ou aprender os conteúdos e acusa a incapacidade do professor para ensinar (ZIMMERMANN, 2001), assim como também os ataques verbais, o desprezo e as constantes mudanças de escolas caracterizam essas dificuldades no processo de aprendizagem ligadas ao álcool.

Mais uma vez, afirmamos que, *grosso modo*, há um mal-estar nestes adolescentes. Um mal-estar que faz com que eles o traduzam nas inúmeras formas de manifestação que partem desde as relações socioafetivas, emocionais, econômicas, psicológicas e psíquicas para viver no contexto da sua juventude. Por causa desse mal-estar, recorrem a substâncias lícitas e ilícitas (bebidas e outras drogas) como formas de manifestação do vazio que sentem. É um mal-estar que parte de várias situações impostas pela sociedade devido a hábitos culturais. Ou seja, ao mesmo tempo em que lhes é proibido o uso de álcool (e/ou

outras drogas), a própria sociedade retransmite-os outro poder de defasagem da norma moral imposta pela consciência social: o “*modus vivendi*”. Esta forma de viver, que é cultural, traduz-se pela oficialização do proibido socialmente. Isto gera, no entanto, novo conceito da cultura cabindense, que é “o princípio da autorização da desautorização”, pois os jovens se consideram autorizados a oficializar aquilo que é proibido. Duas forças antagônicas colocadas à sua frente: a autorização e a desautorização, como colocado a seguir.

Primeiro, na realidade angolana o uso de álcool, particularmente em Cabinda, é cultural, através de suas práticas. Mais do que isto, as condições socioeconômicas das camadas populares são precárias, apesar das riquezas naturais que o país ostenta. A desestruturação familiar é outro problema que Angola vive: face a essas realidades, "precariedade" e "desestruturação familiar", muitos membros de famílias encontram saída para sua sobrevivência em negócios pessoais que são caracterizados, fundamentalmente, pela facilidade de aquisição e escoamento rápido, na comercialização de bebidas alcoólicas. Elas são vendidas dentro ou em frente à própria casa, permitindo o contato direto com o produto aos menores de idade.

Em segundo lugar, as políticas de promoção de uso de bebidas através de propagandas comerciais são muito fortes, impelindo os jovens ao seu encontro/consumo. Aliadas a isto, as próprias políticas promovidas pela nossa governação angolana, como nas datas comemorativas promover-se maratonas com abundância de bebidas alcoólicas à baixo preço, é uma outra fertilidade encontrada no terreno para acesso ao álcool. A lei proíbe que se comercialize aos menores, mas a vivência prova o contrário. Não há fiscalização por parte de autoridades competentes nessas festividades, muito menos em casas residenciais.

Face a isto, entende-se que há três forças que intervêm neste princípio de autorização da desautorização: o nome da família (e da cultura), o nome do Estado (Governo e leis) e o nome do grupo (e da mídia). A família impõe aos seus membros a obediência dos valores de casa (venda de bebidas) para seu sustento. O Estado não intervém nesta comercialização dentro de casa, por tratar-se de comércio para sustento próprio. Ainda que se interdite, talvez o próprio



Estado neste momento não tenha condições de oferecer às famílias o mínimo para sua sobrevivência e, logo, o recurso à venda é obrigatório, porque sem ele encontrará maiores dificuldades de sobrevivência. A mídia, através das suas propagandas comerciais incentiva ao uso de álcool. Disto se entende que, ainda que a família e o Estado observem mecanismos de contenção, a mídia e os grupos de amigos é outro problema devido a forte influência que os conduz ao consumo do álcool, repercutindo à sociedade cabindense.

Diante destas questões, os jovens, no contexto de Cabinda, se veem autorizados a desobedecer a lei para viver no contexto da sua juventude, carregando imensa dor que se traduz pelo consumo de álcool e suas consequências, como configuração social dessa autorização e da atenção que se lhes deve proporcionar.

Na senda de essas constatações, entendemos que há necessidade de se promover um conjunto de ações voltadas para os diversos contextos das províncias angolanas, que dialoguem diretamente com os seus problemas locais. No caso de Cabinda é necessário e urgente que se crie programas escolares que discorram, entre os outros problemas sociais, àqueles ligados às consequências do uso de álcool em particular nas crianças menores e adolescentes e a sensibilização das famílias sobre o perigo de alguns aspetos culturais, ligados ao consumo de álcool desde a tenra idade. Pensamos que com esta política e através da promoção de palestras e/ou debates nas escolas, nas Rádios e Televisão contando com o envolvimento das famílias, Igrejas e do próprio Estado é possível manter o controlo de comércio de bebidas alcoólicas cujos efeitos subjetivos para os adolescentes foram revelados. É importante que a TV reveja os horários da publicidade do consumo do álcool para evitar seu impacto às camadas mais novas e, se possível, substituí-los por outros programas educativos, que alcancem melhor os jovens angolanos. Deve-se implementar a fiscalização e impor regulamentação no comércio de bebidas alcoólicas e, concomitantemente, ao Governo, apostar na melhoria das condições sociais da população pelo fato de isto estar ligado também ao comércio do álcool dentro e em frente das casas residenciais. Entende-se que é também um problema da Saúde Pública. Por isso, deve, dentro das suas políticas, desenvolver ações que despertam atenção da população local sobre os prejuízos à sua saúde.

Contudo, para além da divulgação ampla deste presente estudo, há necessidade de continuidade do mesmo de modo ainda mais aprofundado e voltado para a sociedade angolana com objetivos de diagnosticar e compreender os problemas que afetam as suas populações. No que concerne a Cabinda, à luz desta tese deverá se desenvolver pesquisas sobre o quê que os encarregados de educação transmitem aos educandos e o que está por detrás de alguns problemas sociais e econômicos que não foram interrogados assim como também o dia da sexta-feira, dia do homem. Interrogar de igual modo problemas ligados à paternidade, os papéis sociais dos trabalhos de homens e de mulheres, o impacto da publicidade televisiva no consumo de álcool pelos adolescentes e crianças e fazer estudos em grupos de conversação mistos (homens e mulheres) usuários ou não do álcool para trazer à tona conhecimentos e implicação dos sujeitos a respeito do tema.

O período de adolescência em Cabinda pelos entrevistados contraria as teorias universais sobre este período que se estende até aos 18/20 anos. Para isso é ressaltado como prática cultural de Cabinda e se deve levantar questões sobre a universalização do conceito e suas expectativas sobre o que vem a ser adolescência ou adolescente.

Pensamos que tudo se confina aos diversos conhecimentos que trarão um novo saber nas pesquisas de Cabinda particularmente, cujos dados servirão para o laboratório Psicologia, Psicanálise e Educação (LPPE-ISCED-UON) ora criado e por meio do qual se estenderá dados para outros cantos do mundo sobre a realidade de Cabinda em uma visão científica, acadêmica e política.

## REFERÊNCIAS

AICHHORN, August: *Juventud Desamparada*: prefácio de Sigmund Freud e Prólogo de Hebe Tizio; 1ª ed.. Barcelona: Gedisa, 2006

ALAVARSE, Glória Maria Assis e CARVALHO, Maria Dalva de Barros: *Álcool e adolescência: o perfil de consumidores de um município do norte do Paraná*. In: Esc. Anna Nery R Enferm 2006 Dez; 10(3): 408-16

ALVES, Rudinalva et. al: *Caracterização dos adolescentes internados por álcool e outras drogas na cidade de Curitiba*. In: Interação em Psicologia, 2002, 6(1), p. 65-79

AMARAL, Alexandra Castilhos Gomes et. al: *Parâmetros psicométricos do inventário de expectativas e crenças pessoais acerca do álcool para adolescentes*. In: Psico-USF, v. 14, n. 2, p. 167-176, maio/ago. 2009

ANGOLA.Ministério da Educação: *Lei de Bases do Sistema de Educação*. 2001. Disponível em [http://planipolis.iiep.unesco.org/upload/Angola/Angola\\_Lei\\_de\\_educacao.pdf](http://planipolis.iiep.unesco.org/upload/Angola/Angola_Lei_de_educacao.pdf). Acessado aos 26.06.2014

ANGOLA.Ministério da Educação: *Missão*. Disponível em <http://www.med.gov.ao/Institucionais/Missao.aspx>. Acessado aos 26.06.2014. Governo da República: *Estratégia Integrada para a Melhoria do Sistema de Educação 2001-2015*. 2001. Disponível em [http://planipolis.iiep.unesco.org/upload/Angola/Angola\\_Estrategia\\_Integrada\\_Melhoria.pdf](http://planipolis.iiep.unesco.org/upload/Angola/Angola_Estrategia_Integrada_Melhoria.pdf). Acessado aos 26.06.2014

BERLINCK, Manoel Tosta: *saber clínico e saber teórico*. Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., São Paulo, v. 12, n 2, p.259-262, junho 2009

BORGES, Camila Delatorre e SANTOS, Manoel António dos: *Aplicação da técnica do grupo focal: fundamentos metodológicos, potencialidades e limites*. In: Revista da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo Jan.-Jun. 2005, Vol. 6, No. 1, pp. 74-80. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v6n1/v6n1a10.pdf> . Acessado aos 06.07.014

BUMBA, João Panzo e MAMBOMA, Charlotte Lelo. *Algumas causas de abandono do meio familiar pelos adolescentes de 12-16 anos de idade da zona D, Bairro 4 de Fevereiro*. Cabinda: Universidade 11 de Novembro, 2009. Trabalho apresentado para a obtenção do grau de licenciatura em Ciências de Educação, opção Psicologia.

BUZA, Alfredo Gabriel et.al. *O tchikumbi em Cabinda: o esvaziamento de uma prática e saber tradicional de educação familiar*. XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, Diversidade e (Des)igualdades, Salvador, 07 a 10 de Agosto de 2011, Universidade Federal de Bahia (UFBA) - PAF I e II Campos de Ondina: [http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307057200\\_ARQ\\_UIVO\\_XIConlabArtigo-Tchikumbi.pdf](http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307057200_ARQ_UIVO_XIConlabArtigo-Tchikumbi.pdf) Acessado aos 15.02.2015

CABRAL, Maria Hermínia e BORGES, João Melo: *Cabinda*. ESCOM, Cabinda, Angola, 1998.

CALLIGARIS, Contardo. *A adolescência*. Editora Publifolha, 2ª ed. São Paulo, 2009.

CASIMIRO, Maria Isabel Chibuca e GONCALVES, Margarida P. Faustino. *Potenciais factores das perturbações comportamentais nos adolescentes da escola do Luvassa da 7ª classe/2008*. Cabinda: Universidade 11 de Novembro, 2008. Trabalho apresentado para a obtenção do grau de licenciatura em Ciências de Educação, opção Psicologia.

CERVO, Amado L., BERVIAN, Pedro A. e DA SILVA, Roberto. *Metodologia científica*. 6ª Ed., São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007

CHICUATA, José Crisóstomo. *Estudo dos factores determinantes no comportamento dos adolescentes do complexo escolar Cabassango*. Cabinda. Universidade Agostinho Neto, 2006. Trabalho apresentado para a obtenção do grau de licenciatura em ciências de educação, opção Psicologia.

CHOCOLATE, Francisco: *Programa Viva Tarde*. Rádio Nacional de Angola da Emissora Provincial de Cabinda. Dia 8/03/2013. Cabinda/Angola, 2013

COELHO, Daniel Menezes e SANTOS, Marcus Vinicius Oliveira: Apontamentos sobre o método na pesquisa psicanalítica. In: *Analítica*, São Paulo, v.1 n.1. p. 90-105, Julho/Dezembro 2012.

COSTA, Ana e POLI, Maria Cristina: Alguns fundamentos da entrevista na pesquisa em psicanálise. In: *Pulsional revista de Psicanálise*, p. 14-21, ano XIX, n. 188, dezembro, 2006

DOLTO, Françoise: *A causa dos adolescentes*. Pela autora de *A causa das crianças*, um projeto humanista para o desenvolvimento dos 10-16 anos. Traduzido por Orlando dos Reis, 2ª Edição. São Paulo: Ideias & Letras, 2004

DOMINGOS, Francisco Manuel Gaspar e MUEL, José Guimbi: *O impacto do uso de drogas pelos alunos e a sua implicação no processo de ensino e aprendizagem nas turmas F3 e F4-O caso escola Barão Puna*. Cabinda,

Universidade 11 de Novembro, 2011. Trabalho apresentado para a obtenção do grau de licenciatura em ciências de Educação, opção Psicologia.

DOS SANTOS, José Eduardo: *Programa de Governo do MPLA para 2012-2017*. Disponível em: [www.mpla.ao](http://www.mpla.ao)

ERIKSON, Erik: *Identidade-Juventude e crise*. Zahar, Rio de Janeiro, 1976

FaE/UFMG: *Guia do aluno da pós-graduação em Educação na UFMG*, 2011

FERREIRA, Maria M. S. R. dos Santos e TORGAL, M. C. L. F. P. R: *consumo de tabaco e de álcool na adolescência*, Porto: In: Rev. Latino-Am. Enfermagem 18(2):[08 telas] mar-abr 2010

FIGUEIREDO, Ana Cristina, NOBRE, Letícia e VIEIRA, Marcus André: *Pesquisa clínica em psicanálise: a elaboração de um método*

FIGUEIREDO, Luís Claudio e MINERBO, Marion: *Pesquisa em Psicanálise: Algumas idéias e um exemplo*. In: Jornal de psicanálise, São Paulo: 39(70): 257-278, Jun. 2006

FREUD, S: *Contribuições para uma discussão acerca do suicídio*. Rio de Janeiro: Imago, Edição Standard Brasileira das Obras Completas. v. XI, 1910/1980

\_\_\_\_\_: *Conferência Introdutória 21: O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais*. Rio de Janeiro: Imago, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. v. XVI, 1917/1980.

\_\_\_\_\_: *Recordar, repetir, elaborar* (novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise II). Rio de Janeiro: Imago, Obras completas, v. XII, 1914/1980

\_\_\_\_\_: *Psicologia do escolar*. Rio de Janeiro: Imago, Edição Estandart Brasileira das Obras Completas, v.13, 1914/1980.

\_\_\_\_\_: *Conferência Introdutória 31: dissecação da personalidade psíquica*. Rio de Janeiro: Imago, Edição Standart Brasileira das Obras Completas, v. XVIII, 1933/1980

\_\_\_\_\_: *Esboço de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, Edição Standart Brasileira das Obras Completas, vol. XXIII, 1940/1980.

GARCÍA, Carla Selene López et al.: *Conduta anti-social e consumo de álcool em adolescentes escolares*. Rev Latino-am Enfermagem 2008 março-abril; 16(2). Disponível em: [www.eerp.usp.br/rlae](http://www.eerp.usp.br/rlae). Acessado em 24.09.2012

GUERRA, A.; Lima, N. L. et al. (2010). *Construindo ideias sobre a juventude envolvida com a criminalidade violenta*. In: *Estudos e pesquisas em psicologia*.

RJ: UERJ, 10(2). <http://www.revispsi.uerj.br/v10n2/artigos/pdf/v10n2a10.pdf>. Acessado aos 13/08/13

GUI, Roque Tadeu: *O grupo focal em pesquisa qualitativa: intersubjetividade e construção do sentido*. POT vol. 3, no. 1, Janeiro-Junho, 2003, pp. 135-160. Disponível em: <file:///C:/Users/Familia/Downloads/7071-21293-1-PB.pdf>. Acessado aos 06.07.2014

IERVOLINO, Solange Abrocesi e PELICIONI, Maria Cecília Foces: *A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v35n2/v35n2a03.pdf> Acessado aos 6.07.014

JORNAL DE ANGOLA: *Adolescentes Continuam Ter Acesso ao Álcool*. 2010. Disponível em: [http://jornaldeangola.sapo.ao/18/0/adolescentes\\_continuam\\_a\\_ter\\_acesso\\_ao\\_alcool](http://jornaldeangola.sapo.ao/18/0/adolescentes_continuam_a_ter_acesso_ao_alcool) Acessado aos 23.03.2013.

KEHL, M.R: Quem tem moral com os adolescentes? In LEPSI: *Os adultos, seus saberes e a infância*. São Paulo: IP/FEUSP, 2004 [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC000000032002000400034&lng=pt&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000032002000400034&lng=pt&nrm=abn). Acessado em 10/08/12.

KIND, Luciana: Nota para o trabalho com a técnica de grupos focais. *Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 10, n. 15, p. 124-136, jun. 2004*. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/202/213>. Acessado aos 06.07.014

LACADÉE, Philippe: *O despertar e o exílio: ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência*. Tradução de Cássia Rumenos Guardado e Vera Avellar Ribeiro. Contra Capa: Rio de Janeiro, 2011.

\_\_\_\_\_: *O risco da adolescência*. *Jornal Estado de Minas. Suplemento Pensar*, 24/08/2007. Disponível em [http://apple.estaminas.com.br/data1/2007/semana\\_24/sabado/pensar/epe1606p03.pdf](http://apple.estaminas.com.br/data1/2007/semana_24/sabado/pensar/epe1606p03.pdf)

\_\_\_\_\_: Da passagem ao ato nos adolescentes. In: *Asephallus*. RJ: UFRJ, 4(2). 2007a. Disponível em: [http://www.isepol.com/asephallus/numero\\_04/pdf/traducao\\_02.pdf](http://www.isepol.com/asephallus/numero_04/pdf/traducao_02.pdf) Acessado aos 13/08/2013

LUCIANO, Teresa Pena e DOMBE, Lina do espírito. *Estudo de factores que influenciam a gravidez precoce nas adolescentes, sua implicação no processo de aprendizagem. Caso Centro de Saúde 4 de Fevereiro/Cabinda-2010*. Cabinda, Universidade 11 de Novembro, 2010. Trabalho apresentado para a obtenção do grau de licenciatura em Ciências de Educação, opção Psicologia.

MAMBOMA, Charote Lelo e BUMBA, João Panzo. *Algumas causas de abandono do meio familiar pelos adolescentes de 12-16 anos de idade da zona D, Bairro 4 de Fevereiro*. Cabinda: Universidade 11 de Novembro, 2009. Trabalho apresentado para a obtenção do grau de licenciatura em Ciências de Educação, opção Psicologia.

MARCELLI, Daniel e BRANCONNIER, Alain: *Adolescência e psicopatologia*. Tradução de Fátima Mural. 6ª ed. Artimed. Porto Alegre, 2007

MARCONI, Maria de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia do trabalho científico*. Editora Atlas. São Paulo, 2007

MARQUES, Ana Cecília Petta Roselli e CRUZ, Marcelo S: *O adolescente e o uso de drogas*. In: *Rev Bras Psiquiatr* 2000;22(Supl II):32-6

MARTINS, Joaquim: *Cabinda. Histórias. Crenças. Usos e Costumes*. Câmara de turismo de Câmara Municipal de Cabinda, Cabinda, 1979

MELO, Patrícia Sara Lopes e ARAÚJO, Waldirene Pereira: *Grupo focal na pesquisa em educação, 2010*. Disponível em: [http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.3/GT\\_03\\_10\\_2010.pdf](http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.3/GT_03_10_2010.pdf) Acessado aos 06.07.014

MINAYO, Maria Cecília de Souza e GOMES, Suely Ferreira Deslandes: *Pesquisa Social: Teoria método e criatividade*. 31ª Ed. Editora Vozes. R.J, 2012

MOREIRA, Fernanda G., NIEL, Marcelo e SILVEITRA, Dartiu Xavier da: *Drogas, Família e Adolescência*. Editora Atheneu: São Paulo, 2009

NETO, Sartonino da Costa: *Reflexões sobre o efeito da globalização na educação das normas do casamento tradicional no seio dos jovens adolescentes com idades compreendidas entre 13 à 18 anos dos Bawoyos na comuna de Malembo no ano 2013*. Trabalho de conclusão de curso para a obtenção do grau de licenciatura em Ciências Sociais, opção ensino de História. ISCED, Cabinda, 2013

OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes de: *Vínculos imaginários*. In: *Mentes & Cérebros Especial: O olhar adolescente*. S.P. Duetto nº2 s/d.

PECHANSKYA, Flavio; SZOBOTA, Claudia Maciel e SCIVOLETTOB, Sandra. *Uso de álcool entre adolescentes: conceito, características epidemiológicas e fatores etiopatogênicos*. In: *Revista Bras Psiquiatria* 2004; 26 (Supl I): 14-17

PEREIRA, Marcelo Ricardo: *O sintoma ou o que o sujeito tem de mais real*. *Revista Espaço Acadêmico*. Paraná: UEM, v.11, p. 43-52, 2012

PEREIRA, Marcelo Ricardo: A orientação clínica como questão de método à psicologia, psicanálise e educação. In: A orientação clínica como questão de método à psicologia. *A psicanálise escuta a educação 10 anos depois*. Belo Horizonte: Fino Traço/Fapemig, 2012a

\_\_\_\_\_: *La adolescencia generalizada*. *Revista Borromeu*. Buenos Aires: UK, v.10, p. 56-69, 2010

PEREIRA, Marcelo Ricardo e GURSKI, Rose: A adolescência generalizada como efeito do discurso do capitalista e da adultez erodida. In *Psicologia e Realidade*. Porto Alegre: UFRGS, 26(1), 2014, p. 375-383.

PIMENTA, Maria da Encarnação: *Eventuais causas e consequências da delinquência em Angola: modelos de delinquência. volume I*, 3ª edição, Lisboa, Editora Calçada das letras, 2012.

QUIMINO, Domingos Bernardino Pemba e GLÓRIA, Maria Florinda da. *Influência da droga na mudança do comportamento*. Caso de alguns adolescentes e jovens do bairro 1º de Maio, zona Luvassa norte, Cabinda/2009. Cabinda: Universidade 11 de Novembro, 2009. Trabalho apresentado para a obtenção do grau de licenciatura em Ciências de Educação, opção Psicologia.

RAMÍREZ, Mario Elkin: *La adolescencia satanizada*. In: *Site Mario Elkin Ramirez*. Medellín, Colômbia. Disponível em: <http://marioelkin.com/blogla-adolescencia-satanizada>. Acessado aos 13/08/2013

\_\_\_\_\_: *Subjetividad de los niños en medio del conflicto armado*. In: *Página 12*. Rosário, Argentina. out (suplemento: Rosario 12). 2008. Disponível em: <http://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/rosario/21-15634-2008-10-16.html> Acessado aos 13/08/2013

REIS, Gisselli Veloso dos: *O consumo de bebida alcoólica entre alunos do ensino fundamental e médio*. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao colegiado do curso de graduação em enfermagem da Universidade Paranaense, como requisito parcial para a obtenção da Graduação de Enfermeiro, 2008

RIBEIRO, Wânier: *Drogas na Escola: prevenir educando*. São Paulo: Annablume editora. 2005

ROZIN, Leandro *et al*: *Fatores de risco para dependência de álcool em adolescentes*. In: *Acta Paul Enferm*. 2012;25(2):314-8.

ROUDINESCO, Elisabeth e PLON, Michel: *Dicionário da Psicanálise*. Traduzido por Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Zahar, RJ, Brasil, 1998.



RUFFINO, Rodolfo: *A condição traumática da puberdade na contemporaneidade e a adolescência como sintoma social a ela articulada*. Revista de Psicanálise Textura.

SAMPAIO FILHO, Francisco Jucier Luz, et. al: *Percepção de risco de adolescentes escolares na relação consumo de álcool e comportamento sexual*. In: Rev Gaúcha Enferm., Porto Alegre (RS) 2010 set;31(3):508-14.

SILVA, Denise Quaresma: *A pesquisa em psicanálise: o método da construção do caso psicanalítico*. Estudos de Psicanálise, Belo Horizonte - MG, n. 39, p. 37-46, Julho, 2013

SILVA, Roselani, Sodr e da e SILVA, Vini Rabassa da: *Política Nacional da Juventude: Trajetória e desafios*. In: CADERNO CRH, Salvador, v.24, n.63, p. 663-678, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v24n63/13.pdf>. Acessado aos 29.01.2015, 13h53'

SOLDERA, Meire et. al: *Uso pesado de álcool por estudantes dos ensinos fundamental e médio de escolas centrais e periféricos de Campinas (SP)*. In: Rev. Bras. Psiquiatria 2004; 26(3):174-9

SOUZA, Delma P. Oliveira de et. al: * lcool e alcoolismo entre adolescentes da rede estadual de ensino de Cuiabá, Mato Grosso*. In Rev. Saúde Pública 2005; 39 (4) 582-92. Disponível em [www.fsp.usp.br/rsp](http://www.fsp.usp.br/rsp). Acessado em 24.09.2012

TAGLIATI, Carlos Alberto e FERREIRA, Alisson Brandão. *Drogadic o*. In: *Adolescência*, 1  edic o, UFMG, 2009.

TATI, Alberto e CHIMPANDA, Am lia Maria Chimbuca: *O consumo de drogas como factor de influência negativa no processo de ensino-aprendizagem. Caso dos alunos da 7  classe Pós-Laboral da escola do I ciclo do ensino secundário Saily-Mingas/Cabinda, 2011*. Trabalho apresentado para a obten o do grau de licenciatura em Ciências de Educa o, op o Psicologia.

TRAD, Leny A. Bonfim: *Grupos Focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas com experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde*. Physis *Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 19 [3]: 777-796, 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/physis/v19n3/a13v19n3.pdf> Acessado aos 06.07.014

UON: *Regulamento dos trabalhos de fim de curso e dos estágios curriculares*. Luanda: Edi o de Angola, Lda, 2012.

VAZ, José Martins: *Filosofia Tradicional dos Cabindas*. Agência ultramar (2 volumes), S/L,1969

VIEIRA, Patrícia Conzatti *et al.*: *Uso de álcool, tabaco e outras drogas por adolescentes escolares em município do Sul do Brasil*. In: Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 24(11):2487-2498, nov, 2008.

WINNICOTT, D.W: *Conceitos contemporâneos do desenvolvimento adolescente e suas implicações para a educação superior*. In: O brincar & a realidade. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.

ZIMMERMANN, Vera B: *O adolescente e a recusa do não saber*. In: Pulsional Revista de Psicanálise, ano XIV, nº 144, 14-24

# ANEXOS

**Anexo 1.** Sondagem de campo para a pesquisa: adolescência e bebida alcoólica

Pesquisadores: Domingos Sebastião L.Sambo (UON) e Marcelo Ricardo Pereira (UFMG)

Seja bem-vindo à escola Comandante Gika.

Caro aluno, estamos interessados em saber de você alguma informação sobre o uso de álcool na sociedade cabindense por parte do jovem. Observa-se nos últimos momentos a circulação de bebidas alcoólicas particularmente na nossa cidade de Cabinda. Para isso, a sua opinião é muito importante sobre o que queremos pesquisar. Você é jovem e pode nos ajudar nisso. Neste caso, a presente ficha deve ser preenchida por si sem consultar terceiros para não expor a sua informação. Não coloca o seu nome na ficha para garantirmos o seu anonimato. Apenas preencha com sinceridade os itens que dizem respeito àquela verdade que só você sente, pensa e sabe, assinalando as alternativas como se pede. Depois de preenchida, dobra a ficha de resposta e coloca-a na caixa que se encontra na porta da sala com o aplicador da pesquisa. Vê, é muito fácil. Ninguém vai saber quem preencheu a ficha. Ela faz parte de um projeto de pesquisa desenvolvido pela Universidade Onze de Novembro (Cabinda/Angola) e a Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte/Brasil), e é de grande importância para o nosso trabalho. Por isto, nós agradecemos a sua contribuição!

Escolha a afirmação que melhor julgue corresponder à sua situação ou escreva o que se pede:

**I. Características sociobiográficas:****1. Sexo:**

- a) Masculino: (\_\_\_\_);
- b) Feminino: \_(\_\_\_\_);

**2. Idade:**

- a) Menos de 15 anos:\_(\_\_\_\_);
- b) 16-18 anos: \_(\_\_\_\_);
- c) 19-21 anos: \_(\_\_\_\_);
- d) 22-24 anos: \_\_ (\_\_\_\_);
- e) 25 anos e mais: (\_\_\_\_);

**3. Em que nível de escolaridade você se encontra? \_\_\_\_\_**  
(escreva o nível).

**4. Qual é a escolaridade de sua mãe (marque com X)?**

- a) Nunca estudou: (\_\_\_\_);
- b) Ensino primário: (\_\_\_\_);
- c) Ensino primário do primeiro ciclo: (\_\_\_\_);
- d) Ensino secundo do segundo ciclo/Ensino Médio completo: (\_\_\_\_);
- e) Ensino Superior completo: (\_\_\_\_);
- f) Não Sei: (\_\_\_\_).

**5. Área de sua residência:**

- a) Bairro Gika: (\_\_\_\_);
- b) Bairro 1º de Maio: (\_\_\_\_);
- c) Bairro Madombolo: (\_\_\_\_);
- d) Outro bairro: (\_\_\_\_); indica o nome do bairro: \_\_\_\_\_.

**6. Quantas pessoas vivem na sua casa, incluindo você: \_\_\_\_\_ (coloca o número de pessoas).****7. Quantos irmãos você tem? \_\_\_\_\_ (coloca o número de irmãos).****8. Com quem vive (marque com X):**

- a) Pai e mãe: (\_\_\_\_);
- b) Pai, mãe e irmão(s): (\_\_\_\_);
- c) Só com o pai: (\_\_\_\_);
- d) Só com o pai e irmão(s): (\_\_\_\_);
- e) Só com a mãe: (\_\_\_\_);
- f) Só com a mãe e irmão(s): (\_\_\_\_);
- g) Com o pai, mãe, irmão(s) e outros membros da família: (\_\_\_\_);
- h) Com o pai, irmão(s) e outros membros da família: (\_\_\_\_);
- i) Com a mãe, irmão(s) e outros membros da família: (\_\_\_\_);
- j) Com apenas outros membros da família: (\_\_\_\_);
- k) Com meu (minha) esposo(a) ou companheiro(a), e filho(s), caso houver: (\_\_\_\_).

**9. Somando a renda de todas as pessoas de sua casa, aproximadamente, qual é o valor mensal recebido (marque com X):**

- a) menos de 30.000 kz: (\_\_\_\_);
- b) de 30.000-40.000 kz: (\_\_\_\_);
- c) de 40.000-50.000 kz: (\_\_\_\_);
- d) mais de 50.000 kz: (\_\_\_\_).

**10. Que religião você segue:**

- a) Católica: (\_\_\_\_);

- b) Evangélica/Protestante: (\_\_\_\_);
- c) Islâmica: (\_\_\_\_);
- d) Outra: \_(\_\_\_\_); qual: \_\_\_\_\_ (**coloca o nome**);
- e) Nenhuma: (\_\_\_\_).

## II. Dados relativos à bebida alcoólica:

**1) As pessoas com quem vive consomem bebida alcoólica? Sim (\_\_\_\_); Não: (\_\_\_\_).**

Se sim, quantas pessoas? \_\_\_\_\_ (coloca o número).

E que tipo de bebida alcoólica se consome (marque as alternativas graduadas de 1 a 4, conforme descrito abaixo)?

- a) Cerveja: (1) não consumida, (2) pouco consumida, (3) frequentemente consumida, (4) bastante consumida;
- b) Vinho: (1) não consumido, (2) pouco consumido, (3) frequentemente consumido, (4) bastante consumido;
- c) Whisky: (1) não consumido, (2) pouco consumido, (3) frequentemente consumido, (4) bastante consumido;
- d) Aguardente: (1) não consumido, (2) pouco consumido, (3) frequentemente consumido, (4) bastante consumido;
- e) Se for outro tipo de bebida, aponta: \_\_\_\_\_.

**2) Na casa onde você vive, vende-se álcool? Sim: (\_\_\_\_); Não: (\_\_\_\_).** Se sim, que tipo de bebida alcoólica mais se vende em casa?

- a) Cerveja: (1) não vende, (2) vende pouco, (3) vende frequentemente, (4) vende bastante;
- b) Vinho: (1) não vende, (2) vende pouco, (3) vende frequentemente, (4) vende bastante;
- c) Whisky: (1) não vende, (2) vende pouco, (3) vende frequentemente, (4) vende bastante;
- d) Aguardente: (1) não vende, (2) vende pouco, (3) vende frequentemente, (4) vende bastante;
- e) Se for outro tipo de bebida, aponta: \_\_\_\_\_;

**3) Já alguma vez provou qualquer tipo de bebida alcoólica? Sim: (\_\_\_\_); Não: (\_\_\_\_).**

Se sim, diga por volta de quantos anos de idade você provou pela primeira vez uma bebida alcoólica? \_\_\_\_\_ (coloca a idade).

**4) Quando você provou a bebida alcoólica pela primeira vez, começou aonde?**

- a) Em casa, com a aprovação da família: (\_\_\_\_);
- b) Em casa, escondido da família: (\_\_\_\_);
- c) Fora de casa com amigos: (\_\_\_\_);
- d) Fora de casa sozinho: (\_\_\_\_);
- e) Próximo da escola com colegas da escola: (\_\_\_\_);
- f) Próximo da escola sozinho: (\_\_\_\_);
- g) Nunca bebeu álcool: (\_\_\_\_).

**5) Hoje, quando você faz uso de bebida alcoólica, onde a bebe com mais frequência?**

- a) Em casa, com a aprovação da família: (\_\_\_\_);
- b) Em casa, escondido da família: (\_\_\_\_);
- c) Fora de casa com amigos: (\_\_\_\_);
- d) Fora de casa sozinho: (\_\_\_\_);
- e) Próximo da escola com colegas da escola: (\_\_\_\_);
- f) Próximo da escola sozinho: (\_\_\_\_);
- g) Nunca bebeu álcool: (\_\_\_\_).

**6) Sobre as bebidas que se consome em seu bairro, qual é a bebida que mais se vende conforme você constata?**

- a) Bebidas alcoólicas: (\_\_\_\_); qual é a principal? \_\_\_\_\_ (aponte o nome);
- b) Refrigerantes: (\_\_\_\_);
- c) Sucos: (\_\_\_\_);
- d) Outras bebidas: (\_\_\_\_); quais: \_\_\_\_\_(aponte os nomes);

**7) Caso queira comprar alguma bebida alcoólica em tendas do bairro, você:**

- a) Não encontra nenhuma restrição para comprá-la: (\_\_\_\_);
- b) É advertido que não se vende álcool para menores: (\_\_\_\_);
- c) Tem de apresentar algum documento que comprove sua idade (\_\_\_\_);
- d) Tem de estar acompanhado por um adulto: (\_\_\_\_);
- e) Nunca comprou: (\_\_\_\_).

8) Na sua escola onde estuda ou estudou nos anos passados, os professores da sua turma falam ou falaram sobre os efeitos do consumo do álcool? Sim: (\_\_\_\_); Não: (\_\_\_\_).

9) Você já participou de algum programa educativo destinado a prevenir o consumo de álcool por parte de jovens? Sim: (\_\_\_\_); Não: (\_\_\_\_). Se sim, de quantos participou? \_\_\_\_\_ (aponta o número de vezes).

10) Que efeitos têm para você o uso da bebida alcoólica? (para cada item marcar as alternativas graduadas de 1 a 5, sendo 1 para POUCO e 5 para MUITO)

- a) O álcool ajuda-me a tomar decisões: (1), (2), (3), (4), (5);
- b) O álcool ajuda-me a enfrentar perigos: (1), (2), (3), (4), (5);
- c) O álcool ajuda-me a esquecer os problemas: (1), (2), (3), (4), (5);
- d) O álcool deixa-me mais contente: (1), (2), (3), (4), (5);
- e) Com o álcool eu fico com menos medo de arriscar-me: (1), (2), (3), (4), (5);
- f) Com o álcool eu fico mais agressivo: (1), (2), (3), (4), (5);
- g) O álcool me dá mais ânimo para aproximar-me de parceiros(as): (1), (2), (3), (4), (5);
- h) O álcool me dá mais força de praticar o sexo: (1), (2), (3), (4), (5);
- i) O álcool deixa-me com ressaca depois de bebê-lo: (1), (2), (3), (4), (5);
- j) Com o álcool sinto-me mais triste ou melancólico: (1), (2), (3), (4), (5);
- l) O álcool tranquiliza-me: (1), (2), (3), (4), (5);
- m) Nunca bebi álcool: (\_\_\_\_);
- n) Outro efeito: (\_\_\_\_); aponta qual: \_\_\_\_\_.

13) Você já fez uso de alguma droga ilícita ou narcótico (liamba, cocaína, haxixe, crack etc)? Sim: (\_\_\_\_); Não: (\_\_\_\_). Se sim, qual ou quais: \_\_\_\_\_(aponte). Na maioria das vezes que usa, você ingere junto alguma bebida alcoólica? Sim: (\_\_\_\_); Não: (\_\_\_\_).

Cabinda, Fev/2013

**Obrigado!**



**Anexo 2.** Retrato fotográfico da EEPCG, local de pesquisa (fig.2)



**Anexo 3** . Quadro (3) que retrata a identificação fictícia dos sujeitos de pesquisa, período e duração

Sujeito de Pesquisa	Identificação dos sujeitos de pesquisa	Período de entrevistas	Duração da cada entrevista por sujeito
██████	<b>Bató</b>	Manhã	1h 9' e 9 segundos
██████	<b>Fernando</b>	Manhã	1h 2 minutos
██████████	<b>Antônio</b>	Manhã	41 minutos
██████████	<b>Estevão</b>	Manhã	47 minutos e 13 seg
██████	<b>Carlos</b>	Noite	30 minutos
██████████	<b>Daniel</b>	Noite	51 minutos e 41 seg
<b>06</b>	<b>06</b>	<b>Manhãs e noites</b>	<b>5h e 1 minuto e 3segundos</b>

**Anexo 4.** Figura representativo do grupo konaskwaite (fig. 3)

**Anexo 5. Programa escolar****Tema B: Função digestiva****Subtema B1: Anatomia do sistema digestivo**

- Estrutura do sistema digestivo

**B2: Fisiologia da digestão**

- Digestão mecânica
- Digestão química
- Acção das enzimas na digestão
- Sequenciação do processo digestivo

**B3: Absorção intestinal**

- Sanguíneo
- Linfática

**B4: Higiene do sistema digestivo****Tempo 9 aulas**

### Sugestões metodológicas

Os alunos devem estudar a anatomia e fisiologia do sistema digestivo. A diferença dos órgãos do tubo digestivo e os órgãos anexos do sistema digestivo deve ser bem fixada e ilustrada. A participação dos sucos pancreático intestinais, biliares, salivar e estomacais no processo digestivo bem como das enzimas deve ser bem explicada.

Na absorção dos nutrientes participam o sangue e a linfa que os distribui por todo o organismo.

O professor deve destacar as consequências da má-alimentação e desnutrição. Deve fazer saber que um indivíduo mal alimentado ou desnutrido, tem debilidades orgânicas, tanto no crescimento e desenvolvimento, capacidades intelectuais e de trabalho reduzidas, os mecanismos de defesa do organismo reduzem-se etc. Os alunos devem saber que os alimentos devem ser ricos em vitaminas e proteínas. Devem saber também que as refeições devem ser tomadas à horas certas, que a glotonia e prejudicial à saúde, o uso de bebidas alcoólicas, tabaco, picantes etc. pode provocar distúrbios no sistema.

**Tema B: Função digestiva**

Objectivos Gerais	Objectivos específicos
Conhecer a anatomia e fisiologia do sistema digestivos	<ul style="list-style-type: none"><li>- Identificar os órgãos que compõem o sistema digestivo</li><li>- Identificar os órgão do tubo digestivo e os órgãos anexos.</li><li>- Referir a estrutura dos órgãos do tubo digestivo e dos órgãos anexos.</li><li>- distinguir as diferentes fases da digestão.</li><li>- Explicar a acção das enzimas na digestão, dos alimento.</li><li>- Referir a importância do sangue e da linfa na distribuição dos nutrientes</li><li>- Identificar a função dos intestinos na absorção dos nutrientes.</li><li>- Identificar as funções de cada órgãos que compõe o sistema.</li></ul>
Analisar as medidas de higiene do sistema digestivo	<ul style="list-style-type: none"><li>- Identificar os métodos e regras para manter saudável o sistema digestivo.</li><li>- Identificar as doenças do sistema e referir causas das doenças do sistema.</li></ul>

**Tema C: Função circulatória****Subtema C1: Sangue e Linfa**

- Constituintes do sangue e da linfa
- Função do sangue e linfa

**C2: Mecanismo de defesa do organismo**

- Imunidade e imunização
- Efeitos nefastos da SIDA

**C3: Anatomia do sistema circulatório**

- Sistema sanguíneo
- Sistema linfático

**C4: Circulação sanguínea e linfática**

- Circulação geral e pulmonar
- Relação entre a circulação sanguínea e a circulação linfática.

**C5: Higiene do sistema circulatório**

- Prevenção para a saúde:

**Tema 9 aulas**

### Sugestões metodológicas

Com tema os alunos conhecem a composição do sangue e da linfa, as vias por onde circulam a sua função no que concerne a distribuição dos nutrientes e oxigénio.

Destacar a função dos glóbulos brancos, vermelhos e das plaquetas.

O professor deve aproveitar a aula para incutir nos alunos a importância da imunização e imunidade; os distúrbios provocadas pela SIDA e outras doenças como a poliomielite etc.

Os alunos devem conhecer a estrutura do sistema circulatório: sanguíneo e linfático.

Estabelecer a diferença entre a circulação geral e a pulmonar (grande e pequena circulação).

Para a higiene do sistema circulatório os alunos devem saber que não devem fazer uso de tabaco e do álcool; uma alimentação equilibrada é importante para o bom funcionamento do sistema; viver a saúde circulatória; evitar dormir em sítios bem ventilados; fazer muitos exercícios físicos.

Uma aula prática é muito boa para a aprendizagem dos alunos.

O professor deve realçar as consequências da SIDA que torna o organismo sem defesa. Esta doença pode ser transmitida através de uma relação sexual ou pelo sangue de individuais infectadas pelo vírus. Dizer que é uma doença sem cura mas que pode ser evitada.



**Tema C – Função circulatória**

Objectivos Gerais	Objectivos Específicos
Conhecer a constituição e função do sangue e da linfa	<ul style="list-style-type: none"><li>- Distinguir o sangue da linfa</li><li>- Mencionar os principais constituintes do sangue e da linfa.</li><li>- Identificar as suas funções.</li><li>- Indicar os seus vasos condutores: vasos sanguíneos e vasos linfáticos.</li><li>- Referir a importância do sangue para o organismo.</li></ul>
Analisar a importância do sistema imunitário na defesa do organismo contra agentes estranhas	<ul style="list-style-type: none"><li>- Referir a importância do sistema imunitário.</li><li>- Diferenciar imunidade de imunização.</li><li>- Identificar alterações no organismo humano infectado pelo SIDA.</li><li>- Reconhecer métodos de se evitar o SIDA.</li><li>- Divulgar os métodos de imunização</li></ul>
Conhecer anatomia e fisiológica do sistema circulatório	<ul style="list-style-type: none"><li>- Referir a estrutura e fisiologia do sistema circulatório</li><li>- Evitar o tabaco, o álcool, para o bom funcionamento do sistema.</li></ul>

**Tema D: Função respiratória****Subtema D1: Anatomia do sistema respiratório**

- Estrutura do sistema respiratório

**D2: Movimentos respiratórios**

- Movimentos expiratórios e inspiratórios sua relação com os movimentos da caixa torácica

**D3: Trocas gasosas e transporte dos gases respiratórios**

- Trocas gasosas a nível pulmonar
- Importância do sangue no transporte dos gases respiratórios

**D4: Higiene do sistema respiratório**

- Doenças do aparelho respiratório
- O tabaco e a saúde

**Tempo 9 aulas**

### Sugestões metodológicas

Explicar a anatomia do sistema respiratório, estabelecer a diferença que existe entre o processo de inspiração- expiração. Saber o que acontece com a caixa torácica neste processo. Os alunos devem fazer uma experiência observando este processo uns aos outros; verificar a dilatação da caixa torácica e a sua contração, saberem que a caixa dilata com a entrada do ar e contrai com a sua saída. Falar de importância do ar inspirado ( suas percentagens ); falar da troca gasosa a nível pulmonar, estrutura pulmonar o nível onde ocorrem as trocas gasosas.

Realçar a importância do sangue no transporte dos gases respiratórios.  
O professor e os alunos deverão organizar um debate acerca das consequências do tabaco e do álcool no sistema respiratório; referir algumas doenças respiratórias como a tuberculose e o seu tratamento; as medidas que podem diminuir o abastecimento dessas doenças: medidas higiénicas do sistema respiratório.

**Tema D: função respiratória**

Objectivos Gerais	Objectivos específicos
Conhecer a importância da função respiratória	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Reconhecer os movimentos respiratórios</li> <li>- Relacionar os movimentos inspiratórios e expiratórios com relação aos movimentos da caixa torácica .</li> <li>- Reconhecer a importância da função respiratória no transporte dos gases</li> <li>- Reconhecer os processos respiratórias</li> <li>- Referir a importância do sangue no transporte dos gases respiratórios.</li> <li>- Reconhecer as condições para a respiração do indivíduo com relação ao meio.</li> </ul>
Conhecer a anatomia e fisiologia do sistema respiratório	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Caracterizar a anatomia e fisiologia do sistema respiratório.</li> <li>- Indicar os efeitos nefastos do tabaco e da poluição atmosférica para o sistema respiratório.</li> </ul>
Analisar as normas de higiene para um sistema respiratório são.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar doenças do aparelho respiratório.</li> <li>- Identificar métodos de combate às doenças do aparelho respiratório.</li> <li>- Referir higiene do aparelho respiratório.</li> <li><u>Indicar efeitos do tabaco .</u></li> <li>- Referir a poluição atmosférica provocada pelo tabaco.</li> </ul>

**Tema E: Função urinário****Subtema E1: Anatomia do sistema urinária****E2. Estrutura e função do rim**

- Construção e funcionamento do nefrónio
- Importância da função renal na homeostasia

**E3: Higiene do sistema urinário**

- Normas gerais em torno da prevenção das doenças.

**Tempo 6 aulas****Sugestões Metodológicas**

Este tema trata do sistema urinário; a estrutura e função do sistema. O professor e os alunos deverão provar uma figura que retrate o rim do porco ou outra qualquer a fim de constatarem a estrutura deste e sua localização; a estrutura e função do nefrónio sua localização falar da importância e função renal na homeostasia; os processos de formação da urina. Os alunos devem saber quais as medidas que se devem ter em conta para a prevenção das doenças do sistema urinário os sistemas destas doenças.

**Tema E. Função urinárias**

Objectivo geral	Objectivos específicos
Conhecer a constituição e função da urina	- Reconhecer a constituição da urina - Explicar a função da urina - Identificar as fases da formação da urina
Conhecer a anatomia e fisiologia do sistema urinário	- Caracterizar a anatomia e fisiologia do sistema urinário - Observar os principais órgãos do sistema urinário. - Referir a constituição e função dos rins e dos nefrónios
Analisar as normas de higiene do sistema urinário	- Identificar as normas de higiene do sistema urinário. - Reconhecer o efeito negativo do uso das bebidas alcoólicas na formação da urina.

**Tema F: Coordenação hormonal****Subtema F1: Glândulas endócrinas**

- Glândulas endócrinas e hormonas mais importantes

F2: Hormonas e respectivas funções.

**Tempo 6 aulas**

**Sugestões Metodológicas**

O professor tratará de explicar a estrutura e fisiologia do sistema endócrino. A produção de hormónios pelas glândulas endócrinas; falar das hormonas mais importantes e a sua função para o organismo.

Os alunos devem reconhecer que a produção da testosterona e da progesterona no processo reprodutivo do homem, têm grande importância.

Dar exemplos de glândulas endócrinas como a hipótese, glândulas mamárias etc.

## **Tema G: Coordenação nervosa**

### **Subtema G1: Organização do sistema nervoso**

- Sistema nervoso central
- Sistema nervoso periférico
- Neurónios, fibras nervosas e nervos

### **G2: Fisiologia do sistema nervoso**

- Actividade reflexa
- Actividade cerebral

### **G3: Agressões do sistema nervoso**

- Drogas, álcool e stress.

**Tempo 12 aulas**

### **Sugestões Metodológicas**

O sistema nervoso é que coordena todos os impulsos e reacções do organismo. Conhecer a estrutura e fisiologia do sistema nervoso é muito importante. Os alunos e o professor devem procurar figuras que retratam o sistema nervoso como por exemplo o encéfalo do porco e do carneiro e explicar as suas estruturas e as funções de cada uma das partes que o constitui. Fazer uma reacção que o organismo tem em resposta entre neurónios, fibras nervosas e os nervos. Conhecer os diferentes tipos de nervo ajuda os alunos a compreenderem cada diferentes impulsos. Saber diferenciar o arco e o acto reflexo.

O professor deve informar aos alunos os efeitos do álcool, das drogas e stress sobre os nervos ou o sistema nervoso. A sociedade deve fazer debates acerca do banimento das drogas.



**Tema F: Coordenação hormonal**

Objectivos Gerais	Objectivos específicos
Conhecer a importância da coordenação hormonal	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Referir as principais glândulas endócrinas</li> <li>- identificar as hormonas produzidas pelas glândulas</li> <li>- Reconhecer a importância das hormonas na coordenação do organismo</li> </ul>

**Tema G: Coordenação hormonal**

Objectivos Gerais	Objectivos específicos
Conhecer a anatomia e fisiologia do sistema nervoso.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar os órgãos que integram o sistema nervoso através da observação.</li> <li>- Referir à função dos neurónios, das fibras nervosas e dos nervos.</li> <li>- Explicar as várias fases da transmissão de um impulso nervoso: O acto e o arco reflexo.</li> <li>- Referir a sensibilidade consciente e a observar as várias partes de um encéfalo através da maquete do encéfalo do homem.</li> </ul>
Analisar e debater os efeitos negativos das drogas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar os efeitos das drogas e do álcool sobre o sistema nervoso.</li> <li>- Referir os perigos da droga e do álcool</li> <li>- Promover debates públicos e através da comunicação social para o banimento da droga.</li> </ul>